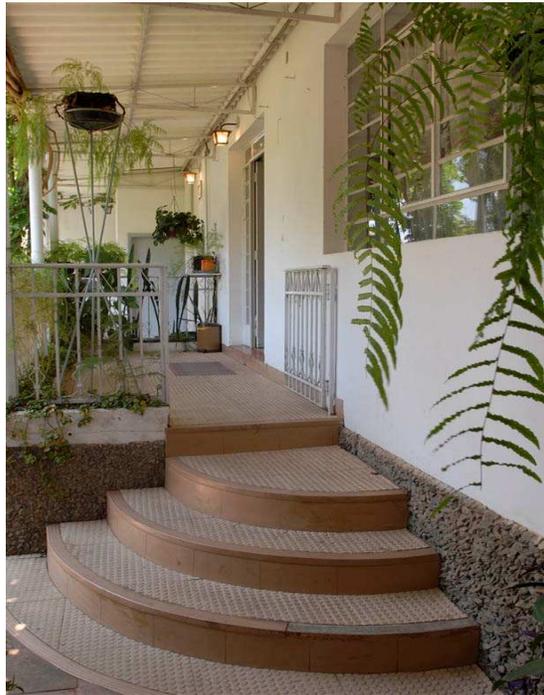


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TESE DE DOUTORADO**

**Título: Memória, Resistência e *Empoderamento*: a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas/MG.**



**Autora: Lilian de Cássia Alvisi.  
Orientadora: Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson.**

**Campinas  
Fevereiro de 2008.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

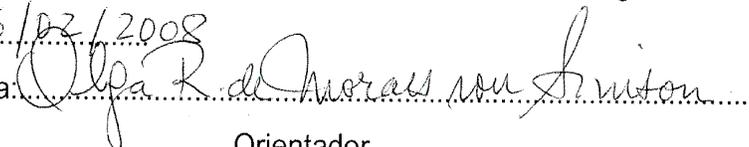
Título. *Memória, Resistência e Empoderamento: a constituição do Memorial  
Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas/MG.*

Autor: Lilian de Cássia Alvisi

Orientador: Olga Rodrigues de Moraes Von Simson

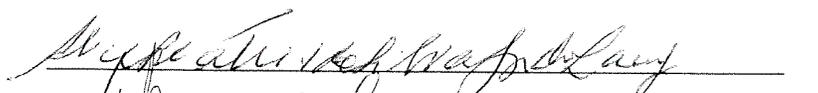
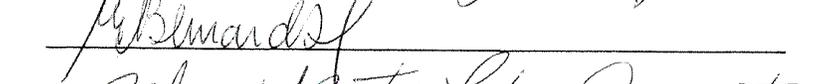
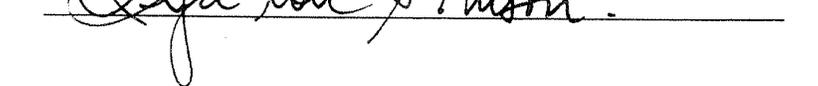
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida  
por Lilian de Cássia Alvisi. e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 26/02/2008

Assinatura: .....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

2008

© by Lilian de Cássia Alvisi, 2008.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

AL88m	Alvisi, Lilian de Cássia. Memória, resistência e empoderamento : a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas (MG) / Lilian de Cássia Alvisi. – Campinas, SP: [s.n.], 2008.  Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.  1. Memória. 2. Educação. 3. Resistência à mudança. 4. Poder (Ciências sociais). 5. Poços de Caldas (MG) – História. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	08-051/BFE

**Título em inglês :** Memory, resistance and empowerment: the formation of Memorial Elementary Father Carlos Poços de Caldas (MG)

**Keywords :** Memory ; Education; Resistance to change; Power (Social Sciences); Poços de Caldas (MG) - History

**Área de concentração :** Ciências Sociais na Educação

**Titulação :** Doutora em Educação

**Banca examinadora :** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Olga Rodrigues de Moraes von Simson (Orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Beatriz Silva Gordo Lang

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zeila de Brito Fabio Demartini

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Elena Bernardes

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aparecida Neri de Souza

**Data da defesa:** 26/02/2008

**Programa de Pós-Graduação :** Educação

**e-mail :** [lalvisi@yahoo.com.br](mailto:lalvisi@yahoo.com.br)

## RESUMO.

Este projeto teve como objetivo discutir as implicações políticas no processo de organização de um memorial escolar, que resultou em um movimento de *empoderamento* de diferentes indivíduos ou grupos de uma determinada comunidade. Tratou-se de uma pesquisa ação que foi desenvolvida com o apoio de especialistas do Centro de Memória - Unicamp. As relações entre memória compartilhada, resistência política e *empoderamento* foram abordadas na pesquisa buscando promover debates e gerar contribuições tanto sobre atitudes já concretizadas ou ainda para orientar aquelas que serão tomadas coletivamente, no futuro. A iniciativa de organização de um memorial escolar partiu e está sendo executada por um grupo significativo e representativo da comunidade local, com ação participativa dos pesquisadores/técnicos do CM - Unicamp. Todo o processo de organização do Memorial Padre Carlos se valeu de táticas de resistência ante uma situação indesejada, que pudesse desvirtuar as propostas político-educativas da Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas, devido à inserção de membros da Congregação dos Salesianos nas atividades didático – administrativas, após a morte de seus fundadores.

## ABSTRACT

This project aimed to discuss the political implications during the process of organising a memorial of a school, which resulted in a movement of *empowerment* of different persons or groups of a particular community. This research was an engaged one, being developed with the assistance of specialists of the Centro de Memória – Unicamp (Center of Memory - Unicamp). The relations between shared memory, resistance and political *empowerment*, in the research, tried to promote debates and generate contributions on attitudes already implemented and to guide those that will be taken collectively in the future. The initiative to organise a memorial in a school started and is being run by an important and representative group of the local community, with the participation of the researchers/ technicians from CM - Unicamp. The whole process of organising the “Memorial Padre Carlos” made use of tactics of resistance before an undesirable situation that could distort the political-educational proposals of the Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas (Dom Bosco Vocational School - Poços de Caldas) due to the inclusion of members of the Salesian Congregation in didactic - administrative activities, after the decease of its founders.

Ao meu querido filho Roninho;  
Aos amigos inseparáveis Carlos Henrique Neto e  
Maria Aparecida Figueiredo;  
Aos meus pais e eternos companheiros  
Sérgio Alvisi e Selma Furchi Alvisi.

## Agradecimentos.

Ao longo de nove anos de pesquisa na Escola Profissional Dom Bosco, pois adiciono o tempo atribuído ao mestrado, posso dizer, que aprendi a compartilhar desafios, lutas, e conquistas. Mas o que mais significativo ocorreu foi a convivência com alunos, professores, coordenadores, diretora e funcionários de tempos atuais e do passado. Vale dizer, que alguns deles tornaram-se meus grandes amigos;

As professoras Olga Monteiro, Ethel Manucci, Yeda Tarquinio e Terezinha Nogueira, queridas companheiras, preciosas memórias e histórias;

As meninas estagiárias que, aos poucos, tornaram-se profissionais competentes, participantes em todas as horas: Renata, Denise, Lais, Camilla, Isabelle, Gislene, Thais, Mayara, Fernanda e Ana Carolina.

Andriely Aparecida Moraes, pela cuidadosa edição de imagens.

Ana Cavallaro Cruz, dedicada companheira e sempre apaixonada pela história da Escola Dom Bosco.

Coletando diferentes relatos orais, penso ter aprendido a ouvir as vozes que seguem um ritmo natural cadenciado pelas histórias de vida de seus autores. A todos os entrevistados, meus agradecimentos sinceros. In memoriam: Sr. Jamil Gonçalves.

O amor que sinto pela minha cidade natal, pode ser atribuído ao meu avô paterno Domingos Alvisi, que me fez acreditar na grandeza da cidade, ao caminhar indicando-me ruas que levavam os nomes dos estados brasileiros. Quando criança, acreditei fielmente que Poços era o centro do mundo.

Meus pais, elegantemente, diziam-me sobre a importância das águas e dos recursos naturais desta linda cidade. Com eles, pude valorizar, desde os tempos de infância, os rios, as pessoas e a vida da minha terra

Padre Carlos e Dona Maria ensinaram-me o viver desapegado e obstinado pelo amor e dedicação às crianças e jovens trabalhadores.

Elisabeth Russo e Cícero Machado, com seu apoio incondicional foi possível concretizarmos o projeto.

Amigos queridos compreenderam minhas ausências e visitaram, inúmeras vezes, Poços de Caldas, qual não foi minha insistência: Janaína Amorin e André Carrico, Raquel Viviani e Fernando Fernandes.

Kátia Cristofolletti, Daniela Marco Antonio Alvisi e Maria Lucia Fagundes, posso dizer, dividiram comigo momentos precisos que contribuíram para minha não desistência;

Camilinha, minha querida companheira em momentos delicados;

Priscila Kaufmann Correa pela seriedade e competência na tradução de inúmeros textos;

Maria Lucia C. Ribeiro pelo exemplo de uma liderança justa, atenta e serena;

Meus irmãos Eduardo, Teresa Cristina, Joubert e querida Candinha meus companheiros sempre presentes;

Tarsila, Beatriz, Nathan, Teodora e Daniel - as crianças da minha vida;

Maria Elena Bernardes pelo olhar sensível e generoso;

Claudia Turbino, pelas tardes coloridas e sinceras;

Minha querida professora Sabina, pela cuidadosa leitura. Com ela pude vivenciar as melhores aulas em minha adolescência;

Rita e Andrea e Tereza minhas amigas sempre presentes com suas orientações e conselhos;

Manuel Silva de Araujo pela leitura atenta e companheirismo nos momentos finais;

Nova Gokula, um lugar especial que me permitiu força e dedicação para a conclusão;

Os especialistas do Centro de Memória Unicamp pelo preciso trabalho realizado;

Dettloff Von Simson pela viagem aérea e a constante presença sempre elegante e bem humorada;

Profa. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson pela sua atuação acadêmica amorosa, séria, competente e comprometida com as questões sociais.

*Lista de Siglas*

CMU	Centro de Memória – Unicamp
EDB	Escola Dom Bosco.
FAM	Fundação de Assistência ao Menor.
FEBEM	Fundação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MCN	Monsenhor Carlos Henrique Neto.
MAP	Maria Aparecida Figueredo.
PAIS	Pesquisa Ação Integral e Sistêmica
QP	Qualidade da Peça.
QI	Qualidade da Imagem.
UTRAMIG	Universidade do Trabalho de Minas Gerais

## Sumário.

1. Introdução	
A recuperação da memória escolar: uma busca coletiva.	1
2. A construção de uma metodologia voltada para o desafio da pesquisa.	17
2.1 Pesquisa ação: caminhos para a tomada de decisões coletivas.	33
2.2 História Oral.	49
3. A vida na cidade: suas tramas e a educação profissionalizante.	81
3.1 Carlos e Maria: sobretudo educadores sociais.	139
3.2 A trajetória da Ordem Salesiana em território brasileiro: das classes populares à formação dos filhos das classes médias emergentes.	175
3.2.1. EDB- sua identidade sob a égide de Padre Carlos e a situação atual.	187
4. Por uma pesquisa comprometida com a reconstrução das memórias subterrâneas.	195
4.1 Arquivos textuais: os registros escritos do passado.	205
4.2 Recuperação de histórias na conservação de papéis.	219
4.3. Imagens e História oral: relatos de diferentes vivências em busca da intertextualidade.	231
4.3.1 Imagens e memórias – áudio visual: uma produção com múltiplos olhares.	255
4.3.2. Casa Museu - Objetos e livros recontam o passado.	273
5. Considerações Finais: Memória Compartilhada como estratégia política de resistência cultural e social.	301
6. Referências bibliográficas.	315

## *1. Introdução.*

### *A recuperação da memória escolar: uma busca coletiva.*

*“A memória tem como um dos atributos permitir que o processo de identidade seja realizado entre iguais. A memória, portanto, não pode ser entendida como um relicário, mas sim, como lugar do imaginário e da reconstrução da nossa condição de seres históricos. Aguçando o interesse pelo que foi, podemos construir a memória daquilo que será” (DONATELLI, 1996).*

Agosto, domingo de 2002. Em um final de tarde, sob o solo de saxofone, nos despedíamos de Padre Carlos. Coincidentemente, comemorava-se no Brasil o ‘Dia dos Pais’ e, no ritual dessa despedida, a troca de olhares entre os presentes não me pareceu ser de abandono ou mesmo de desalento, mas de reconhecimento, gratidão e de privilégio por termos compartilhado da sua presença.

Nascido em Poços de Caldas/MG, em 1914, o menino Carlos Henrique Neto desde cedo demonstrou interesse pelo sacerdócio, ordenando-se padre precocemente, aos vinte e três anos de idade, por licença especial da Santa Sé. Padre secular iniciou suas atividades sacerdotais na cidade de Divisa Nova/MG, mas, uma vez transferido para sua cidade natal, nos idos da década de quarenta do século vinte, fundou, juntamente com a professora Maria Aparecida Figueiredo, uma escola direcionada aos meninos que buscavam nas ruas recursos para sobreviverem: a Escola Profissional Dom Bosco. Essa instituição escolar foi e ainda é responsável pela formação de grande parcela dos trabalhadores da cidade de Poços de Caldas, por sua proposta de profissionalização dos alunos.

O perfil carismático e inovador de Padre Carlos, consensualmente “um homem além do seu tempo”, pode ser atestado pelo competente exercício de inúmeras atividades. Sua companheira de trabalho, Dona Maria, como era conhecida, foi co-responsável pela vitoriosa trajetória da Escola Dom Bosco, direcionada para as classes populares, com um projeto pedagógico diferenciado.

A partir da coleta de depoimentos orais e de consultas a diferentes documentos na ocasião da elaboração de minha dissertação de mestrado<sup>1</sup>, em que procurei investigar a trajetória pessoal, escolar e profissional de alguns dos primeiros alunos dessa instituição educacional, uma preocupação se fazia presente, relacionada com os novos rumos que a escola poderia tomar. Após a morte de seus fundadores, a Congregação dos Salesianos de Minas Gerais foi convocada a atuar na instituição. Tal decisão foi tomada pela Diocese de Guaxupé /MG, devido às propostas educacionais e religiosas da escola terem sido pautadas nos pressupostos teóricos de São João Dom Bosco e, de certa forma, estarem em sintonia com os objetivos dessa ordem religiosa, embora os estabelecimentos mantidos pelos Salesianos não apresentassem exatamente as mesmas características da Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas.

Nos termos de Gentilini (1997: 70) os novos rumos da Escola Profissional Dom Bosco apresentavam-se como uma grande preocupação entre diversos segmentos da comunidade escolar:

*“A Comunidade Dom Bosco aguarda, com expectativa, o resultado final dos entendimentos que estão sendo mantidos [refere-se ao período de negociações com os padres Salesianos, uma vez que está prevista nos estatutos da Fundação de Assistência ao Menor, entidade mantenedora, a aprovação, pela Diocese, dos caminhos que a instituição seguirá com a morte de seu fundador]”<sup>2</sup>. Há uma preocupação generalizada quanto aos rumos que a escola tomará, ocorrendo de fato, a mudança de sua direção. A Escola Profissional Dom Bosco tornou-se uma instituição, particularmente nos inúmeros bairros de onde procede a sua clientela e onde constitui-se a sua comunidade, que tem um profundo significado social e educacional em Poços de Caldas. É o único estabelecimento de ensino de 1º e 2º grau de caráter profissionalizante a priorizar sua característica social, sem tornar-se uma “escola comercial”.*<sup>3</sup>

O acordo firmado entre a Fundação de Assistência ao Menor, entidade mantenedora da EDB, e a Cúria da Igreja Católica determinava que os Salesianos de Minas Gerais devessem inserir-se nas atividades escolares. Primeiramente, cumprindo um papel religioso e, nos anos seguintes, assumindo a outras responsabilidades, caso fosse constatada inoperância administrativa

---

<sup>1</sup> Consultar ALVISI (2001).

<sup>2</sup> Grifos meus.

<sup>3</sup> Texto editado na ocasião da comemoração dos cinquenta anos da fundação da Escola Profissional Dom Bosco, em 1996.



Padre Carlos e Dona Maria nas oficinas artesanais. Década de 1970.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Padre Carlos e alunos na caminhonete, veículo oficial da Escola. Década de 1960.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Professora Maria Aparecida Figueiredo, nos primeiros anos da Escola. Década de 1950.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



e educativa por parte da atual direção da escola. É patente a resistência de alguns membros da comunidade escolar e local à ingerência nos assuntos políticos e pedagógicos, uma vez que a instituição foi marcada, desde sua fundação, pela autonomia, tanto administrativa quanto pedagógica.

A mobilização de integrantes da comunidade e a escolha de diferentes táticas e estratégias, na tentativa de manter o papel educativo da escola, como uma instituição sempre voltada para os grupos populares, têm sido determinantes para a consolidação de um projeto que assegure a recuperação e preservação da história da EDB. Ora, o movimento de resistência, organizado por um determinado grupo social, acontece por existirem inúmeras redes de lugares e de relações que se configuram a partir de interesses e de regras próprias da comunidade envolvida. Torna-se mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos e as possibilidades de ações consideradas como maneiras que o grupo encontra do ‘fazer’. Forma-se, por assim dizer, uma ação preparatória em resposta a uma possível situação indesejada. EDB. Certeau (1994).

Inicialmente, houve a convocação de uma reunião emergencial, com o objetivo de discutirmos estratégias de resistência que possibilitassem um movimento de recuperação e preservação da história da Escola Profissional Dom Bosco. Como pesquisadora da Faculdade de Educação da Unicamp e pertencente à comunidade de Poços de Caldas, coordenei, a pedido da direção da escola, o processo de mobilização de um grupo significativo de pessoas que manifestasse interesse em apoiar essa proposta. Dos segmentos da comunidade elegemos: pais, professores, coordenadores, diretores, funcionários, tanto atuais como aqueles que mantinham vínculo com a escola, devido à sua importância passada na construção da história da instituição. Membros da sociedade civil foram também convocados, levando em conta suas relações, tanto com a história da Escola Profissional Dom Bosco, como com instituições relacionadas à educação e à memória de Poços de Caldas: representantes da Secretaria de Educação; Divisão de Cultura; Direção do Museu Histórico e Geográfico; membros do Conselho de Patrimônio Histórico, profissionais da área de engenharia e arquitetura vinculados aos projetos de recuperação da história da cidade; professores das Universidades Pontifícia Católica de Minas Gerais e Estadual de Minas Gerais; e representantes de empresas que em momentos distintos atuaram e apoiaram a implantação e o funcionamento dos cursos profissionalizantes.

Contamos com a presença maciça de participantes, que aprovaram unanimemente uma iniciativa que visasse organizar o acervo documental da Escola. Consideramos que, a partir de

uma proposta de recuperação da trajetória histórica da instituição, os objetivos originais de uma educação voltada para os grupos populares da cidade uma vez ressaltados e valorizados, possam ser mantidos.

Interessante salientar ter havido resistência de uma professora da Rede Privada de Educação Superior, que se manifestou contrária ao envolvimento de uma equipe tão numerosa num projeto de recuperação da memória. Seus argumentos buscaram defender um trabalho de cunho acadêmico, pois na sua visão somente especialistas poderiam discutir um processo que envolvesse a recuperação de memórias escolares. No entanto, entendíamos que esse processo, para ser compartilhado, demandaria o envolvimento de grande parcela da população, por pretender também a recuperação da história do bairro em que a escola se localiza e à qual deve sua urbanização e ainda a recuperação da história da cidade, devido à formação de trabalhadores especializados, nos seus quase sessenta anos de funcionamento desta instituição.

Dona Beatriz Monteiro, secretária e professora da escola nos idos de 1950, ressaltou um cuidado especial a ser tomado, e fez severa crítica à organização do acervo documental. Argumentou que, se retirássemos os objetos do seu lugar de origem, estaríamos privando outras pessoas de acessá-los.

*“Vocês não vão gostar da minha opinião. Eu acho, por exemplo, que a memória da escola devesse ficar gravada nas pessoas. Como boas lembranças de tudo. Eu acho ótimo! Mas esse negócio de conservar muitas coisas, nesse ponto eu não sou fã, sabe? Com relação ao Padre e à Maria, que conservasse assim, um pouco das coisas, eu acho certo. Mas, muita coisa, acaba virando um museu sem sentido. Inclusive os livros do Padre, eu sempre os tive emprestados, e agora ???”.*

Esse comentário suscitou um questionamento interessante, exigindo o esclarecimento da proposta da organização do Memorial Escolar às pessoas que registrassem tal dúvida. A política de conservação e de preservação do acervo documental apresenta objetivos que não somente garantem a longevidade de tal documentação, como também permite seu acesso à comunidade em geral, assim que organizado, higienizado e catalogado. Dona Beatriz, uma vez esclarecida dos reais objetivos do memorial, foi convidada a acompanhar e a participar de tal discussão.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Esse posicionamento crítico sobre a organização do Memorial atentou-nos sobre a possibilidade de resistência por parte de segmentos da população, visto alguns conflitos vivenciados por Padre Carlos frente ao clero local, como será atestado nos próximos capítulos.

Os debates aconteceram sempre em reuniões gerais, convocadas semanalmente. Diante de alguns impasses, fomos refletindo juntos cotidianamente, e optando pelas melhores alternativas, ou pelas atitudes possíveis de serem tomadas no momento. Parafraseando Certeau (1994: 53), “é nos detalhes que alguém se torna imenso, é incrível como se cresce”.

Constatamos a existência de um jogo em que se configuravam relações de forças tanto internas quanto externas. Diante dessas características, dificuldades e expectativas, o grupo foi criando suas ‘maneiras de fazer’. Seria necessária uma combinação de ações para o enfrentamento de ordens impostas, instaurando-se uma seqüência de atitudes criativas e plurais. O problema que Dona Beatriz levantou contribuiu para que buscássemos apoio com profissionais da área de memória e cultura, como também para a urgência de identificarmos questões divergentes na construção da história da EDB. Posições contrárias às dos fundadores da escola também precisariam ser levadas em consideração.

Essas discussões foram determinantes para que o grupo com representação ampla da comunidade permanecesse coeso em defesa de objetivos comuns.

Partimos do pressuposto de que a recuperação de memórias escolares pode e deve passar por um processo coletivo de discussão, uma vez que houve, decididamente, um reconhecimento de que a memória dessa instituição escolar poderia perder-se com o tempo se não houvesse organização e esforço para mantê-la e divulgá-la. Essa necessidade, portanto, partiu de um desejo coletivo que pôde ser atestado pela presença, participação e envolvimento de representantes dos grupos no processo.

Vilanova (2003) ressalta que a memória individual refere-se aos objetivos que nós fixamos de maneira única, e ao juízo que elaboramos sobre nós mesmos. No entanto, essas experiências singulares podem estar afetivamente relacionadas com os mais próximos, ou seja, nossas memórias individuais remetem-nos muitas vezes aos grupos dos quais fazemos parte. Ao encontramos parceiros para o reconhecimento de nosso passado, as lembranças passam a ser entendidas como um movimento coletivo.

Como resultado dos primeiros encontros entre diferentes segmentos da comunidade local, criamos uma comissão provisória para implantação do Memorial da Escola Profissional Dom Bosco<sup>5</sup>. Constam em ata e como justificativa para a formação da Comissão os seguintes

---

<sup>5</sup> Comissão composta pelas seguintes coordenadorias: Geral; Jurídica; Administrativa; Física e Patrimonial; Pedagógica -Cultural e Técnica.

questionamentos: Seria relevante procurarmos discutir uma política de preservação de documentos para definição dos critérios de seleção e caracterização dos acervos documentais que registrassem, preservassem e divulgassem a história da Escola Profissional Dom Bosco. Seria importante pensarmos na conquista de uma ‘mentalidade de preservação documental’, envolvendo diversos atores que trariam contribuições para a organização do acervo, possibilitando sua disponibilização à comunidade.

Uma vez organizada a equipe representada pela comunidade em seus múltiplos aspectos e traduzindo um desejo coletivo de preservação das memórias da Escola Profissional Dom Bosco, uma outra preocupação tornou-se pertinente: a procura por uma instituição que tivesse competência teórica e conhecimentos técnicos específicos na recuperação e preservação da memória. Como na cidade não havia tal tipo de instituição, procuramos o Centro de Memória-Unicamp, em setembro de 2002.

A direção desse Centro apoiou e valorizou a iniciativa. Recebemos a visita de especialistas, coordenados pela Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, que reconheceram a importância de um trabalho que visasse à organização do acervo documental, mas com preocupações bem definidas:

- Permitir que a memória dessa instituição escolar pudesse ser cientificamente reconstruída e passasse a fazer parte da memória oficial da educação de Poços de Caldas.
- Organizar e formar uma equipe de trabalho composta por profissionais especializados na área de recuperação e preservação de documentos.
- Estabelecer diretrizes que assegurassem a manutenção e divulgação do projeto após sua implantação, bem como a disponibilização desse patrimônio à comunidade local.

Fernandes (2004) observa que a organização de arquivos escolares e suas conseqüentes propostas de reconstrução do passado não deverão restringir-se à simples exposição dos objetos históricos que estão sob guarda de instituições-memória.

Os grupos de trabalho que se formam, a partir dessas iniciativas, poderão ser capazes de possibilitar à comunidade envolvida leituras críticas do vivido. Nesse sentido, o convênio firmado entre a Fundação de Assistência ao Menor, entidade mantenedora da escola, e a

Universidade Estadual de Campinas buscou, prioritariamente, organizar e formar uma equipe que, tomando conhecimento dos cuidados necessários para a organização, catalogação, conservação e disponibilização à comunidade dos diferentes suportes da memória, pudesse tornar-se um grupo de ‘multiplicadores’, ou seja, as pessoas envolvidas (alunos, funcionários, professores, aposentados, voluntários) seriam preparadas para, além da organização do acervo, transmitirem os conhecimentos pertinentes a uma política de conservação documental a diferentes segmentos da população da cidade de Poços de Caldas. Dessa forma, outras iniciativas de recuperação de memórias locais poderiam ser pautadas nessa experiência e, uma vez formada uma equipe com conhecimentos básicos necessários para organização de arquivos, membros da própria comunidade teriam condições de conduzir outros trabalhos de recuperação de memórias quer locais, quer regionais.<sup>6</sup>

O apoio necessário para concretização desse convênio surgiu de diferentes setores e instituições públicas e privadas. Membros de empresas instaladas na cidade foram convidados a constituírem a Comissão Provisória para Implantação do Memorial da Escola Profissional Dom Bosco pois, durante alguns anos, haviam investido na formação e manutenção de cursos profissionalizantes oferecidos pela Escola, atendendo à demanda de formação de trabalhadores especializados.

As doações iniciais que possibilitaram a concretização do convênio com o CM-Unicamp aconteceram devido ao empenho de funcionários de empresas que se reconheciam como membros participantes da história dessa instituição escolar. Uma ex-aluna e atual diretora da Alcoa S/A e um ex-professor e fundador do Curso Profissionalizante de Eletrotécnica na Escola Profissional Dom Bosco e, na época, diretor do Departamento Municipal de Eletricidade de Poços de Caldas favoreceram e viabilizaram os recursos necessários para a assinatura do convênio.<sup>7</sup>

Mogarro (2005:112), justificando o interesse que tem sido verificado nos últimos anos quanto à organização de arquivos e museus escolares, enfatiza:

*“A designação desses projetos compreende-se também pelo reconhecimento da importância que os objetos materiais têm e que se liga ao poder da visibilidade*

---

<sup>6</sup> Vale consultar outros projetos desenvolvidos pelo CM-Unicamp, que apresentam objetivos semelhantes. Consultar [www.centrodememoria.unicamp.br](http://www.centrodememoria.unicamp.br)

<sup>7</sup> Convênio firmado em a FAM e Funcamp em 2003.

*que eles conferem aos acontecimentos do passado e aos fenômenos sociais. Com eles, o cidadão comum e as populações em geral evocam as recordações da sua infância e juventude, as histórias de sua vida, as recordações, o seu passado que é trazido até o presente. O sucesso que estas iniciativas têm tido junto das comunidades locais constitui um fator determinante para atenção e apoio que as entidades locais (como em alguns municípios) têm vindo a dar a mostras, exposições e museus escolares. Esse sucesso é também um indicador importante a ter em conta na organização do trabalho científico sobre essas temáticas, no que se refere ao estabelecimento de parcerias, à adoção de atitudes e procedimentos e à divulgação de realizações e objetivos”* .

Como conseqüência das análises realizadas pelos especialistas do CM-Unicamp para conhecimento e diagnóstico das condições dos arquivos documentais, entendidos numa concepção ampliada, ou seja, envolvendo os mais diferentes suportes (textos, objetos, imagens fotográficas, músicas, filmes, material pedagógico, slides), subprojetos foram elaborados com o objetivo de contemplar a organização do acervo histórico. Foram determinadas as seguintes áreas de atuação<sup>8</sup>, com objetivos específicos:

- Documentos textuais;
- Reorganização e modernização da biblioteca e objetos; organização da Casa Museu;
- Conservação e preservação dos livros, manuscritos e impressos;
- Organização da Documentação Iconográfica e
- Organização do Banco de História Oral.

A seguir, uma primeira explicitação específica dos objetivos de cada área de atuação:

Documentos Textuais: Orientação, supervisão da identificação dos arquivos da instituição, dos documentos históricos pertencentes aos dirigentes operacionais e estratégicos da Escola; levantamento junto à comunidade para coleta de documentos; definição do quadro de arranjo e descrição documental; orientação, supervisão e execução do processamento técnico arquivístico; informatização dos arquivos; implantação do “Manual de Procedimentos Técnicos” para a gestão arquivística.

---

<sup>8</sup> Os subprojetos estão sob a orientação dos seguintes profissionais vinculados ao CMU: I- Fernando Antonio Abrahao; II- Rosaelena Scarpeline; III- Mirdza Cristine Sichmann; IV- Cássia Denise Gonçalves e Marly A. Marcondes; V- Lilian de Cássia Alvisi. A coordenação Geral está sob responsabilidade da Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

## II - Reorganização e Modernização da Biblioteca e Objetos:

Organizar a Casa Museu: criação de espaços de representação da memória da escola; recuperação e preservação de documentos impressos e de objetos.

## III - Conservação e preservação dos livros, manuscritos e impressos:

Criar um plano institucional de preservação para a conservação e restauração, visando à longevidade dos acervos bibliográficos e documentais em suporte papel e, naturalmente, da identidade histórica local.

## IV - Organização da Documentação Iconográfica:

Oferecer subsídios técnicos e teóricos aos profissionais que atuaram junto à documentação visual da Escola Profissional Dom Bosco. Capacitar profissionais para o processamento técnico-arquivístico dos documentos iconográficos (fotografias, slides e películas), bem como sua conservação e preservação, garantindo dessa forma a longa permanência do patrimônio histórico imagético da instituição.

## V - Banco de História Oral:

Coletar e organizar um banco de história oral para que diferentes experiências possam ser consideradas, e dessa forma seja possível a configuração de um cenário que contemple uma diversidade de pontos de vista na recuperação da história da Escola Profissional Dom Bosco. Realizar encontros com depoentes que representaram diferentes segmentos da comunidade escolar e local. Estes encontros gravados em fitas K7 e, posteriormente, transcritos possibilitam a realização de futuras pesquisas por meio da consulta a esse acervo.

O texto referente a esta pesquisa se inicia com o capítulo direcionado à explicitação da metodologia aplicada. Os estágios da pesquisa foram detalhados para compreensão do processo que levou atores e autores à participação para a tomada de decisões coletivas. A pesquisa ação integral e sistêmica, a observação participante e a história oral constituíram-se nos suportes metodológicos que tiveram como objetivo a organização de um Memorial Escolar. Os diferentes sujeitos que registraram suas expectativas e vivências relativas à trajetória da EDB a partir de depoimentos orais foram apresentados com uma breve exposição dos seus percursos de vida que

os levaram, de alguma maneira, à participação o Memorial ou à interpretação sobre seus desdobramentos.

Os conceitos de pesquisa ação e observação participante foram baseados nas leituras de Michel Thiollent, André Morin e Henri Desroché – autores que têm discutido metodologias de pesquisa voltadas para projetos dialógicos e participativos, envolvendo diferentes grupos sociais e suas lutas políticas.

A metodologia da história oral contribuiu para o registro de trajetórias históricas de diversos atores que vivenciaram experiências, tanto individuais como coletivas. As entrevistas contemplaram vários segmentos desde ex e atuais alunos, professores, funcionários, moradores do bairro, empresários que participaram ativamente da construção da Escola Dom Bosco até membros da comunidade em geral. O cruzamento de diversas fontes contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa, a partir do confronto entre as várias visões levantadas pelas especificidades e diversidades dos documentos.

Diferentes fontes documentais como diários de classe, atas de reuniões, fichas de matrículas, jornais, anotações pessoais dos fundadores, documentos oficiais (legislação, relatórios de pesquisa), fotografias pertencentes aos acervos da escola e filmes produzidos durante os primeiros anos da fundação da Escola Profissional Dom Bosco foram fundamentais para a elaboração dos roteiros na coleta dos depoimentos orais em busca da intertextualidade proposta por Mauad (1997) na elaboração de uma história do tempo presente desta instituição.

A pesquisa foi sendo estruturada para possibilitar a recuperação da história da escola como também a reconstrução das trajetórias de atores sociais que pela educação construíram processos de ascensão social no contexto local. Levando-se em conta a micro subjetividade da experiência de vida dos informantes, procurou-se a análise dos resultados em um nível sociológico mais amplo.

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas (2002) pôde nos auxiliar no questionamento sobre a dimensão do *mundo vivo*, em que os indivíduos interpretam, constroem e manipulam a realidade social. Este autor pressupõe que uma sociedade ou uma instituição pode alcançar um patamar civilizatório por meio de uma evolução no padrão comunicativo e um crescente sentido de racionalidade e pureza.

O interesse em organizar um Memorial de forma participativa trouxe contribuições para avaliação de uma pesquisa baseada na ação comunicativa e na reflexividade. Davis (2003) ao

referir-se à importância da história oral para pesquisas sociológicas chama-nos atenção para o fato da subjetividade do pesquisador e dos pesquisados interferir no processo de análise, de interpretação e de crítica. Em outros termos o pesquisador tem se empenhado cada vez mais em situar-se como parte implicada no processo investigativo em contraposição a uma postura distante e fora das análises (DAVIS, 2003:157).

Para dar prosseguimento às discussões sobre a organização de um Memorial Escolar, o segundo capítulo ressaltou o histórico da Escola Profissional Dom Bosco, como também o da Fundação de Assistência ao Menor, sua entidade mantenedora, para o entendimento e questionamentos sobre os projetos político-pedagógicos configurados ao longo da trajetória dessa instituição. A fundação da escola, a construção de sua sede atual e a expansão dos cursos profissionalizantes coincidiram com um período que, segundo Mello (1998), representou para a economia brasileira um momento decisivo no processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, migrações internas e urbanização acirrada ocorridas nas décadas de quarenta a oitenta do século vinte.

O entendimento e a comparação entre as diferenças e similitudes existentes na proposta implantada na EDB, na filosofia educacional defendida por São João Dom Bosco e, conseqüentemente, na educação desenvolvida pelos salesianos, levaram a alguns questionamentos quanto aos novos rumos que a escola poderia tomar. Inicialmente, o percurso dos fundadores da escola foi evidenciado para gerar uma reflexão sobre qual importância a comunidade local atribuiu ao trabalho educacional desenvolvido pela EDB, ao longo de sua história.

Para que pudéssemos entrar em contato com a história dos salesianos e suas principais áreas de atuação no cenário brasileiro, realizamos um mapeamento das primeiras décadas da implantação do ensino propagado pela Congregação dos Salesianos no Brasil. Num primeiro momento, a Congregação Salesiana priorizou os oratórios festivos e as escolas profissionais e agrícolas, destinados a preparar os rapazes das classes populares para sua inserção na sociedade urbana em formação. Em razão das facilidades oferecidas pelo governo, em termos de oficialização do curso secundário, os salesianos passaram a incrementar em seus estabelecimentos educativos o ensino acadêmico para os filhos de famílias da nova classe média emergente (AZZI, 2000).

Ao contrário da história da Congregação dos Salesianos no Brasil que, embora tenha iniciado suas atividades atendendo, prioritariamente, os alunos pertencentes aos grupos populares, muitos deles em situação de risco social, passando pois, na década de 1930, oferecer ensino secundário e propedêutico às classes médias e altas, a EDB ainda se mantém coerente à originalidade da filosofia de Dom Bosco, direcionando suas atividades para uma parcela significativa das classes trabalhadoras em Poços de Caldas. Algumas propostas educativas implementadas no período de presença salesiana na Fundação de Assistência ao Menor sofreram resistências por parte de professores, coordenadores, direção, alunos e pais e a relação que se configurou entre membros da comunidade escolar e membros dessa Congregação foi esmiuçada para o entendimento dos supostos motivos geradores de conflitos de interesse.

A organização do Memorial Padre Carlos apresentou um processo participativo de decisões coletivas para que histórias e memórias de grupos, muitas vezes silenciados, fossem evidenciadas e pudessem representar estratégias de resistência quanto a uma situação indesejada: a inserção dos salesianos no projeto político da EDB. A sistematização do acervo pautou-se na interação entre as memórias individuais e a memória coletiva e sua organização, conservação, preservação, catalogação e divulgação valorizaram a recolha de informações que os atores atribuíram aos documentos.

O capítulo que se destinou ao detalhamento das oficinas coordenadas pelos especialistas do CM Unicamp demonstrou que todo o processo de escolha de documentos que foram selecionados para passarem pelas atividades de conservação, preservação e divulgação pautou-se na memória compartilhada. Pelo compartilhamento podemos dizer que a memória também cimeta as relações entre os vários grupos internos com a instituição e, uma vez constituída, articula-se com as memórias dos diferentes grupos que compõem uma dada comunidade.

Todo o processo de organização de um Memorial que surge em um momento decisivo para a comunidade que desejava a permanência das propostas originais dessa instituição, foi analisado a partir do conceito de empoderamento. Como enfatiza Keer (2006) a promoção de encontros e de discussões envolvendo diretamente os indivíduos que pertençam a um determinado grupo social e apresentem problemas comuns, pode representar um ato significativo para uma tomada de consciência por esse mesmo grupo das escolhas de atitudes possíveis e necessárias para minimizar suas dificuldades presentes.

Esse processo dialógico pôde encorajar uma participação maior de diferentes indivíduos que, durante a promoção e participação em debates puderam ser informados por uma gama mais profundamente representativa de experiências, perspectivas e valores. Nesta pesquisa o conceito de *empoderamento* foi discutido principalmente com o apoio em autores como Michael Frisch, Daniel Keer e Cecília Iorio.

## *2. A construção de uma metodologia voltada para o desafio da pesquisa.*

Para investigar a organização de um conjunto de atitudes políticas de resistência pautadas na recuperação de memórias e vivências escolares, é preciso identificar nesse processo os atores e autores envolvidos nas diferentes fases da pesquisa como também as propostas metodológicas adotadas que devem ser compatíveis com os problemas apontados e definidos.

O papel da pesquisadora foi participativo como integrante do grupo de resistência e pôde ser atuante no transcorrer de todas as etapas da metodologia proposta. Minha inserção nessa investigação iniciou-se com o processo de elaboração de uma dissertação de mestrado, cujo tema concentrou-se na discussão da importância da proposta profissionalizante de educação segundo alguns dos primeiros alunos da EDB.

Recordo-me do meu primeiro contato com Padre Carlos, quando fui apresentar a ele os objetivos do projeto de pesquisa, como também solicitar sua autorização para consulta nos documentos pertencentes aos arquivos escolares.

Sentado em frente a uma grande mesa de madeira, ele conseguia ter uma visão panorâmica do galpão onde estavam instaladas oficinas artesanais direcionadas aos alunos, devido às aberturas nas paredes revestidas de vidros que lhe permitiam acompanhar, passo a passo, o trânsito dos pequenos artesãos. Para acesso a esse local havia uma escada de madeira que ligava as oficinas ao seu idealizador.

Venci os degraus com grande expectativa pelo encontro com aquele personagem presente em minhas memórias de infância, graças a sua projeção no cenário municipal com seus programas de rádio e suas memoráveis celebrações religiosas que eram muito concorridas e admiradas.

Seu olhar e voz transmitiram-me segurança e seriedade. Questionou-me sobre minhas intenções, solicitando-me a entrega impressa do projeto de pesquisa. Marcamos uma reunião para o dia seguinte.

Na data e hora marcadas, apresentei-me para discussão do projeto conforme havíamos combinado. Mas qual não foi minha surpresa, quando me repetiu as mesmas perguntas verbalizadas no dia anterior, reiterando o pedido da entrega de um texto que registrasse minhas intenções. Calmamente, ressaltai as propostas da investigação científica como também,

novamente, atendi ao seu pedido. Essa situação repetiu-se nos próximos quatro encontros. Minha ansiedade transformou-se em desafio e optei pela teimosia, uma vez que ele em nenhum momento mostrou-se resistente em me receber.

Em um final de tarde, após inúmeras tentativas, fixou-me seu olhar discursando, carinhosamente, em tom de aceitação: “Muito bem, filha. Realmente você quer realizar essa pesquisa. Sendo assim, vou contar a você, coisas que não contei a ninguém”. Essas palavras e atitudes, eu posso garantir, cravaram-se em minha memória e, a todo momento, retomo-as como referência para o enfrentamento de obstáculos, no desenrolar de minha trajetória como pesquisadora.

Minha teimosia, agora, transformara-se em compromisso de desvelar as propostas político pedagógicas que definiram a história da Escola Profissional Dom Bosco como uma instituição criada e idealizada para possibilitar aos alunos pertencentes aos grupos populares, uma formação educacional profissionalizante.

Com a morte do fundador da escola, em 2002, fui interpelada por vários membros da comunidade escolar sobre a necessidade de organização de um grupo para discussão dos novos rumos que a escola poderia vir a tomar e da importância de organizarmos seu acervo documental. Considerei fundamental, enquanto pesquisadora, provocar uma mobilização no sentido de preservação da memória local, uma vez que pelos contatos anteriores, durante o processo de elaboração de minha dissertação de mestrado, pude perceber um vínculo muito forte de membros da comunidade com a escola e um desejo presente de manterem viva a sua memória.

Alguns questionamentos surgiram com o desenrolar dos encontros promovidos que visavam à recuperação da memória escolar: Em que medida a organização e a conservação de documentos numa concepção ampliada, poderiam contribuir para que membros de uma determinada comunidade se reconheçam e identifiquem, nos diferentes suportes da memória, trajetórias, tanto pessoais quanto coletivas? Quais seriam as contribuições para um grupo de pessoas que manifestando mais que uma preocupação, um desejo de recuperação de inúmeras histórias e que, para isso, passam a remexer gavetas, a tirar poeira de fotos antigas e a trazer à tona experiências renovadas, desvelando em salas fechadas os mapas, livros, cartazes e objetos para, dessa forma, repensar as práticas escolares já vividas? Que significado poderia ter para esse grupo o compartilhar de vivências experimentadas no processo de formação profissional de pessoas que atuaram e ainda atuam na cidade em diferentes campos de trabalho, seja em oficinas



Fotos: Marcos Peron.



Local em que Padre Carlos visualizava as oficinas. 17/03/2006.

Fonte: Memorial Padre Carlos.



domiciliares ou exercendo postos em empresas e indústrias locais? Quais seriam as implicações para alguns ex alunos que decidem rememorar, preservar e divulgar vivências escolares e, para tanto, lançam mão de um processo participativo de rememoração conduzindo a uma tomada de decisões coletivas?

A opção por uma determinada metodologia relaciona-se com os problemas específicos que a pesquisa científica levanta, como sustenta Weber (1974). Nesse caso o problema em questão demandou uma proposta metodológica que envolveu o conhecimento dos acervos documentais, a coleta de depoimentos orais, a realização de observação participante e a promoção da pesquisa ação. Foram entrevistados atuais e antigos integrantes da comunidade escolar (alunos, professores, coordenadores, diretores, funcionários, pais) que participaram ou participam ativamente na construção da EDB, além de moradores do bairro em que está localizada a escola, assim como membros da sociedade civil que identificam na história dessa instituição a importância para a formação técnica de parte dos trabalhadores de Poços de Caldas.

Além da coleta dos depoimentos orais a observação participante foi determinante na obtenção de dados, pois me encontrava em uma posição privilegiada no interior do campo de pesquisa. O meu envolvimento com o mestrado e seus desdobramentos – coleta de depoimentos orais, localização de documentos escritos e iconográficos, divulgação dos resultados a partir do texto escrito, como também de um áudio visual produzido que foi exibido para a comunidade em diferentes momentos, contribuíram para a aceitação da minha inserção no grupo como fator importante nas estratégias para a manutenção e divulgação da história da EDB. Essa condição possibilitou-me observar bem de perto a dinâmica da organização do Memorial e, assim, passei a vislumbrar o projeto de uma pesquisa ação sobre o assunto.

Vale ressaltar que coube a mim muitas vezes promover a necessária integração da equipe da EDB (alunos, funcionários, professores, coordenadores e diretores) e dos membros da sociedade civil com a equipe de especialistas do CMU, que não permanecendo na cidade realizava visitas periódicas para oferecer oficinas e orientar o trabalho de organização do Memorial. A participação e apoio dos seguintes professores: João Augusto Gentilini, Olga Monteiro, Ethel Manucci e Yeda Tarquínio Bertozzi e Maria José Barbosa, também foram significativos, devido ao envolvimento e à aceitação dessa proposta de pesquisa. Suas presenças em momentos decisivos para a organização do Memorial forneceram sustentação e segurança à equipe tendo em vista a importância reconhecida de suas trajetórias como docentes atuando

durante muitos anos da EDB. Além disso, participaram como interlocutores valiosos nas discussões sobre a concepção do Memorial: setores, temas e estratégias de envolvimento da comunidade escolar na proposta de reconstrução e explicitação do passado da EDB. .

Efetuamos entrevistas, elaboramos diários de campo e atas que registraram a experiência das reuniões da Comissão para Implantação do Memorial, nas quais os problemas eram expostos e discutidos. Os mesmos procedimentos ocorreram na redação dos relatórios que foram sistematizados e entregues aos patrocinadores externos (empresas e Prefeitura Municipal), justificando a aplicação das verbas destinadas ao Memorial.

A familiaridade com o objeto de pesquisa, por parte dos diferentes segmentos envolvidos, acabou constituindo um aspecto bastante positivo, pois os temas investigados procederam das necessidades apontadas pelas equipes, enquanto o acesso às informações foi ocorrendo sem o distanciamento entre pesquisadores e pesquisados. A minha atuação como pesquisadora equivalia à presença de um aliado que expunha, apontava e discutia as dificuldades e os problemas inerentes ao projeto de implantação do Memorial. O apoio metodológico e teórico foi possível a partir das reuniões com a equipe do CMU e com a organização de diferentes encontros, que permitiram a explanação dos objetivos da organização do acervo documental e as possibilidades de divulgação da história da EDB, em um processo de ampla discussão e de tomadas de decisão coletivas.

A insegurança quanto aos rumos que a escola tomaria com a entrada dos salesianos instaurou um momento de crise institucional, que estimulou um movimento, para que a reconstrução da memória escolar permitisse a elaboração de soluções. Nesse sentido, as expectativas e as incertezas vieram à tona e os indivíduos participantes se expuseram muitas vezes com mais clareza, pois conforme Turner (1974) diante de uma crise fala-se o que muitas vezes não se falaria em circunstâncias normais.

Vários depoimentos orais foram coletados de atores que apresentavam uma visão ampla e profunda da história da EDB e se disponibilizaram a expor o seu entendimento sobre a importância dessa instituição para o cenário educacional profissionalizante da cidade e da região. Os entrevistados detiveram a capacidade de expressão mais elaborada e conforme Turner (1974) foram considerados como atores-chave, pois se mostraram interessados e capazes de formular idéias a respeito dos problemas levantados e, dessa forma, foram vistos como elementos privilegiados para a investigação científica.

As entrevistas apresentaram um roteiro flexível e aberto que foi discutido e definido pela equipe responsável pela organização do banco de história oral, para que fosse permitida aos depoentes a necessária espontaneidade, no sentido de relatarem diferentes tópicos de suas experiências relacionadas à EDB. O cruzamento dos dados obtidos através das entrevistas com agentes de várias áreas acabou produzindo uma visão mais objetiva sobre a necessidade de recuperação e divulgação dessa história escolar.

Turner (1974) nos atenta para o fato de que poucos indivíduos se interessam em explicar, entender e questionar a sua própria experiência de vida. Portanto, devemos procurar sujeitos que consigam expressar de forma mais elaborada as ações e as experiências do seu grupo social. A partir das análises das primeiras entrevistas fomos percebendo concretamente o forte desejo da estruturação de um movimento que tivesse como objetivo a organização do acervo documental que, ao divulgar concretamente a história da EDB, também permitisse recuperar as trajetórias de vida de indivíduos pertencentes aos grupos populares da cidade. Dessa forma, a pesquisa foi sendo estruturada para possibilitar, além da recuperação da história da escola, também a reconstrução das trajetórias de atores sociais que, pela educação, construíram processo de ascensão social no contexto local, pois, levando em consideração a micro subjetividade da experiência de vida dos informantes, procurou-se analisar os resultados em um nível sociológico mais amplo.

Segundo Malinowski (1976) cabe ao pesquisador permitir que sua sensibilidade o prepare para poder ver o que não está explícito em problemas e preocupações presentes em uma proposta metodológica fechada. A adoção do método da observação participante conferiu à subjetividade um papel de destaque. A pretensão de compreender o grupo em estudo, mediante suas próprias necessidades e expectativas, pode exigir dos investigadores uma disciplina de caráter emocional pressupondo uma postura de abertura e tolerância e outra de caráter intelectual envolvendo valores morais e categorias de entendimento e compreensão presentes no seu próprio mundo. Nesse sentido, o pesquisador torna-se parte integrante do experimento, assumindo um papel inevitável e decisivo para o transcorrer do processo investigativo.

Nos termos de Cardoso (1986: 101):

*“A coleta de dados de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o*

*pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário”.*

Uma das características do método da observação participante é a possibilidade de trazer relatividade à pesquisa acrescentando a perspectiva subjetiva dos pesquisados o que confere e leva em conta o colorido emocional presente nos eventos. Cardoso (1986) ainda ressalta que a recuperação da subjetividade, como instrumento de trabalho, pode ser entendida como uma comunicação simbólica responsável pela criação de significados e de grupos de informantes que constroem sentidos importantes para a compreensão da realidade estudada. A partir do encontro entre pessoas que se movimentam no sentido de aproximação, podem-se desvendar sentidos ocultos e explicitar relações desconhecidas.

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas (2002) pode nos auxiliar no questionamento que envolve um aprofundamento na dimensão micro ou na dimensão do *mundo vivo*, conforme postula este autor, em que os indivíduos interpretam, constroem e manipulam a realidade social. Habermas pressupõe que uma sociedade ou uma instituição alcance um patamar civilizatório, por meio de uma evolução no padrão comunicativo e um crescente sentido de racionalidade e pureza comunicativa (QUEIROZ, 2008).

Segundo Netto (1993:54) Habermas desenvolve um conceito de racionalidade comunicativa cujas conotações remetem a um novo paradigma não mais polarizado entre sujeito e objeto, mas articulado entre sujeito e sujeito:

*À experiência central da capacidade de unificar sem coação e de gerar consenso que possui uma fala argumentativa em que diversos participantes superam a subjetividade inicial dos seus respectivos pontos de vista e, graças a uma comunidade de convicções racionalmente motivada, (os participantes) asseguram-se ao mesmo tempo da unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade do contexto em que desenvolvem suas vidas.*

Habermas (2002) propõe um processo de reflexão, que vai buscar raízes de um novo paradigma, fundamentado no que ele denomina de racionalidade da ação comunicativa caracterizada pela linguagem, comunicação e intersubjetividade em interação com o nível do sistema. Parte do pressuposto de que a espécie humana, a partir das atividades de seus membros coordenadas socialmente, mantém-se e se estabelece por meio da comunicação. Essa

comunicação tem como tendência a constante busca de um acordo e dessa maneira a reprodução da espécie humana exige também a realização das condições da racionalidade imanente à ação comunicativa. Os sujeitos que coordenam as ações sociais através da crítica determinam e satisfazem as condições da racionalidade da ação comunicativa. Nos termos de Netto (1993: 57): *“O tecido da vida social se reproduz através das ações racionais com vistas a fins de seus membros, controladas por meios generalizados de comunicação e, simultaneamente, através de uma vontade comum ancorada na prática comunicativa de todos os indivíduos”*.

Para a ação comunicativa, a relação que se estabelece no mundo da vida não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo, mas a relação que dois sujeitos capazes de linguagem e de ação estabelecem, quando conseguem se entender acerca de algo. Habermas discute que o entendimento entre as pessoas parte de um processo de recíproco convencimento, coordenado por ações dos vários participantes motivados por razões ou interesses comuns. Segundo Netto (1993), para Habermas a ação comunicativa isenta de coação, tanto interna quanto externa, dispõe para o entendimento e seria a única via para a superação da barbárie social.

Cohn (1993), ao discutir a teoria da ação de Habermas, refere-se a uma modalidade específica: a ação comunicativa. Isto significa que a ação entre atores sociais acontece mediante a linguagem que se configura no intercâmbio comunicativo entre atores. Portanto, a linguagem ocupa o centro do palco e torna-se condição básica para a interação social de atores individuais que se comunicam entre si. Para Habermas os atores sociais são vistos como entidades capazes de usar linguagem em contextos comunicativos. Nos termos de Cohn (1993: 65), quando Habermas centra sua teoria da ação na linguagem ela é decisiva, sem dúvida, mas não da forma tão direta:

*“Não se trata da linguagem sem mais, mas da linguagem em uso, da linguagem mobilizada por atores sociais. O que está em jogo, quando Habermas estuda a linguagem, não é a dimensão mais formal, das regras de relações entre os signos (uma sintática), nem mesmo a dimensão das relações entre os significantes lingüísticos e as suas referências (uma semântica), mas sim a relação entre a linguagem e seus usuários (uma pragmática). E isso se faz na busca do esclarecimento dos próprios usuários entre si, em redes de relações de crescente amplitude”*.

Nesse sentido, Habermas evita qualquer referência a uma razão entendida como uma entidade que possa existir fora das ações efetivas, para concentrar-se nas razões apresentadas por atores nas suas interações. A racionalidade é um processo que pode ser desencadeado a qualquer momento pela disposição e capacidade de interação dos parceiros. Disposição e capacidade vêm juntas. E a capacidade discursiva traduz-se precisamente na disposição dos atores sociais para praticá-la tendo como pano de fundo um cenário histórico que configura um patamar de civilização (COHN, 1993: 68-69).

Habermas pressupõe, também, que as instituições e as sociedades devem buscar pleno desenvolvimento econômico e cultural, a partir da socialização ou transmissão de conhecimentos. Cada patamar civilizatório será alcançado por meio da evolução da ação comunicativa e num crescente sentido de racionalidade e pureza (QUEIROZ, 2008).

Assim, defende que a racionalidade desse sistema exige uma condição organizacional mais especializada das instituições. Esse processo não ocorre sem problemas ou conflitos, causados muitas vezes por um nível estrutural mais amplo, que é o nível de um *sistema* impessoal, que se impõe ao *mundo vivo*. Este seria o nível da produção econômica e da organização política da sociedade.

De qualquer maneira, segundo o autor, o restabelecimento de uma competência comunicativa no mundo vivo moderno contemporâneo implicaria na promoção de condições que permitissem um maior controle sobre o sistema. Tal possibilidade coincide com um grau avançado de um patamar civilizatório que atinja um nível maior de pureza comunicativa. Um mundo vivo saudável seria aquele que desenvolvesse recursos de controle institucionais sobre o sistema.

Habermas defende uma práxis libertadora que interligue as dimensões humanas, social e técnica ao verdadeiro interesse emancipatório, que está estreitamente ligado à crítica, impondo-se dentro do conhecimento como processo de auto – reflexão. (SAMPAIO, 1996).

Giddens (1991: 45) desenvolve o conceito da “reflexividade”, alegando que o indivíduo pode desenvolver um olhar crítico e reflexivo, voltado tanto sobre si mesmo, como sobre a realidade que o cerca. Para esse autor a “*reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter*”

Habermas ainda levanta uma outra condição significativa que se refere ao que ele denomina de processo de individuação. Este processo é definido pelos acontecimentos no interior do *mundo vivo* e as diferenciações entre suas dimensões sociais, culturais e pessoais. Seria necessário que o indivíduo, à luz da razão comunicativa, mergulhasse intensamente na experiência da sua realidade para poder conhecer seus aspectos estruturais.

A partir da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, tentaremos discutir a função social de uma metodologia de pesquisa que integra pesquisadores participantes e membros de uma comunidade que organizam um memorial em um processo de reflexão intensa e ações decididas coletivamente. Seria este um processo de pesquisa complexo que teria a função de promover uma maior racionalidade comunicativa? Ao mesmo tempo essa pesquisa, que se fundamenta na observação participante, na pesquisa ação e na metodologia da história oral promoveria entre os indivíduos envolvidos uma maior competência técnica e todo o processo de construção de questionamentos poderia contribuir para que houvesse uma maior “reflexividade” crítica sobre suas próprias histórias e seus modos de vida?

A proposta de Habermas, rumo ao desenvolvimento de um novo patamar evolutivo, depende, primeiramente, de o sistema promover uma racionalidade mais pura, a partir de progressos culturais e, posteriormente, de um mundo vivo que encontre meios institucionais, capazes de influenciar o sistema (QUEIROZ, 2008).

O interesse em organizar um Memorial, cujo objetivo foi definido discursivamente em comunhão com diferentes atores e com a participação efetiva da pesquisadora, pode nos levar a avaliar as implicações de uma metodologia de pesquisa, baseada na ação comunicativa e na reflexividade.

Davis (2003), ao referir-se à importância da história oral para pesquisas sociológicas, chama-nos a atenção para o fato da subjetividade do pesquisador interferir no processo de análise, interpretação e crítica. Pois o momento da coleta de depoimentos implica em um processo de trocas significativas entre o entrevistado e o entrevistador (pesquisador). Analisando como as diferenças entre eles se manifestam nesta interação, torna-se necessário o entendimento reflexivo que explica como os pesquisadores e seus universos particulares estão presentes na elaboração do conhecimento. Em outros termos, o pesquisador tem se empenhado cada vez mais em situar-se como parte implicada no processo investigativo em contraposição a uma postura distante e fora das análises (DAVIS, 2003:157).

Esta autora ainda ressalta que a relação reflexiva que ocorre entre a autobiografia do pesquisador e a biografia do entrevistado tem sido uma ferramenta útil para se compreender como se produz o conhecimento sociológico. O pesquisador traz para análise elementos pertencentes ao seu contexto social e cultural mais amplo.

Nesta investigação a atuação da pesquisadora foi constante e decisiva para a consecução de ações planejadas. Segundo Davis (2003), os investigadores precisam considerar em suas interpretações as bases que as sustentam, uma vez que o conhecimento é sempre situacional e contextual. As decisões são influenciadas por suas experiências, sua trajetória intelectual, suas paixões e preocupações, demonstrando que o investigador está social, cultural e historicamente situado em contextos que podem acabar interferindo nas escolhas do grupo pesquisado.

Indubitavelmente, minha trajetória anterior como pesquisadora, minha história de vida como pertencente à comunidade da cidade de Poços de Caldas, minha atuação como educadora nesta cidade em tempos passados e a aceitação e aprovação do fundador da EDB às minhas investidas trouxeram elementos decisivos para a aceitação do grupo, no que concerne aos encaminhamentos propostos por mim durante todo o processo. Uma postura de autocrítica, no desenrolar dos acontecimentos constituiu a base do meu fazer científico, dando-me credibilidade junto ao grupo.

A reflexividade, não resulta apenas nas discussões que envolvem as aproximações e distanciamentos entre pesquisados e pesquisadores, mas também sugere uma análise de como a produção do conhecimento ocorre neste processo. Davis (2003) conclui que o interesse pela subjetividade do pesquisador tem como resultado uma forma de investigação que, não somente permite dar voz aos outros, como também clarifica qual é a intenção do pesquisador. Torna-se necessário levar em consideração que o diálogo entre a trajetória de vida do pesquisador e seu objeto de estudo possibilita uma investigação mais responsável e mais crítica justamente porque é suscetível de ser autocriticada.

Para Davis (2003), o processo de autocrítica do pesquisador precisa estar presente em todos os momentos. Muitas vezes ele é levado a assumir o papel de educador, conselheiro ou mesmo o de conscientizador. A pesquisa é a história de um relacionamento pessoal em que o pesquisador procura possibilitar ao grupo envolvido a comunicação e o encontro, bem como escapar das armadilhas de se tornar uma figura centralizadora das decisões. Para tanto, Zaluar (1997) chama-nos atenção para o distanciamento necessário do observador frente ao objeto de

estudo. Isso pode acontecer pelo reconhecimento de que seu papel é diferenciado, pois exerce uma função de sistematizar todo o processo e também o de fazer parte de uma outra comunidade que é a acadêmica. Segundo Zaluar (1997), mesmo próximo ou íntimo, o pesquisador é um interlocutor que não faz parte do grupo, e, no limite, continua a ser identificado como um mundo não pertencente aos demais. Isto precisa ser posto, para que o pesquisador não passe a ser o porta voz do grupo mas, sim, seu aliado e, consciente do seu papel, saiba qual o momento de delegar funções que inicialmente eram suas, quando perceber que o grupo caminha autonomamente.

Em relação ao envolvimento do pesquisador, vale ressaltar as palavras de Queiroz (1992 : 7):

*A concentração do interesse do pesquisador em determinados problemas, a perspectiva em que se coloca para formulá-los, a escolha dos instrumentos de coleta e análise do material não são nunca fortuitos. Todo estudioso está sempre engajado nas questões que lhe atraíram a atenção, está sempre engajado de forma profunda e muitas vezes inconsciente.*

Portanto, todo o cientista delimita e formula o que pretende investigar por meio da percepção do universo físico, social e intelectual do qual faz parte. Para poder operar em um nível que exige objetividade, torna-se necessária a tomada de consciência de uma posição determinada no conjunto de conhecimentos que são os seus e ampliados pelo suporte teórico específico ao problema levantado pela investigação proposta. Queiroz (1992: 19) considera fundamental que o pesquisador sempre se posicione diante do conjunto teórico de que se propõe a lançar mão e para tanto depende de um sólido preparo sistemático. Nos seus termos:

*“A proposição das questões a serem estudadas, a coleta e a análise dos dados, dependerão em grande parte do grau de assimilação crítica das teorias pelo pesquisador- entendendo-se por assimilação crítica a reflexão aprofundada do cientista sobre os conjuntos de abstrações que já encontram prontos ao iniciar o trabalho”.*

Bastide (s.d) apud Queiroz (1992), ao referir-se ao distanciamento necessário do pesquisador para a sistematização das análises do material selecionado e coletado, acentua o cuidado que o investigador precisa tomar durante todo o processo. Inicialmente, deve situar-se pontualmente perante suas predisposições aos problemas propostos, suas previsões e seus

preconceitos. A partir de uma contínua postura de auto crítica, o cientista, se quiser aprofundar o saber, pode tornar-se consciente de que sua posição diante de desafios específicos à sua pesquisa diz respeito, em grande parte, ao contexto histórico e sócio cultural a que pertence. Registrando suas impressões pessoais, ao longo da investigação, poderá ir deixando de fora aspectos que considerar discordantes para um trabalho de cunho científico.

Queiroz (1992) ainda compreende que a intensa reflexão crítica tanto com respeito às teorias quanto aos procedimentos metodológicos, torna-se imprescindível para a confiabilidade dos resultados da investigação. Compreende que, além dos documentos já existentes em todos os grupos ou sociedades, os pesquisadores, dependendo dos problemas a serem interpretados, podem criar outros documentos, como fotografais, registros orais, documentários filmados, como no caso desta pesquisa.

A utilização desses documentos requer uma crítica constante e rigorosa para uma segura aplicação. Tanto no caso de documentos que já existem, como diante da criação dos pesquisadores de novos instrumentos de análise surge a necessidade de uma dupla influência da subjetividade: a de quem fez o documento e a de quem vai analisá-lo:

*“Urge, pois, saber quando, como e com que intuito foram fabricados, a melhor crítica está em sua comparação com documentos provenientes de outras fontes e versando sobre o mesmo dado, pois as convergências e as disparidades podem reforçar a confiança ou mostrar que as suspeitas estão a alcance, quais as implicações explícitas e implícitas de suas demarcações”.*

Durante toda a trajetória investigativa, a coleta de relatos orais esteve presente para análises que levaram ao entendimento sobre a importância da organização de um memorial que pudesse registrar, organizar, documentar e divulgar a história da educação de determinados grupos de trabalhadores da cidade.

Para que esse intento fosse concretizado, as equipes de pesquisadores buscaram a todo momento a construção de uma relação transparente com os membros da comunidade estudada. Como afirma Portelli (1997a), uma vez fortalecido o envolvimento entre pesquisadores e depoentes que lhes permita sentirem-se co-participantes de todo o processo por via da oralidade, resultará a consolidação de uma “comunidade de destino”. Quando as relações entre os indivíduos e o grupo social são aprofundadas, um compromisso vai sendo assumido como também um grau de responsabilidade vai sendo estabelecido entre os segmentos envolvidos.

Dessa forma, a partir da coleta de depoimentos orais em que as reconstruções do passado são compartilhadas e discutidas, podemos pensar na conquista de argumentos políticos capazes de possibilitar um certo poder aos grupos sociais pesquisados, permitindo-lhes ganhos em suas lutas, sejam elas de caráter político, social ou cultural – o assim denominado processo de empoderamento (SIMSON, 2006).

Neste caso, podemos pensar como a decisão pela organização de um memorial revela caminhos que a comunidade escolheu como estratégia de sua luta política. Seria então possível pensarmos que a organização e divulgação do acervo documental da EDB, permitiram que os indivíduos encontrassem poder necessário para garantir que os projetos educacionais, voltados aos grupos populares, pudessem ser mantidos em tempos futuros?

Segundo Simson (2006), a força política da memória, delineada pelas relações compartilhadas entre os membros de uma comunidade escolar, é demonstrada pela oposição deste grupo à expropriação de uma instituição escolar, construída e mantida a partir de um longo processo de conquistas sócio-políticas. A força política que a memória compartilhada pode exercer reflete-se na construção do sentimento de pertencimento e na formação da identidade dos grupos envolvidos. O empoderamento dos grupos pesquisados dependerá da relação de confiança estabelecida entre pesquisador e o referido grupo, quando a este for incorporado o resultado da pesquisa nas suas lutas políticas.

## *2.1. Pesquisa ação: caminhos para a tomada de decisões coletivas.*

As táticas adotadas por um grupo significativo de pessoas interessado na preservação da memória da EDB pautaram-se por uma pesquisa que, segundo Desroche (2006) denomina-se pesquisa – ação, pois os autores da pesquisa e os atores sociais se encontram reciprocamente implicados: os atores na pesquisa e os autores na ação. Neste tipo de pesquisa, os atores deixam de ser simplesmente objetos de observações, de explicações ou de interpretações; eles se tornam sujeitos, partes atuantes na pesquisa, em sua concepção, seu desenrolar, sua redação e seu monitoramento.

Dessa forma, essa relação dialógica que se configura entre atores e autores fomenta, segundo esse mesmo autor, uma nova temática. Caminhariam juntos autores de pesquisas e atores sociais, possibilitando uma interação entre pesquisa científica e prática social (DESROCHE, 2006).

Decidimos, coletivamente, que seria necessária a definição de procedimentos, para que houvesse uma participação ativa e conjunta dos pesquisadores envolvidos ou dos que seriam chamados a participar, com os grupos interessados na preservação da memória dessa instituição escolar, para que táticas fossem planejadas a fim de responder aos problemas levantados, buscando ações transformadoras. Uma vez esclarecidas as preocupações referentes aos novos rumos que a escola poderia tomar, os procedimentos escolhidos deveriam obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação pelo qual os participantes tivessem voz e vez. (THIOLLENT, 2005).

A fase exploratória da pesquisa consistiu em identificar com os interessados quais seriam suas expectativas frente aos problemas levantados com a morte dos fundadores da escola e com a inserção dos membros da Congregação dos Salesianos na organização escolar. Partimos das seguintes estratégias: criação de uma comissão que envolvesse pessoas com interesses políticos comuns, ou seja, que estivessem imbuídos da necessidade de preservação da originalidade da proposta educacional da EDB, que sempre foi direcionada para grupos populares; definição de critérios para a participação efetiva dos membros da comunidade no processo de organização das políticas de preservação da memória escolar (quais segmentos estariam envolvidos, se havia vontade de executar ações concretas e quais seriam as formas de atuação e se já apresentavam experiências anteriores no exercício de um trabalho de recuperação de fragmentos do passado).

Enfim, inúmeras reuniões gerais foram realizadas em que representantes de diversos segmentos foram chamados para a discussão e se posicionaram frente à possibilidade de sua participação. Nos primeiros contatos com os interessados, o papel da pesquisadora centrou-se na identificação das expectativas, dos problemas e das características dos grupos envolvidos.

Morin (2004), ao discutir o papel do pesquisador numa pesquisa ação integral e sistêmica (PAIS), indica que o pesquisador nessa fase de exploração precisa utilizar táticas de persuasão, para que os membros da comunidade envolvida possam identificar o problema, ainda antes de assumirem um compromisso. Seria, conforme esse autor, um período de sensibilização ou de conscientização em que líderes naturais do grupo são contatados, redes de influências são definidas, visando à delimitação dos problemas postos como desafios ao grupo.

A PAIS, entendida como uma pesquisa ação integral e sistêmica, configura-se como participativa em todos os níveis de desenvolvimento e implica num entendimento entre os atores, com vistas a uma mudança profunda tanto na reflexão como na ação. O pesquisador também denominado ator pesquisador ou pesquisador participante deve observar a complexidade das interações entre os diferentes componentes. Segundo Morin (2004) a modelagem sistêmica permite ao pesquisador descrever alternativas para soluções dos problemas identificados, como também promover a interação entre os diferentes atores para facilitar um melhor reconhecimento de uma rede de interconexões.

Tornou-se necessária a coleta de depoimentos orais para identificar com clareza os problemas que a comunidade passou a enfrentar. João Gentilini<sup>9</sup> ressalta sua preocupação, quando se refere à morte dos fundadores da escola e a inserção de uma ordem religiosa nas atividades da EDB:

*“(...) Isso nos preocupava porque nós sabíamos que os Salesianos se modernizaram, rapidamente. Quando eu falo que modernizaram, deduz-se que a instituição educativa, adaptou-se aos tempos. E o que significa adaptar-se aos tempos? Aquele caráter de uma proposta pedagógica voltada para um segmento que realmente precisava ser posto à frente, socialmente falando, não era uma coisa tão mais presente na proposta salesiana. Modernizaram-se como muitas ordens religiosas, que tinham ações educativas. Não vou falar só deles, dentre eles, muitos outros: os maristas, os dominicanos tiveram que se adaptar, porque a escola pública de massa cresceu, a rede privada ficou comprimida. (...) Os*

---

<sup>9</sup> João Augusto Gentilini. Professor, no período dos anos de 1970 aos anos de 1990.

*salesianos não ficaram longe. Foi aí que eu sempre me preocupava!, Alguma coisa tem que acontecer para o registro da proposta da escola. Seria necessário, definir como ela era, como é que ela funcionava, como é que era a dinâmica aqui dentro. Tudo isso precisava ser registrado, precisava ter alguém para resgatar tudo isso”. (28.05.2006)*

A funcionária Ana Maria Cavallaro Cruz<sup>10</sup>, sempre muito presente nas investidas de conservação, recuperação e divulgação da história da EDB, desde os tempos de contato cotidiano com o fundador da escola, faz uma interessante observação sobre esse momento de transição, revelado pela entrada de uma ordem religiosa nas atividades escolares:

*“(…)Quando você começou com o seu trabalho de pesquisa, eu sabia bem a história. Eu conversava, diariamente, durante o almoço com o Padre Carlos que me contava, minuciosamente, histórias e histórias da escola. Essa proximidade diária permitiu-me mexer em algumas fotos que ele ia disponibilizando conforme aconteciam nossas conversas. Eu, a cada dia, gostava mais. Sempre achei, desde o primeiro dia em que o Padre me contou a história da escola, que Poços de Caldas tinha que ter conhecimento total em relação à educação e à sua obra. Aí, quando você veio e fez o trabalho, cada vez me entusiasmei mais. Principalmente quando foi localizar os primeiros alunos, eu gostei demais disso. Depois, a gente começou a juntar as coisas, com alguma rapidez. Como foi no mês seguinte à morte de Padre Carlos. Começamos a mexer, a juntar, separar coisas e a guardar. A gente começou a juntar umas coisas importantes, devido à preocupação com os salesianos. Não sabíamos realmente como seria. E foi essa a preocupação desses três meses: outubro, novembro e dezembro foi quando eles chegaram. Eu acho que foi o primeiro ponto, reunir todos os documentos possíveis para mantermos viva a história da escola.”. (29.05.2006)*

Ana revelou uma constante preocupação de Padre Carlos em compartilhar suas experiências educacionais. Pesquisando em jornais e coletando depoimentos orais, pude constatar que em diferentes ocasiões a história da instituição foi referenciada e divulgada por seu fundador. Vários artigos foram publicados nos jornais internos da escola, registrando seu percurso no atendimento aos grupos populares da cidade.

Segundo Thiollent (2005), para chegarmos à definição do problema que nos impulsiona a determinação de ações concretas, seria pertinente o envolvimento de diferentes métodos em cada fase do processo de investigação. Exibimos em diferentes eventos e lugares da cidade de Poços de Caldas, um vídeo-documentário produzido pela pesquisadora por ocasião da elaboração da

---

<sup>10</sup> Ana Maria Cavallaro Cruz, auxiliar de Biblioteca e atual coordenadora do Memorial.

dissertação de mestrado, que teve como base a consulta a documentos escritos e imagéticos, como também a construção de relatos orais. A partir do contato com essa produção imagética, ficou evidente o interesse de um grupo para a conservação dos documentos da escola. O áudio visual, ao expor de forma inédita parte do acervo documental em que fotografias, slides, filmes, documentos oficiais da escola e relatos orais foram ressaltados, provocou uma aproximação com várias pessoas que sensibilizadas pelas histórias evidenciadas pelos diferentes documentos, mobilizaram-se para a discussão sobre as possibilidades de sua divulgação e para a elaboração de ações políticas que permitissem conservá-los.

Foram realizados contatos com a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, para que recebêssemos a visita de especialistas do Centro de Referência do Professor que divulgariam sua experiência com a organização do Museu Escola instalado em Belo Horizonte. Convocamos membros da comunidade que apresentassem conhecimentos práticos e teóricos na política de preservação da memória. Estiveram presentes diretores do Museu Histórico e Geográfico Municipal e representantes da Comissão do Patrimônio Histórico de Poços de Caldas.

As escolhas das ações foram discutidas em grandes seminários ou em reuniões setorializadas, quando se fez necessária a discussão de assuntos técnicos específicos, como em momentos em que se consultaram alguns professores de história da PUC Minas/Campus Poços de Caldas, para os primeiros cuidados a serem tomados na manipulação de fotografias e de documentos antigos.

Thiollent (2005) nos alerta para a importância de que o pesquisador mantenha e promova uma reciprocidade, entre as pessoas e os grupos participantes. Neste caso, os pesquisadores se propuseram a desempenhar um papel ativo no processo das decisões, pois se pretendeu a todo momento que a sua participação não chegasse a substituir a atividade própria dos grupos e suas iniciativas. Portanto, foi sempre necessária a definição precisa das ações coletivas que deveriam ser tomadas: quais seriam os objetivos, os obstáculos a serem enfrentados e, devido a uma tomada de consciência do grupo, tendo em vista o problema apontado, quais seriam os conhecimentos exigidos para a resolução das dificuldades encontradas.

Nesse sentido, torna-se pertinente o questionamento que envolve os motivos da organização de uma política de preservação, conservação de documentos e sua disponibilização para a comunidade. Como observa Felgueiras (2005), recuperar a complexidade do passado da escola entendido como resultado da ação de diferentes atores sociais, implica num trabalho de

elaboração e procura de fontes, que não estão somente contidas nos arquivos, mas também próximas às pessoas, provocando e despertando recordações, lembranças; coletando materiais e objetos pessoais; pedindo auxílio para interpretar outros. Os documentos presentes nas escolas podem apresentar-se em diferentes situações, muitas vezes em condições precárias de conservação com o risco explícito de se perderem completamente. Se partirmos do pressuposto de que esquecer, descartar e recordar o passado são funções da vida muito importantes, seria conveniente e necessário não deixarmos essas fontes documentais apenas ao acaso da sorte e dos poderes.

Rememorar é partir de indagações atuais como busca atenciosa de aspectos do passado e relacioná-los ao presente, definindo novos rumos a serem alcançados no futuro. Ao longo de muitos anos, as experiências educacionais propagadas pela Escola Profissional Dom Bosco, voltadas para os jovens tendo em vista sua inserção social, tanto no mundo do trabalho como em níveis educacionais mais elevados, com suas histórias de sucesso ou insucesso, merecem ser reconstruídas, com a organização de um memorial escolar, pois, certamente, ele contribuirá para o desenvolvimento de políticas, voltadas para segmentos de grupos populares da cidade de Poços de Caldas, as quais serão mais adequadas à situação local e regional.

Portanto, ao recuperar a trajetória histórica desta instituição, envolvendo a sistematização de um acervo documental e sua relação com diferentes atores, podemos possibilitar uma discussão que permita questionar paradigmas e realizações da educação, tanto do presente, como do passado. Uma ou mais histórias podem ser desveladas, lembradas e, sendo revividas, atualizadas. O que os vários documentos podem nos mostrar e o que eles ocultam? A partir do cuidado com os pequenos fatos que constituem a vida cotidiana da escola, da atenção com as ações de diferentes atores sociais, podemos recuperar e partilhar com grupos distintos a cultura escolar descrita por Julia (2002: 8)) como: “ *um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos*”.

Documentos históricos concebidos numa visão ampliada, uma vez que entendidos a partir dos mais diversos suportes: textos, objetos, imagens fotográficas, música, lugares, relatos orais. Colocados à disposição, para a realização do trabalho com a memória, possibilitam uma transformação da consciência das pessoas que se acham direta ou indiretamente envolvidas com experiências passadas, contribuindo dessa maneira para a compreensão do valor do documento na

vida local, passando assim a engendrar novas maneiras de, ao recuperar e conservar o passado, levar a uma melhor compreensão dos problemas do presente e pensar, em bases mais sólidas e realistas, nossas futuras ações (SIMSON, 2003).

Torna-se pertinente ressaltar que os trabalhos de pesquisa e conservação da documentação escolar contribuem para a reconstrução histórica da instituição, se articulados com a comunidade. O contato das pessoas com os documentos traz à tona vivências passadas, pois funciona como detonadores do lembrar e suas interpretações vão sendo delineadas nesse processo, pois nos termos de Donatelli (1996: 105): “(...) *os documentos estão nas experiências de quem os relata, nos espaços que ocupamos, nos lugares que não podíamos frequentar, na natureza um dia existente e hoje ausente. A palavra, o dizer tornam-se, então, referendo documentado e o olhar, a sua legitimação*”.

A pesquisa-ação exige do pesquisador uma atitude que é sempre de ‘escuta’ e de elucidação dos vários aspectos da situação e constitui-se num tipo de pesquisa social realizada, empiricamente, a partir da necessidade de resolução de um problema coletivo em que os pesquisadores estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, segundo Thiollent (2005). Pela minha experiência anterior de pesquisa nesta instituição, tanto a direção da escola, como alguns professores e funcionários e membros da comunidade local, a todo momento, passaram a recorrer a mim para que prioridades fossem ordenadas, referentes aos problemas e soluções que encaminhassem um esquema de ação rumo à concretização do Memorial. Nesse sentido, decisões foram tomadas, tendo o coletivo como pressuposto para as estratégias de trabalho. Como vimos, organizamos uma ‘Comissão para implantação do Memorial da Escola Profissional Dom Bosco’<sup>11</sup>, com a ampla e explícita interação entre a pesquisadora e o conjunto de pessoas implicadas nesta investida.

Estiveram presentes nos diferentes encontros: ex-alunos, professores e ex-professores, funcionários, diretores e coordenadores da escola, empresários e membros da comunidade local que, por diversas razões, interessaram-se pela proposta de recuperação e preservação da história desta instituição, à medida que a história da cidade, ou melhor pontuando, a (s) história (s) da cidade poderiam ser acrescidas ou até mesmo recontadas, desde que uma multiplicidade de

---

<sup>11</sup> Comissão composta pelas seguintes coordenadorias: geral; jurídica; administrativa; física e patrimonial; pedagógica -cultural e técnica.

informações, fatos, relatos e versões, cientificamente organizadas, pudessem ser expostas e evidenciadas.

Nas reuniões, o que nos pareceu urgente foi a procura por parcerias para darmos início a um trabalho organizado e sistematizado, pautado na necessidade de preservação da memória desta instituição escolar. Neste sentido, partimos de alguns pontos em comum: seria ‘necessária a organização de um Memorial da Escola Profissional Dom Bosco. Muitas dúvidas permeavam nossas inquietações e indefinições sobre como organizaríamos, afinal, esse local. Quais eram, portanto, nossas concepções sobre documentos, memórias, e, mais precisamente, sobre lugares da memória, uma vez que concordamos, por unanimidade, com a urgência da organização de um memorial?

Uma vez concretizado o convênio com o Centro de Memória- Unicamp, conforme exposto anteriormente, considero relevante salientar que, além da capacitação técnica do pessoal envolvido nos diferentes subprojetos, o trabalho realizado sob a orientação dos especialistas do Centro volta-se também para a maneira de como entender os documentos como suportes da memória, uma vez que o envolvimento com a comunidade tem sido presente. Restaurar obras raras, conservar documentos em suporte impresso, higienizar e catalogar fotografias, filmes, slides, objetos, paramentos litúrgicos, livros, louças, cartazes, coletar depoimentos orais que registram o que pode ser entendido como memória compartilhada, pois os documentos vão tomando significados, na relação que vai se estabelecendo entre eles e com diferentes atores. Podemos ressaltar como esse movimento de integração contribui para a consolidação de um lugar organizado, em que memórias muitas vezes desconsideradas pela historiografia consagrada oficialmente, podem situar e recolher memórias muitas vezes sem lugar.

Como afirma Thiollent (2005: 24):

*Consideramos que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela, é necessário produzir conhecimento, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Parte da informação gerada é divulgada, sob formas e por meios apropriados, no seio da população.*

A função política da pesquisa – ação, segundo Thiollent (2005), consiste em construir, junto aos grupos populares, táticas e estratégias de ação que lhes permitam consolidar objetivos reconhecidos como coletivos e importantes para a sua organização social. Nesse processo de

integração entre pesquisadores e comunidade supõe-se que critérios ou normas de decisão, ação e avaliação estejam claramente definidos e evidenciados entre os pesquisadores e participantes.

A partir do momento em que houve um acordo sobre os objetivos e os problemas a serem examinados, vários momentos de questionamentos foram promovidos. As ações realmente desencadeadas foram objeto de constante acompanhamento e avaliações. Além de reuniões sistemáticas com Comissão Provisória para Implantação do Memorial, contamos com a participação em atividades coletivas, envolvendo o grupo de pesquisadores do Centro de Memória da Unicamp. Realizamos encontros com a equipe responsável pela organização dos documentos, palestras foram ministradas com o objetivo de esclarecer à comunidade local a importância do trabalho de recuperação das memórias escolares, a partir da catalogação e disponibilização do acervo para pesquisas futuras. Esclarecimentos foram feitos ao corpo docente sobre o trabalho técnico de estruturação de cada subprojeto, e uma vez arquivada uma significativa parcela dos documentos, os cuidados necessários para a consulta e divulgação de tal documentação foram debatidos conjuntamente com a equipe.

Organizamos eventos com o objetivo de colocar à disposição dos participantes os conhecimentos de ordem teórica ou prática para viabilizar a consulta nas diferentes fontes documentais e possibilitar a recuperação da história dessa instituição escolar. Morin (2004: 92), ao referir-se ao processo coletivo de discussão, considera que a pesquisa ação integral e sistêmica se empenha para reproduzir uma reflexão, um discurso e, uma vez ambas as finalidades combinadas, produz-se a uma mudança reflexiva.

Em agosto de 2005, após três anos de trabalho, sob a orientação do Centro de Memória- Unicamp, organizamos um encontro com professores, funcionários e voluntários que atuam no Memorial Padre Carlos, para cumprirmos a etapa de socialização dos princípios técnicos adotados no trato com a documentação. As palavras da diretora do CMU, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Olga Rodrigues de Moraes von Simson, podem indicar-nos como o processo de organização do memorial foi compartilhado, envolvendo a articulação dos conhecimentos técnicos com os teóricos na discussão que envolve memória e identidade.

*“Então eu queria na verdade mais uma vez dizer da importância do trabalho com a memória e da importância do diálogo com cada fragmento do passado que restou e que às vezes julgamos não terem importância alguma. Precisamos estar*

*atentos às entrelinhas das cartas, das fotografias, dos objetos e das falas do Padre Carlos nos programas de rádio, por exemplo. Tratamos de uma escola que é um patrimônio. Um patrimônio reconhecido pelo seu valor educacional, um patrimônio que permite uma formação adequada aos jovens da comunidade para que enfrentem o desafio do mercado de trabalho numa sociedade capitalista competitiva e cada vez mais excludente.*

*Para nós do Centro de Memória tem sido também uma experiência muito válida. A construção pelo trabalho da memória de uma identidade transparente, de uma identidade que seja consciente para toda comunidade, é um bem muito grande. Tenho certeza que esse trabalho é longo, detalhado, exige esforço, exige dedicação, exige compreensão da sua importância. Pois vai retornar nos anos futuros como benefício muito grande para própria comunidade. À medida que vocês integrarem aos processos educacionais que vocês realizam no cotidiano o trabalho que aqui é desenvolvido, cada novo aluno poderá conhecer toda a trajetória da Escola Dom Bosco.*

*Nesse sentido a nossa equipe está aqui, hoje, para mostrar detalhadamente como cada um dos aspectos de cuidado com a memória vem sendo desenvolvido, seja com fotografias antigas, seja com selos, com objetos, seja coletando depoimentos orais, seja no arquivo de documentos textuais. Nós vamos partilhar a forma técnica do trabalho desenvolvido com os documentos através das oficinas para que tenham uma visão mais concreta do trabalho realizado juntamente com os especialistas do Centro de Memória da Unicamp”.*

(26.11.2004)

Houve nesse encontro uma significativa participação nas oficinas dos professores e funcionários da escola, que puderam conhecer detalhes técnicos da organização da documentação que constitui o acervo do Memorial Padre Carlos. Sugestões e críticas foram registradas para que as atividades fossem estendidas aos diferentes horários de funcionamento da escola. Como, por exemplo, os professores e funcionários dos cursos noturnos solicitaram-nos acesso às oficinas durante esse período.

As etapas do trabalho de organização do Memorial foram discutidas em diferentes instâncias, desde o início. Morin (2004: 98) enfatiza que, por meio de reflexões, a equipe pode conceitualizar e simular ações em que estratégias são elaboradas, a partir de simulações e as táticas são adotadas, revistas e corrigidas após novos processos de ação e reflexão. O conjunto de opiniões e suas complementaridade ocorrem com o diálogo em que antagonismos podem vir à tona e a busca de estratégias torna-se necessária para harmonizar projetos dentro de um conjunto.

Para compreendermos os movimentos de um processo de pesquisa que envolve diferentes segmentos, torna-se pertinente o papel dos pesquisadores participantes na observação da complexidade das interações entre os diferentes componentes. A equipe de implantação do

memorial é constituída por membros da comunidade escolar e local e por especialistas e pesquisadores do Centro de Memória da Unicamp. Nos termos de Morin (2004: 93):

*Como a modelagem sistêmica permite descrever um leque de soluções para o problema ou o fenômeno indicado, a abordagem interativa entre os atores em pesquisa-ação integral pode facilitar um melhor reconhecimento da rede de interconexões.*

Situações de limitações e conflitos ocorreram algumas vezes pela dificuldade de articulação dos interesses e objetivos da equipe constituída por membros de Poços de Caldas com a equipe de especialistas do CMU. Estávamos procurando delinear uma política de preservação e divulgação do acervo documental na qual conhecimentos técnicos e teóricos eram colocados à mostra. O período de adaptação e incorporação de novos conceitos exigia das equipes um constante processo de reflexão, pois estranhamentos ocorriam, diante de situações de aprendizagem. Os problemas foram discutidos durante todo o processo, em reuniões organizadas na Unicamp como também na EDB, às vezes com as equipes separadas e em momentos seguintes em encontros com a presença do grupo todo.

A pesquisadora que coordena os trabalhos ocupou um papel de assessoramento e de divulgação das decisões e tomadas de ações perante ambos os grupos. Na maioria das vezes, as estratégias de resolução de problemas foram consensuais. Entretanto, vivenciamos dificuldades na apresentação e concretização de um projeto de reformas da casa em que está alojado o Memorial. A Comissão de Implantação do Memorial previa a participação de engenheiros e arquitetos na elaboração e execução do projeto de reforma do local escolhido para abrigar o acervo documental. Para o Memorial vir a ser um espaço público de visitação e pesquisa, adequações na casa que abrigou os fundadores da escola em momentos distintos de suas vidas, seriam necessárias devido aos desgastes naturais do tempo e às novas funções que esses espaços teriam. A escolha dos profissionais ocorreu em função de sua identificação com a história da escola, como também de suas experiências com projetos vinculados à Comissão do Patrimônio Histórico de Poços de Caldas.

Atendendo a um apelo da comunidade escolar, recebemos indicação do Centro de Memória- Unicamp de um professor arquiteto, especialista em patrimônio histórico, para assessorar e participar do projeto de reformas. As adequações que exigiam uma intervenção dos

engenheiros e arquitetos foram ampla e exaustivamente discutidas visando à manutenção das características originais do prédio. Para tanto, inúmeras reuniões e debates foram planejados para que fosse possível uma participação coletiva dos membros da equipe de Poços de Caldas. Uma especialista do CMU esteve presente em todas as reuniões e encontros promovidos. Entretanto, não foi possível enviarmos o projeto final para o processo seletivo, organizado pela Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, estratégia utilizada para tentarmos apoio e financiamento de verbas para a execução da obra em questão. Divergências surgiram quanto ao preenchimento dos formulários exigidos para aprovação pela Lei de Incentivo Estadual.

Dessa forma, como consta da proposta metodológica da pesquisa ação integral e sistêmica, mecanismos de reflexão são desencadeados mediante situações conflitantes. Nos termos de Morin (2004: 94):

*A pesquisa – ação se funda na negociação entre atores (os processadores) que se adaptam às situações particulares a fim de tornar flexível seu processamento de soluções, e em simbiose com o desenrolar dos acontecimentos. (...) A pesquisa ação se baseia em uma concepção de ações abertas aos acontecimentos, à prática formando seus atores para uma maior flexibilidade.*

Depois de longas discussões, consideramos que houve uma quebra da participação nas decisões específicas a esse projeto de toda a equipe do CMU, causando uma incerteza relativa à adequação do projeto às exigências legais. Entretanto, a equipe em Poços ressentiu-se com esse fato uma vez que decisões haviam sido tomadas, coletivamente, com prudência e responsabilidade. O assunto ainda está em aberto e a reforma da casa não foi concretizada.

Tomamos esse fato como parâmetro para a continuidade da parceria concretizada entre a EDB e a Unicamp. O processo até então havia se pautado na participação de todo o grupo de especialistas do CMU nas decisões coletivas. Esse episódio deflagra um momento de crise que foi levado aos grupos para reflexão e questionamento.

Com as devidas reflexões e ações reintegradoras, o clima de trabalho da equipe foi reconstituído e novas fases do projeto encontraram possibilidade de desenvolvimento, entre elas, a preocupação em integrar o corpo docente atual da escola, de maneira mais efetiva, na proposta de pesquisa- ação.

A pesquisa – ação abrange três características do pensamento sistêmico assim determinadas: dialogismo, recursividade e holograma (MORIN, 2004). Quando o processo da

pesquisa é capaz de associar elementos complementares, sabendo-se que são concorrentes e antagonistas, podemos considerá-lo como uma prática dialógica. Mesmo com os conflitos evidentes, a equipe do CMU, após debates sobre o ocorrido, assumiu a necessidade de retornar o problema para o grupo todo e pensar em outras alternativas. Além de divergências referentes às questões burocráticas, os especialistas do CMU alertaram para alterações necessárias no próprio projeto de reformas que não havia sido exaustivamente discutido, como por exemplo, no que tange à reserva técnica, (local em que os documentos, depois de catalogados e higienizados, são armazenados dentro dos padrões climáticos que asseguram sua longevidade), que não apresentava uma localização acertada.

A *recursividade* se define como a organização de elementos, segundo um processo de autoprodução. Nos termos de Morin (2004: 98): “*assim, com a discussão não se tem receio da desordem, da explosão sabendo que brotará uma nova ordem e que os enunciados ordenados gerarão, por sua vez, componentes criadores*”. Este assunto ainda está pendente, mas deveremos retomá-lo, brevemente, pois a urgência da reforma da casa se manifesta pelas constantes solicitações da comunidade para visita ao local e para pesquisa no acervo documental, o que será feito agora envolvendo vários segmentos: equipe técnica do CMU; grupo de funcionários e de voluntários do Memorial; docentes e alunos atuais.

Uma visão global ou *hologramática* é um trunfo essencial em pesquisa sistêmica. A parte está no todo, mas o todo está na parte. Dessa forma, segundo Morin (2004), todas as técnicas podem trazer uma rica contribuição para os atores, porque permitem que o grupo aja como um ator coletivo. A aprendizagem dos participantes foi facilitada pelas constantes contribuições dos pesquisadores e pela colaboração de especialistas em assuntos técnicos cujo conhecimento foi útil ao grupo. Os conhecimentos técnicos apropriados pela equipe para a organização e divulgação do acervo documental foram sistematicamente organizados por meio de seminários, de grupos de estudos complementares e também pela divulgação do trabalho realizado pelos diferentes subprojetos, como exposições, seminários, coleta de depoimentos orais, edição e exibição de um vídeo documentário, participação dos pesquisadores em congressos científicos e constantes reuniões tanto gerais, como setorizadas.

O passo seguinte foi possibilitar o envolvimento de todas as partes atuantes para a definição de procedimentos que assegurassem a integridade da documentação, uma vez disponibilizado o acervo documental para a comunidade.

Atualmente, o Memorial tem recebido visitas permanentes de alunos, de professores e de pesquisadores que procuram realizar estudos consultando os documentos já catalogados. A integração entre os diferentes atores e autores possibilitou, paulatinamente, o envolvimento da equipe responsável pela organização do Memorial no assessoramento de projetos investigativos. Além de pesquisas de cunho acadêmico<sup>12</sup>, alguns professores da escola têm desenvolvido propostas educativas, com objetivo de recuperação de determinados aspectos da história local.<sup>13</sup> Em 2006, o tema da ‘Feira de Ciências’, atividade cultural de grande porte que envolve alunos, professores, funcionários e familiares dos diferentes níveis de ensino, desde a educação infantil até o ensino médio, pautou-se na recuperação da história da EDB. O acervo documental foi ampla e exaustivamente consultado, contando com o envolvimento de diferentes segmentos da comunidade escolar.

As regras para consulta aos arquivos escolares foram respeitadas, conforme a orientação dada pelos especialistas do CMU e decididas, coletivamente, por um grupo de profissionais engajados na proposta de organização do Memorial, que adequaram o rigor científico, no trato com a documentação, às necessidades locais.

Podemos constatar, dessa maneira que a pesquisa – ação pode contribuir para que a equipe formada por atores e por pesquisadores contribua para a produção de ‘novos saberes’. Nos termos de Morin (2004: 33):

*Esse caminho obrigará o pesquisador, sem dúvida, a constituir uma equipe e a cercar-se de pesquisadores efetivos, aptos a lhe oferecer instrumentos ou, ainda, interessados em trabalhar com ele no campo, para que o projeto seja mais produtivo. O diálogo com um ou vários pesquisadores considerará a preocupação com a práxis como sendo prioritária, com vistas à construção de um saber prático. É desta prática que poderá surgir uma teorização ou uma perspectiva para outras ações profissionais, em constante renovação.*

Nesse sentido Desroche (2006) categoriza a pesquisa – ação com base em três degraus da investigação: explicação, aplicação e implicação. Na organização de um memorial, os resultados

---

<sup>12</sup> Uma aluna do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp está discutindo em sua dissertação de mestrado o processo evolutivo das oficinas profissionalizantes da escola desde sua fundação até os dias atuais. Consultas ao acervo documental tem contado com o auxílio dos funcionários do Memorial, que foram preparados para apoiar e assessorar pesquisadores, mantendo a integridade do acervo.

<sup>13</sup> Esse processo será detalhado nos capítulos seguintes, que descreverão as atividades desenvolvidas pelos membros da comunidade que se apropriaram da documentação organizada, catalogada e divulgada pelo Memorial no seu quinto ano de funcionamento com o auxílio dos especialistas do CMU.

podem ser inesperados e inconclusos, exigindo um constante repensar das ações praticadas para uma determinada finalidade. O estágio que remete a uma prática explicativa antecede as ações e configura-se como momento de questionamentos e dúvidas. Porém, a decisão de tais ou quais alternativas não cabe aos pesquisadores e, sim, configura-se como responsabilidade dos atores (DESROCHE, 2006: 46).

Uma pesquisa de aplicação refere-se às estratégias assumidas pelos atores e autores como contestação a uma situação indesejada, como neste caso, o receio pela perda da originalidade das propostas educacionais com a morte dos fundadores da escola. O último degrau pressupõe uma pesquisa de implicação com participação integral dos pesquisadores na ação dos atores, quer por implicação dos atores na pesquisa, quer dos pesquisadores nas práticas escolhidas pelos atores. Trata-se, segundo Desroche (2006) de uma pesquisa realizada de acordo com uma estratégia defensiva em função de um objetivo de contestação.

Os atores não exercem papéis apenas como coadjuvantes mas, sim, estão presentes e atuantes em todos os estágios da pesquisa. Sempre é necessário pensar nos atores, em suas ações, na sua capacidade de agir, nas tomadas de decisões, enquanto aspectos significativos devem ser investigados para conceber, escolher, difundir ou avaliar determinadas ações.

Desroche (2006:88) enfatiza que a escolha pela pesquisa ação passa pela ousadia do grupo em assumir riscos. Nas suas palavras: *“é preciso ter a coragem de avançar antes de saber. Para procurar mais longe, é preciso que eu assuma o risco de ir aonde eu não sei”*. Os desdobramentos da pesquisa – ação realizada frente aos problemas definidos pelo grupo, que procura soluções criativas, são muitas vezes imprevisíveis. A todo momento, desafios são postos e a luta para a continuidade das propostas tem especificidades que demandam um constante repensar das táticas e das estratégias adotadas.

O pensar das ações coletivas implica também na captação de possíveis parceiros, fato já consolidado, com financiamento aprovado pela Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, a partir da Lei Municipal de Incentivo à Cultura<sup>14</sup>, permitindo a continuidade do trabalho que vem sendo desenvolvido junto ao Centro de Memória – Unicamp. Dessa forma, podemos atestar o interesse da cidade pelo projeto de reconstrução da memória da Escola Profissional Dom Bosco.

No transcorrer desta pesquisa – ação, alguns questionamentos foram norteadores para a implantação de um memorial escolar, compreendido como um espaço de diálogo entre memórias

---

<sup>14</sup> Lei Municipal nº 6.504/97. Aprovação do projeto em 2005.

diversas. As táticas e estratégias escolhidas para discussão e tomadas de decisões coletivas tiveram como principal objetivo possibilitar aos diferentes grupos envolvidos na trajetória dessa instituição escolar um processo de reconhecimento e de identificação de suas próprias lutas e conquistas.

Após alguns anos da pesquisa, que vem sendo desenvolvida, desde agosto de 2002, pautamo-nos nos seguintes desafios para avaliação nesse processo de desenvolvimento da pesquisa ação:

- Quais as contribuições das atividades desenvolvidas pelo projeto de recuperação da história da EDB na visão dos membros pertencentes aos diferentes segmentos da comunidade local?
- Como tem se organizado o trabalho que busca a formação de ‘multiplicadores’ que serão responsáveis pela continuidade do processo de reconstrução da memória dessa instituição escolar?
- Quais os motivos que levaram alguns empresários, membros da sociedade civil a apoiarem efetivamente essa iniciativa?
- A aprovação da continuidade deste projeto atestada pela Lei de Incentivo Cultural Municipal, pode nos remeter à interpretação e à valorização que tem sido feita pela Secretaria Municipal de Educação da validade da proposta do memorial?
- Como tem sido o envolvimento e mesmo quais leituras têm sido feitas por responsáveis de outras instituições ligadas à memória local sobre o projeto do Memorial?
- Como manter uma dinâmica de participação e diálogo com vários setores da comunidade, para a conquista de um espaço propício a encontros, pesquisa, atualização e descobertas no que se refere à memória local?
- Quais critérios têm sido adotados na recolha de documentos e na constituição de coleções, e quais as implicações que daí decorrem?
- Qual o papel das exposições já realizadas nesse diálogo?
- Quem constituirá o Conselho Gestor do Memorial? Como os vários grupos envolvidos na reconstrução dessa memória estarão representados?

Enfim, quais caminhos merecem ser percorridos e os que já foram trilhados para tornar o memorial um espaço que consiga criar dinâmicas de participação para os diferentes setores da comunidade, de modo a tornar constantes os hábitos de lazer, estudo, pesquisa, troca de informações e de atualização. Parafraseando Felgueiras (2003), como conceber um memorial como espaço de encontros, que prolongue o seu conteúdo como uma voz presente no nosso tempo.

A pesquisa – ação envolve diferentes procedimentos metodológicos que dão suporte para o desenvolvimento das táticas e estratégias adotadas para a resolução dos problemas identificados pelos grupo de pesquisadores e atores. A coleta de depoimentos orais tem sido constantemente presente e registra os procedimentos tomados em todas as fases da pesquisa, seja para identificação das expectativas do grupo frente a um problema levantado, seja nas aplicações das propostas para resistências a uma situação indesejada, seja na etapa de análise frente às implicações ou aos resultados da pesquisa. Nesse sentido a importância da história oral para a realização desse processo que resulta em um movimento de resistência política de um grupo desejoso que sua história seja preservada, será exposta para a compreensão em respeito às vozes de diferentes atores no transcorrer de todas as etapas.

## 2.2. História Oral.

Para que ações fossem tomadas para o desenvolvimento dos objetivos propostos no processo de implantação de uma política de recuperação, preservação e divulgação da história da Escola Dom Bosco, enquanto instituição, mas que envolveu, a todo momento, trajetórias históricas de diferentes atores que vivenciaram experiências, tanto individuais, como coletivas, os recursos metodológicos selecionados para esta pesquisa contam com a utilização da história oral na coleta de depoimentos (de ex e atuais –alunos, professores, funcionários, moradores do bairro, empresários que participaram ativamente da construção da Escola Dom Bosco e membros da comunidade em geral). O cruzamento com diferentes fontes documentais está presente na leitura de documentos da escola (diários de classe, atas de reuniões, jornais, anotações pessoais dos fundadores, registros de matrículas), de documentos oficiais (legislação, jornais, relatórios de pesquisa), no exame e análise de fotografias pertencentes aos acervos da escola e de filmes produzidos durante os primeiros anos da fundação da Escola Profissional Dom Bosco. Estes materiais foram fundamentais para a elaboração dos diferentes roteiros para a coleta dos depoimentos orais.

Tais depoimentos envolvem elementos complexos que enriquecem a análise pretendida, pois vêm carregados de detalhes que facilitam a compreensão de fatos pesquisados, à medida que podem trazer à tona o que ainda não foi documentado, registrado, muitas vezes, elucidando acontecimentos que passaram despercebidos ou, também, porque podem corroborar uma análise já elaborada. Citando Demartini (1992:41) quando, em pesquisas que abordaram problemas educacionais, a partir de uma perspectiva histórico-sociológica, recorreu a relatos de professores que lecionaram no Estado de São Paulo, durante a Primeira República:

*(...) acreditamos que era preciso ir mais longe do que tradicionalmente se tem realizado e, fazer surgir novas informações onde elas poderiam estar guardadas, isto é, na memória dos que vivenciaram os problemas educacionais em épocas remotas. Era preciso recorrer a fontes diferenciadas, que poderiam colocar novas indagações ao conhecimento.*

A gravação, a transcrição e a catalogação dos depoimentos orais aconteceram em momentos distintos. A dissertação de mestrado deixou clara a urgência da continuidade de futuras investigações, pois os encontros com diferentes depoentes possibilitaram a localização de documentos que nos indicavam a importância do ensino profissionalizante, proposto pela escola, para a história da educação da cidade e da região. Os resultados dessa primeira pesquisa foram divulgados em jornais impressos, como também em reportagens gravadas para programas de televisão e de rádio locais.

Num momento seguinte, com a organização do banco de história oral agora sob a orientação do Centro de Memória- Unicamp, coletamos depoimentos de atores que participaram do processo de organização do Memorial Padre Carlos, para que fosse possível o registro de diferentes versões do processo de implantação desse lugar de memória.

Neste sentido, vários recursos são utilizados para que diferentes e múltiplas versões possam auxiliar no desvendamento de questões do passado. O contato com fotografias e filmes, juntamente com os depoimentos orais, durante o processo de pesquisa, tem como objetivo o confronto de diversas visões de mundo dos atores que integram uma dada sociedade e, desta forma, podem possibilitar múltiplas interpretações da realidade. A associação de diversos recursos, como neste caso, a articulação de imagens visuais com os depoimentos orais e documentos escritos, pode compor a intertextualidade considerada por Mauad (1997:310) como sendo um imperativo metodológico e, nas suas palavras, *“possibilitam ao pesquisador o controle da tessitura cultural da época a ser analisada”*.

Cabe ressaltar que o cruzamento de diversas fontes pode vir a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa porque ao confrontar várias visões levantadas pelas especificidades e diversidades dos documentos, as possibilidades de reflexão e entendimento se ampliam num movimento estimulante.

Entretanto, como aponta Demartini (1999: 20): *“trabalhar com diferentes tipos de documentos implica levar em conta as especificidades de cada um e os cuidados necessários à sua utilização”*. Neste caso, precauções quanto ao uso dos vários recursos precisam ser tomadas, visando ao maior aproveitamento possível de suas informações. Dessa forma, torna-se imprescindível sempre levar em consideração uma crítica rigorosa dos documentos para sua aplicação segura. Nas palavras de Queiroz (1992: 27):

*(...) a melhor crítica está em sua comparação com documentos provenientes de outras fontes e versando sobre o mesmo dado, pois as convergências e as disparidades podem reforçar a confiança ou mostrar que as suspeitas estão a exigir novos cotejos. (...) Atualmente, a fabricação de um documento pelo pesquisador utiliza vários instrumentos mecânicos outrora inexistentes; a fotografia, o filme, e (...) o gravador que registra entrevistas, depoimentos, histórias de vida. Cada um deles tem suas vantagens e suas limitações, que devem ser cuidadosamente investigadas antes de se escolher sua utilização; todos eles exigem imperiosamente a comparação com dados de outras fontes.(...).*

A partir da articulação entre diversas fontes, as informações e discussões podem ser complementadas e acrescidas de interpretações. É interessante ressaltar, portanto, a complementaridade das fontes e o seu caráter interdisciplinar quando na escolha desta proposta metodológica. Os registros escritos, muitas vezes, constituem-se em documentos reconhecidos pela história oficial que, priorizando este tipo linguagem, podem deixar de considerar outras versões sobre a mesma realidade, já que os documentos orais permitem o testemunho e análise de quem viveu uma determinada experiência e, dessa forma, possibilitam a aproximação de diferentes pontos de vista em relação a um mesmo fato.

Segundo Neves (2000), memória e história são processos sociais, são construções dos próprios homens que têm como referências experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade. O pesquisador a partir dos depoimentos orais coletados, pode entrar em contato com comportamentos, mentalidades coletivas, uma vez que o relembrar individual relaciona-se à inserção social e histórica de cada depoente. Esta metodologia contribui, dessa forma, para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou. Uma das suas maiores potencialidades refere-se ao caráter heterogêneo e essencialmente dinâmico de captação do passado, segundo a visão de diferentes depoentes.

Para Portelli (1997: 16): *“a história oral tende a representar a realidade não como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos”*. Desta forma, com os relatos orais, as informações guardadas na memória dos que vivenciaram atividades educacionais em épocas remotas, podem vir à tona e trazer elementos importantes para o

entendimento das propostas educacionais da Escola Profissional Dom Bosco. Nos termos de Lang (1992: 20):

*O depoimento oral constitui uma modalidade bastante diversa, à medida que se busca, através dele, obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência ou participação em determinadas situações ou instituições que se querem estudar.*

Os depoimentos pessoais, embora individuais, conseguem fazer a relação com o contexto social a que estão submetidos os depoentes. Não são o indivíduo e sua história “*o objeto de estudo, e sim as relações nas quais se encontra imerso*” Brioshi (1989: 29), pois “*o indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história*”.

Neste aspecto, ao trazer à tona fatos vividos e sentidos, o depoente faz relações com os acontecimentos sociais, imprimindo-lhes suas interpretações, ou seja, registra os fatos da forma como interiorizou as experiências. Este movimento entre o particular e o social precisa estar presente na interpretação dos dados e também na conduta da realização das entrevistas.

Como fruto desta interação, os fatos expostos pelo sujeito passam por um sistema lógico de compreensão que vai sendo realizado através dos diálogos entre pesquisador e sujeito. Enfatizam, ainda, a importância dos relatos orais, as palavras de Simão (1989:189):

*Dessa forma, o conteúdo das informações obtidas pelo pesquisador, não se identifica com o conteúdo de informações que seriam dadas pelo sujeito em outras situações. Pelo contrário, trata-se de conteúdos gerados sob a atuação de fatores contextuais específicos, dentre os quais se incluem as condições planejadas e dispostas pelo pesquisador, sob as quais o sujeito faz seus relatos.*

Após cinco anos de organização deste Memorial, recorreremos ao registro de depoimentos orais que nos permitiram analisar esse percurso consolidado compreendendo vários encontros com os especialistas do Centro de Memória, palestras promovidas sobre a importância de uma organização do acervo documental que estivesse em sintonia com padrões técnicos e científicos, exposições de objetos, de documentos e apreciação de filmes.

No envolvimento com a comunidade, partimos do pressuposto de que a recuperação de memórias escolares pode e deve passar por um processo coletivo de discussão, uma vez que houve, decididamente, um reconhecimento de que a memória dessa instituição escolar mantida e divulgada seria uma forma de resistir e impedir um redirecionamento dos seus objetivos.

A organização de um memorial escolar, de forma a valorizar a memória compartilhada, pois há uma manifestação coletiva buscando a recuperação, preservação e divulgação dos fragmentos do passado, pode nos remeter ao conceito de ‘empoderamento’<sup>15</sup>, pois, ao lidar consciente e cientificamente com as informações do passado, a comunidade passaria a entender melhor a sua história e, ao transferir essas informações para o próprio cotidiano, conquistaria mais segurança nas lutas sociais e políticas. Os grupos sociais envolvidos, dessa maneira, apoderar-se-iam dos resultados da investigação e, ao incorporá-los ao seu capital cultural, os utilizaria como forma de resistência e luta para determinados fins.

Discutindo sobre nossa vontade e o desejo de evocar o passado, Ferreira (2003) ressalta que se trata de uma captura intensificada do ser humano para trazê-lo ao presente como lastro, conforto ou mesmo garantia de vida, uma vez que fragmentos de vivências ganham corpo e se transformam em significados coerentes e persistentes.

A seguir breves relatos registram o perfil dos entrevistados dessa pesquisa para o entendimento de sua atuação na EDB e no Memorial.

---

<sup>15</sup> Sobre o conceito de empoderamento consultar:  
<http://www.eicos.psycho.ufrj.br/portugues/empoderamento/empoderamento.htm>  
<http://www.desenvolvimentolocal.org.br/imagens/mapeamento/PDL378.pdf>

**Olga Monteiro.**

**Idade: 79 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Professora e Coordenadora.**

**Entrevista realizada em 26/01/2004.**



*“Eu iniciei minha vida profissional no escritório de serviços termais de Poços de Caldas. Mas eu não gostava. E, embora minha mãe dissesse que não queria que nenhuma filha fosse professora, pois achava que era uma vida muito sacrificada, eu acabei mesmo optando pelo magistério. Em 1955, Padre Carlos me convidou para reorganizar a chamada escola primária. Eu e uma outra professora – a Margarita Borato. Éramos novatas e, mesmo assim, fomos para a escola profissional. Então, começamos o trabalho ainda na escola da Rua Santa Catarina. Estudamos bastante para conseguirmos desenvolver um bom trabalho. Acabei tornando-me a coordenadora pedagógica da escola. Geralmente, quando um novo professor entrava, eu dava umas aulas de demonstração. Porque nós fazíamos um trabalho, que depois se chamou projeto. Nas reuniões preparávamos textos para serem lidos com os professores e naquele tempo não havia computador e o xerox era caro. Então, era tudo na base do mimeógrafo. Atuei na escola de 1955 a 1983, aposentei-me aqui. Tínhamos um ótimo relacionamento com os professores. A escola era para todos uma casa grande, um ambiente de liberdade, de paz”*

Dona Olga Monteiro foi uma das grandes responsáveis pela consolidação do projeto político pedagógico da EDB destinado aos alunos pertencentes aos grupos populares de Poços de Caldas. Sempre com idéias avançadas para a época, defendia um ensino significativo aos alunos, enfatizando a importância de uma formação cultural geral. Os depoimentos orais de diferentes segmentos da escola registram sua atuação respeitosa, competente e participativa.

Sempre estudiosa, traduzia textos em francês para serem discutidos com os professores. Ela buscava na literatura estrangeira possibilidades de práticas pedagógicas diferenciadas. Chegou a elaborar livros didáticos para serem aplicados na escola. Os filmes didáticos que eram exibidos na escola passavam primeiro por sua análise, para depois serem indicados aos professores.

Participa ativamente das atividades do Memorial direcionadas à organização da Casa Museu. Semanalmente, integra a equipe responsável pela seleção, higienização e catalogação de objetos pertencentes ao acervo. Coordena a organização das exposições temporárias e permanentes. Seus relatos de vida são fundamentais para a identificação de fotos, documentos textuais e objetos. Exerce, ainda nos dias de hoje, uma posição de liderança na escola, devido a sua reconhecida atuação como professora e coordenadora.

Como membro Comissão de Implantação do Memorial, desde o início, apoiou a iniciativa de constituição do Memorial Padre Carlos e, constantemente, é procurada pelos meios de comunicação da cidade para divulgação do trabalho realizado.

**Ethel Manucci.**

**Idade: 83 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Chefe de Oficina.**

**Entrevista realizada em 30/01/2004.**



*“Estudei no Colégio São Domingos. Sou professora formada no tempo do curso normal. Eu lecionei no colégio e depois na Escola Menino Jesus. Atuei também na rede municipal. Nessa época, o estado estava pagando melhor, Fiz o concurso e, aprovada, fui convidada pelo Padre Carlos para trabalhar na Escola Dom Bosco. Na época, o Ministério da Educação oferecia um curso no Rio de Janeiro para todos os professores do Brasil, que trabalhassem na área de artes industriais. Tudo isso aconteceu em 1961. Depois de completar o curso, vim para a escola. Eu passei a trabalhar com os meninos do ginásio. Trabalhava com metais, fazíamos coisas incríveis”.*

Dona Ethel Manucci aposentou-se na EDB. Professora da área de artes industriais trouxe para as oficinas artesanais técnicas modernas na produção de objetos, utilizando metais. As oficinas promovidas por ela foram muito concorridas e procuradas pelos alunos. Trabalhou sempre em sintonia com os professores de sala de aula, participando ativamente das reuniões pedagógicas organizadas pela direção da escola.

Membro da Comissão de Implantação do Memorial, semanalmente, contribui com a organização da Casa Museu. Todas as vitrines utilizadas nas exposições passam por sua análise e verificação. Cuidadosamente, responsabiliza-se pela disposição das peças, roupas, objetos e documentos a serem expostos.

**Maria José Oliveira.**

**Idade: 55 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Ex- aluna e filha de ex-funcionário.**



**Entrevista realizada em 07/08/2004.**

*“Eu durante a infância morei muito perto da escola. Éramos sete filhos, sendo que todos passaram pela Escola Dom Bosco. Um dos meus irmãos veio a falecer e minha mãe procurou trabalho na escola no setor de serviços gerais. Aposentou-se, aqui, na escola. Então, posso dizer que a escola foi um marco na vida da família. Porque a ligação da gente com a escola era assim, muito próxima, a escola era assim, como a nossa casa. Eu tenho que falar isso, porque a gente sentia-se muito à vontade aqui na escola. Os professores, os diretores tratavam-nos muito bem e nunca sentimos diferença de tratamento por pertencermos a uma família de negros. Isso foi muito marcante, além da proporcionar também lazer e atividades culturais. Sempre foi um ambiente agradável. Lembro-me da beleza dos jardins com papoulas, papoulas lindas que rodeavam os prédios. Fazíamos teatro com apresentações para o público da cidade. Participei de uma peça chamada “O consertador de brinquedos” que foi exibida no Pálace Casino. Dona Yeda Tarquínio foi nossa professora de teatro”.*

Maria José Oliveira iniciou suas atividades da EDB, em 1959, pertencendo às primeiras turmas de mulheres. Guardou muitos documentos e moldes de bordados de seu tempo como aluna, fazendo doações interessantes ao Memorial.

Todos os irmãos estudaram na EDB pela proximidade de sua casa, como também por ser uma escola gratuita e profissionalizante. Visitava a biblioteca com frequência e cursou datilografia. Lembra-se com entusiasmo das projeções de filmes por Padre Carlos. Chegou a produzir bonecas e fantoches nas oficinas artesanais. Aprendeu bordado e tear. Sentia muito orgulho em desfilar pela escola na comemoração do Dia Sete de Setembro.

Cursou Pedagogia, sendo aprovada em concurso para a docência na rede pública municipal. Foi professora da zona rural, no início de sua carreira docente. Transferida para a Secretaria da Educação, atuou na Divisão de Cultura. Atribui a escolha pelo magistério ao bom relacionamento com as professoras da escola, durante sua trajetória como aluna da EDB.

No início da década de 1990, exerceu a função de Secretária da Educação da Prefeitura Municipal. Atualmente, ainda trabalha nessa secretaria, sendo muito presente nas atividades desenvolvidas pelo Memorial.

**Maria Terezinha Oliveira Nogueira.**

**Idade: 71 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Viúva.**

**Função exercida na escola: Professora e Coordenadora.**

**Entrevista realizada em 06/08/2004.**



*“Eu, praticamente, com quinze anos, já estava trabalhando em uma escola na cidade de Andradas- Minas Gerais. Tinha feito o curso de Secretariado, depois fiz Magistério. Atuei por alguns anos como professora do estado e pedi transferência para Poços. Foi quando cheguei na Escola Dom Bosco. E eu, a princípio, fiquei como aquela professora que chamava ‘ socorro’. Eu auxiliava os meninos que estavam ‘fracos’. Funcionava como uma espécie de recuperação. Trabalhei um tempo como coordenadora do curso primário também. Cursei Pedagogia. Durante algum tempo fui professora catequista”.*

Dona Terezinha pelo menos uma vez por semana está presente no Memorial, auxiliando o projeto de organização da Casa Museu. Juntamente com outras professoras, compõe o quadro de aposentadas que trabalham sistematicamente na catalogação e divulgação do acervo documental da EDB.

Exerce uma tarefa muito interessante pois, cuidadosamente, borda as etiquetas que identificam os paramentos de Padre Carlos. Exímia bordadeira trouxe para as oficinas do Memorial essa prática tão comum exercida pelas mulheres mineiras.

Em relação ao Memorial, compreende que sua participação faz parte de uma pequena retribuição dada à importância que a escola teve em sua vida passada.

*“Estar no Memorial não nos custa nada. A escola fez tanto para a gente, agora seria o momento de fazermos algo por ela”.*

**Ana Maria Cavallaro Cruz.**

**Idade: 58 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Casada.**

**Função exercida na escola: Auxiliar de Biblioteca.**

**Entrevista realizada em 28/06/2006.**



*“Quando mudei para Poços de Caldas, pois sou nascida na cidade de São Paulo, trouxe meus três filhos para estudarem na Escola Dom Bosco. Isso aconteceu em 1993. Na verdade não conhecia nada, sabia que os meninos de quinta a oitava série podiam ficar período integral na escola. Isso me interessava porque eu sempre trabalhei. Também todos diziam que era ótima a escola, então foi a minha escolha. Eu precisava arrumar um emprego, não conhecia pessoas que pudessem me ajudar. Quando trazia as crianças à escola, me encontrava com o diretor - Padre Carlos- sempre muito sério. Mas, um dia tomei coragem e pedi trabalho a ele. Ele ouviu-me e fui contratada para ser inspetora de alunos, apesar de ser formada em biologia. Acompanhava os meninos na hora do almoço”.*

Ana Maria travou uma relação muito interessante com Padre Carlos. Conversavam, diariamente, na hora do almoço. E ele, como um ótimo contador de histórias, foi relatando a ela fatos interessantes sobre a fundação da escola. Aos poucos, Ana foi conhecendo o acervo de fotografias que a encantou. Muito comovida com a história da escola, questionava-o sobre diferentes assuntos. E, paulatinamente, entrou em contato com arquivos textuais que eram produzidos pelo Padre. Chegou a organizar exposições fotográficas, que registravam diferentes fases da organização da escola por ocasião da comemoração dos cinquenta anos da sua fundação. Passou a ser uma entusiasta para a divulgação da importância da EDB para o cenário educacional de Poços de Caldas.

*“Eu sentia que faltava um reconhecimento pela importância desse projeto. Como vim de uma cidade maior, estava acostumada com grandes escolas, mas nenhuma com a grandeza e o valor dessa escola, que teve um envolvimento tão preciso dos seus fundadores. Tive a certeza que Poços de Caldas deveria valorizá-la melhor. Padre Carlos sempre muito simples, não se dedicava a grandes comemorações. Eu fiquei muito empenhada na organização dos documentos históricos, mas não sabia ao certo como fazer isso. Eu comecei a me interessar, a valorizar e achar que tudo isso deveria vir a conhecimento, que a cidade tinha que dar valor, porque uma obra dessa não nasce assim em qualquer cidade, nem em qualquer hora”.*

Por ocasião da minha pesquisa de mestrado, fui informada sobre o trabalho que Ana desenvolvia nessa instituição. Ela passou a ser referência sobre o acervo que registrava a história

da escola. Pude contar com ela durante todo o projeto investigativo. Ela apontava-me as fontes históricas.

*“Eu já tinha uma certa intimidade com Padre Carlos, já podia entrar e sair do seu escritório, conversar com ele a hora que eu quisesse. Em 1998, Lilian apareceu com sua pesquisa de mestrado e fui indicada para auxiliá-la. A diretora da escola solicitou-me para assessorar essa pesquisa. Nessas alturas eu já estava trabalhando na biblioteca da escola. Eu também tinha muita preocupação, porque o Padre sempre me pedia documentos e livros, ele tinha uma ótima memória”.*

Com o falecimento de Padre Carlos, Ana auxiliou todo o processo de formação da Comissão de Implantação do Memorial, sendo a funcionária responsável por esse projeto. Atualmente, ocupa a função de coordenadora do Memorial. Sob a orientação dos especialistas do CMU é responsável pela modernização da biblioteca da escola como também pela organização da biblioteca do Memorial. Ela elabora os projetos para a aprovação da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, como também consegue os apoios de empresários que patrocinam o projeto.

**Nome: Arnaldo Giachetta**

**Idade: 50 anos.**

**Nível de Escolarização: Ensino Médio.**

**Estado Civil: Casado.**

**Função exercida na escola: Professora e Coordenador.**

**Entrevista realizada em 24/06/2006**



*“Nossa LÍlian, minha trajetória começou lá pelos idos de mil novecentos e sessenta e nove. Eu morava na fazenda dos meus avós e quando apareceu a oportunidade para estudar aqui e vir para Poços de Caldas, minha avó Hortência falou para mim assim:  
-Você vai estudar no Padre Carlos”.*

Cursou o ginásio e o curso técnico de Eletrotécnica na EDB. Ele atribui suas conquistas atuais ao estudo que realizou nos cursos profissionalizantes. Formou-se em 1979, em uma das primeiras turmas do Curso de Eletrotécnica. A empresa Alcoa S/A apoiou financeiramente a montagem desse curso, possibilitando aos alunos estágios, durante o período de formação, muitos deles contratados como funcionários efetivos, como no caso de Arnaldo.

Em 1995, retornou à EDB como professor dos cursos técnicos. Atualmente, exerce a função de coordenador do Curso de Eletrotécnica. Considera relevante a integração existente entre os professores dos cursos profissionalizantes, proporcionando aos alunos aprovações em concursos nacionais.

*“O curso de Eletrotécnica, hoje, conta com o apoio de outros cursos. Nós não vivemos sozinhos, precisamos dos cursos de Mecânica, de Microinformática, de Enfermagem. Temos alunos que são aprovados em concursos nacionais, como a Petrobrás, por exemplo. Alunos que logo após suas saídas foram fazer o teste na cidade de Campinas e foram aprovados. Isso deixa-nos motivados e emocionados”.*

Ainda como estudante da EDB recorda-se da proximidade de Padre Carlos com os alunos ressaltando o carisma dele e sua participação em atividades esportivas:

*“Ah, o Padre era participante. Na minha época de estudante, ele participava até com jogo de futebol com a gente. Quando tinha que pegar na orelha e levar lá na mesa dele e sentar, ele levava, corrigia-nos. E achávamos falta quando, às vezes, ele faltava por dois ou três dia. No recreio ele conversava com aquela voz imponente.  
A gente achava aquela falta do Padre:*

*-O Padre não veio hoje. Quando que ele vai vir?*

Com a morte de Padre Carlos, relata-nos que houve uma grande mobilização para que o trabalho dele não fosse esquecido.

*“Naquela madrugada quando soubemos de sua morte, houve uma grande comoção. Foi uma voz geral:*

*-Nós temos que continuar isso.*

*Parece que ele deixou a sua força com a gente aqui, desde o funcionário até a diretoria da escola. Pois a Maria José luta conosco e parece que a escola continua com o mesmo objetivo que ele tanto tempo preparou. Queríamos que a escola continuasse desse jeito. Eu acho que o susto daquela madrugada acabou dando uma força, temos que continuar”.*

Arnaldo esteve presente nas reuniões para organização do Memorial, desde o princípio. Alega que o trabalho de pesquisa realizado em vistas da minha dissertação de mestrado contribuiu para a primeira mobilização da comunidade. Atualmente, participa das atividades referentes à organização e sistematização dos objetos pertencentes ao acervo do Memorial.

*“Olha LÍlian, nós começamos a pensar na importância do trabalho para a conservação da história da escola a partir daquela pesquisa que você realizou na faculdade. Quando você nos exibiu as entrevistas começamos a fazer ligações. Foi como um despertar que alguma coisa tinha que ser feita para manter essa memória viva. Quando surgiu a oportunidade de participar desse Memorial, eu fiquei muito emocionado. A minha participação no Memorial concentra-se em fotografar os objetos para incluí-los nas fichas catalográficas. Aprendemos muito com o pessoal de Campinas. Como professor e coordenador do Curso de Eletrotécnica às vezes eu desenvolvo junto aos alunos a confecção de alguns instrumentos que são utilizados na conservação de papéis. Então eu tenho que trabalhar muito para ver se faço pelo menos uma pequena parte do que a escola fez para mim. Meus irmãos passaram por aqui, meu filho também estudou na escola e hoje está fazendo engenharia. Então o que eu tenho hoje devo à Escola Profissional Dom Bosco” .*

**Dona Yeda Tarquínio Bertozzi.**

**Idade: 78 anos**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Viúva.**

**Função exercida na escola: Assistente Social.**

**Entrevista realizada dia 26/01/2004.**



Formou-se em magistério em 1946, com dezesseis anos de idade. Logo depois foi nomeada pela Prefeitura para exercer suas atividades na Escola Santa Teresinha, dirigida por Padre Carlos, nesta época. Os alunos “Caras Sujas” estudavam nesta escola no período noturno, pois durante o dia frequentavam as oficinas artesanais.

Dona Yeda lembra-se muito bem das sessões de cinema que exibiam às crianças. Contou-nos que a maior diversão dos meninos era uma máquina cinematográfica adquirida pelo Padre Carlos.

Em 1952, em Belo Horizonte, cursou a faculdade de Serviço Social. Como assistente social, retornou às atividades na Escola Dom Bosco. Convidada a coordenar a unidade do SESC (Serviço Social do Comércio), em princípio conciliou os dois trabalhos. Relatou-nos que foi na unidade de Poços de Caldas que o SESC iniciou as atividades voltadas aos idosos. Aposentou-se como diretora do SESC.

No exercício das funções como assistente social na EDB apresentou um plano de trabalho ao Padre Carlos em que discutia o rodízio entre as oficinas para que o aluno pudesse escolher em qual se identificava.

*“Aqui estão algumas das principais idéias do plano que entreguei ao Padre Carlos: ‘Junto aos alunos do setor profissional, deve ser realizada entrevista inicial para esclarecimento da finalidade da escola, do mecanismo de encaminhamento ao rodízio’. Eu achava que os alunos tinham que passar por um rodízio que seria seguido pela assistente social. Para acompanhar o aproveitamento de cada um, o ajustamento deles numa determinada oficina, depois ele passaria para outra e tal, até chegar a uma conclusão em qual oficina ele gostaria ficar”.*

Ajudou a organizar a biblioteca, como também fundou um consultório médico e uma pequena farmácia no interior da escola, além de auxiliar nas produções teatrais.

Foi convidada pela Dona Olga Monteiro para participar do Memorial Padre Carlos, em que, semanalmente, contribui com a organização da Casa Museu. Está sempre presente no planejamento e execução das exposições temporárias e permanentes.

*“Eu fiquei sabendo através da Olga que ia acontecer esse Memorial. Recebi o convite para estar aqui com vocês . Então, eu me senti muito bem, gostei demais. Fiquei muito satisfeita mesmo, porque logo que perdi o meu marido, fiquei meio arredia a tudo. Eu sempre gostei muito de estudar, assistir a palestras. Com o meu problema de audição fui me afastando das pessoas. Então, quando fui chamada para esse Memorial, para ajudar, eu achei muito bom. Então eu fiquei muito feliz assim, gostei demais, e enquanto eu puder ajudar estarei por aqui. Foi uma coisa que veio assim na hora que eu estava precisando ter uma atividade além de cuidar dos netos, das atividades em casa. Eu nunca pensei que dessa forma voltaria às minhas raízes, que foi a Escola Profissional Dom Bosco”.*

**Elizabeth Garcia Russo.**

**Idade: 46 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Casada.**

**Função exercida na escola: Ex-aluna e Ex-funcionária.**

**Entrevista realizada em 27/07/2006.**



Formada no Curso de Eletrotécnica foi contratada pela Alcoa S/A e, atualmente, ocupa o cargo de diretora de Relações Públicas dessa empresa. Valoriza o trabalho realizado pelos fundadores da escola, atribuindo-lhes a responsabilidade por sua formação pessoal e profissional.

*“Na verdade atuaram até como pai e mãe para mim também. Eu tinha minha família, mas eles fizeram parte da minha história por todo ensinamento que eles tinham, foram pessoas muito sábias e muito ricas. Então para mim foi um grande privilégio conviver com os dois. Minhas lembranças são as melhores possíveis, desde que eu era criança até a minha juventude: seus conselhos e seus ensinamentos. O Padre Carlos fez o meu casamento. Então muita coisa vem na memória quando se fala deles. Para mim são referências de vida e de toda a minha trajetória”.*

Como funcionária da Alcoa S/A, enfatiza as parcerias diversas com a Escola Dom Bosco a partir de projetos comunitários, principalmente projetos voltados para os cursos técnicos: Eletrotécnica, Mecânica e Informática. Reconhece a importância dos cursos profissionalizantes para a formação de mão de obra especializada para as empresas de Poços de Caldas.

*“Esses projetos conseguem oferecer um ensinamento diferenciado aos alunos, com a aquisição de novos equipamentos, com a competência dos professores aliada a toda a modernidade. Os profissionais saem daqui prontos para o mercado de trabalho. Então esse é um diferencial muito importante para nossa comunidade. É muito bom a Alcoa poder contribuir com esses projetos. Na verdade eu acredito que a Escola Dom Bosco oferece um presente para todas as empresas de Poços de Caldas: um presente de pessoas capacitadas para as suas atividades”.*

A partir do reconhecimento quanto à importância da EDB para o cenário municipal tem contribuído, desde o início, como grande colaboradora e incentivadora do Memorial. Sua participação como membro da Comissão de Implantação possibilitou-nos a conquista do apoio financeiro da Alcoa S/A.

**Everaldo Rodrigues Ferreira.**

**Idade: 35 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Casado.**

**Função exercida na escola: Professor.**



**Entrevista realizada em 24/06/2006.**

*“Eu sempre tive muita vontade de trabalhar na Escola Dom Bosco, porque eu achava que a escola era diferente das outras. Eu via a saída dos meninos, a organização da escola e como professor eu achava que seria interessante trabalhar aqui. Quando fui chamado, senti uma alegria muito grande. A vinda para Escola Dom Bosco transformou a minha vida em todos os aspectos: profissionalmente, pessoalmente. Tive que me dedicar exclusivamente ao magistério. Foi a melhor coisa que fiz na minha vida. A proposta pedagógica da escola é diferente. Existe respeito pelo trabalho do professor, a escola te apóia nas suas iniciativas. Você pode produzir, você pode trabalhar. Então estou aqui desde 1997, já vai fazer dez anos que eu estou aqui. Posso dizer com certeza que são profissionalmente os melhores dez anos da minha vida. Sou professor de Língua Portuguesa e Literatura. Eu trabalho com o Ensino Fundamental e Ensino Médio” .*

Everaldo tem desenvolvido projetos junto ao Memorial com seus alunos, Participou das atividades desenvolvidas pelos especialistas do CM Unicamp e acompanha com preocupação os novos rumos que a escola tomou com a morte de seus fundadores. Tem se mostrado sempre favorável às propostas do Memorial.

*“Considero a idéia de organização do Memorial muito bem vinda. Precisamos disso para que as coisas não se percam com o tempo. Todas as vezes que eu venho aqui eu descubro coisas novas, novas entre aspas, novas pra mim, mas coisas que estão sendo preservadas. Eu tive a oportunidade de vir com os meus alunos da oitava série para desenvolver um trabalho com eles e quanta coisa descobrimos juntos! Ao pensarem sobre como era a escola antigamente puderam fazer um paralelo com os dias atuais. Quanto material rico nós temos aqui dentro, não pode se perder, tem que preservar realmente. Isso é muito importante porque é a vida da Escola Dom Bosco que está aqui dentro e isso não pode se perder. Daqui a cem anos a cem anos, os meus netos vão chegar aqui e dizer:*

*-Nossa, o vovô fez parte dessa história.*

*Isso é muito bom! A presença do Padre ainda é muito forte na escola. A partir do momento do falecimento dele acho que criou-se um laço aqui na escola de querer preservar esse trabalho dele, de não deixar esse trabalho morrer”.*

**Nome: João Augusto Gentilini.**

**Idade: 59 anos.**

**Nível de Escolarização: Doutorado.**

**Estado Civil: Casado.**

**Função exercida na escola: Ex – Professor.**

**Entrevista realizada em 28/05/2006.**



*“Eu comecei a lecionar na Escola Dom Bosco em 1975, quando a escola estava tentando se adequar à reforma de ensino de mil novecentos e setenta e um. Com a obrigatoriedade do ensino profissionalizante foram criadas várias disciplinas devido à formação geral do aluno e a escola precisou de professores. Então, ela começou a funcionar com sistema de professores contratados e eu fui um dos contratados nessa época. Assumi algumas disciplinas obrigatórias do então primeiro grau, como Organização Social e Política do Brasil, Educação Moral e Cívica, História e Geografia. Então eu fiquei praticamente circulando nessas quatro disciplinas durante um bom tempo. Em 1979, ocorreu uma grande greve do magistério mineiro, e com esse movimento eu fui efetivado e me transformei em professor efetivo do estado, mas adjunto à Escola Dom Bosco. Embora fôssemos pagos pelo estado, passávamos o tempo todo envolvidos com as atividades pedagógicas aqui na escola. Assumi nesse período entre 1979 a 1982 a coordenação do Curso Técnico noturno a convite do Padre Carlos. Quando houve o rompimento do convênio do estado com a escola, nós tivemos que procurar outras alternativas. Quando o Padre Carlos conseguiu recuperar o convênio com número reduzido de professores adjuntos, eu voltei com o maior prazer. Voltei, lecionei mais algum tempo e tive que me afastar por atividades públicas aqui em Poços. Depois veio o mestrado e o doutorado na Unicamp, isso foi de certa forma colocando alguns obstáculos para que eu tivesse tempo integral na escola, até que em 1994 eu me desliguei completamente da escola”.*

João Augusto enfatiza a importância do projeto pedagógico da escola que articulava os cursos técnicos com os cursos de formação geral.

*“Eles (os alunos) iam percebendo que, primeiro, não estavam estudando à toa. Não estavam estudando apenas para terem um diploma, estavam estudando em direção a alguma coisa. Estavam se entregando de certa forma a uma sociedade como cidadãos produtivos. Percebiam que poderiam oferecer algo à sociedade e se mostravam úteis e, portanto, não eram apenas alunos ‘pegos’ por aí ou que estavam abandonados. Isso para mim era fascinante. Eu estava ali constantemente ajudando, trocando idéias com os professores. E essa articulação entre nós, que éramos chamados professores do estado adjuntos na escola com aqueles professores que não tiveram a mesma trajetória que a gente e que haviam aprendido também com o padre em determinadas horas e, de repente, se transformaram em professores. Para mim*

*era demais, era uma coisa fantástica, não precisava passar por uma faculdade para atuar e transmitir conhecimento e ensinar os alunos. O Padre teve a sabedoria de aproveitar o saber explícito nesses professores que trabalhavam nas oficinas e fazer a transmissão e vincular conosco que tínhamos alguma base teórica um pouco mais sistematizada. Essa articulação para mim também era uma coisa fantástica. Eu achava que a proposta era diferenciada das demais. Se era fundamentada em uma filosofia salesiana com a profissionalização, pode ser que de maneira muito distante. O Padre tinha uma preocupação de formação, de elevá-los na condição de cidadãos, de saber os seus direitos, suas obrigações com a sociedade”.*

Atualmente, é docente da Universidade do Estado de São Paulo e analisa a função do Memorial a partir dos seguintes aspectos:

*“Vejo que o trabalho desenvolvido pelos especialistas da Unicamp apresenta-se dentro de um rigor histórico. O projeto busca a recuperação da trajetória da escola enquanto não apenas uma organização social, mas enquanto uma instituição que representa um seguimento vinculado à classe trabalhadora e não à elite. A escola tem um pedaço desse pessoal aqui dentro. Então do ponto de vista histórico o que está sendo feito aqui é mostrar agora explicitamente, documentadamente o que acontecia, e que muitas vezes os próprios dirigentes da escola não tinham consciência do que estava acontecendo. Eles não estavam percebendo a força do que estava acontecendo aqui dentro, a importância que essa escola tinha para esse seguimento. Então acho que esse trabalho de analisar historicamente é fundamental para esse período ficar bem compreendido”.*

**Maria Aparecida Tavares.**

**Idade: 48 anos.**

**Nível de Escolarização: Ensino Médio.**

**Estado Civil: Casada.**

**Função exercida na escola: Secretária Geral.**



**Entrevista realizada em 29/05/2006.**

*“Eu trabalho na escola há muito tempo. Fui aluna e, atualmente, sou secretária da escola. Quando iniciou o projeto do Memorial, eu fui convidada a participar integrando a equipe de documentos textuais. Trata-se de um trabalho que já vem sendo feito há algum tempo”.*

Maria Aparecida foi estudante da escola. Alega que Padre Carlos sempre foi uma pessoa muito acessível e guarda fortes lembranças das conversas que tinha com ele:

*“Cada conversa com o Padre era uma aula que a gente tinha. Sempre conversávamos e várias vezes para ilustrar o assunto ele consultava seus arquivos. Ele tinha tudo anotado. O Padre era uma pessoa alegre, uma pessoa brincalhona, sempre gostava muito de brincar com a gente”.*

A Secretaria da Escola sempre muito bem organizada arquivou documentos de alunos desde os tempos de 1946. Maria Aparecida, como estudante e depois como funcionária participou desse processo de guarda e conservação de documentos. Atualmente, no Memorial desempenha funções no arquivo textual, sendo uma funcionária que desde o início do trabalho esteve presente, participando do processo de seleção e arquivamento dos documentos textuais.

Seus filhos são alunos da EDB como também foram seus irmãos e parentes próximos.

Seu relacionamento com a fundadora da escola, Dona Maria, permitiu-lhe compreender a tendência artística dessa professora que deixou um acervo interessante de desenhos, moldes, partituras e instrumentos musicais. Relatou-nos como Dona Maria conduzia as atividades com os alunos a partir de aulas de artesanato, canto coral e pintura.

Atualmente, como responsável pelo setor de arquivamento dos documentos textuais do Memorial organiza exposições temporárias nas dependências da própria escola em que pais, alunos, professores, funcionários e membros da comunidade escolar e local podem apreciar documentos e conhecer melhor a história dessa instituição escolar.

Os conteúdos e procedimentos de arquivamento discutidos nas oficinas com a orientação dos especialistas da Unicamp têm permitido que os documentos da secretaria da escola sejam organizados a partir de critérios atuais da política de arquivos textuais.

**Roberto Tereziano.**

**Idade: 53 anos.**

**Nível de Escolarização: Ensino Médio.**

**Estado Civil: Solteiro.**

**Função exercida na escola: Morador da Comunidade.**

**Entrevista realizada em 08/12/2006.**



Maria José de Souza e  
Roberto Tereziano

Roberto Tereziano, hoje, representa para Poços uma referência na área da memória. Muito atento e apaixonado pela história de Poços de Caldas, possui um arquivo iconográfico raro que sempre é solicitado por pesquisadores de diferentes níveis. É muito comum as pessoas de dentro e de fora da cidade o procurarem para obter informações sobre a história da região. Recebe doações de vários indivíduos que lhe atribuem a função de guardião da memória.

Teve uma infância e adolescência muito difíceis devido às condições de existência de sua família. Um dos irmãos foi aluno da Escola Dom Bosco, devido ao convênio realizado com a FEBEM. Desde o início das atividades de recuperação da história dessa instituição escolar, fez parte da Comissão de Implantação do Memorial. Amante de cinema conseguiu auxiliar-nos na recuperação de filmes e de projetores que produzidos e adquiridos pelo Padre deixaram registradas as histórias da EDB.

Profissional da área da comunicação foi colaborador da TV Poços, durante muitos anos. Exerceu atividades como jornalista, apesar da não formação acadêmica, ocasião de ter vivenciado com Padre Carlos experiências que lhe permitiram tecer críticas favoráveis à atuação dele como sacerdote e como educador.

Sua relação com Padre Carlos sempre foi amistosa, pois periodicamente era chamado à escola para resolver alguns assuntos ligados ao uso de equipamentos cinematográficos. Como morava em uma rua próxima à EDB acompanhou de perto o crescimento da escola. Padre Carlos chegou muitas vezes a emprestar salas para o ensaio de peças de teatro que Roberto participava, sendo que se tornou um artista amador reconhecido na cidade.

*“Em primeiro lugar, eu cresci durante um bom período de minha vida quase que encostado na Escola Dom Bosco, embora nunca tenha sido aluno. O meu irmão mais velho, sim, foi aluno da Escola Dom Bosco. Então quando ele chegava em casa levando pedacinhos de madeira, conhecíamos os produtos artesanais que havia feito. Nós começamos então a alimentar essa semente de carinho pela Escola. Depois eu fui me ligar às artes gráficas, ao jornalismo e tudo mais, e aí começou uma troca. Percebi realmente o que a Escola Dom Bosco representava*

*para Poços de Caldas. Eu cheguei a desenvolver um grupo de teatro aqui dentro da Escola, usando o espaço da Escola. Conversava muito com o padre sobre cinema que também era a minha área. Estive sempre muito próximo da Escola Dom Bosco, e muito próximo do pensamento do Padre Carlos, porque eu sempre digo: eu só acredito hoje numa revolução que chama educação.”*

Participante de diversos movimentos favoráveis à luta da classe operária mostrou-se favorável às propostas educacionais da EDB direcionadas a uma parcela dos negros de Poços de Caldas. Compreende que as posturas políticas de Padre Carlos foram direcionadas à formação de grande parte dos trabalhadores da cidade, não se colocando favorável às questões político-partidárias.

*“Eu penso que não era a preocupação predominante do Padre a questão partidária. O trabalho que a escola desenvolveu foi o de aguçar o senso crítico das pessoas, essas pessoas poderiam optar por um lado ou outro, ela tinha o senso crítico aguçado para as questões sociais, para as questões de saber avaliar a realidade do país, mas a tendência, no meu ponto de vista, seria de cada um”.*

**Roselene Aparecida Rosa Pereira.**

**Idade: 39 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Casada.**

**Função exercida na escola: Professora e Coordenadora.**

**Entrevista realizada em 24/06/2006.**



Roselene atualmente exerce a função de coordenadora da Educação Infantil. Foi contratada por Dona Maria Figueiredo. Sempre atuante em movimentos sindicais em alguns momentos entrou em conflito com Padre Carlos. Alega que o diferencial da escola está no preparo do corpo docente que a todo o momento procura se atualizar.

*“Vou falar da área da Educação Infantil. Inicialmente, estudávamos todos os dias. Depois com a nova lei de diretrizes e Bases passamos a cumprir os duzentos dias letivos, Mas tivemos o cuidado de prever o dia de estudo. Estamos sempre refletindo sobre nossa prática. Isso me segura muito na escola”.*

Integra-se à equipe do projeto do Banco de História Oral participando desde o início das atividades do Memorial. Sempre se apresentou resistente às propostas dos salesianos, quando tenderam à elitização do ensino da EDB. Mostra-se muito atenta às questões políticas da escola. Em relação ao Memorial manteve-se presente em todas as fases de implantação.

*“Eu acho muito importante nisso tudo é que na verdade a escola não foi somente construída pelo padre Carlos e pela Dona Maria. Existiu uma grande grupo de pessoas responsáveis pelo crescimento da escola. Então o que o Memorial fez que eu achei muito bonito foi trazer pessoas que acreditaram no sonho. Houve uma recuperação dessas pessoas, inserindo-as nessa história. Considero que a missão do Memorial é fazer com que as pessoas se sintam que a escola tem uma história, mas que elas fizeram também parte. Eu acho que a missão do Memorial é isso, trazer a vida”.*

**Maria José de Souza.**  
**Idade: 68 anos.**  
**Nível de Escolarização: Mestrado.**  
**Estado Civil: Solteira.**  
**Função exercida na escola: Membro da Comunidade.**

**Entrevista realizada em 12/01/2007.**



Maria José de Souza entre membros da liderança cigana. Acervo Pessoal.

*“Minha conversa em relação ao Padre Carlos está mais ou menos ligada ao meu início de vida política em Poços de Caldas, em 1957. As autoridades se reuniam na Rádio Cultura toda quinta-feira para discutir a questão da juventude transviada. Podemos dizer que as autoridades ‘de luxo’ se reuniam e o Padre Carlos se incluía no rol das autoridades consideradas pessoas que formavam opinião e formação da juventude da nossa cidade.”*

Maria José de Souza, conhecida como Tita, exerce uma posição de liderança do movimento negro na cidade de Poços de Caldas. Socióloga e professora universitária, sempre militou em movimentos em defesa da raça negra e dos grupos populares. Nos tempos de sua juventude, quando atuava em movimentos estudantis, entrou em conflito com Padre Carlos, quando buscava a criação de uma unidade não religiosa. Apesar de algumas diferenças ideológicas com o fundador da escola reconhece o trabalho desenvolvido pela EDB como importante para as classes trabalhadoras da cidade.

*“Mesmo a recuperação da memória da escola poderá fornecer aos pesquisadores do futuro a possibilidade de conhecer uma das maiores escolas da cidade, uma escola que se iniciou em um bairro periférico”.*

## **David Benedito Ottoni.**

**Idade: 72 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Casado.**

**Função exercida na escola: Membro FAM.**

**Entrevista realizada em 10/06/2006.**



*“Sou engenheiro agrônomo. Formei-me em 1960, na Faculdade Luís de Queirós, em Piracicaba. Antes disso estudei no Colégio Marista em Poços de Caldas. Assisti ao período de formação da escola, ainda quando funcionava na Santa Casa antiga, quando o Padre Carlos era o capelão. O Padre Carlos sempre foi muito amigo do meu pai, que era David Benedito Ottoni, um engenheiro tradicional da cidade. Nasceu em Poços de Caldas e também foi prefeito de 1958 a 1962. Desde aquela época de criança, freqüentava demais a Santa Casa antiga porque meu tio foi o grande bem-feitor daquela época e um dos fundadores da Santa Casa. Então, ele era um amigo íntimo do Padre Carlos e isso nos trouxe uma amizade, vamos dizer daquelas que a gente guarda para sempre, que marca a personalidade. Nós íamos assistir à missa rezada por Padre Carlos. Eu admirava a personalidade do Padre Carlos, pois ele tinha uma visão que me agradava muito. Ele entendia que o estudo era a base de tudo, que a criança tinha que começar no primeiro degrau e se levantar a partir da instrução. Para você ver como era a minha ligação com o Padre Carlos e com a equipe dele, a Maria e todos mais, ele me convidou para fazer parte da direção da escola, isso há uns vinte anos. Eu aceitei a vice-presidência da Fundação e fiquei sempre como vice-presidente até a morte dele”.*

O Sr. David Benedito Ottoni participa ativamente da FAM, sendo um dos responsáveis pela sua manutenção, após o falecimento de Padre Carlos. Mostra-se favorável à continuidade das propostas originais da escola, valorizando a iniciativa do Memorial. Sugeriu que a FAM passe por um processo de renovação para que as futuras gerações sejam atuantes e possam dar prosseguimento ao trabalho realizado pelo Padre e Don Maria.

*“Eu te disse que o Padre Carlos é uma presença permanente e futura, quer dizer, ele é um exemplo e todo exemplo tem que ter Memorial. Eu acho que isso aí é uma base que vai sustentar permanentemente aquela vitalidade, que nós precisamos para escola. A Fundação precisa também estar presente. Tem que entrar mais jovens aqui dentro da Fundação, porque a gente vai ficando mais velho, nós nunca vamos deixar isso aqui, mas um dia nós vamos desaparecer. Então você precisa criar uma equipe. Toda boa empresa como deve ser a nossa Fundação, deve criar uma equipe permanente e essa equipe tem que se basear num Memorial desse tipo, pois nós temos no Padre Carlos, o exemplo e sua imagem tem que permanecer”.*

**Benedito Ramos Lemes.**

**Idade: 72 anos**

**Nível de Escolarização: 4ª série.**

**Estado Civil: Casado.**

**Função exercida na escola: Jardineiro.**

**Entrevista realizada em 26/01/2004**



Há mais de vinte anos, Sr. Benedito é responsável pelos jardins da EDB. Cuidadosamente, mantém a composição original do jardim da entrada do Memorial, antiga residência dos fundadores da escola. Ocupou também a função de porteiro, que lhe proporcionou o contato com diferentes alunos. Na ocasião de exposições temporárias no Memorial, é convocado para enfeitar os recintos com plantas, que ele mesmo cultivou. Sempre próximo de Padre Carlos e de Dona Maria traz histórias interessantes, que relatam fatos pitorescos sobre a escola.

*“Dona Maria sempre me pedia para plantar flores que lembrasse a uma fazenda. Ela me procurava e eu a atendia. Padre Carlos, pela manhã, vinha conversar comigo e admirar os pássaros, que sempre estavam por aqui. Eu cuido desse jardim, pois ele tem história. Foi Dona Maria que o idealizou”.*

**Renata Morais Pacheco.**

**Idade: 19 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior Incompleto.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Ex – Aluna e funcionária do Memorial.**

**Entrevista realizada em 21 /12/07.**



*“Nasci em Poços de Caldas. Meu pai é formado em contabilidade e minha mãe é professora. Minha irmã mais nova estuda na Escola Dom Bosco. Considero que minha vida escolar teve início em 1996, quando tinha oito anos de idade e entrei na Escola Dom Bosco na segunda série, pois a escola na qual estudei anteriormente não tinha o Padre Carlos para proporcionar alegria e carinho a todos. Quando terminei o ensino médio, uma nova etapa se iniciava em minha vida, fui chamada para trabalhar na escola. Foi um dos dias mais felizes, seria o meu primeiro emprego e ainda na escola que sempre estudei. Minha alegria foi maior ainda, quando soube que outras colegas também foram chamadas. Trabalharíamos e ganharíamos bolsa de estudos. Iniciar as atividades no Memorial Padre Carlos possibilitou-me conhecer a história marcante da escola que sempre estudei. Sou responsável pelo setor de objetos, que é chamado Casa Museu e trabalho com antigas professoras. Posso dizer que aprendo com elas coisas novas todos os dias. Esse trabalho também teve grande influência na minha escolha profissional, pois sempre gostei da área de educação e trabalhando no Memorial me encantei ainda mais. Tive a oportunidade de conhecer o rico material existente com os inúmeros cartazes de alfabetização utilizados nos diversos métodos de ensino. Hoje, curso Pedagogia”.*

**Mayara Gabrielle Ferreira.**

**Idade: 18 anos.**

**Nível de Escolarização: Ensino Médio.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Ex – Aluna e funcionária do Memorial.**



**Entrevista realizada em 18/12/2007.**

*“Tenho 18 anos. Nasci em Poços de Caldas Minas Gerais. Estudei na Escola Profissional Dom Bosco por aproximadamente doze anos. Comecei na educação Infantil e formei no terceiro ano do Ensino Médio, em 2007. No ano que passei para o Ensino Médio, a diretora, Maria José Barbosa, me chamou para trabalhar na Biblioteca e no Memorial. Aceitei o convite muito feliz, era o meu sonho de criança trabalhar na escola.*

*Agora, já faz três anos que entrei para o time como funcionária. Durante esses anos, aprendi a conviver com pessoas bem diferentes de mim. Fiz muitas amizades, que espero carregá-las por toda a minha vida e aprendi que fazendo a minha parte já estou ajudando as pessoas.*

*Agradeço a Deus todos os dias por ter colocado no meu caminho anjos como Pe. Carlos e Dona Maria, que um dia se preocuparam com as pessoas carentes. E, seguindo o exemplo desses anjos, espero um dia poder ajudar as pessoas da mesma forma, que fui ajudada. Espero poder abrir as portas de um mundo melhor a todos que precisarem.”*

**Andriely Aparecida Moraes.**

**Idade: 22 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Ex – Aluna e funcionária do Memorial.**



**Entrevista realizada em 18/12/2007.**

*“Nasci em 2 de agosto de 1985, em Poços de Caldas. Aos cinco anos de idade, ingressei na Educação Infantil na Escola Profissional Dom Bosco, onde pude conhecer duas pessoas inigualáveis: Monsenhor Carlos Henrique Neto e Maria Aparecida Figueiredo. Infelizmente, não tive muito contato com Dona Maria, pois ela veio a falecer dois anos após a minha entrada na escola. Porém, esses poucos momentos serviram para que em mim crescesse uma imensa admiração por seu trabalho.*

*Padre Carlos, um educador, um filósofo, um sábio. Era muito rigoroso e, às vezes, enérgico mas, ao mesmo tempo, muito carinhoso. O que sentíamos por ele, não era medo, era respeito e um grande carinho e gratidão.*

*A Escola Profissional Dom Bosco é extremamente importante na minha vida. Assim que me formei na oitava série, procurei a direção da Escola e coloquei-me à disposição, caso surgisse alguma vaga de emprego. No mesmo dia, recebi a notícia de que eu era a mais nova telefonista da Escola Profissional Dom Bosco.*

*Três anos se passaram e enfim, cheguei ao terceiro ano do Ensino Médio. Ainda hoje, lembro-me com emoção do meu último dia de aula que, em meio a lágrimas, deixei a Escola. Era costume que, ao completar o terceiro ano, as telefonistas dessem o lugar para outras alunas. E qual não foi minha surpresa, quando Maria José Barbosa, diretora da Escola, convidou-me para trabalhar no Memorial.*

*Hoje, já se completam quatro anos de trabalho. Sinto-me orgulhosa em poder participar da construção de um lugar de memórias e lembranças daqueles que tanto contribuíram para o cenário educacional em Poços de Caldas.*

*Para mim, o Memorial Padre Carlos tem uma importância muito grande para a história da educação poços-caldense, pois, desconheço qualquer outra instituição de ensino, que tenha o imenso acervo que possuímos.*

*O trabalho no Memorial proporcionou-me um crescimento pessoal e profissional muito grande. Aprendi muitas coisas aqui, e sei que tenho muito mais a aprender”.*

**Isabelle Christine.**

**Idade: 20 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior Incompleto.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Ex – Aluna e funcionária do Memorial.**



**Entrevista realizada em 18/12/2007.**

*“Nascida em 02 de dezembro de 1987, entrei na Escola Profissional Dom Bosco no ano de 1993, como aluna da Educação Infantil. Logo, passei para o Ensino Fundamental e mais tarde para o Ensino Médio. Nessa Escola cresci, fiz amizades, aprendi muitas coisas, coisas além dos conteúdos passados em sala de aula. Aprendizado que me permitiu o crescimento pessoal e profissional. Ainda no Ensino Médio, comecei a trabalhar na Escola, passando por vários setores variados, dentre eles, o Memorial. Esse foi e é mais uma experiência de suma importância, de aprendizado, crescimento que não fica somente no local de trabalho. O que aqui aprendo a cada dia, levo para minha vida lá fora. Transmito o que aprendo para quem está comigo e procuro sempre melhorar.*

*Assim, posso dizer que boa parte da base da minha vida foi construída na Escola, que me permitiu e me fez ser quem eu sou. A Escola sempre me deu boas oportunidades e hoje vejo o Memorial como um local de extrema importância e valor. A memória dos funcionários e toda sua obra deve se eternizar, aos fundadores sempre serei grata, pois graças a eles, hoje estou aqui”.*

**Laís Cássia Reis.**

**Idade: 20 anos.**

**Nível de Escolarização: Superior Incompleto.**

**Estado Civil: Solteira.**

**Função exercida na escola: Ex – Aluna e funcionária do Memorial.**

**Entrevista realizada em 18/12/2007.**



*“Tenho 20 anos e moro na cidade de Poços de Caldas com meus pais e duas irmãs. Meu pai sempre trabalhou em Empreiteiras de Construção Civil e minha mãe é cozinheira chefe de um restaurante da nossa cidade. A minha história com a Escola Dom Bosco começou bem cedo, antes mesmo de eu nascer. Meus tios estudaram na escola, quando meus avós se mudaram para a cidade.*

*Meus pais sempre quiseram que eu fosse aluna da Escola Dom Bosco. Primeiro porque moramos nas proximidades da Escola. Segundo e, principalmente, pela história e tradição da Escola e de seus fundadores, que sempre foram queridos e muito bem vistos pela população local. Tradição essa, que atualmente tentamos preservar com a construção do Projeto “Memorial Padre Carlos”, meu local de trabalho.*

*Meu trabalho no Memorial Padre Carlos começou meio de repente. A princípio, quando surgiu o convite da diretora Maria José Barbosa, eu não imaginava que tipo de função eu exerceria lá e fiquei assustada também, pois estava cursando o Ensino Médio e tinha medo de não conseguir conciliar trabalho e estudos. Entretanto, após a conversa com a Maria José, tudo se esclareceu. Pois, assim como o Padre fez com os “Caras Sujas” da sua época, a proposta dela não era de maneira alguma atrapalhar os estudos, muito pelo contrário, queria que eu e mais oito meninas fôssemos estagiárias desse projeto trabalhando quatro horas por dia e em troca teríamos a bolsa de estudos na Escola.*

*Essa notícia foi um orgulho para toda a minha família, porque a partir daí, eu seria uma “funcionária” da Escola Dom Bosc”.*

### *3. A vida na cidade: suas tramas e a educação profissionalizante.*

Ao referir-me ao ‘Memorial Padre Carlos’ como um lugar de memória, tornam-se pertinentes algumas considerações sobre a história que vem sendo delineada em um processo de conquistas e de lutas coletivas. Segundo Simson (2000), o ato de recuperar a memória de forma compartilhada é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre indivíduos – porque alicerçadas numa bagagem cultural comum e, talvez por isso, conduza à ação. A morte do fundador da Escola Dom Bosco trouxe muitas inquietações, dúvidas e incertezas. Diferentes segmentos da população local se manifestaram, indagando sobre o destino das propostas educacionais que, ao longo de sessenta anos, foram direcionadas às camadas populares, uma vez que uma nova congregação religiosa estaria presente nas atividades administrativas e pedagógicas – A Congregação dos Salesianos do Brasil.

Para dar prosseguimento às discussões acerca da organização de um Memorial Escolar, considero pertinente ressaltar o histórico da Escola Profissional Dom Bosco, como também o da Fundação de Assistência ao Menor, sua entidade mantenedora, para o entendimento e questionamentos sobre os projetos político-pedagógicos, configurados ao longo de sua trajetória.

Essa retrospectiva histórica tem como objetivo relacionar o ensino para a formação do trabalhador oferecido pela EDB com o cenário mineiro e nacional, na medida em que os vínculos e os apoios recebidos não podem ser considerados isoladamente. A fundação da escola, a construção de sua sede atual e a expansão dos cursos profissionalizantes coincidiram com um período que, segundo Mello (1998), representou para a economia brasileira um momento decisivo no processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, migrações internas e urbanização acirrada ocorridas nas décadas de quarenta a oitenta do século vinte.

Dentro desse contexto, cabem questionamentos sobre os termos que sustentaram os convênios e subsídios recebidos do setor privado e público, possibilitando o crescimento da escola, voltado para a oferta de novos cursos profissionalizantes com toda estrutura física, humana e instrumental necessária. Em que medida a escola atendeu aos interesses das camadas populares a partir das propostas de educação profissionalizante adotadas? Qual a relação da escola com setores da elite local, uma vez que recebeu ao longo de sua trajetória histórica apoios significativos que permitiram a consolidação de suas propostas profissionalizantes de educação?

Em quais moldes a escola estruturou os cursos de formação de trabalhadores diante do processo de industrialização que a cidade vivenciou? Como diferentes grupos pertencentes às camadas populares urbanas e rurais se integraram nas atividades escolares e nas oficinas profissionalizantes? Em quais contextos sociais, econômicos e políticos os cursos profissionalizantes se estruturaram ao longo dos sessenta anos de funcionamento da escola?

Afinal, em que medida a formação educacional profissionalizante pode trazer considerações significativas para o entendimento dos motivos que atualmente levam diferentes segmentos da comunidade local a apoiarem a organização de um memorial escolar para recuperação, preservação e divulgação da história da instituição?

São pertinentes as pesquisas que busquem registrar e recuperar fatos vividos em um tempo passado, para que estes possam elucidar, transformar ou mesmo confirmar hipóteses sobre dados da realidade presente, pois “(...) *o presente não é só contemporâneo, é também efeito de herança. E a memória de tal herança nos é necessária para compreender e agir hoje*” (CASTELL, 1998: p.23). Ora, como vimos, o projeto de implantação do Memorial Padre Carlos iniciou-se quase como consequência direta da pesquisa realizada para a conclusão da dissertação de mestrado<sup>16</sup> cujo tema concentrou-se na reconstrução histórica de uma instituição escolar, fundada na década de quarenta do século XX, para atender crianças que procuravam seu sustento nas ruas de Poços de Caldas<sup>17</sup>.

Procurou-se investigar na pesquisa quais as concepções político-pedagógicas direcionadas para crianças em situação de rua<sup>18</sup>, visando a uma proposta profissionalizante de ensino baseada nos pressupostos filosóficos de Dom Bosco. Vale ressaltar que a disponibilização do acervo documental, consequente da organização do Memorial, a partir de 2003, pôde contribuir para que diferentes interpretações das propostas educacionais profissionalizantes desenvolvidas pela escola fossem acrescidas às pesquisas anteriores.

Retroagindo ao cenário de Poços de Caldas/MG na década de quarenta do século passado, constatamos que ela representou um momento de profundas mudanças estruturais que a cidade

---

<sup>16</sup> Ver ALVISI (2001).

<sup>17</sup> Poços de Caldas, município situado ao sul do Estado de Minas Gerais, foi o palco das investigações.

<sup>18</sup> A expressão “em situação de rua” foi utilizada para abarcar a multiplicidade de condições quando se trata de crianças e jovens que buscam nas ruas recursos para sobrevivência. LEAL (2000: p.1) ressalta: “Em relação a estes jovens, não há como entender sua realidade e a construção de suas identidades sem conhecer as estratégias de sobrevivência que criam e manipulam, como sujeitos “em situação de rua”, situação esta articulada a um processo histórico de exclusão social, econômica, política das classes populares”.

enfrentou, tendo que se voltar prioritariamente para a industrialização, visto que, até então, sua organização econômica era baseada no turismo e na agropecuária. Durante os anos de 1911 a 1946, Poços de Caldas recebia um grande fluxo de turistas atraídos pelo valor medicinal de suas águas termais e pela intensificação dos jogos de azar, os quais representaram uma das suas mais importantes fontes de renda neste período.

Na era dos cassinos, vários setores tiveram um crescimento significativo, como o hoteleiro, o de laticínios, doces e vinhos, continuando o café a ser um dos mais importantes produtos da região. Grande parte da população da cidade tinha suas condições de sobrevivência asseguradas pelas atividades ligadas direta ou indiretamente ao turismo originado pelos cassinos<sup>19</sup>. Muitas famílias dependiam economicamente do turismo, que levava à cidade um grande fluxo de pessoas, incrementando o comércio local.

João do Rio (1992:47), na sua crônica “Santa Roleta. Confissões de Ponto” traduz as condições de algumas estâncias hidrominerais que, na primeira metade do século XX, estruturaram-se economicamente devido a atividades vinculadas aos cassinos.

*Há decerto uma misteriosa afinidade entre as roletas e as cidades de águas. Onde haja uma praia, uma fonte termal ou um jorro com propriedades minerais, podeis ter certeza de que há também roletas: e, quando um homem vos disser, apalpando o estômago ou consultando o crânio, a ver se ainda lhe restam cabelos: venho de fazer a minha cura! – afirmai com a convicção de uma absoluta verdade: que incorrigível roleteiro tenho diante dos olhos! Cidades de águas, - cidades de jogo, aqui, neste selvagíssimo Brasil, como na Alemanha, como na França, como em Portugal.*

*Parece que as fontes, outrora guardadas por ninfas e amadriadas, logo que a análise química lhes deu fatos de superioridade científica, correram os protetores pagãos e tomaram por padroeira a roleta. Porque as cidades d’água não vivem de curas, vivem do dinheiro que a roleta absorve dos curáveis – a roleta. Santa roleta, Nossa Senhora das águas aproveitáveis.*

As propagandas veiculadas pela imprensa sugeriam que em Poços de Caldas existia completa harmonia entre os habitantes, a administração pública e os turistas. Entretanto, escondiam o contraste atestado por João do Rio (1998:100) em suas crônicas, quando ressaltou que os doentes necessitados das águas terapêuticas constituíam um cenário à parte, juntamente

---

<sup>19</sup> A indústria do jogo de azar era significativa na cidade, havendo na época do fechamento um total de nove cassinos, inclusive uma filial do Cassino da Urca, da Cidade do Rio de Janeiro.

com uma significativa parcela da população da cidade que não freqüentava os salões de jogos, como também com uma parte da população infanto-juvenil que se encontrava em condições precárias de sobrevivência.<sup>20</sup> Nos termos de João do Rio “*Poços é uma cidade linda, de clima agradável e tudo mais. Mas pode ser definida como a cidade dos garotos – que ficam à espera da sopa dos hotéis – dos cavalos magros – os que puxam as charretes - e das crianças maltrapilhas- que aprendem o que não se deve com os turistas*”. Turistas e população local constituíam mundos diferentes que, apesar de interdependentes economicamente, configuravam-se em atividades estanques.

Os cassinos ofereciam diferentes possibilidades de trabalho aos moradores, como também proporcionavam uma vida cultural mais intensa na cidade, apesar de a participação da população local ser diversa dos hábitos dos turistas burgueses. O turismo influenciou a rotina da vida de muitas crianças, seja para participarem ativamente das recepções oferecidas aos visitantes, seja para esperarem dos turistas o reconhecimento por serviços prestados, ou ainda para exercerem algum outro tipo de trabalho.<sup>21</sup>

Com a proibição dos jogos no país, em 1946, e a efetivação do dispositivo legal do Código Penal que os classificava como contravenção, a cidade passou por uma abrupta e profunda transformação econômico-produtiva. A indústria, que, até então representava no contexto econômico uma atividade de pouca expressão, impelida pelo comércio desenvolvido com o turismo, pela expansão das comunicações rodoviárias e pelos investimentos vindos da produção agropecuária, começou a tomar vulto. O fluxo de visitantes sofreu uma queda repentina com o fim dos cassinos, mas, aos poucos, devido às condições naturais paisagísticas da região, o turismo foi adquirindo outras especificidades, continuando a configurar uma importante fonte de renda.

Nesse contexto municipal de mudanças, houve um agravamento das condições de vida das camadas populares, devido à escassa oferta de empregos, deflagrada com o fechamento das casas de jogos. O desemprego decorrente do término das atividades dos cassinos, somente veio agravar as contradições já existentes, pois a presença de subempregos definia o sustento de muitas famílias. As dificuldades da população, como dito anteriormente, contrapunham-se ao

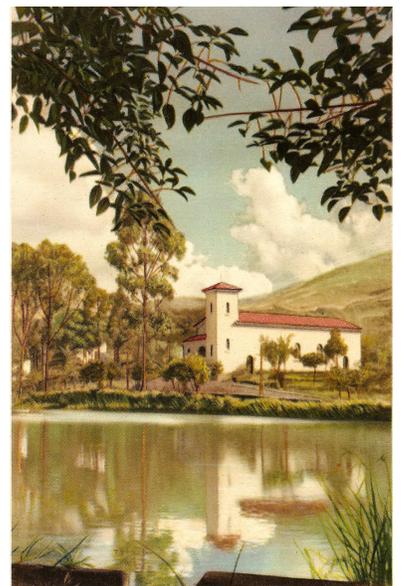
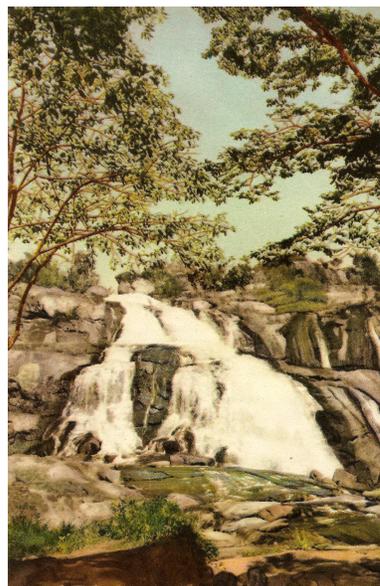
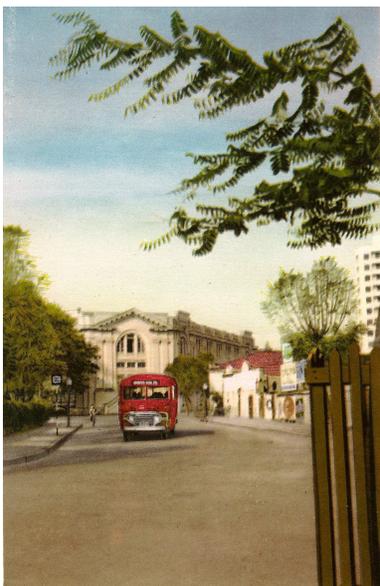
---

<sup>20</sup> A respeito deste momento histórico consultar: MARTINS (1971).

<sup>21</sup> Sobre esse assunto ver: ALVISI (1996).



À esquerda vê-se Thermas Antônio Carlos; Poços de Caldas. Década de 1950.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Cartões produzidos nas oficinas da EDB, da esquerda para direita: Thermas Antônio Carlos, Cascata das Antas e Condomínio Quisisana. Década de 1950.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



requite provocado pelo turismo de elite e às diferenças entre as classes sociais presentes na configuração social de Poços de Caldas.

Estes seriam alguns fatores que interferiram na necessidade de um número significativo de crianças buscar nas ruas recursos para sua sobrevivência e a de suas famílias.

A população rural, por sua vez, sofreu um processo de perda de postos de trabalho, devido às mudanças no cenário econômico nacional, rumo à industrialização. Assim, boa parte dela procurou na cidade possibilidades para melhores condições de vida, inclusive educação escolar para os filhos.

A situação dos trabalhadores rurais, muitas vezes precária, induzia a procura de melhores oportunidades na cidade, provocando o inchaço nas periferias urbanas e o aumento das dificuldades para a conquista de novos empregos. Mello (1998: 579) enfatiza que a vida na cidade passa a ser atraente por ser considerada uma forma superior de existência, acenando para um futuro e um progresso individual; ao passo que a vida do campo, ao contrário, repele e expulsa. Com a modernização selvagem da agricultura na década de 1960, a população rural é obrigada a procurar nas cidades melhores condições de vida.

*O pequeno proprietário, o posseiro e o parceiro miseráveis não serão somente vítimas das peripécias da natureza. Nem o assalariado permanente, do vai-e-vem da exportação do café, das oscilações da colheita do café devido à geada ou às pragas. Agora, milhões de homens, mulheres e crianças serão arrancados do campo, pelo trator, pelos implementos agrícolas sofisticados, pelos adubos e inseticidas, pela penetração do crédito, que deve ser honrado sob pena da perda da propriedade ou da posse.*

Segundo Mello (1998), o período compreendido entre 1950 a 1980 no Brasil configurou um deslocamento permanente da fronteira agrícola devido à criação de alguma infra-estrutura econômica e social nas cidades, que foram nascendo ou revivendo rumo à industrialização.

Poços de Caldas, por volta das décadas iniciais do século XX, já mostrava inclinação para a industrialização, e foi o pioneirismo de alguns imigrantes (italianos, espanhóis, portugueses e alemães), que se dedicaram às atividades horti-frutíferas, que muito contribuiu para dar expressão

à indústria de doces, de compotas e de massas.<sup>22</sup> A construção da Usina das Antas, em 1928, pela Cia Sul Mineira de Eletricidade, deu à cidade maior conforto residencial, e as pequenas indústrias puderam programar sua expansão, contando com abundante suprimento de energia elétrica.

Com o fechamento dos cassinos, a exploração das riquezas minerais e a produção industrial passaram a constituir alternativas para o crescimento econômico da cidade. Em 1952, com a identificação da presença de urânio no minério de zircônio, houve interesse de exploração pelo governo federal. Poços de Caldas, então, associou ao turismo, propiciado por suas belezas naturais, o desenvolvimento de um parque industrial. *“É interessante observar a transformação por que foi passando a cidade com o fim dos jogos de azar: de mero núcleo turístico e de hidroclimatismo para um notável centro de produção”*.<sup>23</sup>

Apesar do surto industrial em expansão, com a queda do fluxo de turistas, a situação de muitas famílias se agravava. Podemos verificar este fato pela fundação de várias instituições assistencialistas nas décadas de 1940 e 1950.

O setor de assistência social, em 1946, ano de fundação da EDB, contemplava duas entidades de maior expressão. Uma era a Gota de Leite, fundada em 1932, que, contando com o suporte da Prefeitura, comércio e indústrias locais, tinha como principais objetivos a distribuição de alimentos e medicamentos segundo ordem médica. Vale salientar a influência médico-higienista dessa iniciativa, pois havia uma forte preocupação com a disseminação de hábitos de higiene doméstica sob o olhar da medicina.<sup>24</sup>

Fundado em 1944, o Serviço de Obras Sociais (SOS) representou uma outra iniciativa que visava a atender grupos populares, com o claro objetivo de tirar das ruas os desamparados. Poços de Caldas, sendo considerada uma capital regional, tinha uma grande afluência de mendigos de outras regiões, e o SOS promovia a recondução das famílias pobres às suas terras de origem.<sup>25</sup>

Nesse contexto social, ocorreu a fundação da Escola Dom Bosco, que teve como princípio possibilitar o atendimento às crianças e aos jovens que, pertencentes a famílias de baixo ganho, acabavam procurando pelas ruas da cidade recursos para auxiliar a renda familiar. Quais seriam

---

<sup>22</sup> **PLANO DE DESENVOLVIMENTO Integrado de Poços de Caldas**. [s.l.]: Consultec, 1968. (v.1- v. 5).

<sup>23</sup> **PLANO DE DESENVOLVIMENTO Integrado de Poços de Caldas**. [s.l.]: Consultec, 1968. (v.1), p.1-23.

<sup>24</sup> *Ibidem*, (v.1), p. 2-48.

<sup>25</sup> *Ibidem*,(v.1), p. 2-50.



Meninos moradores de bairros periféricos da cidade. Década de 1940. Fotografia: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Meninos brincando pelos campos de Poços de Caldas. Década de 1940. Fotografia: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

suas propostas originais de educação? Quais as semelhanças e diferenças com as iniciativas assistencialistas que se configuravam nesse período?

Podemos constatar que um dos propósitos das políticas voltadas para o atendimento aos indivíduos que povoavam as ruas de Poços de Caldas em busca de sustento era o de seu remanejamento, deslocando-os do centro urbano, mas de modo dissimulado, evitando-se a divulgação em nível nacional da imagem de uma cidade expulsora de mendigos. As alternativas adotadas concentraram-se na inserção de crianças e adultos em instituições para a população considerada 'desvalida', como a Associação Abrigo e Centro Espírita Vinha do Senhor (1946); a Associação das Damas de Caridade (1917), e seu Asilo São Vicente de Paulo (1923); a Associação e Abrigo Centro Espírita União Fraternal (1946); a Sociedade São Vicente de Paulo (1960) e sua Vila Vicentina (1940); e o Lar Irmã Catarina (1956), que mantinha creche com serviço de adoção de crianças.<sup>26</sup>

Nesse contexto, portanto, torna-se imperativo salientar a ausência de entidades voltadas para o atendimento à infância e à adolescência. As crianças a partir dos sete ou oito anos de idade até os adolescentes na faixa de dezoito anos não possuíam, até a fundação da EDB, um espaço de apoio perante as suas dificuldades de sobrevivência e necessidade de educação escolarizada. As ruas de Poços de Caldas, principalmente na década de quarenta, eram povoadas por crianças e jovens que ficavam à procura da benevolência de turistas endinheirados e se acostumavam à mendicância.

A Escola Profissional Dom Bosco teve seu início provocado pela inquietação de um padre secular frente à situação dessas crianças. Capelão do Hospital Santa Casa da Misericórdia e do Asilo São Vicente de Paula, Padre Carlos Henrique Neto, em 1946, ao repreender um menino negro durante a celebração de uma missa, pensou que, em vez de punir, não seria possível auxiliar algumas crianças pobres da cidade. Sempre envolvido com o ensino de crianças pertencentes às classes populares, ao perceber o talento de um menino para as atividades de desenho, conseguiu uma sala para que Maria Figueiredo – professora que conhecia desde os tempos da meninice – começasse um trabalho nesse sentido. Portanto, Padre Carlos e Maria Figueiredo, juntos, passaram a ser os responsáveis pela organização e estruturação da escola. Logo, vários meninos os procuraram, sendo necessário providenciar outras alternativas para

---

<sup>26</sup> POÇOS DE CALDAS - Minas Gerais. [s.l.]: IBGE, [s.d.]. (Coleção de Monografias; n.390; p.18).

ensiná-los. Foram cedidos vários instrumentos de marcenaria, que possibilitaram a formação da oficina para trabalhos em madeira.<sup>27</sup> Para que esses meninos pudessem freqüentar aulas do curso primário, organizaram junto à Escola Paroquial Santa Terezinha, que funcionava ao lado do Asilo, salas para escolarização em horário noturno.

Nesse período de intensas transformações, a atitude de Padre Carlos Henrique Neto, configurando uma iniciativa de cunho religioso, demonstrou uma nova postura em relação a uma parte das crianças que buscava nas ruas alternativas para sua sobrevivência. Preocupado com a ociosidade constante dessas crianças e, segundo as propostas de atuação utilizadas por Dom Bosco, sugeriu a formação de um time de futebol e, com a aprovação unânime dos participantes, foi criado o Clube Recreativo Anjos de Cara Suja – nome sugestivo para começarmos a entender qual foi a clientela atendida pela iniciativa, pois, ao mesmo tempo em que traduzia a situação de rua na qual viviam os meninos, também dizia respeito aos negros integrantes do grupo.

“Anjos da Cara Suja” – quais intenções estariam implícitas nessa expressão que buscava traduzir as condições de vida que enfrentavam alguns meninos e meninas da cidade? Essa ‘sujeira’ estaria relacionada de alguma forma à negritude de muitas das crianças e jovens? Havia relações com os preceitos médico-higienistas que por muito tempo imperaram nas práticas educacionais brasileiras, visando a uma certa domesticação dos hábitos, dentro dos padrões considerados como os ideais para uma sociedade que buscava adequar-se aos moldes consumistas em um cenário marcado pela industrialização? Tais questionamentos levaram-me a investigações sobre esse projeto educacional voltado para alunos pertencentes aos grupos populares. Em princípio, essa expressão indicava a situação de rua em que viviam as crianças, embora, em diversos momentos, houvesse a alusão de que essa “sujeira” poderia estar relacionada à negritude dos alunos. Assim, procurei investigar tal suspeita com diferentes depoentes.

Alguns relatos orais podem nos dar subsídios para discussão que envolve a inserção de alunos negros nas atividades escolares profissionalizantes. Esses depoimentos trazem também indícios de que a escola atendeu à educação de mulheres. A primeira depoente, Maria José de Oliveira, foi uma ex-aluna que se projetou no cenário público como Secretária Municipal de Educação e tem participado ativamente do processo de organização do Memorial Padre Carlos.

---

<sup>27</sup> Doações de material para a fundação das oficinas por membros da elite local: Geraldo Paiva, Erna Belian, Faria Lobato, Gerson Andrade, Ednan Dias, Maria A. Junqueira.



Padre Carlos e alunos aprendizes. Oficinas artesanais. Década de 1950.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Dona Maria Aparecida Figueiredo com alunos “Cara Suja” no prédio novo da escola, situado no Bairro Santana.  
Década de 1950. Fotógrafo: Padre  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

Ela frequentou uma das primeiras turmas direcionadas ao público feminino, em 1959. Filha de uma funcionária da escola que atuou como cozinheira durante muitos anos, ao ser interpelada sobre sua trajetória pessoal na escola, fez as seguintes declarações:

*“Eu sou a segunda filha de sete irmãos. Nós todos estudamos aqui na escola. Sempre morei aqui no bairro, o que facilitou a nossa vinda para cá. Eu vim em mil novecentos e cinquenta e nove para a primeira série. Tenho boas lembranças! Primeiro pela beleza que eram os jardins em volta da escola. Na época só tinham os três prédios, então estudamos naquele primeiro prédio ali embaixo. Tínhamos uma união muito boa com os outros aqui. A escola dava estadia (alimentação) e vínhamos para cá como continuidade da família. Fiquei aqui até a oitava série. Naqueles tempos ainda eram somente o primário e o ginásio. O Ensino Médio não era oferecido. Aí eu fui para uma outra escola pertencente à rede particular de ensino. O que eu sentia na outra escola, era falta desse espaço que a gente viveu aqui por muito tempo. Fiz o Magistério querendo mesmo fazer o Magistério. Observava as professoras e constatava que tinham a letra – caligrafia – muito bonita. Então eu achava que para ser professora, também tinha que ter letra bonita!!!. Depois, fiz a Faculdade de Pedagogia. Lecionei em escolas da zona rural, que era um dos meus sonhos! Fui chamada para atuar na Secretaria de Educação, onde eu estou até hoje. Também cheguei a assumir o cargo de Secretária da Educação por dois anos.*

*Ficávamos tempo integral na escola. Eu estudava pela manhã, mas no período da tarde participava das oficinas. Tínhamos um relacionamento muito bom com os professores, com o diretor e também com a Dona Maria. Vou citar uma situação que eu vivo hoje e que me marcou. Minhas colegas que são negras também, que estudaram em outros espaços, às vezes falam assim:*

*-Na minha escola eles fizeram isso, isso comigo.*

*Preconceito. Na escola nós nunca tivemos isso. Éramos tratados como os outros. Eu acho que essa é a função da escola. Mas a gente sabe como a sociedade está organizada. Minha experiência foi muito boa nesse sentido. Os meus colegas negros também concordam. E isso me marcou muito.*

*Veja bem, tivemos atividades diversificadas: teatro, passeios e excursões para complementação dos estudos. A formação que tivemos foi que me marcou muito”. (07.08.2004)*

O segundo depoimento foi coletado com uma moradora da cidade de Poços de Caldas que tem a trajetória pessoal acentuada pelo envolvimento e militância em movimentos sociais negros, como também pela atuação profissional como socióloga e professora universitária – Maria José de Souza. Esse encontro foi escolhido dada sua declarada oposição aos posicionamentos políticos

de Padre Carlos, e seria de extrema importância ouvi-la para tentarmos descrever a postura política da EDB frente aos alunos negros e alunos pertencentes aos grupos populares.

*“A minha conversa em relação ao Padre Carlos está mais ou menos ligada ao meu início de vida política em Poços de Caldas. Em mil novecentos e cinqüenta e sete, as autoridades se reuniam na Rádio Cultura, toda quinta-feira, para discutirem a questão da juventude transviada. Então reuniam: o juiz da época, o reitor do Colégio Marista, o Padre Carlos e o Padre Trajano, que eram as pessoas que formavam opinião. Então esse foi o meu primeiro contato com o grupo de poderes da cidade.*

*Nós resolvemos, a partir daquele momento, criar um movimento de jovens. Fundamos uma “juventude musical”, que funcionava com a presença de músicos, e de crianças, principalmente. Também foi criada a República dos Estudantes Francisco Escobar. Nós discutíamos sobre questões culturais e políticas. Em sessenta e dois houve um encontro da JEC (Juventude Estudantil Católica) e todo mundo participando, sem exclusão de ninguém. Padre Carlos nessa época fez um discurso dizendo que nós deveríamos valorizar a juventude pensando no futuro do país. Naquele momento ele sugeriu que se criasse a União Estudantil Católica. Nós, que não éramos católicos, criamos a União Municipal dos Estudantes.*

*Quando foi em mil novecentos e sessenta e seis, me aparece aqui o professor Lauro de Oliveira Lima, uma das maiores autoridades pedagógicas da época, ele veio dar um curso. Nos grupos de discussão do Lauro, fazíamos a avaliação. E quando foi a minha avaliação, o Padre Carlos me chamou de ditadora. Deu-me os piores títulos dentro da classificação da avaliação. Então, naquele momento, em mil novecentos e sessenta e seis, soube que eu tinha uma diferença ideológica com Padre Carlos. (...)*

*Tenho uma proposta marxiana de política, de visão de mundo, de leitura do mundo. Nunca pertenci ao partido comunista, pois em Poços nunca teve. E nunca participei de nenhuma atividade do Padre Carlos, da Escola Dom Bosco, então não tenho história de vida com o Padre Carlos, eu tenho história de vida na cidade. Então tem coisas que passam por detrás dos bastidores que precisam ser ditas...*

*Olha, eu não gosto muito de avaliar alguma coisa sem grande profundidade. ‘Anjos de cara suja’? O negro ainda hoje está na periferia, precisando ser socialmente inserido no mercado de trabalho. Porque desde a vinda dos imigrantes, foi dada a oportunidade a uma série de outras pessoas para o trabalho, e a nós não foi dado nenhum recurso. Agora eu não faço uma leitura racista da época em que Padre Carlos criou os ‘Anjos da Cara Suja’. Eu me lembro da Escola Dom Bosco, foi muito bonito, foi um trabalho inovador, criado para tirar meninos da rua através da musicalidade. O ensino profissionalizante aconteceu depois de muitas discussões. Perceberam que a criança não necessitava somente da música. Então isso aí foi sendo moldado, e na época eu considero um avanço, você ensinar, tirar da rua pela musicalidade. (...)*

*A Escola Dom Bosco veio realmente atendendo a classe dos trabalhadores. Isso aí é um mérito para quem trabalha lá, esse mérito eu não retiro do Padre Carlos e da Dona Maria.*

*Então, eu conheço algumas pessoas que passaram pela escola e se profissionalizaram na área da carpintaria e sobreviveram, sustentaram as suas famílias trabalhando dignamente. Então tem razões sim, isso aí é uma memória bastante válida para deixar de exemplo”. (12.01.2005)*

O terceiro depoimento registra a trajetória de Juraci do Nascimento – aluno e mestre de oficinas do setor gráfico, que acentuou sua formação política, tendo como referência cursos freqüentados por ele no exercício de suas funções profissionais. Quando trabalhava na EDB, foi a São Paulo, sob patrocínio da Juventude Operária Cristã, para um estágio de aprimoramento das técnicas de gráfica na Editora Saraiva. Nesse período entrou em contato com várias ligas de discussões políticas.

Na escola, freqüentou aulas ministradas no período noturno para os alunos que permaneciam o dia todo nas oficinas. Já adulto, quando se mudou para Piracicaba/SP, participou da organização do Sindicato Regional dos Gráficos, por entender a importância para a categoria de um centro de discussões.

*“(…)E nesse meio de tempo, Padre Carlos então pegou os ‘Anjos da Cara Suja’. Começou a idealização do que iria fazer com aquelas crianças. No início, acho que o Padre não foi muito bem compreendido. Existia a ‘Gota de Leite’, uma entidade que também cuidava de crianças carentes até a idade de seis anos. E como o Padre colocou o nome de ‘Fundação de Assistência ao Menor’, houve um conflito e as coisas começaram a dificultar o andamento da escola. O padre esclareceu a todos que sua atuação seria para meninos com idade superior aos sete anos. Explicou que iria organizar uma escola profissionalizante. Enfim, chegaram a um acordo e houve, então, ajuda de muita gente. Logo após a encadernação, veio a tipografia e a escola foi se expandindo!*

*Eu fui ser o instrutor da turma. Ah, eu gostava demais. Ficar no meio de crianças, até hoje eu gosto... Ah! A criançada, desde bem pequena, já vem para o meu colo... Eu não sei por causa de quê. (...)*

*Depois que eu saí da escola, eu fui trabalhar no jornal onde fiquei por pouco tempo. Logo chamaram-me em São Paulo e depois fui para São João da Boa Vista. Retornei a Poços de Caldas para trabalhar na Gazeta do Sul de Minas. Na Gazeta eu fiquei pouco tempo. Depois fui para o Jornal Diário de Poços. Até que resolvi sair da cidade e trabalhar na Editora Franciscana em São Paulo, quando este jornal acabou. Trabalhei no setor de livros, ou seja, na tipografia. Montava as páginas de livros. Quando esta editora fechou e o maquinário veio para*

*Piracicaba, eu vim junto. Eu vim para Piracicaba em 1972 e trabalhei até 1980, quando a editora também cessou suas atividades.*

*Já em Piracicaba, tive também experiência com menores carentes. Trabalhei no Lar Franciscano. A gente criava, pegava os moleques. Eles saiam daqui com dezoito anos, tinham estudo e uma profissão. Quando cheguei em Piracicaba, não existia Sindicato dos Gráficos. Fui a Limeira e também não encontrei. Quando estive em São Paulo, fazendo um curso pela Escola Dom Bosco, conheci a importância de um sindicato. Escrevi para São Paulo e informaram-me da necessidade de entrar em contato com a Federação, e indicaram-me um colega de Limeira, que também tinha o interesse em organizar um sindicato. A Federação solicitou-nos que organizássemos somente um sindicato, pois as cidades eram pequenas. Duas semanas depois recebemos o apoio desta Federação e começamos a tocar.*

*Quando Padre Carlos encaminhou-me a partir do contato que ele tinha com a Juventude Operária Católica para São Paulo com o objetivo de fazer cursos de encadernação, tínhamos círculos de estudos. Eu gostava demais. Em Diadema tinha um recinto que sempre íamos para lá com a JOC. Cada domingo a programação era diferente: às vezes eram círculos de estudos, às vezes era lazer, teatro e brincadeiras. Conforme o dia era uma programação. Por exemplo, como eu era operário, existiam palestras sobre o trabalho. Então falávamos sobre nosso trabalho. Falávamos sobre o dia-a-dia da nossa firma, como víamos a questão do trabalhador etc. Pensando bem, acho que foi por isso que eu acabei virando sindicalista. Tinha gente que não agüentava, porque os círculos de estudos eram puxados. Havia discussão durante todo o dia”. (20.10.2000)*

Os três depoimentos sugerem que as práticas educativas dessa instituição escolar foram organizadas com objetivos de atender crianças e jovens nos mais diferentes aspectos: profissionalizando-as a partir de oficinas, oferecendo-lhes aulas de cultura geral (atividades integradoras, como música, teatro, excursões e pesquisas de campo), como também para contribuir para que os alunos tivessem possibilidades de atuar em movimentos sociais, como no caso do Sr Juraci, que, por intermédio da EDB, participou de cursos e assembléias de teor político – sindicalista. Os alunos negros, pelo que foi constatado em vários depoimentos, participaram ativamente das atividades propostas pela EDB, tornando-se em alguns casos mestres de oficina ou professores da escola.

A trajetória histórica da EDB aponta também a presença marcante de atividades esportivas e musicais no cotidiano escolar. Quando se pensou em oferecer algum tipo de auxílio aos meninos que perambulavam pelas ruas da cidade, a aproximação com a arte representou o objetivo primeiro a ser atingido. A professora Maria Figueiredo foi a responsável pelo contato



Anjos da Cara Suja preparando-se para os jogos de futebol. Década de 1940.  
Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Anjos da Cara Suja, em campo, com Padre Carlos. Década de 1940.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

dos meninos com as manifestações artísticas. As oficinas recebiam seu apoio para o aprendizado de técnicas de desenho, pintura; e seu talento musical, juntamente com Padre Carlos, um curioso em música, possibilitaram aos alunos aulas de canto e coral.

Consultando o banco de história oral, constatei que as lembranças mais presentes de muitos dos entrevistados foram as que estavam relacionadas com os ensaios e as apresentações da Banda de Música, conhecida como a Banda do Padre<sup>28</sup>, ou “A Furiosa”. Como consta do Sucinto Relatório<sup>29</sup>, atividades desportivas, passeios e o contato com a música constituíam o complemento para a formação espiritual:

*“Não se atendo, exclusivamente, ao material técnico, por si duro e exaustivo, a Escola proporciona aos seus alunos oportunidades desportivas, distrações sadias por meio de projeções sonoras, toca-discos, biblioteca, passeios etc.. Como complemento à formação total do homem sustenta um curso de música, donde tira os componentes da Banda Musical Dom Bosco, inaugurada em 07/09/1951”.*

Gondra (2000), ao referir-se à influência médico-higienista nas instituições escolares, menciona a importância da organização do tempo escolar no que diz respeito ao preenchimento do tempo livre, visto como eficaz medida preventiva. Em outros termos, através dos exercícios físicos, da música e do canto como constituintes do cotidiano escolar, em vez de os alunos estarem desperdiçando energias, poderiam higienizar a mente ao se envolverem com tais atividades.

A proposta preventiva de educação manifestava-se nas atividades esportivas e artísticas e no aprendizado de ofícios, para que os alunos pudessem, ao gerar alguma renda, afastar-se das influências nefastas da rua. Existiam também as atividades artesanais, que encantavam os meninos pela beleza que a aproximação com a arte lhes propiciava. E, como se pôde constatar em vários depoimentos, muitos dos ex-alunos reconhecem que as oficinas despertaram e possibilitaram condições para o aprimoramento artístico, presente em suas trajetórias profissionais.

---

<sup>28</sup> A partir do incentivo ao ensino da música nas atividades escolares, a escola promoveu a formação de uma Banda Musical, que se apresentava pela cidade e na região, conseguindo divulgar seu trabalho. Vale registrar que, após o falecimento do Coronel Zito Bernardes, um afeiçoado das apresentações musicais, sua família doou uma verba que possibilitou o início da construção de um prédio próprio para a Escola.

<sup>29</sup> SUCINTO RELATÓRIO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO MENOR E SEU DEPARTAMENTO PROFISSIONAL. Poços de Caldas/MG: Gráfica Dom Bosco, 1954, p. 9.

Em 1949, ocupando espaço na Escola Paroquial Santa Terezinha – que funcionava juntamente com um asilo – foi criado um curso noturno, visando suprir a escolaridade de alguns destes meninos. E, no final da década de quarenta, o trabalho desenvolvido pelos cursos noturnos foi sendo acrescido de aulas de desenho e de marcenaria que, aos poucos, favoreceram a criação de *ateliês*, com o objetivo de instrumentalizar os alunos para alguma atividade profissional. As salas de aula foram crescendo em número de alunos – como também as alternativas de produção nas oficinas, que aos poucos se diversificaram -, sendo necessária a procura de um local mais adequado para essas oficinas, que já recebiam o nome de “Escola Profissional Dom Bosco”.

A escola foi estruturada contando, em alguns momentos, com o incentivo do poder público e também graças ao envolvimento de membros da sociedade civil que, compactuando com os ideais do Padre Carlos, criaram, em 1949, a FAM (Fundação de Assistência ao Menor), sob inspiração da Fundação São José<sup>30</sup>, com a finalidade de estimular e realizar projetos educacionais destinados às crianças que tinham a qualidade de vida ameaçada por suas condições de existência. Essa fundação recebeu apoio do poder público desde o início, visto que em sua cerimônia de inauguração, estiveram presentes: Pedro Aleixo, Secretário do Interior do Estado; Américo René Gianetti, Secretário da Agricultura; Oscavo de Faria Lobato, Deputado Federal; Saul do Prado Brandão, Promotor da Justiça. Os membros da comunidade local que integravam a diretoria da FAM representavam uma parcela de empresários que reconheciam o caráter social da proposta de Padre Carlos, pois uma alternativa era dada aos ‘meninos em situação de rua’. E esses empresários, vislumbrando uma cidade rumo à industrialização, também valorizavam a formação da mão-de-obra que se fazia necessária para a expansão das empresas locais.

Torna-se evidente a preocupação com a situação das crianças e jovens em situação de rua, consubstanciada nas doações feitas à FAM, nos seus primórdios, tanto do setor público como do privado. Cabe-nos investigar as propostas político-pedagógicas que deram suporte ao processo de implantação do ensino profissionalizante, destinado a essa parcela da população; identificar segmentos da sociedade que apoiaram essa iniciativa; e também delinear aqueles que ofereceram resistências ao projeto educacional profissionalizante sugerido pela EDB. Constam das atas de reunião da FAM e dos manuscritos do Padre Carlos, de 1946, as seguintes observações:

---

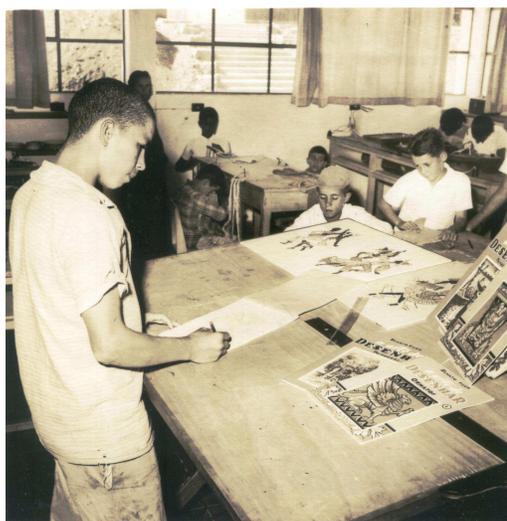
<sup>30</sup>A Fundação São José nasceu em 9 de fevereiro de 1941, em Cachoeira do Campo/MG, e se caracterizou pela proteção de ‘menores abandonados’ através de distribuição de bolsas de estudo. Sobre o assunto, procurar SALGADO (1997).



Dona Maria tocando acordeom na porta do Asilo São Vicente de Paula. Década de 1940. Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Alunos em aula de música. Década de 1950.  
Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos



Oficinas de desenho. Década de 1950.  
Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

*“Quem despreza o esforço infantil ignora o poder da semente. Protegia-se, assim, a semente, a medida necessária para se conservar a raça. Semente sobre a face de toda a terra (Gen. 7,3). Quem marginaliza uma criança sacrifica um homem- a vida”.*

*“Como tirar tantos menores das sarjetas onde apodreciam, ou dos desvãos onde definhavam sem voz ou sem vez. Eles clamavam por um carinho que melhorasse o seu presente, a compreensão que garantisse o seu futuro”. (Padre Carlos)*

*”Novo caminho estava aberto. Dentre os muito possíveis, foi escolhido aquele que passaria pela casa do homem, pela sua oficina, pela sua escola, pela sua Igreja, pela sua cidade, por dentro das casas de todos os homens. Era enorme a empreitada, masurgia perseverar, paciente e tenazmente, como cumpre às iniciativas que desejam permanecer”. (Padre Carlos).*

O caráter preventivo defendido pelos pressupostos filosóficos de São João Bosco<sup>31</sup> estava claro: era preciso evitar a marginalidade a partir da educação dos ‘menores desamparados’. O trabalho como recurso pedagógico deveria acompanhar o indivíduo em todas as instâncias de sua vida, tanto privadas quanto públicas, *“com um programa integral na perspectiva que devam ser o homem todo e todos os homens atingidos. A ação educativa deveria centrar-se naquelas crianças, envolvendo os núcleos familiares de origem e, se possível, toda a comunidade”.*<sup>32</sup>

Baseada em pesquisas anteriores, pude constatar que, nas primeiras duas décadas de funcionamento da EDB (1940-1950), suas propostas profissionalizantes atenderam a formação de trabalhadores que atuassem em oficinas domiciliares. O trabalhador autônomo recebia, a partir das atividades escolares e das práticas artesanais, conhecimentos relativos à produção e à administração de pequenas empresas. Padre Carlos, quando se referiu às propostas educacionais

---

<sup>31</sup> Dom Bosco nasceu em 1815 nos campos dos Becchi, zona rural do norte da Itália. Logo nos primeiros anos de vida perde seu pai, tornando o trabalho sua meta única. Sua condição de órfão leva-o à preocupação sempre presente com os jovens de situação semelhante. Sua proposta educativa concentrou-se na articulação entre saúde, sabedoria, santidade, alegria, estudo, piedade, razão, religião e carinho. Em 1854-55 elaborou um primeiro regulamento, que delineou o caráter da educação profissionalizante proposta para abranger jovens aprendizes, pois, juntamente com alguns clérigos, abriu oficinas para sapateiros, alfaiates, tipógrafos, encadernadores, carpinteiros e serralheiros. Enfim, visou possibilitar trabalho e sustento para jovens carentes. Sempre teve a preocupação com o caráter educativo dessas oficinas profissionalizantes, pois seu discurso era enfático ao afirmar que não se tratava de uma “fábrica de operários”. Os valores que davam suporte às práticas educacionais estavam ligados aos pressupostos religiosos. Ao lado da santidade relacionavam-se os valores da saúde física e mental e da sabedoria. Ao lado da catequese encontrava-se a educação cívica, moral e científica. E, juntamente com a piedade, residiam a alegria, o estudo e o trabalho. Seu método preventivo fundamentou-se no carinho, razão e religião. Os pressupostos educativos de Dom Bosco foram baseados nas idéias de João Batista de La Salle, em que a disciplina preventiva, a vigilância, a ordem, o trabalho e a religião, deveriam predominar na instituição escolar. Sobre o assunto, consultar: SCARAMUSA (1984).

<sup>32</sup> Padre Carlos. Manuscritos.

que têm no trabalho seu princípio político, diferenciou-as do comportamento dependente provocado por uma educação moldada no assistencialismo, muitas vezes defendida pelas instituições de ‘caridade’. Nos seus termos<sup>33</sup> podemos constatar a preocupação com a formação do trabalhador autônomo, crítico e reflexivo:

*“É preciso que todos tenham olhos para ver o mundo novo que se levanta cada manhã, que saibam vê-lo, analisá-lo e inserir-se nele, assumindo cada um a sua tarefa na comunidade. É indispensável que sejam adultos sabendo ‘renunciar tanto ao otimismo como aos idealismos utópicos, quanto ao pessimismo e à desesperança’. Por isso, tenta-se integrá-los no seu meio, ao seu tempo e na sua missão, afim de que, sentindo-se inacabados, assumam e desempenhem o seu papel no acabamento de sua personalidade e na coexistência fraterna, onde precisam viver. Eles mesmos vão percebendo a mudança para melhor do seu clima cultural e passam a repelir, com naturalidade, as instituições assistenciais que prolongam a sua dependência e impedem a sua participação crítica na decisão do seu destino. Em suma, procura-se dar-lhes voz e vez no processo histórico, pessoal e social, ou seja, torná-los responsáveis, pois a responsabilidade não é um mero dado intelectual, mas existencial”.*

*“O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem, é ajudá-lo a ajudar-se. (E aos povos também). É torná-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, apoiá-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. O assistencialismo, ao contrário, é uma fonte de ação que rouba ao homem condições à consecução de uma das necessidades fundamentais de sua alma – a responsabilidade”.*

Os apoios recebidos das empresas privadas e dos órgãos públicos podem ser compreendidos pelo momento que a cidade vivenciava, pois a indústria nascente estava a exigir trabalhadores pelo menos com a escolaridade primária, o que levava à necessidade de se expandir e democratizar o acesso das camadas populares aos níveis iniciais de ensino.

Com o surto de industrialização, em 1960, a população urbana de Poços de Caldas atingiu 83% da população do município, pois a parcela rural, desde 1950, devido à mecanização dos equipamentos agrícolas, às precárias condições de trabalho, muitas vezes temporários, ao crescimento das indústrias na cidade e à conseqüente oferta de novos postos de trabalho, tornou-

---

<sup>33</sup> Padre Carlos. Manuscritos.

se praticamente estacionária<sup>34</sup>. E a procura pela EDB, por parte das famílias que haviam migrado da zona rural, foi notável.

As declarações de Arnaldo Giachetta – ex-aluno e atual professor – ratificam esse fato:

*“Minha trajetória começou lá pelos idos de mil novecentos e sessenta e nove. Eu morava na fazenda com meus avós e quando apareceu a oportunidade para estudar e vir para Poços de Caldas, minha avó Hortência falou pra mim assim:*

*-Você vai estudar no Padre Carlos.*

*Na época já era Escola Dom Bosco, mas a gente estudava no ‘Padre Carlos’.*

*-Onde você estuda?*

*-Eu estudo no ‘Padre Carlos’.*

*Então começou a minha trajetória dessa parte da minha vida. A gente aprendeu a gostar de um jeito desse lugar!!! Eu fiz aqui o ginásio e depois o curso técnico de Eletrotécnica. Eu tenho tudo hoje devido ao curso técnico que eu fiz aqui. Na época os professores vieram dar um apoio para a escola e o Padre dava apoio pra eles também. Eu fui aluno de uma das turmas formadas em mil novecentos e setenta e nove. Fui trabalhar na Alcoa, que tinha uma certa disponibilidade para receber alunos da escola. Eu trabalhar lá... Depois, quando surgiu uma vaga aqui na escola que era de meu interesse, eu voltei. Em 1985 eu retornei, e estou aqui como o professor e coordenador do Ensino Técnico”. (24.06.2006)*

As oficinas de artesanato foram tomando um aspecto produtivo, em consonância com as novas exigências que o crescimento industrial da cidade apontava. O incremento das atividades em madeira possibilitou a formação de uma marcenaria para a fabricação de móveis residenciais, de escritórios e de mobiliário escolar. Passo a passo, as atividades desenvolvidas por essa iniciativa foram sendo aceitas pela população da cidade, que passou a consumir os produtos criados pelos alunos nas várias oficinas. Cada vez mais, fazia-se necessário ampliar o espaço para atender a uma grande demanda de alunos que procuravam pela escola.

A partir de investimentos dos membros da Fundação, do retorno financeiro da venda dos artefatos, da ousadia do Padre Carlos na solicitação de empréstimos, e também das doações realizadas por indivíduos da sociedade civil, foi possível a conquista de um local para a construção de amplos e modernos barracões que abrigaram as oficinas, e que definiram as instalações da escola. Percebemos, pelo depoimento de Moacir Carvalho Dias, membro fundador da FAM e presidente dos Laticínios Poços de Caldas, (que durante as décadas de 1940 a 1970 foi

---

<sup>34</sup> *PLANO DE DESENVOLVIMENTO Integrado de Poços de Caldas*. [s.l.]: Consultec, 1968. (v.1).

uma das maiores indústrias da cidade), como a escola estruturou suas atividades profissionalizantes em consonância com o cenário que se configurava rumo à industrialização.

*“Éramos muito amigos de Padre Carlos. Fazíamos parte da Fundação de Assistência ao Menor, como membros fundadores. A todo momento aconselhávamos Padre Carlos na escolha das atividades profissionais propostas aos alunos:*

*Carlos, há em Poços a necessidade de se ter uma boa marcenaria. Há um crescimento significativo de empresas, indústrias e escritórios. E não há na cidade um local para se adquirir o mobiliário necessário. Vamos pensar na formação de profissionais que atuem no ramo da marcenaria. Outro aspecto que poderíamos pôr em questão: gráfica. Na mesma medida da marcenaria, o setor gráfico também é deficitário na cidade.*

*E o Padre nos ouvia. Tanto que ele implantou essas oficinas e houve muito trabalho que foi feito na escola. As minhas empresas mesmo encomendavam-lhes produtos. Pode pesquisar pela cidade, que vocês encontrarão muito material produzido nas oficinas da ‘Dom Bosco’. E assim a escola foi caminhando. Com a mudança dos rumos do progresso aconselhávamos na estruturação da escola”. (21.07.2006)*

Como já dito, a Escola Profissional Dom Bosco surgiu no momento em que as atividades econômicas brasileiras estavam se voltando para o setor industrial e se presenciava a queda do Estado Novo. As décadas de 1950 a 1970 foram marcadas, segundo Mello (1998: 586), por uma desigualdade extraordinária, pois os protagonistas da industrialização acelerada e da urbanização rápida (os migrantes rurais, os trabalhadores manuais à procura de novos empregos e os negros urbanos e seus descendentes) enfrentavam dificuldades para inserção no mercado de trabalho, que exigia uma formação cada vez mais qualificada. Essas décadas, consideradas como anos de transformações assombrosas, não poderiam deixar de aparecer aos seus protagonistas senão sob uma forma: *a de uma sociedade em movimento*. Movimento de uma configuração de vida para outra: da sociedade rural para a grande cidade, movimento de um emprego para outro, de uma classe para outra, de uma fração de classe para outra, de uma camada social para outra. Esses anos marcaram a consolidação da industrialização no Brasil através do “pacto” que manteve ligados burguesia industrial, pequena burguesia e operariado industrial, sob o empenho comum da industrialização, conforme aponta Warde (1977). Neste contexto, as práticas educacionais da escola foram fundamentadas nos pressupostos da educação profissionalizante.



Exposições dos artefatos produzidos nas oficinas. Década de 1950. Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte Memorial Padre Carlos



Oficina de Marcenaria. Década de 1950. Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte Memorial Padre Carlos

As novas exigências de consumo ditadas pela industrialização permeavam a estruturação das oficinas e dos cursos oferecidos.

Durante a década de cinquenta, conforme aponta Werebe (1994), a tendência “desenvolvimentista” em educação começou a ganhar terreno, e as escolas profissionalizantes tiveram apoio de vários segmentos sociais, como o dos economistas e o dos educadores, os quais reconheciam a importância de investimentos para a formação de trabalhadores qualificados para a nova demanda no mercado industrializado.

As práticas pedagógicas instituídas pela Escola Dom Bosco foram aceitas pela comunidade, haja vista os apoios recebidos por diferentes segmentos, ao longo de sua história. O mundo do trabalho constituiu-se no centro das atividades, sendo o cotidiano escolar organizado pelas oficinas, em que os alunos aprendiam e desenvolviam trabalhos artesanais. A preocupação com as características individuais dos alunos, manifestadas pela possibilidade de escolha das atividades na oficina, a ênfase dada a uma formação articuladora entre os aspectos físico, moral e intelectual que proporcionassem condições ao aluno de enfrentar o mundo do trabalho no momento de ampla discussão das propostas educacionais no contexto da industrialização brasileira, refletiram a consolidação das propostas político-pedagógicas da escola em questão.<sup>35</sup> Nesse sentido, cabe enfatizar as relações com os pressupostos pedagógicos da Escola Nova, quando houve o forte vínculo do *saber* ao *saber fazer*, como no caso do trabalho nas oficinas e a ênfase dada à importância da prática concreta no processo de aprendizagem.

Em 1955, a escola inaugurou sua sede, com dois prédios<sup>36</sup> que abrigaram a marcenaria e a gráfica, atendendo dessa maneira a demanda nesses setores de uma cidade em pleno processo de crescimento industrial, e foram matriculados quatrocentos alunos em catorze salas de aula. O bairro em que se instalou a escola passou por um período de intensa urbanização, desencadeado pelo movimento que ela provocou.

No entanto, a inserção de jovens no mercado de trabalho com uma educação diferenciada causava certo desconforto em diferentes segmentos da elite local, que olhavam com desconfiança para esse projeto sócio-educativo. Nos termos de Gentilini (1997, p.12) “Era óbvio que

---

<sup>35</sup> ver ALVISI (2001).

<sup>36</sup> Outras doações realizadas para a construção dos primeiros prédios: Banco Moreira Salles, Pedro di Perna, Moacyr Carvalho Dias, Walter Moreira Salles, Caio Junqueira, Gerson Andrade, Theodomiro Carneiro.

*alguns setores da elite local considerariam essa iniciativa uma idéia maluca. Como transformar crianças beirando a marginalidade, “sem berço”, como se dizia na época, em cidadãos com nome e profissão?”*

Alunos da EDB, muitas vezes, eram estigmatizados como marginais devido à origem sócio-econômica de suas famílias, conforme podemos constatar no depoimento do Sr. Jamil Gonçalves, um dos primeiros alunos, que também ressaltou a importância das atividades musicais representada pela banda, para aceitação desses jovens pela população:

*“A banda foi a responsável pela movimentação da escola, era a publicidade da escola. Era chamada a ‘Banda do Padre’. A banda foi formada para uma educação também pela música. Antes da banda os alunos eram muito mal vistos pela cidade. No começo da escola os alunos eram vistos como marginais. Éramos maltratados em todos os lugares. No começo era assim mesmo! Diziam:*

*-Os alunos da Escola Dom Bosco estão aí !!!!*

*Depois de um certo tempo, começaram a mudar a cabeça. Depois da banda... eu me lembro bem disso... Não éramos bem vistos. Não éramos, porque era tudo moleque de rua. (...) Depois que a cabeça foi mudando... Depois da Banda... éramos todos pés-rapados! Não éramos considerados cidadãos. Nós, os pobres, nos sentíamos assim...”. (17.06.2004)*

A construção dos prédios foi planejada com base em um projeto arquitetônico arrojado, que teve autoria de Antonio Nápole, e atendia às exigências de uma escola moldada para a modernidade. Galpões funcionais, amplos, iluminados, construídos com o rigor do higienismo, receberam os alunos. Novos ares que permeavam a sociedade mineira; em Belo horizonte, vivenciava-se a construção do complexo arquitetônico da Pampulha, obra de Oscar Niemayer.

A projeção da EDB no cenário da educação profissionalizante fez-se notável. O então ministro da Justiça, Tancredo Neves, no ano de 1954, como reconhecimento ao trabalho desenvolvido com crianças em situação de rua, começou a enviar mensalmente uma contribuição para o desenvolvimento do projeto. O mesmo aconteceu com o ministro da Educação, Clóvis Salgado, possivelmente por meio da indicação de Anísio Teixeira, que visitou a escola e, acreditando na sua proposta, apoiou a iniciativa. Conforme Gentilini (1977: p.12), *“a Escola Dom Bosco, pelo seu pioneirismo em oferecer ensino em tempo integral, sondagem vocacional e*

*iniciação às artes industriais, serviu para reforçar o projeto de Anísio Teixeira das ‘escolas-parque’, desenvolvido na Bahia e posteriormente, em Brasília”.*

Em 1955 a Prefeitura Municipal se prontificou a manter os professores que fossem necessários e, sob a direção da professora Olga Monteiro, teve início a unidade escolar primária, em convênio com o município.<sup>37</sup> Os alunos permaneciam na escola em período integral e dividiam o tempo entre as oficinas e as aulas das seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Moral e Cívica, Religião, Educação Física e Jardinagem. O projeto também dava relevância ao cinema, ao teatro, à música e ao canto como parte das atividades. A integração das aulas do período matutino com as oficinas vespertinas passou a ser um desafio, tornando-se um objetivo pedagógico a conquista de uma educação integral, conforme as palavras da professora Olga Monteiro:

*“Naquele tempo se falava muito, depois caiu em desuso, na educação integral. Era a isso que a gente se propunha, pelo menos. Nem sempre conseguimos, porque lidávamos com muitos elementos. Mas sempre pretendemos fazer a ligação das disciplinas com a prática nas oficinas. Mas até hoje uma coisa que eu acho que é positiva, toda parte que você vai, você encontra um ex-aluno que vem alegre cumprimentar, lembrar. Então, eu acho que isso é um sinal de que ficou alguma coisa, pelo menos no sentido humano, de convivência, de confiança. Até hoje tem ex-aluno, com cinqüenta, sessenta anos que, quando passa por lá, diz ‘...eu passei por lá, e me deu uma saudade..’. (26.01.2004)*

Também o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) deu seu apoio para a instalação do curso de Artes Industriais, quando professoras remuneradas pelo Estado de Minas participaram de cursos de especialização na cidade de São Paulo, que as habilitaram a ministrar aulas, cursos e oficinas profissionalizantes, agora destinados também ao público feminino, marcando a inauguração do Setor Feminino de Trabalhos Manuais.

A justificativa para a entrada tardia das meninas nas atividades escolares, ocorrida em 1959, foi a da já existência de uma outra instituição na cidade, responsável por tal atendimento (a

---

<sup>37</sup> “DOM BOSCO - 30 ANOS”, edição comemorativa dos 30 anos da escola, Gráfica Dom Bosco, Poços de Caldas, 1976.

Escola Menino Jesus)<sup>38</sup>, enquanto que os meninos continuavam à mercê da sorte.<sup>39</sup> Entretanto, na história da educação brasileira, podemos constatar que as mulheres tiveram acesso à educação escolarizada sempre em momentos posteriores aos dos homens. Em Poços de Caldas não foi diferente: era senso comum a necessidade de instrumentalizar os homens para sua atuação no mercado de trabalho. Mas, com o crescimento da demanda de mão-de-obra especializada, as mulheres foram paulatinamente atreladas à proposta profissionalizante de educação.

Bruschini (2000) considera fundamental, quando se analisa a estruturação da educação profissionalizante para mulheres, o entendimento de que a participação delas em atividades produtivas no cenário público depende não somente das oportunidades efetivamente existentes no mercado de trabalho, mas decorre também das possibilidades determinadas pela posição que ela ocupa na família e pela classe social à qual pertence.

A EDB, inicialmente, estruturou oficinas de trabalhos manuais específicas às atribuições sociais destinadas ao mundo feminino. Convênios com a FEBEM foram consolidados, possibilitando a implantação de cursos de datilografia, corte e costura e arte culinária. As oficinas artesanais destinadas às mulheres podem nos levar ao questionamento sobre o que se considerava fundamental para a formação dessas alunas. Pelos depoimentos orais e consultas nos registros de sala de aula, é possível verificar que elas freqüentavam aulas de cultura geral em classes mistas, como também, aos poucos, passaram a freqüentar os cursos profissionalizantes até então destinados ao trabalho masculino, como foi o caso do Curso de Eletrotécnica. Muitas alunas procuraram o curso de Magistério ao final do ginásio, e retornaram à escola como docentes.

Portanto, no início dos anos sessenta, coincidentemente com o período de intensificação das atividades industriais na cidade, crianças e jovens mulheres foram inseridas no contexto escolar, e uma reestruturação institucional foi iniciada para essa nova realidade, consolidando uma das primeiras iniciativas educacionais profissionalizantes em Poços de Caldas voltadas para meninas pertencentes às classes populares. Examinando fotos e documentos oficiais da escola e

---

<sup>38</sup> Essa instituição oferecia, inteiramente grátis, cursos de costura, bordado e utilidades domésticas, além dos quatro anos primários. A Escola Menino Jesus, fundada em 1916, pelo Padre Henri Mothon, funcionava anexa ao Colégio São Domingos, pertencente à Congregação dos Dominicanos no Brasil, e responsável pela educação das filhas de famílias da elite.

<sup>39</sup> “DOM BOSCO - 30 ANOS”, edição comemorativa dos 30 anos da escola, Gráfica Dom Bosco, Poços de Caldas, 1976.

entrevistando ex-alunas e alunos, constatei que muitas delas se projetaram no cenário público, no que tange à participação profissional e política.<sup>40</sup>

Padre Carlos representava uma liderança local e regional no que dizia respeito à educação profissionalizante escolarizada destinada aos grupos populares. Recebia apoio de uma parte da elite agrária e industrial e foi também conquistando aceitação do poder público à medida que sua obra se traduzia como necessária às novas exigências de mercado e era reconhecida por seu caráter social. Ele sempre se preocupou em obter diferentes apoios e, a partir das alianças conquistadas no cenário local, foi sendo possível a interlocução com diversas instituições governamentais. Como padre secular<sup>41</sup>, tinha certa flexibilidade para transitar em diferentes instâncias e, sendo muito comunicativo, escrevia insistentemente para órgãos ou mesmo para pessoas públicas, dando a conhecer suas propostas político-pedagógicas e solicitando ajuda. Isso tudo foi dando visibilidade ao trabalho que desenvolvia.

Durante as décadas de 1940 a 1980, recebeu apoio explícito do poder público, traduzido em suas relações com o Ministério da Justiça, o INEP e a Prefeitura Municipal, como dito anteriormente. A Secretaria do Interior do Estado, representada pelo Departamento Social do Menor, possibilitou a contratação de uma assistente social. E um convênio foi consolidado com o Departamento Social do Menor de Minas Gerais, que seria substituído anos depois pela FEBEM. Dona Yeda Tarquínio Bertozzi atuou como assistente social e teve como proposta acompanhar a formação do aluno a partir da articulação educação-trabalho, como podemos constatar neste depoimento:

*“Eu e minhas irmãs lecionamos na escola, bem no seu início. A gente fazia tudo lá na escola. Íamos sábado para lá, limpávamos a mesa, o chão, a louça, aquela coisa toda.  
Em 1952, fui para Belo Horizonte cursar a Faculdade de Serviço Social. Defendi tese em Serviço Social de Menores e mesmo Serviço Social de Grupo, que eu me especializei.*

---

<sup>40</sup> Como por exemplo: Maria José de Oliveira, ocupou o cargo de Secretária Municipal de Educação; Elisabeth Garcia Russo, atualmente, diretora de Marketing da Alcoa S/A e Maria José Barbosa, diretora da EDB e presidente da Fundação de Assistência ao Menor, desde 2002.

<sup>41</sup> Segundo MESCHIATTI (2000:48), a vida clerical se divide em duas formas: O clero secular, em que o clérigo responde diretamente ao arcebispo de uma Diocese (ele pode, porém, ter vida independente e possuir bens - o vínculo com a Igreja refere-se à responsabilidade de Igreja Paroquial). Já os religiosos do clero regular podem ser ordenados sacerdotes ou simplesmente permanecerem como Irmãos religiosos não ordenados. Estes têm, outrossim, a obrigação de viver em uma comunidade, juntamente com outros religiosos, subordinados a um superior. Não podem possuir bens em nome próprio e fazem votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência.

*Fiz estágios em escolas profissionais, e busquei o trabalho de assistente social junto às escolas profissionais, aqui em Poços, quando retornei, já formada.*

*Em 1959 eu comecei a trabalhar aqui. Fiz um plano do que eu entendia que o meu trabalho seria na escola. Foi aprovado.*

*Fazíamos entrevista para encaminhamento definitivo do aluno a uma seção. Verificávamos o aproveitamento e comportamento de cada um, com a necessária transferência de seções. Junto ao término das seções havia a orientação para observações dos alunos durante o rodízio (os alunos faziam troca de oficinas), fazíamos verificação do aproveitamento do aluno durante o rodízio por todo o ano, através de atendimentos individuais, reuniões em conjunto para discussão dos problemas ligados aos meninos, como resolvê-los e tratá-los.*

*Agora, o trabalho era feito junto aos professores da escola primária: eles colaboraram com as lições de casa individuais, disciplina e freqüência. Nós obtínhamos dos professores, quando necessário, informações e colaboração no tratamento do caso, junto às famílias com reorientação, dependendo da solução do caso do aluno, através de entrevistas na escola e entrevistas domiciliares. Apresentávamos ao diretor da escola relatório sumário do caso estudado para discussão, como também para os chefes das seção,s para dedicação do interesse mensal de cada aluno. Participávamos do planejamento e das reuniões com os pais. Fazíamos encaminhamentos dos alunos para o tratamento médico dentário. A gente procurava ver tudo dentro de uma técnica. Por exemplo, se eu fosse fazer uma dramatização, procurávamos orientar e estudar sobre o assunto.*

*Eu comecei a fazer um grupo de estudos com os chefes de seções. Os chefes das seções eram remunerados pela escola. Então eu comecei a fazer um trabalho de discussão sobre a questão humana, depois sobre o trabalho, a relação de emprego, a Consolidação das Leis do Trabalho, sindicato do trabalho, essas coisas.*

*Esse era o trabalho da assistente social em linhas gerais”.(26.01.2004)*

Nessa época, a política do presidente Juscelino Kubitschek (1956-60) objetivava implantar no Brasil os setores industriais mais avançados, e para isso se fazia necessário criar um amplo contingente de trabalhadores especializados. Por isso talvez o interesse do poder público em apoiar as propostas educacionais da EDB, que estavam em consonância com as necessidades de formação de mão-de-obra especializada.

Por outro lado, segundo Mello (1998), a grande ambição do trabalhador qualificado era fugir da condição proletária e tornar-se trabalhador por conta própria ou pequeno empresário. E a EDB possibilitou a formação de trabalhadores autônomos, registrando sua proposta educacional original. As palavras de Padre Carlos podem auxiliar-nos no entendimento das bases que sustentaram a formação do trabalhador: “*Pensa-se, antes, aumentar as folhas do leque de*



Aulas de Corte e Costura direcionadas às mulheres. Década de 1960.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Meninas em salas mistas cursando o primário. Década de 1950. Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

*possibilidades para que a infância e a mocidade possam encontrar os seus verdadeiros caminhos sem se desenganarem da comunidade á qual pertencem*".<sup>42</sup> Podemos constatar uma relação direta entre o aumento de ofertas pela EDB das oficinas profissionalizantes aos seus alunos e as novas exigências profissionais que despontavam com o mercado de trabalho voltado às indústrias.

O projeto educativo da escola contou com a organização, desde 1957, de um jornal, cujo objetivo foi divulgar a produção dos meninos, e também o trabalho pedagógico da escola. Com circulação interna e externa, ele teve como primeiro nome "Correio de Dom Bosco", e posteriormente "Construção".<sup>43</sup> Esse veículo de informações trazia também textos elaborados pelos alunos, que se animavam com a possibilidade de divulgar e obter o reconhecimento de suas produções.

Os professores se reuniam periodicamente visando ao aprimoramento das práticas pedagógicas, sendo que chegaram a formular e imprimir livros didáticos que pudessem ficar mais próximos do interesse dos alunos. Sempre existiu a preocupação com um ensino em que o *saber fazer* estivesse como mote principal das atividades.

Reconhecendo a abrangência do trabalho profissionalizante desenvolvido pela EDB, mais uma vez o INEP realizou, em 1959, um investimento na escola, sendo então possível a construção do prédio para as oficinas de Artes Industriais.

Nas palavras do fundador ficam evidentes as intenções de, ao possibilitar aos jovens pertencentes aos grupos populares uma preparação para o trabalho através da educação, evitar-se sua futura marginalidade:

*"Não é fácil avaliar o número e a variedade dos pobres que aqui aportam, calcular o que esperam e compreender o que fazem. Entre eles, inúmeras crianças sofredoras, indignamente exploradas. (...) A generosidade transitória e o emprego inexpressivo acostumam mal os menores e, quase sempre, os inutilizam para a vida inteira. O abandono de fato termina na criminalidade. O triste espetáculo das nossas ruas, em concreto, se visualizava em muitas*

---

<sup>42</sup> "DOM BOSCO - 30 ANOS" (1976), Edição Comemorativa dos 30 Anos da Escola, Gráfica Dom Bosco, Poços de Caldas, p. 31.

<sup>43</sup> Os jornais divulgam os trabalhos realizados por alunos e professores e informam os acontecimentos relevantes dentro da comunidade escolar. Nomes recebidos ao longo de sua história: "Correio de Dom Bosco", "Construção", "Estafeta", e "Estafeta – Meninos de Dom Bosco".

*histórias já concluídas de adultos danificados pelo passado vivido no abandono. (...) Importava salvar tudo e todos. Mas a criança não espera. Impunha-se proteger o menor.” ( DOM BOSCO – 30 ANOS: 1976).*

Na década de 1960, o processo de inserção da sociedade local na realidade capitalista, com a entrada das empresas multinacionais, tornando-se, indiscutivelmente, o centro do novo poder econômico, contribuiu para que padrões de direção e de gestão mais racionalizados e mais profissionalizados fossem postos em evidência pela burguesia brasileira. Isso reforçou mais ainda o ideal da formação do trabalhador especializado, com a educação representando um meio de qualificação e um processo de socialização e integração social do indivíduo. (MELLO: 1998).

Em 1963, com o reconhecimento do Ministério da Educação, o Ginásio Industrial implantou o ensino secundário, e o primeiro curso foi o de Eletrotécnica. Em 1975, Desenho e Mecânica. O SENAI (Serviço Nacional da Indústria) foi procurado pela escola para que, a partir de consultas ao mercado de trabalho, assessorasse tecnicamente a EDB na implantação de cursos que realmente viessem atender ao preparo do trabalhador. Nas palavras de Padre Carlos:

*“Mais um passo na estrada da inteligência e mais uma conquista para aqueles que se destinam à área econômica industrial.*

*Em 1963, reconhecido pelo MEC como Ginásio Industrial Dom Bosco, o curso mostrou-se condizente com o tipo da Escola e com as necessidades do país em vias de desenvolvimento. Impunha-se um curso secundário, onde os alunos saídos do Curso primário encontrassem prosseguimento natural dos estudos e aplicação de suas habilidades noviciadas nas técnicas do Curso Complementar”.*

*( DOM BOSCO – 30 ANOS: 1976)*

A Fundação de Assistência ao Menor, mantenedora da EDB, criou várias estratégias político-administrativas para a manutenção das atividades escolares nas décadas de setenta e de oitenta do século XX. O setor privado manteve-se como forte aliado na formação e consolidação dos cursos profissionalizantes oferecidos pela escola. A EDB obteve apoio financeiro de diferentes indústrias, inclusive internacionais, através de concessão de verbas para bolsas de estudo destinadas aos alunos, e também de apoio a organização de cursos de aperfeiçoamento profissional, com a doação de máquinas para as oficinas.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Constam do arquivo textual da escola documentos que registram acordos firmados com diferentes empresas e indústrias. A escola recebeu bolsas de estudo da ‘Celanese’, como também de Furnas. Obteve apoio da ‘Motores

Consta do texto do Plano de Desenvolvimento de Poços de Caldas<sup>45</sup> a informação de que, no início da década de 1970, com a implantação da indústria de metalurgia na cidade, o salário médio mensal mais elevado voltou-se para as funções de manutenção de equipamentos, exigindo uma atuação especializada dos trabalhadores. Nesse momento, entretanto, constatou-se uma carência de mão-de-obra relacionada aos técnicos de eletricidade, aos técnicos em mecânica industrial e aos desenhistas – cursos prontamente implantados pela EDB, com apoio da Secretaria do Estado de Minas Gerais. Convênios foram assinados, estabelecendo que o Estado assumiria o pagamento da maior parte dos professores.

Torna-se pertinente ressaltar que a escola, apesar de ter recebido nesse momento o apoio do Estado de Minas Gerais, não se transformou, efetivamente, em escola estadual. Tal situação levou, em 1979, a Delegacia Regional de Ensino de Poços de Caldas a solicitar a *estadualização* efetiva da Escola Profissional Dom Bosco, pelo menos no que dizia respeito ao curso primário. A FAM, desde 1964, comprometeu-se a ceder salas, e o Estado nomeou professores para atuarem no que se chamou de Escolas Combinadas, anexas à Escola Profissional Dom Bosco. Posteriormente, a denominação passou a ser Escolas Reunidas junto à EDB, em 30 de julho de 1974. Mas seus diretores foram contrários a essa medida, uma vez que as propostas educacionais poderiam perder suas características originais. Nos termos de Padre Carlos:

*“Uma só cabeça deve orientar os grupos de uma comunidade. A união reside precisamente nisso: unidade de direção. O mesmo objetivo pode ser colimado por diversos caminhos, mas sem uma só autoridade, dificilmente ele é atingido. Essa preocupação obstou a transformação das escolas reunidas em grupo escolar. Embora houvesse número de alunos e todos os requisitos exigidos, essa transformação de quadros comprometeria quase totalmente a unidade, pela fragmentação da autoridade e agregação de membros isolados, em prejuízo do entendimento familiar, que é uma das principais características da obra. A perfeita*

---

Brasil’ para cursos de aperfeiçoamento na área de mecânica. Cursos foram realizados através de convênio com a SETAS (Secretaria de Trabalho e Ação Social).

Apoios de instituições internacionais foram concretizados com a ‘Céris do Brasil’ e com a ‘Fundação Actionkreis’, entidades holandesa e alemã, respectivamente. O apoio ocorreu principalmente em forma de doação de máquinas para as oficinas. Muitos recursos financeiros foram transformados em bolsas de estudo para "alunos afilhados".

A ‘Alcoa Foundation’ fez significativas doações à escola desde o início de suas atividades (1982) em Poços de Caldas.

Em 1983 a escola teve o apoio da instituição bancária Unibanco, através de seu diretor/presidente, Walter Moreira Salles.

O Senai, a Febem e a Utramig, mantiveram convênios com a escola, principalmente para a montagem de seus cursos e fornecimento de máquinas e materiais para as oficinas. Consultar GENTILINI, 1997.

<sup>45</sup> *PLANO DE DESENVOLVIMENTO Integrado de Poços de Caldas*. [s.l.]: Consultec, 1968. (v.1).

*entrosagem das partes de um conjunto tão diversificado responde pelos bons resultados do esforço particular na direção de todos”.*

Essa resistência quanto à estadualização, como também quanto à municipalização da EDB, sempre promoveu discussões acirradas sobre seu destino. Quais os motivos de não se tornar pública uma iniciativa direcionada aos grupos populares? O que pensavam os professores, pais e funcionários a respeito? A partir das entrevistas realizadas para a constituição do banco de história oral, vimos que os professores manifestaram-se sempre favoráveis à continuidade da gestão mantida pela direção da escola, uma vez que o projeto político pedagógico não poderia ser exposto a riscos. Uma instituição escolar que, desde os anos de 1940, recebia alunos pertencentes às camadas populares, que cursavam as disciplinas comuns e ao mesmo tempo recebiam formação complementar no campo artístico, profissional e religioso, dentro da filosofia que sempre norteou a escola desde seus primórdios, poderia perder suas características originais com a mudança de direção. Quem garantiria a continuidade de educação em tempo integral, uma vez que essa experiência era inédita em Poços de Caldas? Quais seriam os princípios que sustentariam o ensino profissionalizante? E a coordenação pedagógica não ficaria comprometida, uma vez que o projeto educacional estruturou-se a partir de reuniões periódicas com as famílias e professores, nas quais os assuntos educacionais eram discutidos amplamente? Esse temor quanto aos destinos da escola levou a momentos de crise, e a comunidade foi chamada para discussão e tomada de decisões coletivas. A opinião da maioria era favorável à continuidade das propostas mantidas pelo modelo educacional até então vigente. Não podemos deixar de considerar também o interesse da Igreja em manter esse patrimônio sob seus domínios, apesar de não se tratar de uma instituição diretamente ligada a uma congregação católica.

Podemos atestar uma relativa transparência na discussão dos problemas que a escola enfrentava. Além das freqüentes reuniões com a comunidade, por intermédio dos jornais produzidos pela EDB, o público interno e externo tomava conhecimento das dificuldades que a escola vivenciava. Padre Carlos também divulgava periodicamente uma prestação de contas dos recursos utilizados pelas doações.

As empresas que apoiaram as atividades profissionalizantes receberam, e ainda recebem, alunos recém-formados pelos cursos técnicos da escola, na condição inicial de estagiários, e muitos deles passam a fazer parte do quadro de funcionários efetivos.

O depoimento da ex-aluna Elisabeth Garcia Russo reflete como a trajetória escolar contribuiu para sua atuação no mercado de trabalho. Exercendo função de liderança no setor de Relações Públicas de uma empresa multinacional instalada na cidade de Poços de Caldas, ela atesta a contribuição da escola, ainda nos dias de hoje, para a formação de grande parte da mão-de-obra exigida para o desenvolvimento desse empreendimento industrial.

*“A Escola Dom Bosco foi muito importante para a minha vida. Eu vivi, aqui desde criança, com quatro anos de idade, e fui até o quarto ano do Curso de Eletrotécnica. Quando me formei na oitava série, Padre Carlos me chamou em um canto e disse-me: ‘A partir de tal dia você tem um trabalho na Escola Dom Bosco’. Comecei como auxiliar de escritório, depois aprendi a trabalhar para a gráfica, com uma máquina IBM Composer, e somente depois fui para uma outra empresa.*

*Padre Carlos e Dona Maria Figueiredo eram pessoas à frente do seu tempo. Então, essa visão que eles tinham da realidade acabou gerando um grupo de pessoas selecionadas para todas empresas de Poços de Caldas e região. Inúmeras pessoas, hoje, fazem parte dos quadros de funcionários das empresas. Eu posso até citar a Alcoa Alumínio S/A – é uma empresa privilegiada, por ter tantos profissionais formados aqui na Escola Dom Bosco”.* (25.07.2006)

As propostas de ensino profissionalizante da escola foram se modificando com o decorrer das mudanças no cenário econômico da cidade, cada vez mais industrializado. Os cursos profissionalizantes passaram a ser organizados com vistas de duas frentes pedagógicas: continuidade das propostas iniciais da escola na formação do artesão, capaz de organizar oficinas domiciliares e, posteriormente, capacitação de profissionais para atuação em empresas e indústrias.<sup>46</sup>

Novos convênios foram assinados com a Secretaria de Estado da Educação, Desde 1973, o Estado foi assumindo gradativamente os gastos com a contratação de pessoal para atuar no Primeiro Grau. Esse convênio foi renovado até 1988, dando à Escola uma dupla característica: em termos jurídicos, ela permanecia uma instituição de direito privado sem fins lucrativos; na prática, acatava as regras do Estado quanto à manutenção de uma boa parte de seu quadro de pessoal, assumindo dessa forma uma faceta de escola pública estadual. GENTILINI (1997:24).

Recapitulando, o quadro docente da escola era constituído por: professores contratados, profissionais remunerados com recursos próprios da escola, obtidos pelas doações e mensalidades

---

<sup>46</sup> Para uma discussão política do ensino profissionalizante oferecido pela EDB no período de 1946 a 1970, consultar ALVISI, 2001.

simbólicas cobradas aos alunos que podiam contribuir, e eventuais verbas dos poderes públicos; e por professores do Estado, que acabaram tornando-se maioria. Essa composição provocou uma situação inusitada, vivenciada no ano de 1979, quando a rede estadual de ensino de Minas Gerais deflagrou uma greve, e os professores ‘lotados’ na escola aderiram ao movimento. A escola teve suas atividades paralisadas, e foi a única instituição de ensino não pública da cidade a vincular-se a tal movimento grevista.

Podemos constatar, examinando textos de convênios firmados, o interesse do poder público pelo funcionamento da escola, devido entre outras razões, a sua infra-estrutura – prédios e oficinas bem equipadas, que se diferenciavam das outras instituições, e que davam plenas condições para a formação dos trabalhadores especializados.

Diferentes segmentos dos grupos populares reconheciam o espaço da EDB como local de lutas e conquistas da classe trabalhadora: os alunos freqüentavam a escola em tempo integral, com aulas das disciplinas pertencentes aos currículos oficiais e, ao mesmo tempo, recebendo uma formação no campo artístico, profissional e religioso, com a questão alimentar também assegurada. As declarações de João Augusto Gentilini nos elucidam a importância da escola como um espaço de encontros e discussões das famílias pertencentes aos grupos populares da cidade. Nos seus termos:

*“Penso que muitas vezes nem os próprios fundadores da escola percebiam a força do que estava acontecendo aqui dentro, a importância que essa escola tinha para esse segmento da sociedade, que não teria oportunidades em outras instituições educacionais. Não tinham oportunidades correspondentes ao seu valor na sociedade civil. Uma cidade turística sempre voltada para pessoas com dinheiro. A escola foi uma comuna, digamos assim, no limite, lembrando aí a comuna de Paris. Ela foi um espaço, um núcleo educacional, onde essas demandas coletivas desse segmento aqui apareciam. Apareciam na ação educativa cotidiana, na articulação dos educadores com essa comunidade e na sensibilidade de seus dirigentes. Reunir quase três mil pessoas numa quadra, todas elas de nível sócio-econômico mais ou menos homogêneo! E ter uma comunicação com esse pessoal da maneira como o Padre Carlos e a dona Maria tinham, e nós tínhamos, não é fácil você conseguir em qualquer escola. A identificação era muito grande, a gente ia aos pontos. Promoviam eventos com os pais, não enquanto pais de famílias nuclearizadas, mas eles se sentiam aqui dentro, dentro do coletivo:*

*Nós somos um segmento da sociedade que está tendo espaço em algum lugar, que era aqui”.* (28.05.2006)

A EDB tornou-se local obrigatório de visita de autoridades estaduais, políticos e dirigentes do ensino. No início da década de 1970, Padre Carlos é convidado a participar de diferentes eventos com educadores, para discussão dos novos rumos que a educação deveria tomar, sendo ouvido em encontros promovidos pela Secretaria do Estado do Interior, como também reconhecidas suas propostas pelo Conselho Federal de Educação, quando recebe a visita do seu presidente, Padre José de Vasconcelos.

Com o governo militar, na década de 1970, o ensino médio passa a oferecer a habilitação profissional compulsória, representada por um projeto que aparentemente deveria abranger todas as classes sociais, indiscriminadamente. Com a implantação da lei 5692/71, o ensino profissionalizante passa a ser obrigatório para o ensino médio. A EDB não teve sérios problemas para seguir as novas determinações, pois há muito organizava cursos profissionalizantes. Entretanto, segundo textos de Padre Carlos, relatos de alunos, professores e coordenadores, como também registros impressos pertencentes ao acervo da EDB, a proposta educacional profissionalizante sustentou-se em uma base profundamente humanista, e não apenas instrumental, para atender a demanda por técnicos. Interessava à escola a manutenção de uma formação profissional efetiva, iniciando-se com sondagem vocacional e decidindo-se pela profissionalização no ensino médio de forma atualizada em consonância com as necessidades do mercado, mas tendo no trabalho um princípio educativo integral. (GENTILINI, 1997).

Padre Carlos faz críticas severas quanto à falta de recursos que o país sofria para o cumprimento das determinações da nova lei, como também em relação à formação do futuro trabalhador. Em uma das correspondências enviadas ao reitor da Utramig (Universidade do Trabalho de Minas Gerais), Prof. Agnelo Correa Viana em 15.07.1972, evidenciam-se os questionamentos relativos à implantação compulsória dessa Lei, quanto à falta de recursos que os estados enfrentavam para o seu cumprimento.

*“A situação penosa que enfrentamos com a aplicação da lei 5692, que modifica toda a estrutura educacional do país, desligando todo o ensino médio da alçada federal, para ligá-lo à responsabilidade do estado. Despreparado para assumir as incumbências técnicas e financeiras, o estado não tem dado e não dará tão cedo a cobertura necessária às entidades que militam no importantíssimo setor industrial, anteriormente assistidas pelo MEC e pela Utramig. Pedi-lhe, então, que fosse o intérprete dessas obras particulares junto das autoridades competentes, (...) no sentido do Mec continuar a assisti-las enquanto o estado se prepara para arcar com os ônus da transferência. Deixei-lhe,*

*inclusive, uma cópia do Memorial enviado ao Sr. Ministro e ao Dr. Paulo, quando o assunto é tratado e fica dito que sem essa medida sugerida ou outra semelhante as entidades dedicadas ao ensino profissional dos carentes de recursos sofrerão colapso ”.*

Padre Carlos posicionou-se sempre favorável à formação profissionalizante promovida pelo ensino médio, e manifestou-se contrário ao caráter meramente propedêutico ou preparatório à universidade. Cunha (1974) ressalta que a lei 5692/71 representou uma tentativa de reorientar o ensino médio, no sentido de que ele viesse a desempenhar uma função oposta àquela que o ensino técnico industrial desempenhou até então. Ao contrário de uma função propedêutica, uma função contendor. Supostamente, buscou-se organizar o ensino médio de modo que tivesse terminalidade, isto é, que sua conclusão representasse para os alunos formandos uma aquisição, no caso, de uma habilitação profissional e, portanto, restringiria o interesse dos alunos do ensino médio ao acesso aos cursos superiores.

Entretanto, segundo esse mesmo autor, os estabelecimentos particulares de ensino médio promoveram um processo de ajustamento entre a função propedêutica que tal ensino desempenhava antes da Lei 5692/71 e os seus aspectos formais profissionalizantes. Tratou-se da constituição de currículos de tal modo que os cursos médios oferecessem condições para a inserção aos cursos superiores que constituíam, desde o início, o alvo dos alunos. As escolas públicas que atendiam parcelas de renda mais baixa da população não puderam se orientar para esse ajustamento, organizando os cursos profissionalizantes com muitas deficiências. Em outros termos, a lei acabou beneficiando os alunos das escolas privadas (das classes média e alta). O dualismo da educação continuava, dessa maneira, posto.

Mas, diante desse cenário, qual foi então o papel da escola frente à formação de trabalhadores, e o que significaram as críticas feitas pelo Padre Carlos a implantação dessa lei?

A EDB exerceu um papel interessante nesse sentido: constituiu-se como escola privada sem fins lucrativos, e seus objetivos eram atender os alunos pertencentes aos segmentos de renda baixa, promovendo-lhes o ensino profissionalizante. Padre Carlos criticou a inadequação da lei frente às reais condições materiais das escolas, incluindo as públicas, que teriam dificuldades em atender certas determinações. Compreendia que, com poucas condições para oferecer um ensino profissionalizante de qualidade, as escolas técnicas direcionadas aos filhos pertencentes aos grupos populares ofereciam uma formação muitas vezes deficitária nos seguintes aspectos: falta

de professores capacitados para exercerem suas funções; e necessidade de aperfeiçoamento de técnicos com cursos, palestras e intercâmbios, considerando que os alunos, ao assumirem seus cargos nas empresas, se desvinculavam quase totalmente de suas escolas, o que poderia causar-lhes desatualização tecnológica. Nesse sentido, o padre defendia a promoção de financiamentos às escolas pelo poder público no que dizia respeito à ampliação de suas instalações, para que pudessem, com a aquisição de novos equipamentos, acompanhar o desenvolvimento tecnológico.

47

O que estava em jogo no cenário nacional, segundo Mello (1998), era a configuração de um capitalismo plutocrático e selvagem de um lado, e de outro um capitalismo domesticado pelos valores modernos de igualdade social defendido por movimentos que buscavam coletivamente o combate pela quebra dos monopólios sociais. Como mobilizar um povo deixado por séculos na ignorância pelas classes dominantes e pelas elites? Os impulsos de mudança partiam do ideário trabalhista do feitiço positivista, do socialismo e do comunismo. No Brasil, formas de pensamento social anti-individualista decorreram, em boa medida, da secularização, no plano da ideologia política e da ética católica, pelo solidarismo cristão. Acima de todas as divergências de orientação, havia um valor que era comum a todos – a construção da nação e da civilização brasileira.

Como consta dos registros manuscritos de Padre Carlos, a EDB foi consolidada sob os preceitos religiosos moldados no solidarismo cristão e em propostas educacionais, visando à formação de futuros trabalhadores, capazes de atuarem na sociedade de forma organizada e responsável, mas o objetivo central seria o crescimento do aluno na relação com a família e com a sociedade mais ampla.

O final da década de 1980 representou para a EDB um momento de crises, tendo essa instituição vivenciado um movimento de profundas transformações. No governo de Newton Cardoso, a Secretaria da Educação passou por um processo de racionalização do quadro de

---

<sup>47</sup> Síntese da III reunião de representantes dos diretores de estabelecimentos de ensino técnico industrial do estado de Minas Gerais. Estiveram presentes nesse encontro, ocorrido em 24 e 25 de maio de 1971: Francisco Teodoro da Silva, Utramig; Nelson Hirtmann, DEM-I-MG; Maria Cristina Vieira Costa, Utramig; Cid Maurício Dtehling, Diretor do Instituto de Laticínios “Cândido Tostes” de Juiz de Fora; Vital Eisenberg, Diretor do Colégio Técnico Ind. De Metalurgia de José Brandão - Caeté; Wanderley da Mata Louback, Diretor da Escola Técnica do Instituto de Tecnologia de Governador Valadares; e Monsenhor Carlos Henrique Neto, Diretor do Ginásio Industrial e da Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas.

pessoal, implicando no cancelamento de alguns convênios com escolas que contavam com professores cedidos pelo Estado, inclusive a EDB.

Como instituição sem fins lucrativos, cujas fontes de renda centravam-se nas contribuições simbólicas da comunidade e nas verbas dos poderes públicos, a EDB teve que encontrar recursos próprios para a remuneração de novos professores. E a sociedade civil se fez presente, organizando o “Movimento Solidário Financeiro”, que marcou a participação da comunidade na resolução de um problema considerado comum aos seus interesses: a manutenção das propostas político-pedagógicas da escola. Somente em 1992, a escola recebe apoio do governo do Estado, com a assinatura de um novo convênio, prevendo apenas algumas vagas para professores efetivos. A esmagadora maioria do quadro docente e de funcionários, entretanto, seria mantida com recursos próprios. Iniciou-se também a cobrança de mensalidades aos alunos (mas bem abaixo dos valores referentes às escolas da rede privada, até os dias de hoje).

No cenário nacional aprofundava-se a desigualdade. A dinâmica econômica e social se apoiou continuamente, de um lado, na concorrência desregulada entre trabalhadores e, de outro, na monopolização das oportunidades de vida pelos extratos situados no cimo da sociedade (MELLO, 1998: 618).

A grande maioria da população que ainda vivia no campo, em 1980, continuava mergulhada na pobreza, e a escola era quase tão inacessível quanto antigamente (uma das razões para a recrudescência do êxodo rural). Na cidade, a chegada de verdadeiras massas de migrantes pressionou constantemente a base do mercado de trabalho urbano. Os salários do trabalhador comum foram baixando de valor, dada a extraordinária massificação de certas profissões que eram, anteriormente, de qualificação média. A ampliação do ensino fundamental criou uma oferta abundante de mão-de-obra apenas apta a exercer cargos subalternos que exigiam pouca escolaridade, mas o índice de evasão escolar era elevado, com a qualidade da educação péssima.

Mesmo tendo perdido o apoio do Estado e passando a cobrar dos alunos, a EDB ainda representava uma alternativa de inserção e de continuidade, em nível municipal, para os cursos oferecidos aos alunos pertencentes à classe trabalhadora.

Segundo Mello (1998), a expansão de serviços de saúde durante as décadas de 1970 a 1980 nas cidades mostrou-se extraordinária e, como consequência, foram criados novos postos de trabalho para médicos, enfermeiros, atendentes etc. Então, a EDB inaugura o curso técnico de nível médio na área da enfermagem, em 1970.

Nesse sentido, os cursos profissionalizantes oferecidos seguiram as necessidades impressas pelos rumos que a sociedade tomou. A proposta pedagógica da escola era a de oferecer um bom nível de ensino, representado pela atuação dos professores, com o constante apoio da coordenação pedagógica, pela existência de laboratórios adequados, de material didático inovador e da biblioteca atualizada. E também os estágios monitorados nas empresas contribuíram de maneira significativa para a continuidade da formação de trabalhadores qualificados, sempre pretendendo acompanhar o crescimento industrial da cidade de Poços de Caldas. Essa constatação partiu da análise de depoimentos de ex-alunos, ex-professores e membros da comunidade local, visto que grande parte dos alunos acabou por assumir posições de liderança no mercado de trabalho.

Nos anos 80 do século XX, as empresas multinacionais consolidaram-se como verdadeiro núcleo do poder econômico e político. As grandes corporações, já operando com sucesso desde 1960, ampliaram significativamente suas atividades, contrastando com a situação miserável de muitos trabalhadores. Conforme Mello (1998), o país estava organizado a partir de um estado plutocrático, mas extremamente dinâmico.

A empresa Alcominas, posteriormente denominada Alcoa S/A, instalada em Poços de Caldas, como já mencionado, em 1982, com atividades em larga escala de mineração, passou a exigir funcionários cada vez mais capacitados. Padre Carlos procura a direção dessa empresa e juntos determinam uma parceria para a formação de trabalhadores na área de mecânica e eletrotécnica. A empresa ofereceu subsídios para instalação de equipamentos necessários ao aprendizado nas oficinas e estágios garantiam a participação dos alunos no universo da fábrica.

Na década de 1990, a escola contemplava os seguintes níveis de ensino: creche, educação infantil, educação básica, ensino médio e cursos técnicos profissionalizantes nas áreas de eletrotécnica, mecânica, enfermagem e microinformática.

Atualmente, esses mesmos cursos são oferecidos e a maior parte do quadro de professores é mantida pela própria escola, sendo que a Prefeitura Municipal mantém convênio nas áreas de alimentação; paga alguns professores da creche, educação infantil e ensino fundamental; e beneficia, em alguns aspectos, o curso de enfermagem.

Retomando a trajetória histórica dessa instituição, continua a preocupação com a formação dos trabalhadores técnicos da cidade. O trabalho, entendido como princípio educativo,

norteou todo o processo de estruturação da escola. O artesão, inicialmente preparado para atuar em oficinas domiciliares, vai cedendo espaço ao operário especializado.

No processo de urbanização, como nos aponta Mello (1998: 610), as virtudes católicas já estavam penetradas pela noção do dever, fundado em valores modernos. A exaltação do trabalho honesto, o repúdio à preguiça, o estímulo à vida sóbria, o respeito pelo próprio corpo, que leva às obrigações de higiene em relação à alimentação, ao vestuário, à casa e também à educação física, eram preceitos religiosos disseminados pela Igreja Católica, e que sempre estiveram presentes na orientação educacional da EDB.

O solidarismo cristão, necessário a uma sociedade, em que o trabalho era concebido como valor social foi cultuado na escola católica. A noção do trabalho, constituída pelos preceitos religiosos, juntamente com a necessidade da formação de mão-de-obra apta às novas exigências que se configuravam com a industrialização, delinearão os processos educacionais, voltados à profissionalização dos indivíduos pertencentes aos grupos populares.

A maneira de conceber o ensino profissionalizante foi motivo de intenso embate entre os educadores. De um lado estavam aqueles que defendiam a idéia de que era tarefa do Estado não somente preparar os alunos para determinadas classes da sociedade, mas também proporcionar condições para que uma formação profissional em bases sólidas desse a eles oportunidades de ascensão social. Com um posicionamento oposto, houve os que acreditavam que a prioridade do ensino profissional era o preenchimento dos quadros industriais, pois esta era a função que diferenciava este tipo de proposta educacional das demais. Apesar dessas discussões, a educação profissional continuava apartada da acadêmica, configurando um dualismo. FONSECA (1961).

A EDB foi assumindo ao longo do tempo uma função agregadora, pois alunos, pais, funcionários, moradores do bairro e membros da comunidade tinham-na como referência de suas conquistas. As diferentes fases que marcaram sua trajetória político-pedagógica e as relações com o cenário econômico que se configurava como industrializado permitem-nos algumas constatações. Os currículos dos cursos técnicos contemplaram disciplinas que eram chamadas de 'cultura geral', e a articulação com a arte estava sempre presente, aliada aos pressupostos religiosos pautados no solidarismo cristão, proporcionando, além da capacitação profissionalizante, uma formação intelectual que permitisse aos alunos acesso aos cursos superiores, ou mesmo atuação no mercado de trabalho com possibilidades de ascensão social.

Mello (1998: 643) pontua o discurso que imperou nas décadas decisivas para a industrialização brasileira, em que *“alguns valores substantivos, o do trabalho como fim em si mesmo, ou o da necessidade dos cuidados de si, ainda encontram amparo na industrialização acelerada, na mobilidade ascendente e até na modernização dos padrões de consumo. No entanto, outros valores modernos secularizados, como o da autonomia do indivíduo, o dos direitos do cidadão, o do desenvolvimento espiritual e o do acesso ao mundo da cultura, não encontram pontos de apoio para se desenvolver. Ao contrário, colidem com os valores utilitários difundidos pelos meios de comunicação de massa”*. Nesse aspecto, considero relevante o trabalho desenvolvido pela escola, na busca de conciliar a educação profissionalizante ministrada nas oficinas com uma formação intelectual, representada pelos currículos das aulas de ‘cultura geral’.

O aprendizado nas oficinas era amplamente aceito pelos familiares, conforme constatado pelos depoimentos e documentos oficiais da escola. A produção era desenvolvida num ritmo acelerado e com muita disciplina. O envolvimento acontecia também pelo fato dos alunos escolherem qual atividade prosseguir, sendo que suas tendências pessoais eram consideradas e ressaltadas.

Os relatos seguintes atestam a preocupação com a formação integral proposta pela escola. O Sr Abrahão Reseck foi aluno e participou das oficinas artesanais. Já adulto, retornou à escola como professor de Língua Portuguesa:

*“Havia muito entusiasmo, muito interesse desse trabalho de oficina nas artes industriais. E, até onde eu me recordo, os alunos tinham muito gosto, muito prazer. Era assim uma espécie de válvula de escape para a tensão da sala de aula. Assim como era o esporte também. Então isso funcionava como uma terapia admirável. A turma gostava muito. Isso era inquestionável”*.  
(02.11.2003)

João Augusto Gentilini, ex-professor de História, ressalta a importância das oficinas para a formação do trabalhador autônomo. Relaciona a proposta pedagógica das oficinas com os pressupostos teóricos de Jean Amos Comênius, em que o “saber fazer” constitui-se na condição ‘*sine qua non*’ para que a aprendizagem fosse significativa para o aluno. .

*“Mas o que me atraía na proposta pedagógica era o fato dos alunos permanecerem na escola em tempo integral. A escola apresentava todos os recursos do ponto de vista de alimentação, de material didático e principalmente de início de formação profissional. Os alunos, desde cedo, freqüentavam as oficinas da escola num período e, depois, cursavam as disciplinas regulares pertencentes ao currículo regular, num outro período. Isso era um diferenciador, porque não havia isso em Poços. Os princípios nos quais se fundamentava a proposta da escola, para dar sustentação ao fato de ter aluno em período integral, aqui, sempre foram princípios que tinham um forte caráter social. A escola não abria a mão disso.*

*Os alunos realmente precisavam ter uma formação regular constante do currículo nacional. Já nas oficinas, pensava-se no despertar de vocações e talentos.*

*Não apenas pelo aprendizado dos conteúdos regulares, ou seja, matemática, história e geografia. Mas havia a tentativa de transpormos em diferentes etapas os princípios científicos. Princípios que eram estudados em física, em matemática, em geografia. Nas oficinas os alunos viam as coisas acontecerem. Não iam para uma oficina somente com a intenção de aprender um ofício. Existia uma articulação. O Padre Carlos tinha uma preocupação para motivar os professores a sempre tratarem de questões do seu conteúdo específico, da forma que os alunos, num determinado momento, pudessem ver isso acontecer realmente na transformação da matéria. Isso para mim era fascinante! Lembrava um pouco Comênius com essa preocupação, de ao fazer o aluno transformar a matéria, produzir alguma coisa.*

*Aí vinha a outra etapa, que era socializar a profissão feita aqui dentro da escola. Mostrar que a escola produzia alguma coisa feita por alunos. Que eles faziam aquilo como prática. Colocavam em prática aquilo que estavam aprendendo, teoricamente.*

*E dessa forma o que aconteceu com os alunos? Eles iam percebendo que, primeiro, eles não estão estudando à toa, não estavam estudando apenas para ter um diploma. Estavam estudando em direção a alguma coisa. Segundo, estavam se integrando de certa forma em uma sociedade como cidadãos produtivos. Tinham algo a oferecer à sociedade. Mostravam-se úteis”.*(28.05.2006)

Não se pode deixar de levar em consideração que o processo de disciplinarização imposto pela escola acaba levando o aluno a incorporar valores que são socialmente estabelecidos. Enguita (1989) atenta-nos para os aspectos burocratizantes que vão se consolidando nas práticas escolares, quando os alunos são organizados sob critérios impessoais. O autor ressalta que, não se respeitando as características individuais dos alunos e submetendo-os a constantes normas impostas de convivência, provavelmente essa organização escolar visa à obediência e docilidade futuras do aluno frente às exigências do mercado de trabalho industrializado.

Ao longo da história da EDB, podemos constatar que a estruturação das oficinas permitia a escolha do ofício a ser aprendido, respeitando-se preferências e habilidades. Eram promovidos rodízios entre as oficinas, com objetivo de permitir a compreensão de todas as etapas da produção. A articulação sempre presente dos conteúdos das aulas de cultura geral com o trabalho realizado nas atividades manuais permitiu a configuração da base filosófico-educacional da escola. Nos termos de Gentilini (1997:13-14):

*“O aprendizado pela prática mostrava-se um princípio educativo muito mais atraente, partindo do talento inato dos alunos, capaz de incentivá-los com muito mais facilidade. Se ao ensino prático unimos a formação teórica, a compreensão dos princípios fundamentais de um ofício, os ensinamentos referentes à língua e à aritmética, enriquecidos por noções de higiene, civismo, etc(...) estaríamos superando o teorismo e a verborragia, unindo a prática à teoria. O estímulo à criatividade, aliança da teoria à prática, o ensino de coisas que serão efetivamente utilizadas na vida profissional, são elementos de uma filosofia educacional à qual irão somar-se, naturalmente, outros elementos do campo formativo: a solidariedade, o respeito às limitações de cada educando, o sentimento de responsabilidade pessoal e social, a cooperação no trabalho. A filosofia educacional da Escola Dom Bosco vai se configurando pela articulação de elementos subjetivos que são os de seus diretores e objetivos, marcados pelas experiências concretas de educar e proporcionar uma formação profissional a crianças e jovens das camadas populares”. (28.05.2006)*

Haddad (1982) defende que, a partir do momento em que os atores envolvidos na organização interna da escola encontram um ambiente de participação, pode haver a articulação com os interesses das classes populares. Ou seja, o aluno trabalhador, nesse ambiente, pode desenvolver sua capacidade de relacionamento, organização e participação, atitudes consideradas pelo autor como fundamentais para o processo de mudança. Neste sentido, quando os alunos participavam das discussões que envolviam a avaliação da produção e o valor da remuneração a ser estipulada, estavam inseridos num espaço em que a dimensão educativa ultrapassava o limite da produção. Desta maneira pode ficar evidente o caráter contraditório da escola que tende a reproduzir a ordem estabelecida, pois pode ser também, nos seus limites, uma ameaça a essa mesma ordem (DAYRELL, 1990: p.7).

Interessante acompanhar a evolução da EDB e contextualizá-la no cenário econômico nacional, configurando-a em períodos distintos. Conforme definição de Mello (1998), o primeiro momento refere-se aos anos de 1945 a 1964, representando a etapa decisiva no processo de industrialização. Instalam-se os setores tecnologicamente mais avançados, ocasionando processo de migrações internas e acirrando a urbanização. Em Poços de Caldas, mudanças são evidentes e significativas rumo à industrialização, com o fechamento dos cassinos e o interesse na exploração das riquezas minerais, inclusive com a instalação de empresas multinacionais. A grande produção rural induziu à comercialização de seus produtos e à organização da Sociedade de Laticínios e a Cooperativa de Café, abrindo fronteiras para os mercados internacionais.

Mas a situação dos trabalhadores mostrava-se delicada. No início da instalação de grandes empresas, tornou-se necessária a importação de mão-de-obra, dada a falta de operários qualificados na cidade. O operariado rural sofre com a perda da estabilidade, uma vez que se implantou o sistema de trabalhos temporários. As ruas da cidade registravam a presença de crianças e jovens à procura de benevolências, visto as precárias condições de suas famílias e o inchaço da população urbana provocado pelo êxodo rural.

As oficinas artesanais, inicialmente, foram organizadas para atender os filhos desses segmentos da população. Com o processo de industrialização cada vez mais presente, os cursos profissionalizantes foram criados em consonância com a mão-de-obra que se fazia necessária. As propostas de Padre Carlos eram consideradas inovadoras, e ele foi convocado inúmeras vezes para discutir e expor suas idéias em congressos, seminários e encontros de diretores, tanto no âmbito municipal quanto nos estadual e nacional.

A partir da instalação definitiva de multinacionais, no final da década de 1960 até os anos de 1980, uma exigência educacional se fez presente: a formação de mão de obra especializada. Os cursos técnicos de nível médio foram implementados, inclusive com o apoio das empresas que investiram no preparo de trabalhadores.

Grande parte da comunidade escolar identifica na escola um espaço de encontros com suas aspirações de ascensão social. Mello (1998) considera esse período como um momento marcante em que há a disseminação do trabalho como valor em si mesmo, em que as qualidades pessoais também aparecem como expressão da escolha individual e não como modeladas pela

sociedade. Valores que são amparados na industrialização acelerada, na mobilidade ascendente e até na modernização dos padrões de consumo. Entretanto, outros valores, como o da autonomia e a dos direitos do cidadão, não encontram pontos de apoio para se desenvolver. E no cenário nacional uma parcela dos trabalhadores comuns estava mergulhada na pobreza absoluta.

O projeto pedagógico da EDB, além de responder os anseios da sociedade, propunha o envolvimento das famílias e dos membros do bairro e da cidade nas atividades desenvolvidas. As reuniões eram palco de discussões e de encontros entre moradores pertencentes aos grupos de trabalhadores de Poços de Caldas. Os fundadores da escola socializavam suas conquistas, lutas, conflitos e dificuldades com a população que, em diferentes momentos, foi chamada de fato para consulta e apelo para tomada de decisões.

Segundo Mello (1998: 648), nos anos de 1980 e começo da década de 1990 a estagnação econômica e a alta inflação vão rompendo lentamente os mecanismos básicos de reprodução da sociedade, a mobilidade social e a ampliação continuada do consumo moderno. O desemprego cresce assustadoramente, impulsionado por uma selvagem política de redução de custos e de modernização tecnológica, especialmente no setor industrial. Com o fenômeno da globalização, faltam empregos e a mobilidade torna-se descendente. A EDB sofre esse reflexo, com a perda dos convênios com o estado e com a necessidade de adequação ao novo cenário que se configura.

Em 2002, com o falecimento de Padre Carlos, como dito anteriormente, houve uma grande mobilização favorável à recuperação, à preservação e à divulgação da história dessa instituição escolar. Como acordado com a Cúria da Igreja Católica, os salesianos estariam presentes nas atividades escolares, devido à sua proximidade com as propostas educacionais preconizadas por Dom Bosco. Mas ficaram claras as dúvidas e incertezas, por parte da comunidade escolar quanto aos novos rumos da escola.

Em entrevista, Padre Romeu, amigo pessoal de Padre Carlos e de Dona Maria e que, atualmente, ocupa cargo na diretoria da FAM, ressalta um episódio ocorrido ainda com a presença de Padre Carlos na ocasião do início das negociações sobre a inserção dessa congregação nos projetos educacionais da EDB, que aconteceria após o falecimento do fundador e presidente da FAM.

*“Padre Carlos, ainda vivo, recebeu membros da Congregação dos Salesianos de Minas Gerais. Ficaram hospedados alguns dias na escola. Visitaram suas instalações, conheceram as oficinas, as salas de aula e conversaram exaustivamente com ele. Não me esqueço que um dos padres salesianos foi enfático ao afirmar:*

*\_ Carlos, nenhuma escola brasileira que conheço seguiu tão fielmente os ideais de Dom Bosco.” (11.01.2007)*

Assim, para entendermos as diferenças e similitudes com as propostas educacionais defendidas por Dom Bosco e, conseqüentemente, com a educação defendida pelos salesianos, motivo de questionamentos quanto aos novos rumos que a escola poderá tomar, seguem algumas reflexões. Inicialmente, o percurso dos fundadores da escola será evidenciado para o entendimento da importância que a comunidade local atribui ao trabalho educacional desenvolvido pela EDB ao longo de sua história.



Cursos Profissionalizantes atualmente oferecidos pela EDB. Enfermagem, Mecânica, Informática e Eletrotécnica.  
2007  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

### 3.1. *Carlos e Maria: sobretudo educadores sociais.*

*“São duas as ruas que conheço:  
A minha rua e as outras ruas.  
As ruas são todas iguais,  
menos uma, a minha rua.  
Não têm diferença as ruas  
pelas casas que têm construídas.  
Passam viandantes, carros e carroças.  
Até a Maria Fumaça passa  
pelas ruas iguais irmãs.  
O acervo do passado cresce,  
vou me esquecendo de tudo  
que ficou guardado atrás.  
Empilham-se as folhas viradas,  
os livros, as fotos, os jornais.  
Dormem as pessoas, os animais,  
os dias, os meses, os anos dormem.  
Desvanecem os campos, as cidades,  
os montes, os rios, as praças.  
Também as ruas foram cobertas  
de faixas negras de asfalto, retalhos de paralelepípedos,  
lençóis encardidos, cheios de buracos.  
Só ficou parada e nua,  
quase sem casas, quase sem gente  
a minha rua e muitos anjos,  
muita saudade e muito amor, ficaram pregando a minha casa.  
Sozinha no chão da rua quase nua onde eu moro.  
Das duas ruas que conheci,  
Aqui e acolá,  
Só vive em mim,  
a rua que não vive sem mim”.*

*Padre Carlos (19/01/1954).*

Rememorar para Benjamin (1985) é um exercício de trazer o passado à tona com as inquietações que se manifestam no tempo do ‘agora’, em um processo de busca atenta que objetiva o agir sobre o presente. A partir da memória, podemos reconstruir fatos, quando fragmentos do passado, uma vez relembrados, tornam-se como que presentes. Sem o exercício da memória, o passado pode não iluminar o presente, ou melhor dizendo, pode ficar relegado ao esquecimento. O que nos faz interessar pelas experiências já vividas, são as suas representações

e significados para o presente. E o que pode ter representado para a Escola Profissional Dom Bosco e para Poços de Caldas o trabalho de Carlos e de Maria?

Ao entrar em contato com alunos, professores e funcionários da escola algo me chamou a atenção: o envolvimento de todos esses segmentos com a sua história, desde o cuidado com a guarda de documentos textuais, fotografias, filmes, objetos, até o entusiasmo em relatar fatos pitorescos, vivenciados com Padre Carlos e Dona Maria. Todos sempre têm algo a contar: encontros, conversas, ‘puxões de orelha’, lições de vida, conselhos, anedotas, brincadeiras e, sobretudo, exemplos de dignidade e de respeito.

Falar sobre a história da Escola Dom Bosco sem dúvida, primeiramente, é relatar as experiências de seus fundadores.

Dona Maria Figueiredo, fiel companheira de trabalho, exerce um lugar de destaque na memória dessa instituição escolar. Sempre é lembrada pela sua capacidade criativa, artística, mas sobretudo pela arte do saber ouvir, valorizar as pessoas e intermediar conflitos.

Como uma ouvinte atenta das diferentes histórias da ‘Dom Bosco’, surpreendo-me cada vez mais com as lembranças que vão despontando e, num movimento igualitário, imagens de pessoas que exerceram cargos hierarquicamente diferenciados, misturam-se às recordações pessoais numa medida homogênea. O que me leva a pensar se o fato de, no passado, as relações haverem sido construídas com diálogo e respeito, produziriam no hoje um clima em que diversos atores, embora ocupando diferentes posições hierárquicas, sentem-se autores da história escolar. Em outros termos, posicionam-se como co-participantes da construção da escola.

Observo que funcionários, alunos, professores, diretores e coordenadores, participando, atualmente, das atividades do dia a dia da escola, reunidos àqueles que ali atuaram em tempos passados, mas hoje já não mais a frequentam cotidianamente, assim como alguns membros da comunidade local que tiveram papel efetivo no processo de construção dessa obra social, juntam-se para construir uma memória compartilhada, na medida em que imbuídos da importância do processo de rememoração em conjunto, conquistam bases sólidas de relacionamentos que, alicerçados numa experiência passada conjunta e em uma mesma bagagem cultural, conseguem promover ações coletivas (SIMSON, 1997).

O desafio consiste em reconstruir suas experiências, envolvendo também vivências escolares, pois o cotidiano da escola interfere e sofre influências das trajetórias de vida de seus membros participantes. A construção e urbanização do bairro, o desenvolvimento dos jogos



Padre Carlos à porta do Asilo de São Vicente de Paula, 1946.  
Fonte: Memorial Padre Carlos



Dona Maria, no início da construção da EDB, no bairro Santana. Década de 1950. Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos

infantis, dos brinquedos, das oficinas, da banda de música, dos jogos de futebol, dos filmes exibidos podem traduzir histórias que acompanharam as trajetórias de luta e de dificuldades de diferentes famílias. E a escola sempre aparece como parceira nessas diversas sagas familiares.

Padre Carlos, o fotógrafo apaixonado, o cinéfilo contagiante, o piloto de avião aventureiro, o sacerdote conselheiro, o comunicativo ‘rádio amador’, o jogador de futebol, o amante da música, o educador com idéias avançadas para a época tem seu lugar especial assegurado na memória de quem conviveu com ele durante anos de sua vida ou mesmo por alguns momentos. Nem se mostra necessária uma grande mobilização nesse sentido, pois a importância de sua história se manifesta nos próprios atos de seus alunos e companheiros.

Mas quais seriam os motivos principais que sempre nos mobilizam a recordá-lo?

Desde o ano de 2002, alguns alunos, funcionários, professores, voluntários e membros de instituições privadas e públicas da comunidade local estão cada vez mais empenhados na organização de um espaço que permita a organização, conservação e divulgação da documentação, que registra a história da EDB nos seus sessenta anos de funcionamento. A casa que abrigou, em momentos distintos, os fundadores da escola foi escolhida como um ‘lugar de memórias’, como ressalta Nora (1984) e o Memorial Padre Carlos vem sendo organizado pela vontade de uma grande comunidade que quer ver sua história reconhecida, como uma história de lutas e conquistas, como uma história que pode ser referência para outras iniciativas, como uma história que pode ser reconstruída, se contada e recontada para as gerações futuras.

Falar sobre Padre Carlos e Dona Maria, sobre os antigos e atuais professores, sobre mestres de oficinas, os leais funcionários de outros tempos e também sobre os de hoje que trabalham com consciência no dia a dia da escola, consiste na tarefa de trazer para o presente múltiplas versões e diferentes possibilidades de visualização desse passado comum.

Referir-se ao Padre Carlos, como ele mesmo atestou por diversas vezes, é o mesmo que falar sobre a Escola Dom Bosco. Em suas palavras amigas e seguras ele afirmou *”Minha história e a história da escola se confundem, minha filha”*<sup>48</sup>.

Confundem-se, pois ao falarmos das histórias dos fundadores da Escola Profissional Dom Bosco, referimo-nos a muitas outras trajetórias que configuram essa instituição escolar como um projeto político educacional dirigido aos grupos populares de Poços de Caldas. Um projeto que

---

<sup>48</sup> Entrevista realizada em 2001.

buscou construir um espaço educacional com cunho profissionalizante, mas marcado pela preocupação com uma formação autônoma, democrática e, portanto, criativa para os educandos.

Por que falar de Padre Carlos e de Dona Maria?

Porque seria o mesmo que registrar a trajetória histórica da Escola Dom Bosco, ressaltando sua importância para a urbanização do bairro, assim como sua responsabilidade pela formação de grande parte dos trabalhadores técnicos da cidade. E, a partir do movimento da memória, torna-se possível reconstruir as múltiplas vivências de pessoas que construíram as diferentes histórias da cidade de Poços de Caldas. Histórias essas que merecem ser contadas ou mesmo recontadas em conjunto para não serem silenciadas pelo tempo e para reforçarem os laços da comunidade de destino criada pela escola e seus fundadores.

Coletei depoimentos orais e transcrevi inúmeras entrevistas. Encontrei-me, em 1999, com Padre Carlos e, posteriormente, com moradores da cidade, amigos, empresários que ainda participam da entidade mantenedora da escola, alunos do passado e do presente, funcionários que atuam na escola desde os seus primórdios e aqueles que hoje participam ativamente na recuperação e preservação da história da EDB, professores que reconhecem nos materiais pedagógicos pertencentes ao acervo do Memorial parte de suas trajetórias profissionais e aqueles que produzem e criam provas práticas de ensino nos dias atuais. Enfim, retomando suas vozes para a escrita de um texto que tem como desafio elucidar o trabalho de Carlos e Maria, percebo que reconhecem na história dessa escola as histórias de suas próprias vidas.

Nas entrelinhas do ensino profissionalizante, muitas histórias e conflitos podem estar postos. Ouvi também membros da comunidade que contestam a atuação política de Carlos, o sacerdote, amado, reconhecido, mas também polêmico. Ora ele é visto como autoritário e temido pela sua onipresença, ora interpretado como subversivo, ao se preocupar com crianças em situação de rua. Parte da elite mais tradicional diminui seu trabalho considerado como ‘maluco’, outra, mais lúcida, investe em suas iniciativas. No cenário nacional, passa a ser reconhecido pelo ineditismo dos projetos educacionais propostos, que contemplavam oficinas artesanais, associadas aos cursos profissionalizantes. Parte da Igreja o apoiou, mas suas escolhas e audácia acabaram provocando a ira de quem não aceitava atitudes mais arrojadas. Quem foi esse sacerdote que, juntamente com a professora Maria, obteve apoio significativo da elite local, regional e nacional, como também o apoio e o reconhecimento dos grupos populares pelo trabalho realizado, via ensino profissionalizante, na cidade de Poços de Caldas?



Acima, Padre Carlos como fotógrafo. Década de 1950. Ao lado, Padre Carlos no campo de aviação, em Poços de Caldas. Década de 1950.  
Fonte: Memorial Padre Carlos



Afinal, quais seriam os motivos de tantas interpretações e críticas sobre o trabalho realizado pelos fundadores da EDB? Roberto Campos na obra “Lanterna na Popa”, no capítulo referente às suas memórias, traz considerações que podem traduzir a polêmica que acompanhou suas vidas em alguns momentos. Colega de Seminário de Padre Carlos e reconhecendo sua produção intelectual, como também a importância da obra social que criara, esse autor interpela criticamente o Bispo da Diocese de Guaxupé sobre a não ascensão de Padre Carlos nos quadros da Igreja. O clérigo responde, argumentando com questões que a Igreja não poderia tolerar: sua proximidade com as propostas sociais comunistas, suas escolhas pessoais que muitas vezes traziam dúvidas interpretações. Ressalta, enfim, a maior dificuldade da Igreja em aceitar seus questionamentos: os referentes a sua fé (CAMPOS, 1994).

Em outros termos, Padre Carlos, muitas vezes, foi severamente questionado pela elite, como simpatizante do comunismo, por ser crítico das desigualdades sociais existentes no país e, desse modo, sua fé e obediência à doutrina católica foram contestadas em alguns momentos pelos segmentos mais conservadores da Igreja.

Sua obra educacional teve como modelo a ser seguido os pressupostos teóricos de Dom Bosco. Comungando com os preceitos sócios – educativos: ciência, trabalho e oração, ele organizou toda a prática educacional disseminada pela EDB. Mergulhei, atentamente, na leitura de suas produções intelectuais, muitas delas ainda não publicadas ou divulgadas, como também no conteúdo de suas entrevistas para tentar levantar e compreender suas principais convicções.

Em um final de tarde ensolarado, sentado sob uma janela de vidros amplos, confidenciou-me algumas de suas angústias. Lembro-me da voz firme, mas também suave referindo-se à sua companheira de trabalho, com o relato de uma situação de conflito:

*“Certo dia, contrariada com situações desagradáveis que, às vezes, aconteciam conosco, Maria chamou-me dizendo que gostaria de se retirar da escola. Primeiramente, tentei conversar sobre quais motivos estavam levando-o a tomar tal atitude. Com muito cuidado, respeitando suas angústias, disse a ela que, sem dúvida a apoiaria em qualquer decisão e a ajudaria inclusive financeiramente. Somente fiz um pedido a ela: -Tudo bem Maria, somente te peço que não nos encontremos nunca mais, pois caso nos depararmos em alguma esquina, com certeza, construiremos uma outra Escola Dom Bosco”.* (20.10. de 1999).

Esse desabafo bem traduz as dificuldades que vivenciaram Carlos e Maria na construção da Escola Dom Bosco. Companheiros, desde os tempos de infância, ambos provenientes de famílias pertencentes aos grupos populares, dedicaram grande parte de suas vidas à consolidação de uma escola profissionalizante, que marcou a vida de meninos e meninas também nascidos em famílias de baixa renda.

Carlos, nascido em Poços de Caldas, em 1914, obtinha de seu pai, um reconhecido sapateiro, atitudes de companheirismo e cumplicidade nas suas decisões, embora o genitor não fosse católico praticante. Já, sua mãe, dona de casa e católica fervorosa, cumpriu o papel de mulher fiel à família e às suas opções de uma vida baseada na religiosidade.

Desde os tempos de meninice, demonstrou interesse pelo sacerdócio. Foi sua a iniciativa de recorrer ao bispo e solicitar sua ida ao seminário.

*“Não é difícil falar sobre minha vida e a opção pelo sacerdócio, mas é muita coisa longa, porque eu sou nascido e criado aqui. Criado, assim, porque aos 11 anos eu pedi ao meu Bispo, eu era Coroinha na Matriz, eu fui lá, numa das vezes, que ele veio a Poços: Dom Ranulfo da Silva Farias. Ele queria muito bem a gente. E ele vinha muito a Poços. Numa das vindas dele, lá na Casa Paroquial, que era ao lado da Igreja Basílica, eu fui falar com ele. Ele estava no segundo andar, lá em cima na sala de estar, sentado numa dessas cadeiras de vime, de balanço, pedi licença, entrei e ele me disse:*

*-O que é que você quer, Carlinhos?*

*Porque os meninos me chamavam no diminutivo. Ele já tinha prestado atenção em como é que os meninos me chamavam e me chamou do mesmo jeito.*

*-Bispo, eu quero pedir uma coisa para o senhor.*

*E ele falou:*

*-Pode falar. O que você quer?*

*-Seu Bispo, eu queria ser padre.*

*Ele disse para mim:*

*-Carlinhos você quer ser padre para ganhar dinheiro?*

*-Não, senhor!*

*-Por que é que você quer ser padre?*

*Eu disse, num estalo, assim:*

*-Quero ser padre para salvar as almas!*



“Minha história e a história da Escola se confundem.” Padre Carlos. Década de 1950.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

*Ele olhou para mim, sorriu e disse:*

*-Fale com o padre Faria. Diga-lhe que você quer ir para o seminário.*

*Eu desci de lá feito uma bala! Alegre, e contando para todo mundo, havia mais uns oito coroinhas. Eu falei com o padre Faria, que depois veio a ser Vigário em Poços de Caldas, Tinha 11 anos! Eu fui para o seminário. Eu sou de 1914, isso foi em 1925.*

*Eu falei lá com os meus pais, ficaram muito alegres com a idéia e o Monsenhor conseguiu para mim a lista do enxoval. O que precisava ter para entrar no seminário. Era uma exigência, um negócio complicado! O seminário era pobre, a gente tinha que levar tudo. E não sei que esforço meu pai fez, porque era um “senhor” enxoval. Até há pouco tempo eu tinha a mala! Até a mala precisava compra.*

*Essas malas, com um nome diferente, “mala cabine”. Era uma “senhora” mala, que eu cabia deitado dentro dela! E o papai foi comprando... E no dia 09 de Fevereiro de 1926, a data eu não esqueci, meu pai me levou para Guaxupé.*

*Chegando em Guaxupé, um casarão enorme, no fim da rua. Um casarão grande, cheio de colunas, dava idéia de uma casa mal assombrada, sozinha, isolada, lá no fim da cidade. Cheguei lá, encontrei alguns seminaristas que já estavam chegando e logo me relacionei com eles e, no dia seguinte, dia 10 de fevereiro, fui matriculado e, aí, foi aí o princípio da minha carreira.*

*O meu pai não era de prática religiosa não. Era um homem bom, correto. Trabalhador para “dancar” e fez nossa vontade, ele nunca contrariou a vontade dos filhos não. Nós éramos em quatro homens em casa.*

*O papai tinha uma profissão muito boa, mas para o tempo dele. Ele era sapateiro, especialista em sapatos de senhoras. Dizem os entendidos que ele era um verdadeiro ‘exper’t. Ele era muito simples, porque ele não teve instrução, tinha o terceiro ano primário, talvez o quarto. Pessoa simples, mas responsável, sempre educou os quatro moleques num regime de muita serenidade. E, quando manifestei a vontade, ele fez um esforço grande, eu penso. Para poder comprar aquela quantidade de coisas que eram pedidas. Mas lá no seminário, me receberam muito bem. Os seminaristas eram poucos naquela ocasião. Somando todos, maiores e menores, eram trinta”. (20.10.1999)*

No ano de 1926, ingressou no Seminário em Guaxupé, município situado ao sul do Estado de Minas Gerais, onde permaneceu até 1933. Depois de sua ordenação foi convocado para a paróquia de uma cidade próxima a Poços de Caldas, Divisa Nova. Durante este período sempre gostou de estar junto aos jovens e crianças e através da música, aproximava-os das atividades da Igreja.

Em 1941, foi transferido para Poços de Caldas, para exercer a função de capelão do Asilo São Vicente de Paula e da Santa Casa de Misericórdia.

Diante das condições sócio - econômicas da cidade, durante o final da década de quarenta, quando um número muito grande de crianças e jovens buscavam nas ruas da cidade recursos para sobreviverem, juntamente com a professora Maria Figueiredo, começou a oferecer a alguns destes meninos aulas noturnas e atividades para que desenvolvessem suas habilidades manuais.

As histórias de suas vidas, a partir de então, ficaram entrelaçadas com as histórias da Escola Dom Bosco.

Maria Aparecida Figueiredo<sup>49</sup> nasceu em 15 de fevereiro de 1918, filha de Jovino e Ottorina Figueiredo, mas ficou órfã precocemente. Conheceu Carlos desde os tempos de infância, visto a proximidade de suas famílias. Em 1946, morava como pensionista do Asilo São Vicente de Paula, quando, a pedido do padre, começou a ministrar aulas de pintura para alguns meninos que faziam parte do grupo conhecido como “Os Anjos da Cara Suja”.

Sempre orientou sua vida por princípios religiosos o que a aproximou das propostas filosóficas educacionais de São João Bosco. Constantemente cúmplice das investidas de Padre Carlos, visando a educação de crianças e jovens em situação de risco social, tornou-se co-autora do projeto educacional da Escola Dom Bosco.

*“Ao lado de Padre Carlos, lidava com números, planos, pessoas, criando modernizando, enfim arquitetando seus sonhos possíveis. Segundo Padre Carlos, ela era a cabeça da escola, dotada de uma inteligência criativa, idealista, incansável. Difícil de defini-la, tinha uma santa teimosia e por causa dela conseguia milagres. Quando ele falava para ela que uma tal coisa tinha que ser feita, ela, com um papelzinho na mão, dizia para ele que não se preocupasse, porque já tinha conseguido tudo”.*<sup>50</sup>

Nas palavras de Ethel Manucci, professora aposentada de artes industriais da Escola Dom Bosco, fica registrada a importância da participação de Maria nas práticas pedagógicas, na administração dos recursos da escola, assim como na organização das oficinas:

---

<sup>49</sup> Informações obtidas através das entrevistas realizadas com Padre Carlos, ex-alunos, ex-professores e familiares.

<sup>50</sup> Personalidades do Século – De Ontem e Hoje – Homens e Mulheres que fizeram a história de Poços de Caldas no século XX. Poços de Caldas, MG: Editora Brand News LTDA, 2000, p. 50.



*“Era muito bom trabalhar com a Dona Maria. Ela era muito positiva e exigente, mas ela sabia ouvir, geralmente nos dava razão. Nunca dizia categoricamente um não, procurava estudar os problemas de uma forma coletiva. Muito dedicada! Podemos dizer que sem ela a escola não teria alcançado o que é hoje.*

*A orientadora pedagógica da escola foi a Olga Monteiro, neste período e a Maria supervisionava tudo. Mesmo a Olga, quando tinha que tomar uma decisão maior, sempre discutia com o padre e a Maria. Maria, sempre muito lúcida, tinha suas opiniões respeitadas.*

*Dona Maria apoiava muito os projetos pedagógicos, sempre incentivando e disponibilizando verbas para as iniciativas dos professores, após amplas discussões. Eles assinavam muitas revistas de educação e ficavam por dentro de várias experiências, mesmo sabendo que há muito tempo já estávamos desenvolvendo atividades que eram consideradas inovadoras. A escola sempre foi vanguarda em Poços de Caldas.*

*Além do apoio pedagógico ela foi importante no todo da escola. A escola profissionalizante demandava também a parte de oficinas. A supervisão desta parte era dela e com muita habilidade manual orientava os trabalhos de pintura, cerâmica, tapeçaria.*

*Na parte financeira, era responsável pela administração dos recursos.*

*Durante as reuniões de pais que sempre existiram na escola, Maria, Padre Carlos e Olga sempre participavam. Maria acreditava inteiramente no projeto da escola e, desde o início, esteve presente na concretização deste.*

*Severa e carinhosa, tratava os alunos com atenção e respeito. Um dos objetivos da escola era atender as necessidades da família e Maria, muitas vezes, acompanhava o problema de mães solteiras e empenhava-se para conseguir trabalho para estas mães e escola para seus filhos*

*Dedicava-se à música e muitas vezes houve a tentativa de organização de corais. Nos finais de ano a escola organizava exposições dos trabalhos produzidos pelos alunos e ela era responsável pela realização destas.”. (30.10.2204)*

Durante muitos anos, residiu em uma casa construída dentro do terreno da escola<sup>51</sup> e foi a responsável pela educação de vários sobrinhos órfãos, que ficaram com ela.

Os ex-alunos atestaram em seus depoimentos a constante participação de Maria nas atividades escolares, seja no desenvolvimento das aptidões artísticas, como na música e nas artes plásticas, seja no tipo de relacionamento com os alunos e suas famílias. Enfim, valorizaram sua atuação sempre presente nos vários setores da escola. Consultando o banco de história oral, pude assim constatar:

*“Dona Maria Figueiredo, ela que era a cabeça da escola. Tudo o que o padre ia fazer, tinha que pedir opinião para ela. Ela que dava as coordenadas ali. O padre*

---

<sup>51</sup> Local onde, atualmente, funciona o Memorial Padre Carlos.

*e a Maria gostavam de ver a gente alegre. Gostavam mesmo, faziam tipo um gosto mesmo”. (Abílio – ex aluno e mestre de oficinas).*

*“Então o padre mexia com música e a Dona Maria também, os dois juntos trabalhando com música e cantando, formando coral, formando uma coisa e outra e a molecada gostava disso e então que a coisa foi pegando, tomando um outro rumo. (...)*

*A Dona Maria juntava o pessoal e ia fazendo um teste com cada um. Eu, por exemplo, quando moleque, tanto hoje como meus filhos tivemos muito ouvido bom para a música, então tinha facilidade. E ela começava... ela ia, pegava o piano e levava o pessoal lá e começava a fazer teste: teste vocal, com as primeiras notas da música. O **abc** mesmo a gente começava lá. E ela foi vendo cada jeito, o jeito que cada um tinha para música. Como é que cada um podia desenvolver em algum instrumento. Dali a gente foi indo.*

*Dona Maria tinha muito bom ouvido, ela trabalhava muito bem com isso. Então, ia pegando a turminha, foi separando e aí começamos formando um coral e a gente cantava na Igreja, cantava fora de Poços, ia para todo lado”.*

*(Jamil Gonçalves – ex aluno, mestre de oficinas e professor).*

*“Da Dona Maria eu me recordo muito. Ela foi uma excelente pessoa. Para nós foi como uma segunda mãe. Ela era direta com a gente. Ora dando bronca, ora ensinando; passando a mão na cabeça ou puxando a orelha! Ela era uma beleza. Uma pessoa daquela não poderia morrer tão cedo como foi! Ela nos ensinava desenho e pirogravura. Tinha uma mão maravilhosa para fazer as coisas. Lá na Escola, tem um quadro do Papa Pio XII, onde as pedras que tem no crucifixo, parecem estar saindo para fora. É uma perfeição! Ela que ensinou o Odair Barista e José Gianelli a desenharem. E muitos outros”.*

*(José Justino – ex- aluno) .*

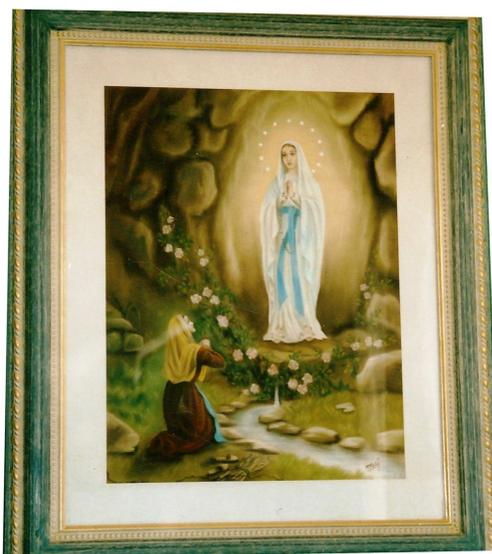
Os registros documentais dos fundadores da escola revelam suas histórias profissionais. Dona Maria, artista plástica e musicista, tem sua trajetória marcada pelas suas produções, como também nas memórias de quem participou das atividades relacionadas à EDB. Padre Carlos possui um vasto acervo de documentos escritos, graças às suas produções intelectuais como jornalista, rádio amador, escritor.<sup>52</sup>, crítico de cinema e pelo hábito de registrar suas impressões sobre diferentes assuntos. Pesquisei as correspondências internas e externas, os inúmeros

---

<sup>52</sup> Entre 1955 e 1972 usava o pseudônimo Oscar Lento, na colaboração no Diário de Poços de Caldas; no antigo Jornal Diocesano de Guaxupé e na Folha de Poços. Em agosto de 1987, lançou “**Booz – ceifa, safra, sobra**” um livro de crônicas e poesias. Em 07 de abril de 2000, lançou o livro “**O Meu Livro dos Outros – No limiar do novo milênio**”, uma coletânea de pensamentos e curiosidades de outros autores, acumulada no decorrer de vários anos. Em 27 de outubro de 2.002, foi lançado, “*in memoriam*”, o livro de crônicas intitulado “**O Meu livro Para os Outros**”.



Mosaico produzido por Dona Maria, representando o slogan da Escola: “Uma criança abandonada é um homem a menos e um condenado a mais”. Década de 1950.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Pintura de Nossa Senhora de Lourdes. Artista: Maria Aparecida Figueiredo.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Manto de Nossa Senhora Aparecida bordado em crochê em linha dourada e recamado de pedrarias. Artista: Maria Aparecida Figueiredo.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

manuscritos, as comunicações realizadas durante as celebrações religiosas, como também suas anotações e roteiros sobre assuntos que seriam apresentados e discutidos nas reuniões pedagógicas com o corpo docente da EDB.

Ao longo de sua vida, Padre Carlos enfrentou crises com parte do clero local e com alguns membros da comunidade. Suas propostas sempre direcionadas à educação de crianças e jovens pertencentes aos grupos populares, muitas vezes foram incompreendidas. Existiam aqueles que concebiam as oficinas como locais de exploração do trabalho infantil ou mesmo criticavam suas posições frente às condições do trabalhador no Brasil. Sua preocupação com o desenvolvimento intelectual, artístico e profissional dos alunos pertencentes aos grupos populares, contrapunha-se a uma parcela da população religiosa que via nas instituições educacionais privadas recursos apenas para manter o poder da Igreja Católica através do oferecimento de educação para a elite. No cenário municipal suas convicções educacionais e políticas entraram em choque com alguns dos sacerdotes locais, como constatado em depoimentos orais.

Sr. Moacir Carvalho Dias, empresário e membro fundador da FAM nos aponta:

*“Ele era ousado para a época. Suas opiniões e convicções contrastavam com as dos padres conservadores. Ele era considerado muito moderno. Educar meninos de rua? Pilotar aviões? Mas aos poucos ele foi contemporizando, ele era muito ‘jeitoso’ para essas questões”. (21.07.2006)*

O depoimento de Roberto Tereziano, membro da comunidade negra, jornalista, morador do bairro na época da fundação da escola, irmão de um dos alunos conhecidos como ‘caras sujas’ que acompanhou de perto a vida pública de Padre Carlos, tendo em vista suas atividades em comum na imprensa poços caldense, permite nos aproximarmos das dificuldades enfrentadas pelo sacerdote, devido aos seus conflitos com o clero local:

*“Olha, a gente tem que se lembrar do golpe de sessenta e quatro ou de todos aqueles preparativos que antecederam o golpe. A mentalidade das pessoas no Brasil já estava sendo dirigida para esse medo de comunismo, medo de subversão e tudo mais. E foi criado um clima, de tal forma que muitas correntes, muitas pessoas até tidas como inteligentes e cultas, começaram a ter medo de qualquer movimento que saísse dos padrões. E o Padre Carlos saía dos padrões. Ele vai chegar em mil novecentos e quarenta e seis, período inicial da escola, com uma proposta inteiramente nova, inteiramente diferente do que pensavam os conservadores. De repente, falar de cidadania para meninos de rua, meninos*

*marginalizados da cidade, incomodou e, porque não dizer, provocou até ciúmes em diversas outras correntes políticas. E dentro da própria Igreja também. Tanto que a escola começa com apoio de outras instituições, não tão ligadas à Igreja e de pessoas não tão ligadas à Igreja também. Essa iniciativa do Padre Carlos provocou um certo ciúmes. A gente acompanhou, eu estava iniciando no jornalismo, num período, por exemplo, do 'Diário de Poços de Caldas', que era um jornal que pertencia à paróquia, mas especialmente, ao Monsenhor Trajano Barroco, que era um padre conservador ao extremo. Politicamente, ele teve uma influência curiosíssima em Poços de Caldas, sempre ligado à ideologia do grupo que comandava a cidade. Eram grupos de direita da cidade. E houve um 'racha', um limite vamos dizer assim, entre Igreja e o trabalho do Padre Carlos. Eu estava começando no jornalismo e começando a conviver dentro deste ambiente de jornal, final de anos sessenta. E eu pude acompanhar um reatamento de Monsenhor Trajano Barroco com o Padre Carlos, porque nas edições de final de ano, diversas pessoas colaboravam para aquela edição de Natal com seus textos e, durante alguns anos, o texto do Padre Carlos não era publicado, ele mandava uma mensagem de final de ano para o jornal e não era publicado. E é exatamente nesses anos setenta que recomeçam a publicar os textos do Padre Carlos no jornal Diário de Poços, que era do Monsenhor Trajano Barroco. Então, essa modernidade que o Padre Carlos traz para Poços de Caldas, um sacerdote que está além da Igreja, um sacerdote que é religioso, mas é uma pessoa comum vivendo as questões sociais, que deixou a batina de lado e foi correr atrás de soluções sociais, de soluções humanas, diferente daquele sacerdote que não saía de dentro da Igreja, sabe? O Padre foi fazer diversos cursos, quis ser aviador, correu atrás de esportes para tentar trabalhar com as crianças. Era diferente e era talvez agressivo para a Igreja conservadora. O diferente é que produziu um certo limite uma certa rejeição ao trabalho do Padre Carlos”.*

*(...)*

*É... eu menciono muito que um dos escritores importantes da história de Poços de Caldas, com todas as críticas que se faça, é Doutor Mário Mourão, autor de um livro ainda mais importante de Poços de Caldas, publicado em mil novecentos e cinqüenta e dois. Ele acompanhou todo o nascimento da Escola Dom Bosco. Tem páginas inteiras dedicadas às escolas todas que pertenciam à elite. E, já depois de seis ou sete anos da existência da Escola Dom Bosco, ela já tinha se firmado com esse trabalho social, ele menciona no livro apenas o nome da Escola Dom Bosco. Não tem referência alguma, ao trabalho, à visão que o Padre tinha de educação, à visão que o Padre tinha de estar devolvendo dignidade para aqueles meninos marginalizados, já em quarenta e seis em Poços de Caldas. Então levou muito tempo, precisou de um trabalho concreto da Escola Dom Bosco para mostrar para as pessoas que o Padre estava no caminho certo, que o Padre estava na verdade dez, vinte, cinqüenta anos na frente dos conservadores da cidade”.*  
*(25.07.2007)*

Como radialista, atividade desenvolvida por muitos anos, nos programas diários,

podemos encontrar nos discursos a defesa dos seus posicionamentos políticos referentes ao que compreendia como liberdade de expressão, como também ao seu comprometimento com as questões sociais, relacionadas às classes ‘menos favorecidas’ e à organização do movimento operário:

*“Conversa com o povo: Feliz por estar em contato com o povo. Penso que a verdadeira comunicação é aquela que ouve os anseios do povo e amplifica para o todo da sociedade. E como dizem os bispos do Brasil, também lamento que a maioria dos meios de comunicação social do Brasil não estão identificados com os anseios populares. A voz do povo não se faz ouvir através deles, mas somente a voz de uma minoria privilegiada. (...)*

*Lemos neste microfone há alguns dias o notável manifesto do Episcopado Nacional sobre a questão social. Esse documento depois de estudar pormenorizadamente a situação angustiante das classes sociais menos favorecidas, aponta meios e manda aos seus párocos e fiéis o cumprimento de um certo número de medidas tendentes à solução rápida da questão. A indicação de uma entidade que realize, há um tempo, todas as exigências do operariado brasileiro é direta aos círculos operários. Essa agremiação de operários, dirigida por operários, em benefício do operário e de suas famílias é que é apontada como a capaz de solucionar de vez com os seus imediatos problemas. Pretendemos formar nessa cidade um círculo operário. (...) não se trata de uma associação confessional. Quero dizer não se cuida de uma associação só de católicos, com deveres religiosos estipulados, obrigações direta para com a Igreja, mas uma congregação de homens de boa vontade unidos por uma crença comum em Deus, alimentando o respeito pela família demonstrando submissão às autoridades legitimamente constituída. Estes são os três requisitos indispensáveis à filiação de alguém no Círculo Operário. Nem mesmo a direção está nas mãos de sacerdotes, ou de qualquer ministro de outra religião. Está nas mãos calejadas do operário. A diretoria que rege os seus destinos é eleita pelos próprios trabalhadores”. ( Padre Carlos, 1946)*

A partir dos seus discursos, Padre Carlos mostrou-se sempre apegado às orientações religiosas superiores. Acusado em alguns momentos como subversivo por apoiar meninos e meninas em situação de rua, promovendo uma educação direcionada para a criatividade e autonomia, defendia-se, acentuando sua crítica ao comunismo. Inúmeras vezes utiliza-se da radiodifusão para explicitar seus ideais políticos:

*“ Caríssimo rádio ouvinte: (...)*

*No mundo moderno há três períodos no desenvolvimento da sociedade: a revolução religiosa que substitui o ‘no princípio era o Verbo’ para ‘no princípio era o Trabalhador’; a Revolução Industrial em que se dá a transição*

*natural do operário para a máquina, do trabalhador para o trabalho, quando o trabalhador que na civilização é uma pessoa, passa a ser uma utilidade, uma coisa, uma mercadoria que se regateia em um balcão; e finalmente a consequência necessária dessas duas revoluções o advento do comunismo.* (Padre Carlos, s.d).

Apesar de contestar o avanço do comunismo no mundo, posiciona-se contrário ao autoritarismo dos períodos ditatoriais, em que se implementou a perseguição aos indivíduos questionadores e contestadores das desigualdades sociais. Mostrou-se crítico e desfavorável às denúncias a quem demonstrasse resistência ao poder instituído. Em 1946, em um dos seus programas de rádio, deixa clara sua posição, sendo que muitas vezes contrapôs-se a alguns membros da comunidade local, que mantinham a prática de delação.

*“Progride a doutrina comunista no mundo. O desequilíbrio social culminou com a guerra. Os homens de todos os países que não gostam da companhia do Stalin têm se empregado a fundo no afã de cortar essa ascensão prejudicial. Os métodos porém, não têm sido os melhores e nem os mais indicados. Raros são os casos onde se constata uma justa situação do assunto e onde se afirma uma verdadeira solução do problema. No mais são processos pecaminosos, soluções unilaterais. Não se lembram os que atacam o comunismo que lhes é vedado o uso dos mesmos meios usados por ele. O ataque da mentira pela mentira é improficuo e deixa transparecer a paixão partidária sobrepondo-se à verdade. (...) O afastamento do monstro pelos espantelhos da retórica ou com a estratégia do medo tem engrossado as fileiras vermelhas. A solução do magno problema social pela política dos braços cruzados está classificada de colaboração. A entrega do comunismo a um caso de polícia é uma inominável injustiça que se faz á liberdade e dignidade humanas.*

Sua concepção sobre os direitos dos trabalhadores foi marcada pelas acirradas críticas, tanto ao regime capitalista quanto ao comunismo. Defendia uma formação política para os trabalhadores que os habilitasse a atuar na sociedade autônoma e criativamente. Nos seus textos, que eram lidos nos programas de rádio, diversas vezes defendeu esse posicionamento.

Apesar de se mostrar avesso ao ideário comunista, não se posicionou contrário à contratação de professores que apresentavam pontos de vista opostos aos seus. João Gentilini faz considerações interessantes a esse respeito. Mesmo tendo divergências políticas, pelo menos inicialmente, foi admitido pela escola e passou a manter contato com o diretor de forma respeitosa e desafiadora:

*“Aprendemos a conviver um com o outro. Ele nunca me provocou do ponto de vista político-filosófico, pois sabia das minhas convicções contrárias às suas. Foi a única pessoa aqui em Poços de Caldas, o único diretor de escola que me acolheu numa época em que eu estava na cidade, politicamente, em uma situação difícil pelas minhas posições políticas. Vale lembrar que estávamos no final dos anos setenta, começo dos anos oitenta, o país estava se redemocratizando. Então as pessoas que militavam politicamente eram visados e eu era uma delas.*

*Padre Carlos me acolheu aqui, foi um ato corajoso dele.*

*-Colocar o João Gentilini dentro da Escola Dom Bosco. Padre o que é isso?*

*-Não.*

*Porque ele via que eu tinha alguma contribuição a dar e a escola tinha uma proposta que tangenciava o que eu pensava. Se ele me respeitava muito eu o respeitava também. A gente conversava tranqüilamente sobre os momentos limites da escola. E eu aprendi com o tempo a convencer o Padre Carlos. O Padre Carlos era uma pessoa que você não podia chegar e bater de frente com ele, ele não aceitava.*

*-Padre, está errado isso, o senhor está errado,, tem que fazer diferente.*

*Aí que ele se colocava e falava:*

*-Por que eu tenho que fazer diferente?*

*-Padre, vamos conversar sobre isso, o senhor tomou uma atitude que eu estava pensando assim, será que foi a atitude correta?*

*Então a gente conversava, eu creio que eu era um dos poucos professores que não brigava com ele, mas conseguia muitas vezes □arq-lo a mudar de posição através de uma conversa respeitosa, dialogal, em que ele colocava as coisas e eu também. Íamos pensar, tentando ver onde é que a gente estava tangenciando, em qual caminho a gente podia estar juntos, entendeu? A gente fazia isso sempre fora do ambiente escolar, quando a escola chegava em ponto limite com questões disciplinares, questões políticas no sentido não-partidário. (28.05.2006)*

Na década de 1980, professores aderiram ao movimento grevista estadual. Padre Carlos, conforme depoimentos orais, compreendia que o trabalho na EDB era diferenciado. Como sempre compartilhou das dificuldades financeiras da escola com a comunidade, inclusive com os professores, posicionou-se em diferentes momentos contrário ao movimento. Dona Maria Figueiredo exerceu um papel determinante para o diálogo com os professores, muitas vezes intervindo junto ao Padre a favor de mudanças que se mostravam necessárias a partir do impasse enfrentado junto aos professores da rede estadual que exerciam atividades na escola.

*“Agora, em relação á movimentação grevista dos professores, o Padre não conseguia entender como é que os professores faziam greve.*

*-Mas por que professor vai fazer greve?*

*E até para ele entender que o professor dos anos cinqüenta, já não era o professor dos anos setenta e oitenta. Havia toda a questão da profissionalização que na época ainda não existia, você acompanhou a escola Dom Bosco nessa pesquisa toda, você sabe que durante muito tempo a escola funcionou com um quadro de professores quase que voluntários, que tinha um saber e queria dar para os alunos.*

*Mas, depois nos anos setenta e nos anos oitenta, você já tinha um outro tipo de docente aqui. Era um docente que tinha o Estado como patrão. Ele tinha um horário de trabalho, vinculações sindicais. E isso era um pouco difícil para o Padre entender. Ele ainda tinha aquela idéia do professor que assumia a proposta da escola:*

*-Padre, os tempos mudaram.*

*Então nessas situações limite e muitas outras disciplinares também, de alunos, comportamentais eu conversava com ele. Nós conversávamos numa salinha de café, tomando um cafezinho. Aí, ele fazia a grande observação:*

*-Está bem, eu vou fazer como você quer, mas você assume a responsabilidade, se não der certo.*

*E, assim, eu convivia muito bem com ele. A minha amizade com ele começou a nascer assim, de respeito de um pelo outro”. João Gentilini. (28.05.2006)*

Dona Maria exerceu um papel conciliatório entre os princípios da direção e os desejos e anseios da comunidade. Posicionou-se sempre com firmeza e coerência em defesa dos pressupostos educativos da escola e acompanhava os movimentos do corpo docente com tolerância e flexibilidade.

*A Dona Maria já era mais calma, mais paciente, mais tranqüila. Aceitava as diferenças. Eu tenho a impressão de que ela se colocou nos tempos novos que a escola estava vivendo, em função de toda situação muito mais rapidamente, com muito mais tranqüilidade do que o Padre Carlos. Ela talvez, por ser educadora, por ter alguma coisa que geralmente o Padre, educadores religiosos não tinham. Dona Maria não tinha tanto esse constrangimento, ela era uma pessoa mais aberta para os tempos que estamos vivendo. Então, por exemplo, quando a gente chegava em uma situação limite com o Padre, que a gente não conseguia, que ele dizia que a gente não ia conseguir resolver, então a gente apelava pra ela.*

*-Está bom Padre. Está bem. .*

*Aí a gente saía, ia lá:*

*-Dona Maria, é o seguinte, nós não estamos conseguindo convencer o Padre a não agir dessa maneira. Os alunos estão com uma outra expectativa, tem professores que trabalham de uma maneira diferente, não estão entendendo a filosofia da escola. Eles não estão aqui apenas de passagem, né?*

*-Ah é? O que está havendo?*

*-Está havendo isso mais aquilo.*

*-Está bem.*

*Aí ela chegava até ele:*

*-Padre, tem que fazer do jeito que eles estão falando. O senhor não está entendendo que os tempos mudaram?*

*Então ela era a grande retaguarda não só da administração geral da escola, como também de fazer valer os princípios da proposta dentro dos novos tempos. Eu acho que eu colocaria a dona Maria assim, como uma educadora com o pé no chão, mas sem abrir mão da proposta última da escola. Porque assim ela sabia que poderia bater de frente com uma coisa que já vinha de muitas décadas. E ela não fazia isso nunca, mas ela conseguiu adequar a escola e aconselhar o Padre a*  
□ *arq-lo para que a escola continuasse sobrevivendo em novos tempos, os tempos difíceis.*

*Nossa, eu acho que é difícil você ver a escola Dom Bosco sem a dona Maria, é difícil você olhar pro Padre Carlos,:*

*-Não, ele foi o responsável por tudo. Se não fosse ele a escola não teria existido como existiu.*

*Não. Eu acho que a gente tem que olhar para os dois. Eu insisto nisso constantemente. É um dando ao outro forças. O Padre com certas dificuldades de desprender de épocas passadas, isso era natural claro, porque viveu época diferente, muito diferentes para a formação dele. Mas a Dona Maria sempre procurou saber sobre o novo, não só em termos pedagógicos, mas em termos sociais, políticos. O que está mudando, o que a escola também precisa mudar, sem abrir mão dos seus princípios fundamentais. Eu acho que nesse ponto ela foi bem mais aberta e bem mais flexível do que ele.*

*Tanto é que era com ela que a gente resolvia grande parte das situações limites”.*  
(João Gentilini, 28.05.2006)

Padre Carlos tinha um trânsito interessante no cenário educacional brasileiro. Foi convocado, inúmeras vezes, para participar de encontros nacionais com diretores de escola da área de educação profissionalizante. Esteve ligado ao INEP, ao Ministério da Justiça, à FEBEM, ao SENAI, à UTRAMIG quando, insistentemente, buscou por apoio de tais instituições e, na maioria das vezes, conseguiu seu intento. Para a consolidação dos convênios, inclusive com empresas internacionais, como no caso da ‘Céris do Brasil’ e com a ‘Fundação Actionkreis’, entidades holandesa e alemã respectivamente, Padre Carlos escreveu inúmeros artigos que justificavam seus pedidos de apoio. Em julho de 1966, envia a essas empresas um balanço das atividades realizadas até então pela EDB que pode demonstrar sua postura política, frente ao ensino profissionalizante. Primeiramente, analisa o panorama educacional brasileiro, acentuando a importância de iniciativas que atendessem à população ‘menos favorecida’, visto o não cumprimento de oferecimento de vagas pelo Estado, relativo às necessidades de milhares de crianças e jovens.

*“Em um país subdesenvolvido ou em processo de desenvolvimento é difícil classificar, em termos definitivos as áreas de carência. (...) Nosso estado, outrora próspero dentro do ciclo do ouro, enveredou de modo empírico e anacrônico na direção da agricultura e da pecuária, não obstante as respectivas reservas de minérios de seu solo, talvez a maior concentração do continente. Abrem-se, entretanto, timidamente, novas perspectivas, com o investimento nas indústrias. Situamo-nos dentro desse contexto, em uma área de grandes esperanças. Sem querer construir o próprio pedestal no conceito alheio, a escola que se representa, vem executando um trabalho dinâmico, orgânico e pré-estabelecido. Consciente de sua missão, alia à instrução a educação; promove a pessoa desde os seis anos de idade e a prepara para a vida comunitária. Embora a Constituição brasileira de 1946 preceitue “A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola” (art. 166) e “ O ensino dos diferentes ramos será ministrado pelos poderes públicos e é livre à iniciativa privada” (art. 167), nem o lar, nem a Escola oficial têm correspondido às demandas crescentes da população infanto- juvenil. Não obstante o acento nesse caráter primordial da responsabilidade do Estado na organização dos serviços educacionais, as deficiências são enormes, razão porque os governos não podem dispensar a presença da iniciativa particular. Assim mesmo, unidos governo e comunidades, é precário o atendimento prioritário das tarefas educacionais que não têm o conveniente desempenho e não alcançam o ritmo de crescimento demográfico , adequado às exigências crescentes do desenvolvimento nacional.*

Em seguida, ao detalhar as atividades realizadas pela EDB, explicita o projeto político pedagógico dessa instituição, nos seus vinte anos de existência. A articulação entre as oficinas profissionalizantes e as aulas de cultura geral, tão ressaltadas nos diferentes depoimentos orais, pode ser evidenciada como integrante da proposta educacional da EDB:

*“São eloqüentes os números com que a escola comparece nesse esforço de integração. São aproximadamente 600 alunos, provindos de meios desfavorecidos, pobres ou abandonados. Os seus cursos: Pré-primário, Primário, Complementar, (Artes industriais), Profissional – artesanal, Ginásio Industrial e de Formação Intensiva de Mão de Obra Industrial acolhem os menos capacitados, econômica e financeiramente, para dar-lhes a informação escolar e técnica sobre as mais diversas bases sólidas cristãs. Reina ainda entre as classes operárias o prejuízo da inutilidade do estudo e nos meios mais dotados a indisposição pra o ensino técnico. Tentando vencer esses dois embaraços, a Escola promove encontros e amostragem dos trabalhos realizados pelos alunos ligando-os às finalidades práticas da vida. Doutra parte, motivados satisfatoriamente, os de menos posses se vêem a braços com o alto custo do ensino médio em nossa terra. Por esses dois motivos, falta de interesse e mercantilismo do ensino, ainda mais se indica a manutenção do Ginásio*

*Industrial. Ele vem valorizando como cumpre, e facilitando o mais possível o ingresso dos pobres no curso secundário. Devido aos altos custos, jamais um operário poderia enfrentar uma despesa acrescida do elevado preço dos livros, material escolar, uniformes etc. Não só a fraternidade, mas a justiça social estão a exigir instituições que subsidiem esses pais e alunos, desejosos de aumentar a sua capacidade intelectual e prestação de serviços à comunidade. É esta uma face típica do problema e prestação de serviços à comunidade.*

*A montagem da Escola Profissional Dom Bosco propiciou nos anos de sua existência, a formação de centenas de alunos, todos ativos em vários rincões da Pátria. A maioria deles, sem qualquer titulação oficial, mas eficientes e produtivos nas suas especialidades. Saíram de nossos cursos: marceneiros, tipógrafos, encadernadores, pintores, eletricitas, decoradores, músicos, desenhistas, etc... assim como professores, mestres de ofícios, contabilistas e tantos outros elementos úteis à coletividade. E isto se deve, além da instrução adequada, ao alto nível dos seus instrutores, todos profissionais abalizados. A interligação da parte teórica de cultura geral com a parte prática de cultura técnica vem servindo de suporte à classificação e desenvolvimento dos alunos do ciclo secundário. O pessoal do magistério, todo ele preparado e atualizado para a missão própria de formar informando, está intimamente ligado à direção que faz as vezes de assessoria especializada”.*

Padre Carlos, apesar de conseguir apoios de diferentes instituições, não deixava de, muitas vezes, tecer críticas quanto aos rumos tomados, relacionados ao trabalho com crianças e jovens em situação de rua ou de ‘abandono’. Quanto à FEBEM, por exemplo, apesar dos apoios recebidos e do convite para exercer cargos de direção, mostrou-se contrário à essa idéia, registrando em suas cartas:

*“O desenvolvimento e a projeção da obra se ampliaram tanto que o seu Diretor foi escolhido para dirigir a Fundação do Bem Estar do Menor (FEBEM), no Estado de Minas Gerais. Esse organismo que substitui o antigo Departamento Social do Menor, responsável pelo menor em todo o Estado, não corresponde à promoção devida à pessoa, razão porque o indigitado não aceitou a escolha. Eivado de má política e sem alcance promocional, essa atividade promoverá os que o manobram, mas não realizará os princípios que vem sendo pregados e concretizados na instituição que ele dirige”. Julho de 1966.*

A escola foi passando por transformações ao longo do tempo e a ingerência do poder público realizou-se pelos convênios firmados para pagamento de professores, mas os projetos pedagógicos continuaram a ser definidos e executados pelo próprio corpo docente e pela direção. Apesar das pressões sofridas por diferentes segmentos da comunidade, os diretores, sobretudo

educadores sociais, permaneceram até os dias de suas mortes, fiéis ao que se propuseram desde o início.

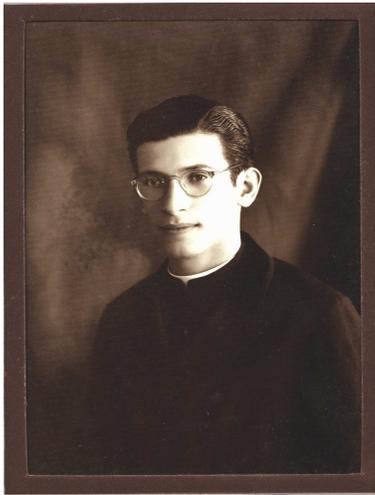
E, dessa forma, os dois fundadores da EDB caminharam juntos, enfrentando além de dificuldades financeiras provenientes da amplitude do projeto, críticas resultantes da ousadia em proporcionar aos meninos e meninas em situação de rua uma educação profissionalizante diferenciada.

A preocupação de Padre Carlos com o registro da trajetória da EDB está evidenciada no seu acervo iconográfico que é composto por fotografias e filmes que remontam aos primórdios da escola, como também nos manuscritos deixados por ele que relatam suas idéias sobre política, religião, educação e arte. Nos ensaios elaborados para a locução nos programas de rádio estão impressas suas preocupações com a propagação dos seus propósitos educativos e religiosos como também da sua interpretação sobre a vida e o mundo. Padre Carlos, cinéfilo, com as inúmeras fichas que catalogam filmes de diferentes épocas, diretores e assuntos, com a sua dedicação pela música, e a sua paixão pela fotografia e Dona Maria, artista plástica e musicista deixam marcados o cuidado com a formação intelectual dos alunos, a partir do contato com a arte e com a ampliação do universo cultural dos educandos.

Padre Carlos, uma figura sempre presente na comunidade de Poços de Caldas<sup>53</sup>, nos últimos tempos de vida, quando visto pelas ruas da cidade, era cercado de pessoas buscando sua atenção. Inegavelmente, ocupou um espaço de liderança religiosa e educativa.

---

<sup>53</sup> Desde 1939 foi rádio amador classe “A”. Era aficionado por fotografia, participou de exposições tendo fotos premiadas; integrou também júris de concursos fotográficos. Integrou a 1ª turma de pilotos de Aviação do Aero Clube de Poços de Caldas, recebendo o “brevet” em 1942. Pelo seu valor sacerdotal e intelectual, teve as seguintes mercês: Orador sacro de grandes recursos, durante anos, foi convidado a pregar Semanas Santas e Semanas Eucarísticas em diversas paróquias da Diocese – atividade que só interrompeu parcialmente por força de compromissos com a fundação da Escola; Agraciado pelo pontificado de Pio XII, por encômios do Bispo Diocesano Dom Inácio João Dal Monte com o título de Monsenhor, Camareiro Secreto de S.Santidade, o Papa. Pertenceu ao Cabido Diocesano e foi Juiz Instrutor da Câmara Auxiliar Permanente da Diocese de Guaxupé. Integrou a Comissão Municipal de Educação, quando da implantação da Lei 5692/7. Em 1979, a cidade de Poços de Caldas, concedeu-lhe Medalha de Ouro, de Honra ao Mérito; também foi homenageado, pelo Lions Clube, com o “Leão de Ouro”. A Assembléia Legislativa do Estado, em 1985, concedeu-lhe a Medalha do Mérito Legislativo, no grau “Mérito”. Em 13 de dezembro de 1996, recebeu o “Diploma de Gratidão da Cidade”, concedido pela Câmara Municipal de Poços de Caldas. Em 21 de abril de 1997, recebeu do Governador do Estado de Minas Gerais a “Medalha de Honra da Inconfidência”. A medalha da Inconfidência é a comenda de maior grau concedida pelo Governador de Minas. Constitui-se na mais alta condecoração do Governo do Estado; visa distinguir todos aqueles que, de maneira excepcional, tenham contribuído para o prestígio e a projeção do Estado e do País. Em 18 de dezembro de 2000, foi um dos homenageados no evento “Personalidades do Século – Homens e Mulheres que fizeram a história de Poços de Caldas no século XX”, promovido pelo jornal Brand-News, que teve por finalidade mostrar o reconhecimento da população poços-caldense àqueles que dedicaram suas vidas a esta cidade, através de trabalhos relevantes.



*“O homem seria muito mais triste, se não soubesse olhar para trás, se não conservasse gravado o retrato dos caminhos andados” Padre Carlos.*

Carlos falece dez anos após a morte de Maria, ocorrida em 1992. Ainda hoje encontramos quadros pintados por ela expostos pelos espaços da escola e não há um dos entrevistados que deixe de mencionar sua importância para a formação artística dos alunos. Sua obra está registrada nas suas produções de arte como também nos depoimentos de quem compartilhou com ela seus ideais artístico – educativos.

Seria ingênuo analisarmos a importância dessa obra educacional se deixássemos de identificar a cumplicidade de pais, alunos, funcionários, professores, empresários e moradores da cidade com os objetivos educacionais da EDB direcionados aos grupos populares.

A abrangência desse trabalho educacional não se resumiu no esforço dos diretores fundadores, mas segmentos dos grupos populares reconheciam esse espaço como representante de muitos dos seus anseios e expectativas.

Durante os sessenta anos de funcionamento da EDB, verificamos sua inserção numa sociedade em movimento como se referiu Mello (1998). Com o processo de industrialização, segundo dito anteriormente, houve a configuração de uma vida para outra: da sociedade rural para a grande cidade, movimento de uma maioria de empregos rurais para outros urbanos, de uma classe para outra, ou mesmo de uma fração de classe para outra.

A EDB configurou-se como uma instituição educacional que buscou oferecer ensino profissionalizante com uma formação intelectual articulada com a formação técnica, possibilitando aos diferentes alunos uma mobilidade no mercado de trabalho, conforme consta dos arquivos da escola e dos depoimentos orais coletados entre diferentes segmentos da comunidade escolar.

A preocupação com a preservação da memória dessa instituição pode ser recuperada nas palavras do Padre Carlos:<sup>54</sup>

*“Ai dos homens se não existisse a memória, história das gerações que andaram”.*

*“ São tristes os velhos caminhos vistos com os olhos de hoje, sem a vitalidade do ontem e o sentido que tiveram quando aconteceram”.*

---

<sup>54</sup> Trechos extraídos do último livro escrito por Padre Carlos: “O meu livro para os Outros”.

*“ Quem incinera o passado como quem inutiliza papéis antigos se condena ao isolamento. A alma desmemoriada é uma abandonada, solitária e vazia”.*

*“ O homem seria muito mais triste se não soubesse olhar para trás, se não conservasse gravado o retrato dos caminhos andados” .*

*“Como é bom voltar ao caminho da ida, rever, reconhecer e amar o bem aquartelado na esperada sentinela generosa e rasgar a senha do esquecimento par ir e vir à cidade submersa, ao castelo e aos jardins da tranqüilidade passada”.*

*“ De que tempo esse meu tempo é tempo  
se não descubro com o meu olhar atento  
todos os rastros do meu tempo ontem  
roda dos olhos do meu tempo hoje?*



*“Meu tempo: é a face visível da eternidade” Padre Carlos.*

### *3.2. A trajetória da Ordem Salesiana em território brasileiro: das classes populares à formação dos filhos das classes médias emergentes.*

A partir da leitura e interpretação dos livros e manuscritos produzidos por Padre Carlos, ficou evidente a influência dos pressupostos educacionais defendidos por Dom Bosco na organização política e educacional da EDB. Nenhum outro autor é significativamente citado por ele, para justificar sua interferência ou modelo na constituição do referencial pedagógico que embasou a criação da EDB.

Italiano, nascido em 1815, o menino Giovanni Bosco, posteriormente Dom Bosco, teve a infância marcada por privações. Órfão de pai logo aos dois anos de vida, teve a pobreza e a fome como determinantes da formação de sua personalidade. Herdara de sua mãe a religiosidade, uma característica das mulheres da zona rural da Itália do século XIX. Para que pudesse iniciar a instrução elementar necessária à realização de sua vocação, recorreu a parentes e amigos, sendo que todo o período de formação sacerdotal foi marcado por dificuldades. Em seus relatos de vida, conforme Meschiatti (2001), transparece a idéia, em alguns momentos, de que o sacerdócio iria de encontro a um ideal familiar, uma opção de família camponesa. Com sua ordenação, em 1841, vê-se realizado um projeto, no qual os anseios de um menino se somaram aos desejos da família.

Após sua ordenação, em visitas a prisões, presenciou a miserável situação de vida dos detentos. Dom Bosco iniciou sua trajetória sacerdotal e pedagógica, defendendo um ensino preventivo que dificultasse os caminhos da marginalidade e da criminalidade.

Institui o Oratório<sup>55</sup> que, inicialmente, apenas abrangia aulas de Catecismo e funcionava aos domingos e dias santos para que os meninos freqüentadores pudessem se aproximar dos sacramentos da confissão e da comunhão. Geralmente, participavam aprendizes de pedreiro, canteiro e outros. Desde o início, Dom Bosco revelou uma valorização do trabalho masculino, talvez porque representasse a futura força de trabalho na sociedade da época, vivendo um intenso processo de urbanização e industrialização.

---

<sup>55</sup> A origem da obra de Dom Bosco está associada aos oratórios, tendo fundado, em 1842, o oratório de São Francisco de Sales, em Turim. Acolhia jovens marginalizados pela sociedade. Os alunos recebiam aulas de catecismo, atividades formativo – integrais, encaminhamento profissional, exercícios de ginástica, cantos, jogos, brinquedos, lazer. Os oratórios proliferaram pelo mundo, acolhendo milhares de jovens. NEGRÃO (1999:203)

A Congregação Salesiana foi constituída, inicialmente, por meninos que, uma vez alunos de Dom Bosco no Oratório, ingressaram na vida religiosa. Segundo sua interpretação, seria essa a garantia de que sua congregação não perderia nunca a identidade. (MESCHIATTI, 2000).

A forma encontrada para consagrar seu trabalho com os meninos pobres e órfãos e consolidar sua continuidade foi a institucionalização do Oratório, a partir da formação jurídica de uma congregação religiosa com todas as prerrogativas que este fato oferecia. Dom Bosco, segundo Negrão (1999), teve como objetivo priorizar a juventude pobre, visando tirá-la da indigência e da corrupção das ruas. Os oratórios festivos abrigavam os jovens marginalizados para instrução religiosa. As escolas profissionalizantes foram relevantes para aquele momento histórico, pois se apresentavam como solução à formação de mão de obra especializada, inserindo muitas vezes os jovens marginalizados no mercado de trabalho, livrando-os assim das conseqüências da ociosidade.

A fundação da Congregação dos Salesianos ocorreu numa época em que a Igreja, durante o pontificado de Pio IX, deparava-se com a perda dos seus territórios. A Igreja Católica, no final do século XIX e início do XX, tem um inimigo potencial: o mundo moderno. Este, na perspectiva da Igreja Católica, traz males como o racionalismo, o liberalismo e o socialismo. Traz consigo também inimigos religiosos como o protestantismo, iniciado no século XVI. Dom Bosco, nesse contexto, é reconhecido como porta voz de um projeto que vem de encontro aos os anseios da Igreja, pois sua proposta de educação preventiva, orientando os jovens para o aprendizado de um ofício, contribuiu para a construção de um modelo de cidadão, almejado pelos novos tempos. Simultaneamente, defendia a propagação de uma moral bem definida, ao tentar formar ‘o bom cristão e o honesto cidadão’ dentro dos desígnios da fé católica e enfatizando o poder da Santa Sé. (ISAU, 1986).

Ao se instalarem na América do Sul, primeiramente no Uruguai e na Argentina, os salesianos estavam imbuídos da mentalidade romanista na afirmação da acentuada fidelidade ao poder do papado. Estabeleceram-se no Brasil, ao final da época imperial, em 1883. A vinda dessa Congregação pode ser analisada, segundo Azzi (2000), sob três aspectos: primeiramente, a participação dos salesianos na vida da Igreja, no momento que uma ação reformista despontava e a Instituição Católica assume novos rumos, marcados pela ação dos bispos reformadores que, se

desvinculando do domínio do Padroado,<sup>56</sup> colocam-se sob a dependência mais direta da autoridade da Santa Sé. A Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, juntamente com diversos institutos religiosos, vindos da Europa, contribuiu para a implantação desse novo modelo de fé que suplantou o tradicional catolicismo luso-brasileiro e implementou o Catolicismo Romanizado, com sua tônica doutrinal e sacramental.<sup>57</sup> Uma das metas salesianas era contrapor o ensino religioso ao ensino leigo, demonstrando não ser a fé, obstáculo ao progresso cultural e humano (NEGRÃO, 1999:202).

Um segundo aspecto abordou o momento de concretização da relação dos salesianos com o Estado brasileiro, quando se estabeleceu o regime republicano de caráter leigo e, por último, a inserção dos salesianos no período em que a burguesia emergente, após a abolição da escravatura, procurava implantar o sistema capitalista. Uma das idéias muito caras aos liberais que defendiam a formação da sociedade burguesa no Brasil, era a necessidade de que o país ingressasse definitivamente no rol dos chamados países civilizados. O processo de urbanização crescente despertou maior interesse pela instrução escolar.

A Igreja no Brasil, segundo Meschiatti (2000) lutou para recapturar o espaço que vinha perdendo, desde o final do Império, no controle ideológico e político que tinha sobre a sociedade. Essa perda se concretizou com o advento da República e a defesa da laicidade do Estado. Há, por parte do clero, a organização de um movimento para demonstração de que, de fato, a Igreja é porta voz de uma religião forte no imaginário popular. Coerentes com o discurso católico da época, os salesianos, teoricamente, opunham-se aos princípios liberais. Mas, por um outro lado, aceitavam a idéia de progresso, desde que conquistado mediante a manutenção da ordem social. A partir da montagem das escolas profissionais e agrícolas, mostraram sua adesão ao projeto que conduziria o país rumo ao progresso.

---

<sup>56</sup> Sistema em que o clero agia de forma mais ou menos autônoma em relação ao papado, pois eram equiparados a funcionários públicos e, no caso do Brasil, deviam obediência, antes de mais nada ao Imperador. MESCHIATTI (2001:20).

<sup>57</sup> Segundo AZZI (2000:55) uma parte expressiva do clero francês, durante a primeira metade do século XX, ‘declarou sua vinculação ao Estado, enquanto outros segmentos da Igreja Católica mantiveram-se incondicionalmente fiéis à Santa Sé, dando origem ao movimento designado como ultramontanismo. Também na Itália criou-se uma divisão análoga e, embora Dom Bosco tivesse manifestado alguma simpatia em relação à formação do Estado italiano, optou pelo sentimento eclesialístico na fundação da Congregação Salesiana, sendo que deixou como norma aos salesianos uma fidelidade irrestrita à Santa Sé.

A fase republicana brasileira nos primeiros quarenta anos, caracterizou-se em seus aspectos gerais, segundo Nagle (1974) pela instabilidade política, social, econômica e educacional: coronelismo, a transição da estrutura escravocrata para o trabalho livre e assalariado, o predomínio da cultura do café e a grande imigração européia. Neste contexto, foram realçados os ideais liberais como o individualismo, a idéia de propriedade, de êxito e de progresso.

Os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais apresentaram o processo mais acelerado e significativo da transição da sociedade patriarcal para a burguesia emergente. Esse foi também o espaço territorial que serviu de base para a implantação e desenvolvimento inicial da obra salesiana no Brasil (AZZI, 2000:21)<sup>58</sup>.

Mesmo com uma vinculação expressiva ao projeto reformador do episcopado, os salesianos, desde o início, buscaram uma aproximação com o poder público e, portanto, manifestaram-se favoráveis ao projeto voltado para a nova civilidade pretendida para a população brasileira, no contexto de urbanização da economia brasileira.<sup>59</sup> Nos termos de Azzi (1986:13): *“A crônica dos salesianos não cabe em versões simplistas, que colocam o Estado de inspiração positivista do lado do progresso e a Igreja ultramontana no lado do passado e no atraso. Antiliberais, como a maior parte do clero da época, os salesianos nem por isso deixavam de acreditar nas luzes das ciências e técnicas positivas”*.

As estratégias políticas adotadas pelos salesianos compreendiam: a imparcialidade quanto às diretrizes do governo, ou seja, evitavam a todo custo mencionar críticas ou desaprovações ao poder público; o incentivo aos alunos para respeitarem as autoridades constituídas; o convite às autoridades políticas para visitarem freqüentemente suas obras educacionais e a divulgação de

---

<sup>58</sup> Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais foram províncias escolhidas pelo inspetor Padre Lasagna para o estabelecimento do núcleo salesiano, por ser reconhecido como o pólo econômico mais importante do final do século XIX e início do XX. São Paulo teve a preferência em razão da presença significativa da imigração italiana. Todo o conjunto de obras estava situado em localidades de fácil acesso pela rede ferroviária. Além disso em Niterói/RJ os salesianos tinham uma porta de entrada para a Corte e, em seguida, para a sede do governo. Cachoeira do Campo/MG localizava-se nas proximidades de Outro Preto, antiga capital do estado de Minas. (AZZI, 2000).

<sup>59</sup> Lustosa (1977) afirma que, simultaneamente a esse processo de urbanização, a Igreja enquanto instituição universal estava promovendo uma reforma impulsionada por uma ideologia reacionária e ultramontana. No Brasil, enquanto a imprensa católica enaltecia a obra de Dom Bosco, com agudo senso crítico, os liberais reconheciam que essa Congregação representava a afirmação do movimento dos bispos reformadores, com sua marca clerical e conservadora.

suas atividades sociais e educativas, com a finalidade de obtenção de subsídios para sua implementação e expansão, por parte do Estado.

Inicialmente, preferiram as escolas profissionais e as agrícolas. Durante o período compreendido entre os anos de 1885 a 1908, conforme Isau (1993), o atendimento dirigiu-se aos jovens de origem mais humilde. A grande dificuldade encontrada foi o enfrentamento do preconceito em relação ao trabalho manual, que lembrava a escravidão e não era valorizado pela maior parte da população brasileira. As famílias pertencentes às classes emergentes aspiravam para seus filhos uma formação acadêmica (AZZI, 2000).

Em Minas Gerais, devido à economia agrícola e à pecuária, a inserção dos salesianos aconteceu, em 1893, quando a antiga coudelaria de Cachoeira do Campo foi cedida a essa congregação, mediante as dificuldades do governo de Minas em realizar o plano de criação de um estabelecimento agrícola na antiga propriedade da Coroa. O governo de Minas fez doações aos salesianos e, em seguida, o Congresso consignou uma verba para auxiliar a fundação de um estabelecimento de ensino profissional. Os salesianos em Cachoeira do Campo contaram, desde o início, com uma expressiva colaboração do governo e tentaram, a partir disso, incrementar o setor da educação agrícola.

Os salesianos começaram a desenvolver na Europa, ao lado das escolas de artes e ofícios, diversas escolas agrícolas que deveriam complementar o projeto de formação de operários urbanos com a instrução destinada aos trabalhadores rurais. No Brasil, desde o início, houve demanda e interesse pelos liceus de arte e ofício, devido à proposta de profissionalização de meninos pertencentes aos grupos populares. Embora houvesse empenho dessa Congregação para implantação de escolas agrícolas em algumas regiões brasileiras, a única que se destacou, verdadeiramente, foi a escola de agronomia de Cachoeira do Campo.

Em seus primórdios, a implantação da obra salesiana foi facilitada pelo apoio financeiro dado pela aristocracia agrária, entretanto, mostraram-se efetivamente mais sintonizados com as classes médias urbanas, em afirmação progressiva na sociedade brasileira. Uma parte expressiva de seus colégios fora fundada para receber jovens provenientes desses segmentos populacionais. O regime de internatos foi estabelecido para atender à demanda da aristocracia agrária e da burguesia urbana, que buscavam oferecer uma instrução a seus filhos ministrada por religiosos europeus.

A Congregação recebia apoio direto e imediato para a solução de questões de ordem prática dos representantes das classes médias urbanas que se tornaram os principais cooperadores nas diversas localidades, seja resolvendo problemas de alfândega ou de isenção de impostos, seja na insistência junto ao governo para obtenção de verbas ou mesmo no apoio jurídico em situações contenciosas. Parte expressiva dos alunos estudantes nos colégios salesianos era proveniente dos setores das classes médias urbanas, que cursavam o ensino secundário, ficando os cursos profissionalizantes oferecidos pelos liceus de arte e ofício e as escolas de ensino agrícola direcionadas aos grupos pertencentes às classes populares.

Os processos de ensino utilizados pelas primeiras gerações dos padres salesianos que chegaram ao Brasil basearam-se no sistema preventivo de Dom Bosco, que norteou toda a ação educativa no trabalho com os jovens. O sistema preconizado consistia em práticas de ampla divulgação aos alunos do regulamento e das praxes do estabelecimento e de constantes estratégias de vigilância para que os professores, concebidos como ‘pais amorosos’, guiassem, aconselhassem e, amigavelmente, corrigissem os alunos, visando impossibilitá-los de cometer infrações. Todo o trabalho pedagógico sustentava-se na tríade inseparável: razão, religião e *amorevolezza*. Os princípios de autoridade e de disciplina eram indispensáveis para o bom ordenamento da instituição. As atividades, constantes dos currículos, eram consideradas indispensáveis para o aprimoramento da formação dos alunos, enfatizando os hábitos de ordem, disciplina, respeito à autoridade e práticas religiosas.

O projeto educativo dos salesianos pautava-se nos mais modernos e rigorosos sistemas higiênicos da época. Os prédios eram compostos por salões amplos destinados aos dormitórios, salas de aulas, enfermarias, gabinetes dentários, pátios espaçosos com grandes áreas para jogos ao ar livre, teatros onde, quase todas as semanas, os alunos assistiam a algum espetáculo teatral ou a filmes, de modo a formar meninos sadios, robustos e ‘prendados de espírito’. (ISAU, 1986).

Os currículos incluíam abertamente o ensino da religião, mesmo havendo críticas de autoridades governamentais que confessavam a ideologia positivista e laica. Embora tenha sido proibido qualquer subsídio ou subvenção às escolas que incluíssem o ensino religioso, o projeto de profissionalização e de disciplinamento de alunos pertencentes aos grupos populares acabava

sendo útil ao governo brasileiro e, por isso, portanto, não houve radicalização na aplicação das leis, no caso dos salesianos<sup>60</sup>.

O conjunto de normas<sup>61</sup> que regia a organização das Escolas Profissionais Salesianas, para todos os lugares e tempos, determinava claramente a finalidade da educação dos aprendizes. Evidenciou-se a preocupação com a adequação do ensino às inclinações e habilidades naturais dos alunos e a preparação para a formação dos mestres de oficina. A graduação do trabalho e as exposições eram consideradas fundamentais para a aprendizagem. O currículo escolar contemplava as disciplinas para a formação artística, moral e científica possibilitando, assim, aos alunos os elementos básicos exigidos pelos tempos modernos da industrialização.<sup>62</sup>

Entretanto, o fenômeno da evasão dos alunos foi marcante e, logo no início do século XX, os cursos profissionalizantes perderam espaço para o ensino secundário, na busca de se contraporem ao ensino laicizante. Portanto, foi priorizado, no projeto educacional que enfocava a classe média, o ensino secundário e propedêutico. De um lado, podemos pensar na inadequação das propostas às reais necessidades das classes populares e de um outro, na pressão pelo oferecimento do ensino secundário aos filhos das classes emergentes que buscavam o acesso ao ensino superior, para alcançar o desejo da ascensão social. Os diretores mudaram a orientação fundamental dos principais colégios salesianos e a criação dos ginásios secundários espalhou-se rapidamente.

A partir de 1915, o ensino secundário acadêmico assumiu a predominância, pois ele já existia em funcionamento nas escolas do estado de São Paulo e em Niterói, no estado do Rio de Janeiro. No ano anterior, iniciou-se o Aspirantado de Lavrinhas, casa de formação, que veio a fornecer grande parte do pessoal salesiano às escolas acadêmicas ou secundárias. A campanha

---

<sup>60</sup> Os imigrantes que chegaram ao Brasil eram majoritariamente católicos e o Estado brasileiro evitou o choque ideológico com eles. ISAU (1986)

<sup>61</sup> Estudos dirigidos por Dom Bosco, em 1884, foram determinantes para a elaboração de regras que foram quase uma 'magna charta' das Escolas Profissionais Salesianas. Apesar de posteriores modificações nela constavam os elementos fundamentais.

<sup>62</sup> Os currículos para os cinco anos estava dividido em dois períodos: Nos primeiros dois anos: ensinavam religião, língua nacional, geografia, civildade, higiene e música. Nos três anos finais: ensinavam religião, desenho, música, história natural, física, química e mecânica, história, francês, inglês, italiano, contabilidade e sociologia.

nacionalista acelerou essa tendência, com a introdução da instrução militar nas escolas secundárias. (ISAÚ, 1986)<sup>63</sup>.

As escolas de artes e ofícios entraram em fase de estagnação e os salesianos passaram a se alinhar ao lado de outras instituições religiosas a fim de ministrar ensino aos filhos da burguesia rural e urbana com a abertura de cursos com modalidades de internato e externato. A partir da década de trinta do século XX, ocorre uma mudança significativa nos rumos da obra de Dom Bosco. Os inspetores do Brasil, seguindo determinações da Santa Sé e dos superiores maiores, passam a investir no fortalecimento da própria instituição. Nesse sentido, foram construídos novos prédios para sediar as casas de formação. Os tradicionais estabelecimentos educativos salesianos continuaram instruindo a juventude da classe média urbana em muitas localidades do país, valorizando a formação a partir da educação física, cívica e artística.

O mapeamento das primeiras décadas da implantação do ensino propagado pela Congregação dos Salesianos pode nos chamar atenção para suas principais áreas de atuação no cenário brasileiro. Num primeiro momento, a Congregação Salesiana priorizou os oratórios festivos e as escolas profissionais e agrícolas, destinadas a preparar os rapazes das classes populares a para sua inserção na sociedade urbana em formação. Em razão das facilidades oferecidas pelo governo, em termos de oficialização do curso secundário, os salesianos passaram a incrementar em seus estabelecimentos educativos o ensino acadêmico para os filhos de famílias da nova classe média emergente (AZZI, 2000).

Atualmente, no estado de Minas Gerais, a obra da Congregação se estende pelas cidades de Araxá, Pará de Minas, São João Del Rei, Barbacena, Ponte Nova Belo Horizonte, Cachoeira do Campo. A cidade de Poços de Caldas, representada pela Escola Profissional Dom Bosco, consta como parte integrante dessa obra, no que tange ao convênio para apoio pedagógico para a educação infantil, ensino fundamental e médio e cursos técnicos, conforme a Inspeção São João Bosco (2007: 7).<sup>64</sup> Algumas atividades voltadas para a formação profissional ainda são

---

<sup>63</sup> A partir de 1920, desencadearam-se movimentos nacionalistas, fomentados pela Primeira Guerra Mundial, com ação no campo educacional. É de notar que o crescimento dos ginásios secundários era um fenômeno mundial na época. ISAÚ (1986)

<sup>64</sup> Inspeção São João Bosco Elenco 2007. Belo Horizonte: ISBJ. Atividades desenvolvidas: Araxá: Educação Infantil; Ensino Fundamental e Médio; Oratório Festivo; Paróquia. Pará de Minas: Semi-Internato para Ensino Fundamental; Centro de Formação Profissional Popular. São João Del Rei: Paróquia; 11 Comunidades; Capelarias; Movimento Comunitário Dom Bosco; Oratório Festivo. Barbacena: Convênio com o Senai; Convênio com a Prefeitura; Ensino Fundamental; Ensino Médio; Aspirantado; Pré-vestibular. Ponte Nova: Educação Infantil; Ensino

realizadas, porém sem a mesma ênfase no oferecimento de cursos técnicos profissionalizantes, como acontecera no momento da sua implantação. Em Minas, as unidades se dirigem, prioritariamente, ao ensino fundamental e médio, aos oratórios festivos, aos cursos de formação de sacerdotes, aos cursos de graduação e pós – graduação, a algumas ações sócio educativas direcionadas para autores de atos infracionais, à educação de jovens e adultos e à Capelania.

Especificamente, no caso da Escola Profissional Dom Bosco, o convênio firmado após o falecimento dos seus fundadores previu, de início, a inserção dos salesianos no que tange ao apoio pedagógico. As similitudes do trabalho realizado com as propostas dos salesianos podem ser estabelecidas com as do período inicial no Brasil, quando direcionavam suas atividades aos cursos técnicos nos Liceus de Arte e Ofício. O “ensino preventivo”<sup>65</sup> de Dom Bosco que se pautava na relação entre ciência, trabalho, afetividade, religiosidade, arte, disciplina para a formação de cidadãos capazes de atuar no mercado de trabalho, esteve presente praticamente durante todos os sessenta anos de história da EDB, conforme pesquisas anteriores realizadas, mencionadas no capítulo anterior.

A EDB estruturou-se, ao longo das décadas, conforme os preceitos educacionais de Dom Bosco. As semelhanças com o sistema preventivo de educação, preconizado inicialmente pela Congregação dos Salesianos manifestam-se no entretenimento da juventude aos domingos, como no caso dos primeiros ‘anjos da cara suja’ e, posteriormente nas atividades escolares, proporcionando-lhes ambiente sadio e alegre, diversões, esportes, noções de higiene, moralidade, refeições comunitárias, encenações, cinema, música, canto, participação em oficinas profissionalizantes, buscando dessa maneira, afastá-los de ações voltadas para a marginalidade. E, ao contrário da história da Congregação dos Salesianos no Brasil, que iniciaram suas atividades atendendo, prioritariamente, aos alunos pertencentes aos grupos populares, muitos

---

Fundamental e Médio; Capelania. TV Educativa; Oratório Festivo. Belo Horizonte: Casa Domingos Sávio para Pós Novíços; Casa Inspetorial, coordenação e centro administrativo; Instituto Santo Tomás de Aquino, cursos de graduação – Filosofia (faculdade) e Teologia; Pós Graduação (especialização); Ciências da Religião- formação e liderança religiosa. Sistema Salesiano de Videocomunicação. Centro Juvenil Salesiano, Oratório Diário e Festivo; Projeto Curumim; Cursos Populares; Meninos de Rua - medida sócio educativa de internação para autor de ato infracional. Centro de Passagem. Colégio Salesiano: Educação Infantil; Ensino Fundamental e Médio; Pré Noviciado; Obra de Promoção do Adolescente Trabalhador; Educação de Jovens e Adultos. Paróquia Cristo Luz dos Povos: Paróquia; Centro Juvenil; Oratório Festivo; Obras sociais; 12 comunidades; Cursos Profissionalizantes Populares; Alfabetização; Pré Vestibular. Cachoeira do Campo: Ensino Fundamental; Oratório Festivo; Oratório Diário; Casa de Retiros e Encontros; Capelania.

<sup>65</sup> Terminologia desenvolvida pela Ordem Salesiana para designar o trabalho social voltado para crianças e jovens em situação de risco.

deles em situação de risco social e passaram a oferecer ensino secundário e propedêutico às classes médias e altas, a EDB ainda se mantém coerente com a originalidade das propostas salesianas, direcionando suas atividades para uma parcela significativa das classes trabalhadoras em Poços de Caldas.

E, desse modo, cumpre-nos assinalar os motivos que provocaram certa resistência, por parte da comunidade local, a inserção de membros dessa Congregação nas atividades da escola.

Conforme dito anteriormente, Padre Carlos – fundador da EDB, sendo um padre secular, manteve-se autônomo frente ao poder das instituições religiosas, por não estar ligado diretamente a nenhuma Congregação. Mediante suas posições político- pedagógicas, enfrentou resistências do clero local que interpretava seu ideal como ‘avançado’ para a época, devido ao seu compromisso com a educação profissionalizante, destinada aos filhos de famílias pertencentes aos grupos populares. É interessante citar a fala de um dos representantes dos salesianos instalado na EDB desde 2003, data em que a congregação veio para a cidade. Quando interpelado sobre as similitudes das propostas educacionais da escola com o ensino preconizado por Dom Bosco e com as atuais atividades da Congregação, fez a seguinte declaração:

*“A minha vinda para Poços aconteceu, pois eu trabalhava em Niterói no Centro Juvenil Oratório Irmã Margarida, que são os oratórios que nós chamamos de centros juvenis. Trabalhamos com artesanato, atendemos as crianças em (situação de) risco. E como eu já tinha experiência e o Padre Carlos já realizado o convênio com a Inspeção São João Bosco, da qual eu faço parte, o Superior do Conselho considerou que eu era a pessoa mais indicada. Então a idéia que se tinha aqui, era de que se tratava de uma escola técnica. E, chegando aqui, eu vi que a coisa era bem mais complexa. Além de técnica, atende as crianças, desde o maternal até o ensino técnico propriamente dito.*

*Eu não conhecia a escola. Agora a visão que eu tenho é a de uma escola modelo, não só para Minas, mas modelo para o Brasil inteiro. Tanto é que lá na minha terra, quando a minha prima procurou-me dizendo do seu interesse em fundar um Centro Juvenil, ela sabia que os salesianos tem um ‘know-how’ de centros juvenis. Então, eu dei a indicação a ela que viesse para cá pois aqui era o ideal, pois entendo que se trata da mais completa escola. O modelo para o Brasil seria essa escola, seria a Escola Dom Bosco, aqui de Poços de Caldas”. (Irmão Pereira, 31.07.2006)*

Não podemos deixar de considerar a relação que vai se configurando entre pesquisador e entrevistado em todo o processo de coleta de depoimentos orais. Irmão Pereira apesar de ser o representante dos Salesianos, que permaneceu na EDB desde a o início das atividades, não deixou de apresentar certa resistência às propostas do grupo de professores, coordenadores e diretores. Sempre favorável à ideologia educacional dos salesianos, mostrava-se muitas vezes contrário às críticas manifestadas por membros dessa comunidade escolar às mudanças sugeridas que haviam sido implementadas pela Congregação Salesiana em suas instituições de ensino, as quais tentaram trazer para Poços de Caldas.

Portelli (1996: 393) argumenta sobre a relação entre entrevistador e entrevistado que se concretiza a partir de encontros politicamente significativos, uma vez que se torna necessário saber para quem se dirige o entrevistado e o que escolhe para relatar ao entrevistador. Davis (2003) analisando como as diferenças se manifestam nessa interação, diz que se torna necessário o entendimento reflexivo que explica como os pesquisadores, os pesquisados e seus universos particulares estão presentes na elaboração do conhecimento. A relação reflexiva, defendida por esse autor, resulta nas discussões que envolvem as aproximações e distanciamentos entre pesquisados e pesquisadores.

Seria relevante lembrarmos que nesse caso Irmão Pereira, dirigiu-se a um entrevistador que também participava como membro da organização do Memorial e, sendo assim poderia ser visto por ele como uma espécie de porta voz que possibilitasse um reforço da sua relação com a comunidade escolar. Dessa forma teceu inúmeros elogios à filosofia atual da escola, mas em momentos oportunos mostrou-se desfavorável à manutenção das propostas de preservação da história da escola. Vale lembrar o episódio em que ele, sorrateiramente, derrubou uma árvore plantada pela fundadora da escola e que se encontra localizada bem em frente ao pátio do Memorial, causando certo constrangimento entre alguns membros da escola, que se sentiram agredidos com tal atitude pelo valor histórico que tal planta representava.

Podemos constatar também a mesma observação registrada por alguns padres salesianos que visitaram a EDB, ainda sob a direção de Padre Carlos e enfatizaram a coerência das propostas educacionais com os preceitos de Dom Bosco, pois os alunos pertencentes aos grupos populares da cidade continuam freqüentando a escola que foi fundada para atendê-los.

A partir da coleta de relatos e depoimentos orais, como também da pesquisa em documentos impressos, livros e jornais, ficaram claras as preocupações da comunidade escolar, das autoridades e da vizinhança do bairro com os novos rumos da escola, devido à inserção nas atividades administrativas da escola dos Padres Salesianos, após o falecimento de Padre Carlos. A preservação e divulgação da memória dessa instituição escolar que, desde os idos de 1940, vem se responsabilizando pela formação de profissionais pertencentes aos grupos populares, podem ser consideradas como uma tática de resistência a futuras ingerências que maculem e alterem a originalidade das propostas político-pedagógicas implementadas pelos seus fundadores e concretizadas pelo envolvimento de toda a comunidade escolar.

O ingresso da Inspeção São João Bosco na Sociedade, na categoria de sócio benemérito, ocorrida em março de 2000, estando ainda na presidência da FAM, Padre Carlos Henrique Neto e, contando com a presença do Bispo Diocesano José Geraldo Oliveira, é marcado pelas seguintes atribuições de responsabilidade da Congregação dos Salesianos: cooperação sócio educativa, fornecimento de suporte em orientação contábil e jurídica, realização de reuniões, palestras, cursos, transferência de experiências, atos estes oriundos do pré convênio de cooperação firmado desde 1997. Portanto, a preocupação da Igreja Católica com os novos rumos da EDB, que se manifestou desde 1997, no sentido de não perder o poder que a Igreja Católica possuía na FAM, via Padre Carlos, concretiza-se buscando garantir a continuidade das propostas educacionais preconizadas por Dom Bosco, como consta da Ata das Assembleias Gerais da Fundação de Assistência ao Menor, datada em 30 de março de 2000, com a inserção dos Salesianos nas atividades escolares, contábeis e jurídicas da EDB.

Vale ressaltar que, conforme Estatuto da Fundação de Assistência ao Menor, (art. 36), na hipótese de extinção dessa Fundação, que se dará em caso de ilicitude de seu objeto ou impossibilidade de sua manutenção ou de cumprimento dos objetivos sociais, todo o patrimônio da Fundação será destinado à entidade congênere, legalmente, constituída e registrada junto ao CNAS (Conselho Nacional de Assistência Social), indicada pelo Sr. Bispo Diocesano. Cabe também ao Bispo Diocesano a indicação para o cargo de Direção Geral da Escola, mas a decisão final de nomeação fica a cargo da Diretoria da FAM.

### *3.2.1 EDB- sua identidade sob a égide de Padre Carlos e a situação atual.*

Nesse quinto ano de pesquisa e de convivência com representantes dos salesianos, vale a pena ressaltar alguns pontos: em princípio, houve uma grande insegurança por parte da comunidade local quanto aos novos rumos que a escola tomaria. Os pais e os moradores da cidade mostraram-se descontentes com a possibilidade de mudanças. Inicialmente, questões relativas ao preço das mensalidades nortearam as principais dúvidas. Com a entrada dessa Ordem Religiosa no cotidiano escolar, conforme depoimentos orais, podemos considerar que não houve uma participação efetiva de pais, professores e alunos frente às alterações que a escola enfrentaria. Isso já demarcou uma diferença com a história das administrações anteriores, pois os problemas eram discutidos amplamente com os diferentes segmentos.

*“Nós não participávamos das discussões com os salesianos. Eles tomaram a seguinte postura: somos os Salesianos e estamos aqui”. (Professor Everaldo Rodrigues Ferreira, 08.12.2007).*

Apesar de ter sido uma decisão tomada com a anuência de Padre Carlos, é nítida a resistência de alguns membros da escola frente à nova estrutura proposta pela Diocese de Guaxupé e a um possível rompimento da proposta política e filosófica desenvolvida ao longo dos sessenta anos de funcionamento da EDB. A coordenadora da Educação Infantil, Roselene Aparecida Rosa Pereira, assim relata esse momento de transição:

*“Na verdade os salesianos vieram mesmo antes do Padre Carlos falecer. Inclusive quem nos deu a notícia foi o próprio padre. Falou-nos sobre essa decisão tomada pelo Bispo. Aos poucos, iam ser atribuídos os direcionamentos da escola para os salesianos. Depois realizamos um encontro com os salesianos, quando os ensinamentos de São João Bosco foram estudados. E, nesse espaço de tempo aconteceu o falecimento do Padre Carlos. E com ele a grande preocupação do grupo:*

*-Será que com os salesianos presentes, a escola manteria suas características originais? Pois apesar da filosofia de Dom Bosco ser comum aos salesianos, algumas coisas nós percebíamos que não eram tão comuns assim. Então houve, sim, essa preocupação. Com a vinda dos salesianos houve muita especulação. Os pais ficaram inseguros, quanto aos preços das mensalidades e possíveis mudanças do uniforme. Então conversávamos bastante, pois no imaginário deles **tudo** ia ser “Salesiano”. (08.12.2007)*

Benedito Ramos Lemos, jardineiro e porteiro da Escola, confia-nos também sua insatisfação com a vinda dos salesianos. Responsável pelo plantio e pela manutenção dos jardins freqüentava, diariamente, a casa dos fundadores da escola. Sentia-se como um amigo próximo de Padre Carlos. Algumas vezes foi chamado a exercer atividades na portaria da escola e ao receber os alunos, envolvia-se com suas histórias.

*“Ah, eu freqüentava muito a casa do Padre. Ele sempre me chamava também para conversar. Todas as manhãs ele me procurava para uma ‘prosinha’. Na ocasião das primeiras visitas dos salesianos à escola, ele me chamou:*

*-Dito, venha cá na sala. Fique comigo.*

*E, eu fui então colocar água nas samambaias da sala e pude ouvir a conversa do Bispo com o Padre Carlos. Lembro-me que ele ficou vermelho quando o Bispo disse-lhe que deveria obedecê-lo. E, sendo assim deveria aceitar os salesianos na escola. O Padre pediu um tempo para pensar, antes de assinar a documentação.*

*Eu fiquei pensando sobre isso. Sabe, uma vez Dona Maria me pediu para ficar trabalhando na Portaria. Nesse tempo, conversava muito com os alunos. Eles me contavam sobre suas vidas. E, hoje, fico muito contente quando alguns visitam a escola e me contam sobre sua profissão. Muitos deles tiveram sucesso! Fico orgulhoso com isso. A Escola Dom Bosco sempre recebeu alunos pobres”.*  
(08.12.2007)

Em 2005, foi proposta à escola a adoção do material didático-pedagógico produzido pela Ordem dos Salesianos do Brasil. Após o primeiro ano de uso, a direção optou pelo rompimento com o convênio, visto que os livros de aquisição dispendiosa são alterados todos os anos, causando despesas onerosas às famílias, que mantêm vários filhos na escola e não podem contar com a re-utilização dos materiais escolares do ano anterior pelos mais jovens. A aluna Mayara Gabrielle Ferreira, atualmente funcionária do Memorial, cursava o primeiro ano do ensino médio, quando houve a troca dos livros didáticos.

*“Estou na escola desde os quatro anos de idade. E, agora, catorze anos depois, estou trabalhando no Memorial. O que tenho a dizer sobre a entrada dos salesianos na escola: Até a oitava série adotávamos o sistema em que cada professor escolhia os livros que queria adotar. Aquele material era usado durante os quatro anos, ou seja, a mesma coleção de livros. Então, o livro que eu estudei na quinta série correspondia à mesma coleção até a oitava série. Nós conseguíamos trocá-los entre os alunos. Isso tornava o custo mais barato aos estudantes. Quando entrei no primeiro ano do ensino médio a escola fez um contrato com os salesianos. Com eles vieram seus livros. Eram muito diferentes, pois na maior parte das Escolas Salesianas o funcionamento do ensino médio é*

*em tempo integral. Aqui na escola estudamos no período noturno. Lá eles têm diariamente dez aulas e nós somente cinco. Era muito conteúdo para pouco tempo. Mas nem foi esse o maior problema. Nossa insatisfação se iniciou devido ao preço dos livros. Todos os pais reclamaram. Cada aluno tinha que ter seu próprio livro. Então na sala de aula nos reuníamos e nos questionávamos: por que a escola assinou esse contrato? Os professores comentavam que seria um ano de experiência. Primeiro iriam estudar como os alunos se portariam com o material, para depois aceitarem definitivamente o contrato. No final não deu certo, pois eram muitos conteúdos e pouco tempo. Os professores estavam acostumados com um ritmo diferente de aula. Eles tinham seus próprios planos e esses livros meio que tumultuaram o trabalho pedagógico. A escola resolveu não adotá-los mais pelo preço e também pelo atraso no processo de ensino que os livros nos causaram”. (08.12.2007)*

Os professores também se mostraram resistentes quanto ao uso do material didático pedagógico produzido e editado pela Ordem dos Salesianos. O processo de adoção dos novos livros demonstrou uma falta de diálogo com o corpo docente que, chamado a participar das discussões sobre os recursos pedagógicos percebeu nitidamente as diferenças de interesses entre a maior parte das escolas salesianas com os reais objetivos da Escola Dom Bosco de Poços de Caldas. O Professor Everaldo Rodrigues Ferreira tece crítica pertinente aos aspectos pedagógicos dos livros, como também reflete sobre a imposição do processo de implantação das novas coleções.

*“Quando o Padre Carlos veio a falecer, nós ficamos muito inseguros: os salesianos vão realmente assumir a escola? Nós como professores tínhamos como preocupação maior a continuidade da filosofia da escola. Esse foi nosso maior receio e nossa dúvida também. Acreditávamos na filosofia da escola, ou seja, no trabalho que vínhamos já realizando há décadas. Fomos convidados a participar de vários cursos em Cachoeira do Campo. Não deixamos de aprender algo. Mas eles queriam mesmo de uma certa forma impor a maneira de pensar deles. O jeito de trabalhar deles que em alguns momentos até tinham coisas em comuns com a nossa maneira de ensinar, mas em outros momentos não faziam parte da nossa realidade. Nesses encontros discutimos o uso de um material didático unificado. Eu, como professor, não vejo isso como positivo. Nada que é unificado pode dar certo, pois lidamos com realidades diferentes. Eu não posso achar que um menino de Belo Horizonte pensa como um menino daqui de Poços*

*de Caldas. Diante de realidades diferentes, o material didático também tem que ser diferente. Disseram-nos que esse material seria elaborado em conjunto. Mas não foi bem isso que aconteceu, pois já estavam prontos. Foi-nos imposto e assim fomos obrigados a aceitá-los. Na época questionamos, mas não houve alternativas. Houve um grande estranhamento. Na sala de aula onde estudavam dois irmãos, não poderia acontecer a divisão dos livros, como a Escola sempre aceitou. Os salesianos não permitiam isso. Cada aluno teria que ter seu próprio livro. Aí percebemos o interesse financeiro com a venda dos livros. E essa não é a filosofia da Escola. Usamos esse material por um ano, mas sob protesto Foi um material que pouco nos acrescentou. Conversamos com a direção da escola, não somente eu que sou da área de Língua Portuguesa, mas professores de História, Geografia, Física e Matemática e expusemos nossos pontos de vista. Fomos ouvidos e atendidos. A Maria José ‘comprou’ essa nossa briga. E no próximo ano a escola cancelou o convênio ”. (08.12.2007)*

Nos anos de 2004 e 2005 professores e coordenadores da EDB foram chamados a participar de cursos de formação ministrados em Cachoeira do Campo, que se tornou um centro de referência da Congregação em Minas Gerais para disseminação das propostas educacionais desenvolvidas pelos salesianos. Conforme alguns depoimentos de professores e coordenadores esses encontros foram cancelados pela EDB, visto a não identificação do corpo docente com as propostas das escolas salesianas distribuídas pelo território nacional. Roselena Pereira, assim ressalta:

*“Inicialmente, até consideramos que o contato com a Congregação dos Salesianos em Minas Gerais pudesse ser interessante para discutirmos novas propostas educacionais. Estivemos em Cachoeira do Campo, participando de alguns seminários, quando entramos em contato com várias escolas salesianas distribuídas pelo Brasil. E acabamos nos desinteressando, pois a realidade dessas escolas é muito diferente da nossa. As propostas metodológicas são direcionadas a um outro público, muito diferente do nosso. O grupo de professores não se identificou com tais propostas e acabamos escolhendo por não participarmos mais de tais eventos”. (24.06.2006)*

Esta mesma professora e coordenadora também nos relatou o fato de terem proposto a utilização de livros didáticos para a Educação Infantil. Professores e funcionários se reuniram e decidiram pela não adoção do material editado pelos salesianos, uma vez que o conteúdo dos

livros não contemplava a proposta didático- pedagógica aplicada pelo corpo docente. Dessa forma não foram mais convidados a participar dos cursos promovidos pelos salesianos.

Os salesianos que atuam nas atividades da EDB têm acompanhado todo o processo de organização do Memorial. O segundo sacerdote designado pela Congregação, Padre Luís Vidal, tentou manter um vínculo com os alunos no que diz respeito às atividades artísticas como teatro, música e artesanato. Como uma de suas primeiras tentativas de aproximação com a comunidade escolar, confeccionou junto com os alunos dois grandes painéis de tecido, que estão expostos na escola, marcando a importância de Padre Carlos e de Dona Maria para a educação de crianças e jovens em situação de risco, em sintonia com os preceitos educativos de Dom Bosco.

No início de sua estada em Poços de Caldas, esteve presente em diferentes eventos organizados pelo Memorial, o que nos leva a pensar no seu reconhecimento pela importância da obra educacional da EDB e do papel exercido pelos seus fundadores. Mas, com o transcorrer do tempo, conforme depoimentos orais manifestou certa dificuldade no diálogo como sacerdote e educador com membros da comunidade, o que pode ter causado sua transferência para outra escola, ocorrida em final de 2005.

Desde 2003, já houve troca de dois sacerdotes.<sup>66</sup> Os padres, apesar de algumas tentativas de mostrarem seu reconhecimento e valorização da história dos fundadores da escola, mantiveram-se distantes do diálogo com funcionários, pais, professores, alunos e moradores do bairro que têm na escola uma referência religiosa, educacional e política. Esse distanciamento, podemos assim dizer, provocou sempre um desconforto por parte dos frequentadores da escola e da comunidade local com a presença dos salesianos.

*“Houve um rodízio de padres. O irmão Pereira foi o único que ficou desde o início. Talvez porque eles não se adaptaram. Talvez porque entraram em conflitos com a filosofia da escola. Talvez por terem pensado que a vinda deles fosse uma coisa e acabou sendo outra”.* (Professor Everaldo Rodrigues Ferreira, 08.12.2007).

Interpelado sobre esse rodízio, Irmão Pereira, o único representante dos salesianos que esteve na escola desde o início do convênio, alegou que se trata de uma rotina da Congregação tal

---

<sup>66</sup> Estiveram presentes na EDB: Padre Geraldo Lopes de Paula - 04/01/2003 a 10/01/2006; Padre José Luís Vidal - 10/02/2005 a 22/12/2005 e Padre Geraldo Arcênio de Oliveira - 10/02/2006 até os dias atuais

alternância dos padres nas instituições. Como ele desenvolve atividades na área de alfabetização de adultos, atua em um projeto no período noturno para atender tal segmento, portanto manteve-se presente na escola desde 2003. Em entrevista faz tal alegação:

*“Não, não temos tempo marcado para ficar em determinadas instituições. Os padres que estiveram, aqui, foram embora, pois a Congregação precisou deles em outros lugares. O Padre Vidal, por exemplo, foi transferido para Vitória do Espírito Santo, porque a sua especialidade era Centro Juvenil. Eu fui ficando e cabe a nós a responsabilidade pela assistência religiosa aos alunos, pais e professores. O que procuro sempre fazer é estar junto com os meninos. Já o trabalho que desenvolvo com a alfabetização, trata-se de um projeto que existe na Congregação desde a década de 1950. Usamos um método premiado pela UNESCO e reconhecido mundialmente. Aqui na escola trabalho com duas turmas totalizando quarenta e seis alunos”.*

Esse projeto de alfabetização de adultos tem a aprovação de alguns dos alunos que freqüentam o curso noturno. Waldevino Francisco, motorista, jardineiro e integrante da Comissão Provisória de Implantação do Memorial deixa registrada sua satisfação com essa iniciativa dos salesianos, apesar de se mostrar tímido para a gravação de depoimentos orais.

*“Olha, eu freqüento as aulas sem faltas. Até parece os tempos da antiga Escola Dom Bosco, quando os “Caras Sujas” freqüentavam as aulas no período noturno. Para mim tem servido muito essas aulas. Quando vocês me pedem para ajudar na organização das exposições do Memorial, eu me sinto melhor quando melhora meu nível de escolaridade”.*

Irmão Pereira de certa maneira atua muito próximo aos alunos. Diariamente os recebe na entrada e é o responsável pela condução das orações realizadas com alunos e professores. Padre Geraldo Arcênio de Oliveira ministra a missa aos domingos e acompanha os cursos de catequese. Dessa maneira conduzem sua participação no cotidiano da EDB. Podemos perceber que a tentativa mal sucedida de adoção dos livros didáticos acabou afastando os representantes dos salesianos das propostas educativas, restando-lhes espaço para atuação proselitista somente.

A direção da escola por outro lado se manteve solidária aos pais, professores e alunos, respeitando suas reivindicações. Durante a coleta de depoimentos orais alguns professores evidenciaram insatisfação quanto ao distanciamento do corpo docente na tomada de decisões

relacionadas aos novos convênios assumidos pela escola, após o falecimento dos seus fundadores. Propuseram a formação de um colegiado pedagógico para o acompanhamento de tais questões.

Representantes do corpo docente, discente e de funcionários expressaram seu descontentamento com as investidas da Congregação dos Salesianos nas propostas metodológicas. O único projeto que me pareceu ter a aceitação do grupo refere-se ao trabalho de alfabetização de adultos que é oferecido gratuitamente e se mostrou compatível com as necessidades de determinados alunos. Resta-nos acompanhar os desdobramentos dos impasses ocasionados pela incompatibilidade das propostas educativas dos salesianos com os objetivos políticos educacionais da Escola Dom Bosco.

Como mencionado anteriormente, a Fundação de Assistência ao Menor (FAM) continua sendo a entidade mantenedora e a principal responsável pela gestão jurídica e administrativa da EDB. Caso seja comprovado caso de ilicitude de seu objeto ou impossibilidade do cumprimento dos objetivos sociais dessa Fundação todo o patrimônio da Escola será destinado à entidade congênere, legalmente, constituída e registrada junto ao CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social, indicada pelo Sr. Bispo Diocesano. Cabe também ao Bispo a indicação para a direção geral da escola, mas é competência da FAM aceitar tal indicação. Portanto, a Igreja Católica tem responsabilidades e exerce influências sobre o futuro da EDB.

#### *4. Por uma pesquisa comprometida com a reconstrução de memórias subterrâneas.*

Inicialmente, pensemos naquela História que aprendemos na escola e que está contida nos livros didáticos e em espaços e suportes oficiais da memória nacional. Esta História tem um grau de comprometimento com a memória coletiva, entendida como aquela que pertence a classe social hegemônica e que na escola formal é imposta às demais classes. Seria aquela História que mostram a nós com o valor de verdade. Esta História, sistematizada e legitimada em documentos, espaços, símbolos e instituições, registra fatos e aspectos considerados relevantes pelos grupos dominantes e se apresenta como justificativa e explicação de algo feito e consumado como uma conquista da nação.

Nesse sentido, a história pautada pela memória considerada oficial da sociedade mais ampla, geralmente, expressa-se nos memoriais, monumentos, murais, arquivos, bibliotecas, hinos oficiais, obras literárias e artísticas que exprimem a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada comunidade, seriam os chamados 'lugares de memória'. (NORA, 1993).

Halbwachs (1997) considera que a memória representa, ao mesmo tempo, a trama da identidade individual e coletiva. A memória não pode ser ativada isoladamente e nem mesmo sem apoiar-se no grupo social que compartilhou os fatos ou as experiências lembradas. A memória acaba sendo, então, uma condição da identidade dos grupos e das pessoas. No conceito desse autor a memória social é aquela existente nas famílias, como em cada pessoa, nas pequenas cidades, nas praças, nas tradições, nas festas populares, não se encontrando somente nos prédios institucionalizados, existentes principalmente, nas grandes cidades.

Segundo Simson (2000) podemos partir da existência de três tipos de memória: a memória individual, a memória coletiva e as memórias subterrâneas ou marginais. Embora a memória individual constitua-se de lembranças das próprias vivências e das experiências do indivíduo, representa também aspectos da memória do grupo social em que este fez parte.

Quando determinado sujeito focaliza suas memórias pessoais pode delinear uma visão das várias etapas da trajetória do grupo social a que pertence. As memórias que correspondem às versões do passado dos grupos que tiveram muitas vezes suas experiências e vivências silenciadas e marginalizadas pela história oficial são consideradas como memórias subterrâneas. Essas memórias não se encontram monumentalizadas ou registradas em textos, mas encontram-se

guardadas nas memórias de indivíduos pertencentes às gerações passadas que podem transmitir suas histórias via oralidade.

*A memória expressa naquilo que chamamos lugares da memória como os monumentos, hinos oficiais, quadros, obras literárias e artísticas consolidada em um passado coletivo de uma sociedade é chamada memória coletiva. É formada “pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla (SIMSON 2000: 63).*

Como contrapartida, podemos pensar em uma memória que corresponda a versões reveladoras de fatos significativos dos sujeitos que são pertencentes aos grupos dominados. Estamos nos referindo às memórias subterrâneas ou marginais que, geralmente, sofreram um processo de silenciamento. E o reconhecimento dos indivíduos de serem portadores de sua própria memória, como sujeitos e como membros de uma determinada classe social, implica no reconhecimento da sua identidade, como alguém pertencente a um determinado grupo, segmento ou ordem.

*Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992:204).*

Para Donatelli (1996:104), a memória não se constitui em um fim para se chegar ao passado, mas sim um meio de alcançá-lo. A memória nos instrumentaliza como um recurso para a recomposição do passado. O tempo remoto pode ser entendido não como absoluto, mas como um lugar de subjetividade e subjetivação que se desenvolve lenta e gradualmente, conforme as nossas condições pessoais, emocionais e humanas. Nas suas palavras: “O tempo assume para cada um de nós um caráter individualizado, medido e percebido somente por nós. Esta apropriação do tempo físico e sua transformação em tempo humano, histórico, presentificam em cada um de nós, mesmo que não saibamos ou não percebamos, a sua existência”.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável separa uma memória subterrânea de grupos dominados da sociedade civil de uma memória coletiva

organizada, que resume a imagem de uma sociedade segundo seu grupo hegemônico. (POLLAK, 1989).

Colocando-se a memória à disposição dos homens, coloca-se à sua disposição uma micro-história que não deixa, em momento algum, de estar enlaçada na macro-história, ou seja, entende-se que uma história individual não deixa de estar relacionada com o contexto social mais amplo.

A partir do trabalho que vem sendo realizado rumo à organização do Memorial, pretende-se considerar as memórias individuais na sua interação com a memória coletiva. No processo de sistematização do acervo: sua conservação, preservação, catalogação e divulgação valoriza-se a recolha de informações que os atores atribuem aos documentos. A participação ativa e colaborativa de professores aposentados, de ex e atuais alunos, de funcionários e de membros da sociedade civil permite que suas recordações e histórias de vida, seja via coleta de depoimentos orais, seja na identificação de personagens nas fotos antigas ou de objetos e suas histórias, estejam presentes nas oficinas. Novos fatos e acontecimentos são rememorados no processo de identificação de fotos e de documentos pertencentes aos fundadores da escola, assim como no exame de documentos pertencentes à própria instituição escolar.

O próprio processo de escolha de documentos que foram selecionados para passarem pelas atividades de conservação e preservação, remete-nos também a algumas considerações: a memória compartilhada, constituída pelas memórias dos diferentes grupos que compõem uma dada comunidade, é múltipla e exerce função de manter as identidades de tais grupos. Pelo compartilhamento, podemos dizer que a memória também cimenta as relações entre os vários grupos internos da instituição. A seleção de recordações implica numa escolha que determina aquilo que será descartado, daquilo que será retido pela memória.

As diferentes atividades que foram realizadas junto aos especialistas do CMU podem nos indicar o processo de implantação de um memorial escolar que concebeu este lugar da memória como um espaço de diálogo entre memórias diversas de modo a reconhecer a alteridade e a reforçar a(s) identidade (s) de diferentes grupos envolvidos na trajetória dessa instituição escolar.

*A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLACK, 1992: 204).*

Segundo Ferreira (1995), cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece elementos através dos quais os indivíduos selecionam o que deve ser esquecido ou o que deve ser guardado pela memória. Portanto, a definição da documentação a ser preservada é discutida coletivamente e reflete os interesses dos grupos em questão. Para exemplificar o movimento coletivo de organização do Memorial algumas exposições já foram organizadas<sup>67</sup>, com ampla participação de atores que vivenciaram as atividades escolares em tempos passados, demonstrando o interesse da equipe em divulgar para a comunidade experiências escolares marcantes.

A construção da memória compartilhada foi possível, a partir de um movimento de aproximação dos pesquisadores com o grupo, visando à construção de uma análise coletiva. Buscamos assim possibilitar uma participação ativa dos integrantes da comunidade escolar, que não foram vistos somente como espectadores. Tornou-se necessário, portanto, trabalharmos na direção da construção de estratégias que pudessem agregar pessoas e ter como resultado uma proposta crítica de recuperação, preservação e divulgação da história dessa instituição escolar.

Nesse sentido, podemos refletir sobre o que propõe Habermas (2002) no que ele denomina de ‘racionalidade da ação comunicativa’ caracterizada pela linguagem, comunicação e intersubjetividade. Com as atividades coordenadas, os membros de uma determinada sociedade estabelecem relações e mantém vínculos por meio da comunicação. A comunicação tem como prioridade a constante busca de acordos e alianças que exigem a realização das condições da racionalidade imanente à ação comunicativa. Os sujeitos que coordenam as ações sociais por meio da crítica determinam e satisfazem às condições da racionalidade da ação comunicativa.

O entendimento entre as pessoas parte de um processo de recíproco convencimento, coordenado por ações dos vários participantes motivados por razões ou interesses comuns. A racionalidade é um processo que pode ser desencadeado a qualquer momento e apresentada por atores nas suas interações, desde que o grupo demonstre disposição e capacidade para tal.

A partir da ação comunicativa, todos os procedimentos, tanto no que diz respeito à organização dos documentos, quanto das estratégias relacionadas à conquista de apoios para a concretização das atividades propostas, foram amplamente discutidos pelo grupo envolvido.

---

<sup>67</sup> Exposição de Fotografias. ‘Padre Carlos e os Anjos de Cara Suja’ em (2003); Exposições de objetos e documentos: ‘Louças produzidas pelos alunos nas oficinas artesanais - 1940 – 1960’ em (2004); ‘Lançando Sementes’ em 2005, ‘Escola Dom Bosco- ontem e hoje’ em 2006 e ‘Coleção de selos’ em 2007.

Uma vez diagnosticado o acervo documental a ser organizado no Memorial e definidas as especificidades e necessidades para a sua recuperação e conservação, todos os membros da Comissão de Implantação do Memorial foram convocados a participar da divisão das tarefas conforme seu interesse.<sup>68</sup>

Dessa mesma maneira, a captação de novos parceiros que possibilitaram a continuidade do trabalho, ocorreu em um processo de ações pensadas coletivamente. O interesse da cidade pelo projeto de recuperação da memória pode ser atestado com a aprovação de novos investimentos pela Lei Municipal de Incentivo a Cultura <sup>69</sup>.

Como enfatiza um autor voltado para as preocupações com o *empoderamento* dos grupos pesquisados, a promoção de encontros e de discussões, envolvendo diretamente os indivíduos que pertençam a um determinado grupo social e apresentem problemas comuns, pode representar um ato significativo para uma tomada de consciência por esse mesmo grupo das escolhas de atitudes possíveis e necessárias para minimizar suas dificuldades presentes. (KEER, 2006).

Nesta pesquisa, todo o processo da ação comunicativa pautou-se na coleta de depoimentos orais e na socialização dos aspectos relevantes relatados pelos depoentes, que foram permitindo uma constante prática de análise e de reflexão.

Frisch (1990) atribui ao que ele denomina de ‘autoridade compartilhada’ um papel significativo na construção de um movimento, que vai além do modelo de argumentar. Compreende que os objetivos da história oral deveriam ser os de conferir habilidades e conhecimento àqueles que não possuem poder. Ele posiciona-se a favor de um compartilhamento mais profundo de conhecimentos, um diálogo implícito e, por vezes, explícito das diferentes vantagens sobre a forma, significado e implicações da história. Ele defende que este diálogo vai promover uma consciência histórica mais democrática e mais amplamente compartilhada, conseqüentemente encorajando uma participação maior de toda comunidade, que promovendo debates, poderá ser informada por uma gama mais profundamente representativa de experiências, perspectivas e valores.

---

<sup>68</sup> A equipe de trabalho foi composta por funcionários, professores, estagiários bolsistas (alunos do ensino médio) que após concluírem o curso foram contratados como funcionários. Também voluntários, ex - professores e membros da comunidade que, para participar, recebiam, periodicamente, orientações técnicas e teóricas para tratamento do acervo documental.

<sup>69</sup> Lei Municipal nº 6.504/97. Aprovação em 2005, 2006 e 2007.

Durante os encontros em que os indivíduos expuseram seus pontos de vista sobre a importância da recuperação das suas histórias de vida, reconhecidas como entrelaçadas com a trajetória social e política da EDB, tornou-se claro para os pesquisadores e pesquisados que as fontes orais também traduzem a subjetividade dos depoentes.

Se a aproximação entre pesquisadores e grupos pesquisados é suficientemente ampla e articulada, a força de um grupo ou de uma classe pode emergir. Segundo Portelli (1997: 31) “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e agora pensa que fez”. A memória neste sentido, não é vista como um depósito passivo de fatos, mas também como um processo ativo de criação. Os depoentes, buscando, no passado, sentido para suas vidas, podem definir, no momento presente, suas expectativas como também suas necessidades de permanência das experiências realmente importantes.

Esse processo já vem sendo estudado e conceituado como *empoderamento* por diferentes cientistas sociais desde a década de 1960, no bojo do movimento feminista e do movimento político norte americano contra o fim do preconceito que marcava a vida dos negros. Nos anos de 1970 e de 1980, grupos de mulheres espalhadas pelo mundo desenvolveram um complexo esforço de conceituação e trabalho de implementação de estratégias de empoderamento. Entretanto, esse conceito relacionava-se à conquista do poder pelos grupos marginalizados, mas dizia pouco respeito às mudanças estruturais amplas, que demandavam um processo contínuo de conscientização e de participação dos indivíduos, que permitisse o questionamento sobre a forma como o poder é distribuído na sociedade. Em outros termos, seria importante um novo esforço analítico que apontasse para novas conceitualizações de poder. Focalizado em processos e não nos resultados, o poder pode assumir outras formas que levem à construção de outras perspectivas de empoderamento (IORIO, 2002).

A partir dos anos 90, observou-se a expansão deste conceito para outras áreas relativas ao desenvolvimento social. A questão metodológica foi posta como prioridade desde o momento em que se buscou a conquista de mudanças sociais como resultado de práticas participativas. Passa ser delegado ao grupo o poder de definição de prioridades visando o empoderamento das organizações de base e das comunidades.

Experiências em diversas partes do mundo vêm possibilitando o estabelecimento de políticas e de práticas de desenvolvimento, que contemplam as necessidades de grupos marginalizados.<sup>70</sup>

A recuperação do passado tem proporcionado um impacto profundo nos aspectos sociais e políticos da modernidade. O conhecimento e a compreensão de vivências dos grupos aliados da considerada história oficial têm sido possíveis graças a inúmeros projetos desenvolvidos por historiadores orais. O testemunho oral, articulado com outras fontes documentais, tem sido utilizado por pesquisadores que, ao promoverem a organização de instâncias participativas, acabam dando suporte para movimentos sociais desafiarem o poder de grupos hegemônicos.

Os entrevistados, ao reconhecerem, nos diversos relatos, conflitos e problemas comuns podem desenvolver estratégias visando a uma mudança significativa.

Partindo do pressuposto de que a construção de uma estrutura de pesquisa deve orientar-se em espaços que permitam discussões coletivas sobre os assuntos pesquisados, juntamente com os pesquisadores e especialistas do CMU, foram organizados vários encontros, reuniões, seminários, palestras e exibição de documentário, produzido a partir do banco de história oral, para promoção de um processo de intensa reflexão que foi permitindo, paulatinamente, ao grupo, agora apropriado com alguns saberes técnicos e teóricos, o desenvolvimento de estratégias que atendessem os seus interesses.

Como uma das primeiras estratégias de divulgação do trabalho, em outubro de 2003, foi organizada uma exposição de fotografias intitulada “Padre Carlos e os Anjos da Cara Suja” com apoio de uma empresa que sempre colaborou com a EDB na manutenção do Curso de Eletrotécnica<sup>71</sup>. Esse evento foi realizado em um auditório localizado no centro da cidade de Poços de Caldas, para que diferentes segmentos da comunidade pudessem ter acesso ao trabalho já então iniciado de recuperação e preservação da memória da EDB. Na ocasião, foram expostos detalhadamente os objetivos do projeto do Memorial, como também a diretora do CMU, Profa Olga Rodrigues Moraes von Simson, proferiu a palestra: “Memória, Cultura e Participação Política na Sociedade do Esquecimento”, enfatizando a importância de um trabalho que, ao organizar o acervo documental, pudesse formar agentes multiplicadores para que outras futuras iniciativas desse porte fossem desenvolvidas na cidade.

---

<sup>70</sup> Sobre esse assunto procurar: PERKS, Robert and THOMSON, Alistair (org.) (2006). *The Oral History Reader*. New York: Routledge.

<sup>71</sup> D.M.E- Departamento Municipal de Eletricidade de Poços de Caldas.

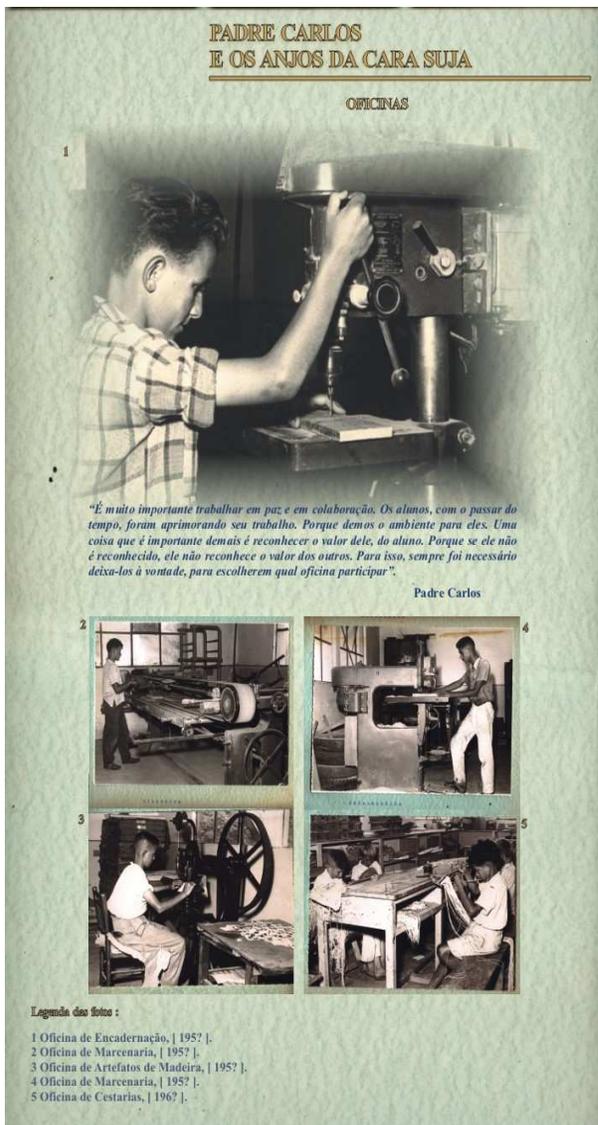
Esse primeiro evento teve a participação direta dos especialistas do CMU quanto à escolha do tema e das fotos que seriam expostas. Tratou-se de um projeto piloto, que poderia ser referenciado para exposições e projetos seguintes.

Tornaram-se imprescindíveis esses mecanismos de divulgação para que o projeto fosse esclarecido à população local. Dessa forma fomos obtendo apoio tanto de indivíduos que se identificariam com a preservação da memória da instituição, como também do poder público local visto a importância da EDB para o cenário educacional profissionalizante da região.

Cumprida a primeira etapa, partimos efetivamente para a organização do acervo documental que seguiu orientações específicas. Os subprojetos<sup>72</sup> foram organizados com o objetivo de consolidar esse processo de *empoderamento*, a partir das propostas de ampla participação da comunidade.

---

<sup>72</sup> Os subprojetos estão sob a orientação dos seguintes profissionais vinculados ao CMU: I- Fernando Antonio Abrahao; II- Mirdza Cristine Sichmann; III- Cássia Denise Gonçalves e Marly A. Marcondes; IV- Lilian de Cássia Alvisi e V II- Rosaelena Scarpeline;. A coordenação Geral está sob responsabilidade da Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson .



Exposição itinerante de fotografias intitulada: "Padre Carlos e Anjos da Cara Suja", realizada em outubro de 2003. Locais: Edifício Mahathan; Caixa Econômica Federal e Centro Cultural Urca.



#### 4.1 Arquivos textuais: os registros escritos do passado.

*“Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me parece solto. Devagar o liberto, de medo que desfaça entre os dedos. É um fio longo, verde e azul com cheiro de limos, e tem a maciez quente do lodo vivo. É um rio. Corre-me nas mãos, agora molhadas. Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem. Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o próprio corpo do rio. (...)*

*Agora o céu está mais perto e mudou de cor. É todo ele verde sonoro porque do ramo em ramo acorda o canto das aves. Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas da memória e o vulto subitamente anunciado do futuro”.*<sup>73</sup>

Desde o início do contato com Padre Carlos, o que sempre me chamou atenção, foi o cuidado com os registros de suas experiências. Em meio a papéis, livros, jornais e fotografias nós conversávamos sobre a história da escola e, a todo momento, ele abria as gavetas de seu arquivo pessoal e, assim, a exposição sobre fatos do passado, e do presente pautava-se nos suportes documentais organizados por ele. Suas atividades ousadas que o configuraram como um “homem além do seu tempo” podem ser conferidas também pelo vasto acervo de documentos textuais que produziu ao longo de sua vida.

Os álbuns de memória, os velhos jornais escolares, os cadernos, os textos lidos nos programas de rádio, os sermões religiosos, as cartas e os livros anotados reúnem fragmentos impregnados de sua história de vida. Encontramos anotações em agendas que detalham pormenores da fundação da escola, desde os cálculos dos gastos com a construção dos prédios até indagações filosóficas sobre a educação profissionalizante. A preocupação com uma educação integral que conciliasse trabalho, educação, ciência e arte pode ser interpretada a partir das inquietações impressas em folhas soltas, cuidadosamente guardadas em pastas coloridas ou nas fichas amareladas arquivadas por assuntos e por temas de filmes que retratam seu perfil como um cinéfilo apaixonado. Elaborava fichas catalográficas envolvendo filmes ecléticos, emitindo um parecer pedagógico que orientasse os professores para exibição e discussão de películas dirigidas

---

<sup>73</sup> SARAMAGO, José. As Pequenas Memórias. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 14.

por diretores do porte de François Traufaut, Jean Luc Godard e Luis Buñuel, permitindo-nos perceber sua ligação e interesse com a arte contemporânea<sup>74</sup>.

As cartas direcionadas a educadores e a empresas, tanto nacionais, como estrangeiras, evocam seu esforço para a concretização da escola. Páginas e páginas datilografadas em letras vermelhas narram suas histórias como sacerdote e educador sensivelmente preocupado com as questões político-sociais de sua época. Cartões codificados determinam a abrangência de sua comunicação com as várias regiões do mundo, via Rádio-Amador.<sup>75</sup>

O companheirismo de Maria Aparecida Figueiredo também pode ser atestado na documentação encontrada que, entrelaçada aos textos teóricos escritos por Padre Carlos, apontam desenhos, moldes de bordados, partituras de música, rascunhos dos artefatos projetados e produzidos nas oficinas artesanais. A participação dessa professora na história da EDB foi marcada pelo talento artístico e pelo seu envolvimento com a parte administrativa.

A funcionária Maria Aparecida Tavares, uma das responsáveis pelo cuidado e conservação de documentos pertencentes à secretaria da EDB, participou ativamente de todo o processo de organização do arquivo textual do Memorial e faz declarações interessantes:

*“Eu trabalho na escola há muito tempo. Fui aluna e atualmente sou secretária da escola. Quando iniciou o projeto do Memorial, fui convidada a participar integrando a equipe de documentos textuais. Este é um trabalho que já vem sendo feito há algum tempo. Tivemos várias pessoas que nos ajudaram como voluntários. Começamos a fazer, primeiramente, o inventário de todo o material da casa, depois passamos para nossa parte específica: Documentos Textuais”.*  
(29.05.2006)

Portanto, ela faz uma descrição da documentação encontrada até a data do depoimento referente à participação de Dona Maria na história da escola. A depoente registra suas observações relativas às funções desempenhadas pela co-fundadora:

*“Da Dona Maria nós não temos muitos documentos textuais. Porque ela sempre foi uma artista. A produção dela sempre foi artística. E dentro disso ela usava esse dom artístico no processo de educação na parte de Artes Industriais. Era ela que comandava tudo. Sempre com muito bom gosto! Orientando as monitoras e as professoras. Sempre com um gosto muito refinado. E passando tudo isso para a*

---

<sup>74</sup> Vale ressaltar que estes comentários apresentavam um caráter moral. Algumas dessas fichas foram cedidas pela própria Igreja.

<sup>75</sup> O padre usava o recurso da rádio-difusão para trocar experiências sobre o ensino religioso como também para angariar recursos para a escola. Essas atividades desenvolvidas por Padre Carlos foram pouco registradas e merecem pesquisas posteriores.





*gente. Ela também atuava na parte administrativa. Então o que temos de registro dela, são os livros onde ela fazia as anotações de compra e de aquisição. Era uma excelente administradora, muito dinâmica e muito inovadora. Estava sempre construindo coisas novas. Gostava das coisas muito bem feitas e muito bonitas. Era muito dinâmica e muito alegre. Gostava das datas comemorativas. Ela gostava das coisas simples, porque a escola sempre foi uma escola que lutou com muita dificuldade. Mas isso nunca impediu que as coisas fossem feitas sempre com muito bom gosto, ela sabia usar isso. Às vezes, com os poucos recursos de que dispunha, ela conseguia sempre fazer uma apresentação muito boa das coisas.(29.05.2006)*

O acervo de documentos textuais é diversificado e encontra-se em bom estado de conservação. Ao longo de sua história, a EDB foi organizada por um quadro de funcionários e de professores constituído na sua maioria por ex-alunos, o que nos levou à confirmação de seu comprometimento com a guarda e preservação do material histórico da instituição.

*“Teve todo um processo de separação desse material encontrado, um material muito diversificado. Foi feita toda uma separação, depois foi subdividido em grupos e analisados em séries e sub-séries: documentos da escola; da Fundação de Assistência ao Menor; do Padre Carlos, da Dona Maria e um outro grupo também das doações que foram chegando. As doações de diferentes documentos ainda continuam. Durante esse processo, nós fomos separando esses documentos como eu já disse e analisando-os. Foi muito interessante a gente ver a quantidade de coisas que o Padre, no decorrer da vida desde a infância até seus últimos dias, guardou e conservou. Então nós encontramos lembranças da escola, seus cadernos, santinhos... Documentos de cinquenta, sessenta ou mesmo de setenta anos atrás. Os documentos pessoais, os documentos da Igreja também constituem-se como uma parte muito rica: a parte de sua produção intelectual. Essa produção intelectual ele fazia quase que diariamente. Tudo ele guardava, onde encontrava um papel, um pedaço de papel fazia anotações e as guardava. Então encontramos desde agendas, livros, manuscritos até impressões, bilhetes que ele deixou em folhinhas, papéis de bala, de bombom. Interessante que ele aproveitava o verso. Ali, ele fazia uma anotação e tudo isso estava guardado. Então tudo que ele guardou é porque no nosso entender, ele queria que isso fosse preservado. Os estudos que ele fazia também. O Padre sempre foi uma pessoa que buscou novas tendências na educação. Tudo que ele encontrava de novidade em revistas, livros e jornais, recortava e fazia um arquivo pessoal com esses assuntos. Então ele tem arquivos dos mais variados temas, assim catalogados, em ordem alfabética, tudo organizado. Ele deixava para uma consulta, às vezes para um tema de alguma palestra, para algum estudo que ele fosse fazer, para ele tirar uma impressão, alguma coisa. Então é um arquivo assim muito interessante com os mais variados assuntos”. (Maria Aparecida Tavares, 29.05.2006)*

Com o passar dos anos os funcionários da EDB arquivaram diferentes documentos, ao contrário do que tem ocorrido com muitas das escolas brasileiras, quando a falta de interesse, a escassez de locais adequados como também a inexistência de funcionários especializados, acabam atribuindo a conceituação de ‘papel velho’ aos documentos que registram a história da instituição e, com isso, muitas vezes, eles são inutilizados prematuramente.

Conforme nos aponta Peixoto (2004), o investimento com a memória na era do descarte, em um país onde prevalece o conceito equivocado de modernidade, que separa o saber da capacidade de discernimento, a experiência da memória pode parecer a muitos um contra-senso. No entanto, alguns membros dessa escola, reconhecendo sua importância para o cenário educacional, acabaram preservando um vasto acervo documental.

Nesse processo de organização do arquivo textual, dois aspectos merecem destaque: suas especificidades e o tratamento a ele dispensado. Em ambos está presente a dimensão política que nos indica uma leitura sobre o valor atribuído aos registros históricos. O grupo envolvido decidiu, coletivamente, pelo não descarte de qualquer documento, colocando todos, sem restrições, numa sintaxe expositiva. Os critérios adotados para especificação das séries e sub-séries seguiram orientação técnica, mas os temas foram amplamente discutidos com algumas pessoas que participaram de vivências escolares na EDB em tempos passados.

Nas palavras do coordenador deste sub-projeto, Fernando Antonio Abrahão, podemos destacar:

*“Os arquivos foram organizados a partir e pelas atividades profissionais do Padre e de Dona Maria: as discussões com a equipe foram fundamentais para encaixarmos os documentos nas funções que a escola desempenhava e ainda desempenha”.*

Nesse processo, também foi realizado um levantamento para captação de documentos que estavam em poder da comunidade. Ao mesmo tempo em que conseguíamos a doação de objetos, fotos e material didático – pedagógico, essas campanhas contribuíram para a divulgação do trabalho de recuperação da memória da EDB que se iniciava. Dessa forma, diferentes atores foram chamados a participar e a trazer ao Memorial suas versões sobre o passado. Os resultados foram positivos e devido às especificidades das doações: registros escritos, fotografias, livros,

diplomas, certificados, medalhas, objetos, criaram-se séries e sub-séries para a incorporação desses novos documentos ao acervo.<sup>76</sup>

O arquivo textual encontra-se disponível para consulta e devidamente informatizado, constantemente é requisitado por alunos, pais, professores e pesquisadores. Podemos, assim, constatar as inúmeras possibilidades de apropriação dos documentos textuais para o desvelar de inquietações. Nos termos de Peixoto (2004: 269):

*Esse acervo, assim constituído, revela interesses pelas práticas educativas, enquanto manifestações culturais, seus sujeitos e produtos considerados em sua materialidade, pelas instituições enquanto espaços onde as práticas são criadas e recriadas.*

Cada série e sub séries têm suas singularidades, mas podem ser pensadas numa totalidade. Analisando e considerando a diversidade de documentos que compõem os arquivos textuais da EDB, manifestações de uma certa maneira de se pensar a educação são postas. Nesta perspectiva, cada coleção possui uma identidade e oferece ao pesquisador um leque de alternativas e possibilidades de leitura. Vale ressaltar que uma aluna de mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp desenvolve seu projeto envolvendo a proposta profissionalizante desenvolvida pela EDB ao longo de seus anos de funcionamento e tem pesquisado, exaustivamente, os documentos textuais.

*“Posso afirmar que tive um grande privilégio em pesquisar uma instituição que em sua gestão privilegia a preservação de seu acervo, pois encontro na fala de vários pesquisadores as dificuldades de se encontrarem acervos devidamente organizados para a pesquisa. Nessa instituição o grau de organização do “Memorial” surpreende, contando com o envolvimento da comunidade, ex alunos, ex professores e até voluntários, sem qualquer vínculo anterior com a escola”.*<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Durante a identificação dos documentos, destacaram-se quatro importantes grupos. São eles:

**I. Padre Carlos Henrique Neto; II. Dona Maria Figueiredo; III. Fundação de Assistência ao Menor e IV. Dossiês Doações de Terceiros.**

Em seguida iniciou-se o processo de separação dos documentos que, de acordo com a sua temática foram divididos em séries e sub-séries. Verificar anexos.

<sup>77</sup> Depoimento de Jussara Galindo. Mestranda da Faculdade de Educação.

Como já foi mencionado, outro aspecto importante no projeto é o cuidado dispensado ao acervo. Os documentos textuais foram higienizados e devidamente acondicionados, visando a sua conservação. Todo o procedimento técnico foi amplamente discutido com a equipe que organizou o arquivo, como também foram elaborados manuais de procedimentos que determinam regras para consultas. Esses manuais, além de acentuarem o cuidado com a integridade dos documentos, orientam os pesquisadores/consultantes na condução dos estudos nos registros textuais.

Em outubro de 2005, uma equipe composta por funcionários, professores e coordenadores participou de um encontro promovido pela coordenação do Memorial marcando a presença de toda a equipe do CMU para a divulgação das especificidades de todos os sub projetos, como também para a definição das regras para a consulta ao acervo. Todos os participantes foram chamados a opinar sobre a melhor estratégia para a socialização dos documentos que registram as diferentes histórias da EDB. Dessa forma, membros da comunidade escolar puderam se apropriar dos mecanismos de pesquisa para a promoção de futuras investigações de modo a garantir a integridade dos documentos e a conduzir o uso que se faz do acervo dentro dos padrões éticos científicos.

Diferentes atividades foram organizadas pela equipe gestora do arquivo textual, visando à divulgação da história da EDB, como também de seus fundadores. Exposições de documentos textuais, de fotografias, de trajes e de objetos marcaram a articulação entre os participantes do Memorial que decidiram, coletivamente, os temas e selecionaram a documentação relativa aos assuntos propostos.

Atualmente, exposições temporárias e itinerantes fazem parte do programa de divulgação dos arquivos textuais, sob a coordenação dos funcionários responsáveis e capacitados, a partir das oficinas realizadas pelo especialista do CMU. Os integrantes desse projeto elegem os documentos que serão expostos e distribuem painéis pelos corredores, salas e auditório da escola, visando a uma interação com alunos, funcionários e familiares.

*“Foram realizadas exposições de painéis na escola, com o objetivo de divulgar nosso acervo. Fizemos no mês de maio um painel sobre “Maio: Mês de Maria”, em que ressaltamos um pouco da história da fundadora da escola. Estamos nos organizando para a realização de outro painel: “Rádio-Amadorismo”, para divulgarmos a atuação do Padre nesta área”.*<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> Depoimento de Andriely de Moraes, membro do Memorial.

Foto: Marcos Peron.



Foto: Marcos Peron.



Foto: Marcos Peron.

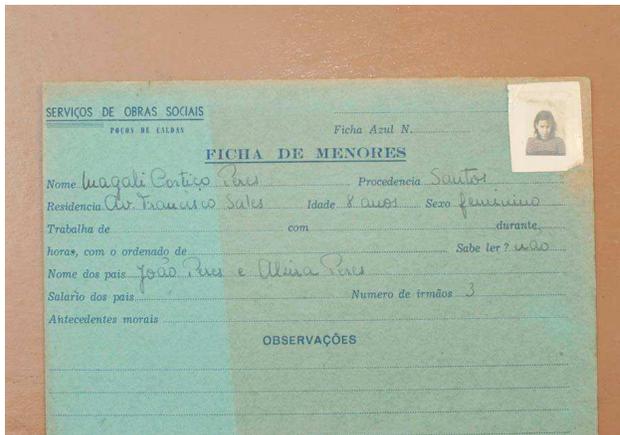


Foto: Marcos Peron.



Documentos oficiais da Escola: boletins, fichas de matrícula, estatutos, diplomas e declarações. Arquivos Textuais.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

Segundo Fernandes (2004), não parece possível atribuir aos objetos museológicos, neste caso os documentos textuais, uma existência em si. Colocados em contextos históricos pertinentes, a sua existência e o seu sentido decorrem de construções que têm a ver com os espaços e tempos da educação. As propostas do Memorial de reconstrução do passado não poderão confundir-se com a simples exibição dos objetos à sua guarda. Cabe às suas equipe de investigação, aos grupos de trabalhos que neles se formam com fins específicos de pesquisa, acharem os primeiros contextos que permitam fundar a interpretação e propor leituras críticas do vivido.

Apropriando-se das orientações técnicas e teóricas que embasam a organização de um arquivo textual, a equipe envolvida tem possibilitado aos professores, alunos e pesquisadores o contato com uma documentação que lhes permite conhecer e interpretar a trajetória social e política da EDB.<sup>79</sup>

Nesse sentido, podemos pensar que o *empoderamento* visto como uma tomada da comunidade de sua própria história, resulta de um conjunto de saberes e de poderes que vão sendo aos poucos apropriados. Iorio (2002:05) concebe como forma de poder um grupo que, lançando mão de determinados saberes, utiliza-os como ferramentas que o levam à execução de um objetivo específico. Nas suas palavras: “*é o tipo de liderança que decorre do desejo de ver um grupo de desenvolver suas capacidades, e onde não há, necessariamente, conflito de interesses*”.

Essa autora enfatiza diferentes tipos de exercício de poder que, a partir de uma atuação conjunta, contribuem para que determinados objetivos sejam alcançados. Categoriza o ‘*poder \$para*’, quando o grupo cria possibilidades e ações sem dominação e o ‘*poder com*’ quando acontece o enfrentamento dos problemas de maneira conjunta.

Medeiros (2004) releva o direito que uma comunidade tem de ter sua história organizada a partir do acervo documental, como também aquele direito de acesso a arquivos, por parte do pesquisador ou de qualquer pessoa interessada. As escolas exercem *múnus* público e estão obrigadas a preservar seus arquivos.<sup>80</sup> Os arquivos escolares têm finalidade e funções

---

<sup>79</sup> O acervo possui 8.601 documentos já digitados no banco de dados e prontos para pesquisa. São 62 caixas organizadas, e cerca de 100 documentos digitalizados. Em relação à articulação com a comunidade, já foram atendidos cerca de 35 pesquisadores, sendo a maioria alunos da escola. Atendemos também alguns universitários que utilizaram documentos para a montagem de mestrado e trabalhos de graduação.

<sup>80</sup> Segundo MEDEIROS (2004) a legislação de arquivos, entre nós se concentra basicamente na Lei nº 8.159, de 18 de janeiro de 1991, que “dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências”.

diversas e o trabalho científico poderá explorar inúmeras possibilidades. Nos termos desse autor: “*construirão biografias escolares; elaborarão sucessivos conceitos de cultura ou de educação sistemática; esclarecerão a didática viva; discutirão formas de ensino dominantes em cada época; dirão como a escola estava inserida na comunidade, etc*” (MEDEIROS, 2004:6).

Portanto, ressalta alguns princípios que devem nortear a gestão dos arquivos escolares, pois é função da administração escolar franquear consulta dos documentos de interesse para pesquisa.

*Para a democratização da pesquisa e do conhecimento, para a produção de saberes, os pesquisadores precisam elaborar propostas, exigir o cumprimento do princípio do franqueamento de documentos à consulta, que só poderá ser otimizado com acervos bem organizados (...) Não existirem arquivos organizados como lugar para a pesquisa é descumprir o princípio legal* (MEDEIROS, 2004: 9)

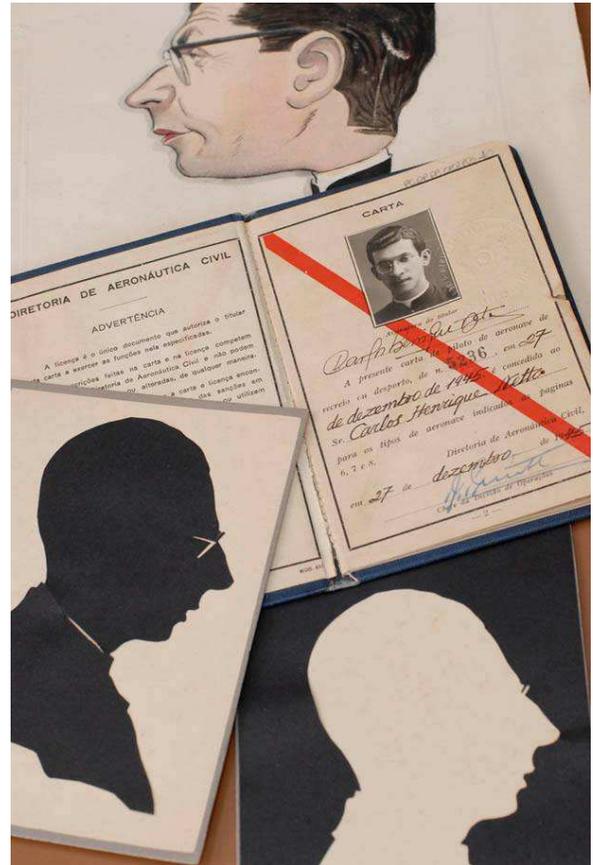
Sendo assim a luta pela organização de arquivos precisa ser entendida em um campo que ultrapasse o limite de pesquisas acadêmicas e garanta o acesso da comunidade aos documentos de forma adequada. Portanto, o movimento que visou a sistematização dos documentos textuais, pode ser entendido, como ressalta Iorio(2002), no processo de *empoderamento*, uma vez que o grupo se mobilizou segundo necessidades próprias, como também buscou o apoio de agentes necessários à concretização desse processo, como foi o caso das intervenções dos especialistas e pesquisadores do CMU.

O arquivo de documentos textuais, portanto, pode ser entendido com um *lugar* organizado *da memória*, capaz de situar, de recolher histórias, muitas vezes sem lugar. Arquivo considerado não como um templo privado do saber científico/escolar, mas como *lugar de memória*, capaz de disponibilizar documentos relativos à história da escola, do bairro e da cidade.

Foto: Marcos Peron.



Foto: Marcos Peron.



Documentos pertencentes ao grupo Padre Carlos, série Documentos Pessoais, subséries caricaturas e documentos pessoais.  
Fonte: Memorial Padre Carlos

#### *4.2. Recuperação de histórias na conservação de papéis.*

Diariamente, ao manipular trinchas, bisturis, colas, borrachas brancas e papéis especiais, um grupo de pessoas envolvidas com o processo de recuperação de memórias escolares desvela nos papéis antigos e muitas vezes deteriorados pelo tempo, histórias que teimam em não ser apagadas. Livros religiosos pertencentes ao século XVII são recuperados com surpresa, quando o cuidado preciso com papéis permite um novo manuseio.

Coleções de revistas importadas com temas variados sobre arte e educação, a literatura brasileira e seus reconhecidos autores, a educação no cenário mundial e os projetos educativos necessários à realidade de nosso país se fazem presentes no acervo bibliográfico do fundador da EDB. Como um leitor ávido pelo conhecimento, Padre Carlos conseguiu reunir um belo conjunto de obras, que lhe permitiu construir uma proposta educacional diferenciada.

Nos papéis transparentes, encontramos modelos e desenhos de peças artesanais em madeira, em louça e em cerâmica, produzidas pelas mãos de meninas e meninos que adentravam o mundo da arte. Partituras musicais envelhecidas, rabiscos de uniformes e rascunhos do que seria um mural de peças vitrificadas fazem parte do legado deixado por Dona Maria Figueiredo à escola.

Enfim, estávamos diante de um vasto acervo em suporte de papel que, apesar de um certo cuidado despendido pelos funcionários da escola para mantê-lo, com o passar dos anos, o desgaste ocasionado pelo uso contínuo como também pelas intempéries climáticas, exigia um processo científico de recuperação e conservação.

Revisitando o acervo documental da EDB, encontramos também inúmeros cartazes que elucidam a preocupação de educadores com a presença imagética nos recursos pedagógicos utilizados nas práticas escolares. A fauna e flora brasileiras, postas em suporte de papel, davam um colorido especial às descobertas dos alunos. Crianças compunham textos, a partir da apreciação de desenhos que em grande escala, representavam cenas do cotidiano que incentivavam sua imaginação. Coleções completas de gravuras, desenhos e pinturas remetiam os alunos ao enredo de histórias contadas em série para fins de alfabetização. Material este valorizado por diferentes instituições de memória, como foi o caso de membros do Museu-Escola de Minas Gerais que, em visita ao Memorial Padre Carlos, reconheceram sua importância

para a recuperação de propostas educativas aplicadas em décadas passadas no estado, visto que poucas escolas conservaram tal documentação.

Esses cartazes pedagógicos que despertam interesse e admiração pela sua beleza e histórias têm cada vez mais influenciado o encaminhamento de propostas que visam a integração de diferentes segmentos da comunidade às atividades desenvolvidas pelo Memorial.

Dona Ethel Manucci, quando se refere à sua participação em todo o processo de recuperação da memória dessa instituição escolar, menciona o início da mobilização das pessoas para a constituição do Memorial da EDB. Um dos fatores que determinou a urgência de um trabalho desse porte foi a conservação de uma grande parte do material pedagógico utilizado pelos professores, desde a inauguração da escola. As professoras aposentadas, ao entrarem em contato com os recursos e com os materiais pedagógicos adotados por elas, muitos deles confeccionados pelo próprio corpo docente, mostraram-se sensibilizadas com essa iniciativa. Em sua fala podemos constatar:

*“Eu fui convidada a vir para a escola. A Yeda levantou essa possibilidade: um memorial da escola. Porque ela se encantou com o material que encontrou aqui. Participei desde a primeira reunião. Em um dos últimos encontros foram definidos vários setores e vários grupos. A própria Lílian pediu que eu e Olga<sup>81</sup>, nós duas que éramos umas das mais antigas e tínhamos conhecido bem o Padre e Dona Maria, ficássemos nessa parte de identificação da documentação histórica.*

*Eu, francamente, sempre achei que precisávamos de muita divulgação assim, em jornal e em rádio, porque Memorial em Poços de Caldas é uma novidade”.*  
(30.01.2004)

Atualmente, no interior de laboratórios adequados aos banhos de obras textuais, quando papéis são recuperados, na higienização com trinchas macias marcando um cuidado preciso de folha a folha em diferentes livros, na remoção de matérias que danificam a documentação original, no acondicionamento em caixas, pastas, envelopes e jaquetas que protegem o documento, constatamos que um grupo constituído por funcionários e voluntários visa a longevidade dos acervos bibliográficos e documentais que registram as histórias locais.

---

<sup>81</sup> Dona Ethel Manucci, Dona Yeda Tarquínio e Dona Olga Monteiro foram professoras da escola durante os anos de 1950 a 1980, atuando como coordenadoras das artes industriais, de projetos sociais e de projetos pedagógicos, respectivamente. Atualmente, participam como voluntárias na organização do acervo de objetos pertencentes ao Padre Carlos e Dona Maria Figueiredo.



Os trabalhos de conservação e preservação da documentação gráfica (impressos, manuscritos, cartazes), têm como objetivo o tratamento dos documentos para prolongar sua vida útil.<sup>82</sup> Com a realização dos trabalhos desenvolvidos pelo CMU a equipe do Memorial aprendeu a tratar essa documentação de forma profissional, conforme observações da especialista Mirdza Cristine Sichmann:

*“Temos uma equipe composta por ex –alunas, que atualmente foram contratadas pela escola. Contamos também com a presença diária de duas voluntárias extremamente comprometidas com o processo. Hoje, depois desses anos de orientação, posso dizer que essa equipe adquiriu conhecimentos tanto técnicos como teóricos. Possuem um acervo bibliográfico na área de conservação de papéis e já apresentam autonomia para consultarem os livros e apostilas em caso de dúvidas. Claro, ainda estamos por perto assessorando todo o trabalho e transmitindo-lhes confiança”*

A recuperação de documentos e de livros tem permitido aos membros do Memorial Padre Carlos, além da utilização e domínio dos princípios técnicos o envolvimento com diferentes segmentos da EDB. Pais, professores, coordenadores, funcionários e membros da comunidade local têm participado de atividades promovidas pelo Memorial para divulgação do trabalho realizado, como também para a disseminação de procedimentos preventivos ao desgaste de documentos em suporte de papel.

Alunos de diferentes idades ao visitarem essa oficina manifestaram-se surpresos, ao verificarem os resíduos que se instalam nos livros. Com o processo de higienização dos documentos, fica evidente a necessidade de cuidados com o excesso de poeira, como também com a correta maneira de utilização e guarda dos livros.

Para que o grupo tomasse para si a responsabilidade da preservação de sua história, foi constante a promoção do acesso às informações. Ter controle sobre as informações é um elemento fundamental para que as pessoas tenham a oportunidade de sair da condição de ‘beneficiários’ para serem agentes ativas do processo (IORIO, 2006).

---

<sup>82</sup> Já foram higienizados: aproximadamente 873 livros, dentre os quais constam também alguns periódicos religiosos e na área da educação; 300 cartazes pedagógicos encapsulados com poliéster para serem armazenados nas mapotecas.

As exposições de documentos organizadas tiveram como objetivo divulgar informações que pudessem revelar a história da educação profissionalizante em Poços de Caldas. Encontros e palestras foram promovidos contando com a presença de toda a equipe do CMU para a socialização do trabalho que o Memorial vinha desenvolvendo. Dessa forma membros da comunidade puderam se aproximar dos procedimentos adequados para a conservação e divulgação da documentação histórica.

Iorio (2006), referindo-se ao processo de *empoderamento* dos grupos populares, afirma que os pesquisadores não podem tomar atitudes e decisões em nome das pessoas que necessitam ser *empoderadas*. A intervenção de atores e agentes necessários nesse processo deve ser catalizadora e promover dentro do próprio grupo movimentos que levem à participação e à conquista de capacidades analíticas e de planejamento.

A metodologia da pesquisa ação, que determinou a conduta na organização deste Memorial, a partir do intenso processo de discussão, promovido pela equipe gestora, pode ter contribuído para o diálogo presente nos diferentes momentos. Nesse sentido, essa relação dialógica que se configura entre atores e autores fomenta, segundo Desroche (2006), uma interação entre pesquisa científica e prática social.

Essas metodologias introduziram práticas participativas que buscavam recuperar a centralidade dos grupos e das pessoas para a definição de prioridades, visando ao *empoderamento* da comunidade. Nos termos de Iorio (2006:14):

*Hoje o processo de empoderamento é visto como estreitamente relacionado ao de participação. Experiências em diversas partes do mundo têm mostrado que processos de participação possibilitam processos de empoderamento, assim como também estas metodologias favorecem importantes possibilidades para se estabelecer políticas e práticas de desenvolvimento que contemplam determinadas necessidades das pessoas ou de grupos.*

Os membros dessa equipe são convocados para opinarem sobre a melhor maneira de conservação de papéis (higienização e acondicionamento) pertencentes ao arquivo textual e à biblioteca, tanto do Memorial, quanto da escola. Integrando-se com as diferentes áreas, promovem a transmissão de suas aprendizagens como também participam da seleção do material que será enviado ao setor de restauração. Na organização das exposições temáticas que envolvem

Fotos: Marcos Peron.



Processo de higienização mecânica com trincha, bisturi, pó de borracha e tecido de algodão.

documentos em suporte papel, auxiliam na arrumação das vitrines, para evitar possíveis danos à documentação.

Em relação à escolha dos documentos que receberam prioridade para o início do trabalho de restauração, vale ressaltar que as equipes da biblioteca e do arquivo textual foram determinando o que deveria ser restaurado. Foram respeitadas as condições de conservação do documento como também seu valor histórico. Os critérios foram adotados com base em decisões tomadas por um conjunto de pessoas que atuaram na trajetória da escola e traziam suas versões e valorizavam a documentação conforme suas histórias de vida.

Os motivos da preservação desses registros relacionam-se às diferentes leituras possíveis sobre a história da escola. Vários questionamentos foram considerados no processo de seleção da documentação: Por que preservar os livros pertencentes aos fundadores da EDB? Quais as políticas educacionais estavam implícitas no uso desse material didático pedagógico? Como se deve divulgá-lo para que a originalidade de suas propostas educativas seja mantida?

A partir do cuidado com os pequenos fatos que constituem a vida cotidiana da escola, podemos recuperar e partilhar com grupos distintos a cultura escolar da EDB. Cultura escolar é entendida por Julia (2002: 8) como um conjunto de práticas que transmitem conhecimentos e promovem a incorporação de comportamentos. Consultando os documentos contando com a aproximação de sujeitos que vivenciaram experiências escolares, uma ou mais histórias podem ser lembradas e, uma vez revividas, atualizadas no presente. Dessa forma podemos compreender que a memória individual e a memória compartilhada chegam pelo diálogo à memória coletiva da instituição.

O vasto acervo de material pedagógico encontrado pode demonstrar a preocupação da escola com o desenvolvimento integral dos alunos, no transcorrer dos anos de seu funcionamento. As coleções de cartazes, muitas delas importadas, são diversificadas (gravuras, pinturas e desenhos) e abrangem uma complexidade de áreas: saúde, ecologia, química, literatura, história, geografia e ciências.

Preservando a história do uso desses recursos pedagógicos que, muitas vezes, eram utilizados em escolas de elite, podemos pensar no comprometimento da EDB com a formação intelectual de alunos pertencentes aos grupos populares. A riqueza desses instrumentos acentua o esforço da administração da escola para atender aos pedidos do corpo docente para aquisição de materiais didáticos considerados necessários para uma aprendizagem significativa.

Além da organização de movimentos internos à instituição, seria pertinente o investimento na construção de capacidades referentes à preservação e recuperação de memórias em nível local. O trabalho começou a ser reconhecido no cenário municipal e várias instituições têm nos procurado para orientações para a recuperação de documentos que apresentam algum tipo de deterioração. Como já foi o caso do diretor do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas que nos solicitou a intervenção em uma documentação pertencente ao seu acervo. Alguns membros desse museu já estiveram no Memorial para conhecerem as técnicas desenvolvidas pela equipe.

Em vista da comemoração do centenário do Colégio São Domingos<sup>83</sup>, instituição fundada em 1904, que marcou o ensino feminino na cidade, na região e no estado de Minas Gerais, alunos e professores recorreram ao Memorial e receberam orientação para o início de um trabalho de organização do acervo documental desta outra escola.

Atualmente, duas funcionárias do Memorial foram convidadas a participar de um projeto de pesquisa para recuperação do acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, pois tiveram seus conhecimentos com o trato da documentação em suporte de papel valorizados.

A oficina de encadernação existente desde os primórdios da EDB e ainda ativa nos tempos atuais, mantém seu maquinário original, conservando uma técnica artesanal transmitida de geração a geração. O aprendiz, Maikiel Ferreira dos Reis, pôde receber do Sr. Antonio Guide, mestre de oficinas que esteve ao lado dos fundadores da escola por mais de quarenta anos, os ensinamentos necessários que o habilitaram a executar tais procedimentos quase já em desuso. Participando das oficinas promovidas pelo CMU, entrou em contato com técnicas mais modernas nesta área, conseguindo associá-las aos seus antigos conhecimentos.

Esta oficina contou também com a participação de um professor do Curso de Eletrotécnica que, envolvendo seus alunos, conseguiu fabricar um instrumento utilizado para o trabalho de restauração de papéis com intervenção térmica. Constatamos, assim, como algumas atividades do Memorial começaram a ser articuladas com os cursos profissionalizantes oferecidos pela EDB. A marcenaria da escola também contribuiu com a fabricação de um móvel para a guarda de cartazes e mapas, permitindo que esse material depois de tratado, seja acondicionado e armazenado adequadamente.

---

<sup>83</sup> Atualmente, administrado e mantido pelo Colégio Objetivo de Poços de Caldas.

Podemos indagar sobre os resultados dos encontros que envolveram diretamente os indivíduos que, apresentando interesses comuns foram, paulatinamente, escolhendo e tomando atitudes possíveis e necessárias para minimizar suas dificuldades presentes. Tal aproximação buscou entendê-los não como espectadores, mas como participantes ativos na construção de uma proposta coletiva. Tornou-se necessário, portanto, trabalharmos na direção da construção de um movimento de pessoas que pudessem efetivar alianças, para ter como resultado uma mudança pretendida (KEER, 2006).

### 4.3. *Imagens e História oral: relatos de diferentes vivências em busca da intertextualidade.*

*“(...) a memória não é um passivo depósito de fatos, mas um processo ativo de criação de sentidos. Portanto, a utilidade específica da história oral (...) recai não tanto em sua capacidade para preservar o passado, mas nas próprias mudanças instauradas pela memória. Estas mudanças revelam o esforço dos narradores para atribuir sentido ao passado e dar forma às suas vidas, colocando a entrevista e a narrativa em seu contexto histórico”(PORTELLI, 1991: 52).*

*“Antes de entrar aqui no Memorial, eu não valorizava algumas coisas que agora são importantes para mim: ouvir as pessoas e as suas diferentes versões sobre o passado”.* Há alunas que, desde os tempos de infância, freqüentam as salas e as oficinas da EDB e hoje, por estarem organizando o acervo documental pertencente ao Memorial, são convidadas a declarar suas experiências. A jovem Isabelle Christine Silva participa da sistematização do banco de história oral. Cabe a ela, além da participação nas entrevistas, a tarefa de transcrevê-las. Convocada a mudar de papel, integrando-se à lista de depoentes, enfaticamente, comenta:

*“Eu acho que o projeto de história oral é muito importante para o Memorial. E me trouxe muito conhecimento e muito enriquecimento, pois a gente aprende a ouvir as pessoas. Aprendemos a ver outros lados, outras visões de um mesmo acontecimento. Várias pessoas contam sua versão, conforme elas vivenciaram. Cada um conta de forma diferente. E aprender a ouvir as pessoas foi muito importante para a minha vida. Ouvi alunos, ex alunos, ex e atuais professores e coordenadores, direção e as pessoas da comunidade que estão juntas conosco. Transcrevendo as entrevistas, percebi vários pontos de vista sobre a história da escola e, conseqüentemente, do bairro e da cidade em que sempre morei. Como conheci as pessoas e os fatos do passado! Às vezes coisas que nunca imaginei! Ao ouvir os diferentes segmentos, conheci o que não sabia da escola onde estudaram muitos dos meus familiares ”. (11.12.2007)*

PORTELLI (1996:393) argumenta que ‘o que faz a história oral diferente’ é a presença de uma narrativa impregnada de subjetividade. A relação entre entrevistador e entrevistado que se configura deve ser considerada como força em lugar de fraqueza. Nos seus termos: “A metodologia da história oral promove encontros politicamente significativos, uma situação de

*aprendizado e um 'experimento em igualdade' tanto para o depoente quanto para o entrevistador".* O depoimento de Isabelle permite-nos perceber as trocas que aconteceram durante os encontros com os depoentes. Aos poucos, ela foi incorporando as condutas metodológicas na coleta e na transcrição dos relatos orais, ao mesmo tempo em que reconheceu na história da escola as trajetórias pessoais e familiares.

Sendo assim, podemos verificar como o momento da coleta de depoimentos resulta na interação entre pesquisados e pesquisadores, que se situam como partes implicadas no processo de investigação. O pesquisador envolve nas análises elementos pertencentes ao seu contexto social e cultural mais amplo. Davis (2003). Os integrantes do grupo constituído para a coleta, transcrição e divulgação dos relatos orais demonstraram interesse pelo aprofundamento das questões relativas à história da escola, pois de uma certa forma, identificavam-se com as propostas educacionais da instituição, seja pela suas ligações como alunos, professores e funcionários ou mesmo por pertencerem a outras instituições memória.

Queiroz (1992) argumenta sobre a importância do engajamento do pesquisador na formulação dos problemas a serem investigados como também na seleção dos instrumentos de coleta e análise do material. Chama-nos atenção para a necessidade do distanciamento do pesquisador, acentuando o cuidado que o investigador precisa tomar durante todo o processo. Para podermos conduzir a organização do banco de história oral com o apoio em procedimentos científicos, tornou-se constantemente necessária a promoção de reuniões, que permitiam uma intensa análise, desde a elaboração do roteiro até o momento da realização dos depoimentos. Em diferentes ocasiões, avaliamos nosso envolvimento com os entrevistados, pois procuramos deixá-los livres para exporem suas experiências. O contato com especialistas do CMU foi possibilitando aos integrantes a sustentação teórica e prática pertinente a um trabalho científico.

A organização do banco de história oral foi promovendo encontros com indivíduos que representam os diferentes segmentos da comunidade.<sup>84</sup> Convidados a participar do Memorial

---

<sup>84</sup> Objetivos do banco de história oral: Preparar uma equipe que, após a implantação do Banco de Dados da História Oral, dará prosseguimento às atividades desenvolvidas pelo projeto, buscando coletar e registrar diferentes depoimentos. (Projeto CMU 2003). Coletar e organizar um banco de história oral que contribuirá para que diferentes experiências possam ser gravadas e dessa forma seja possível a configuração de um cenário que contemple uma



Coleta de depoimentos orais. O Banco de História Oral é composto por fitas K7, DVD's, fitas VHS e transcrições.



está composto por fitas K7 e suas respectivas transcrições e vídeos (VHS e DVD). (Relatório CMU 2006)

imprimiram suas versões sobre os acontecimentos por eles considerados significativos. Ao longo desses anos, professores, alunos, funcionários e moradores da cidade estiveram presentes na escola para a realização das entrevistas. Alguns deles caminharam pelas oficinas e salas de aula, tentando recompor o palco de suas atividades em tempos passados. Consultando os arquivos textuais, cartas, manuscritos e fotografias, conheceram documentos que os auxiliaram na rememoração de fatos que marcaram suas trajetórias na escola. As fotografias e os filmes exibidos trouxeram às entrevistas um colorido especial. A partir das imagens, o passado foi recontado pelas narrativas que descreviam a composição das fotos.

Os entrevistados foram selecionados para que diferentes versões do passado ao serem postas, configurassem cenários repletos de pontos de vista divergentes ou muitas vezes convergentes e pudessem trazer elementos para possibilitar aos pesquisadores uma visão multifacetada da realidade. Dessa forma, várias interpretações podem ser desencadeadas com questionamentos e análises procedentes de tais depoimentos.

Os roteiros foram organizados para que durante os relatos os depoentes registrassem seus papéis na construção da história dessa instituição escolar.

Atualmente, com o banco de dados já organizado, alunos e pesquisadores têm acesso aos relatos orais que lhes permitem a proximidade com o autor das histórias<sup>85</sup>. Os ritmos das falas dos depoentes, sua entonação de voz, enfim, a emoção que muitas vezes é percebida pelo silêncio que se instala em determinados momentos, podem ser constatados pelas gravações dos encontros já realizados. Em 2006, para participação na Feira de Ciências cujo tema concentrou-se na comemoração dos sessenta anos da EDB, alguns alunos solicitaram as entrevistas de antigas professoras para atestarem seu trabalho pedagógico. Primeiramente, em lugar reservado, ouviram suas falas e tendo em mãos as transcrições, puderam reproduzi-las em suas apresentações. Juntamente com o professor da classe, foram orientados sobre a consulta e apropriação dessa documentação oral.

---

<sup>85</sup> Atividades desenvolvidas: Treinamento dos pesquisadores, orientação teórico-metodológica e prática; localização e escolha dos depoentes segundo os objetivos do projeto; realização de oitenta e cinco entrevistas contemplando os segmentos: (homens e mulheres)- ex-alunos e alunos atuais; ex-professores, ex-coordenadores pedagógicos; atuais professores, coordenadores e diretores; ex-funcionários e funcionários atuais; pais de alunos (familiares); membros da comunidade local; transcrição das entrevistas; elaboração de diários de campo; implantação e digitação do banco de dados da História Oral; realização de um documentário (DVD). (Relatório CMU 2006).

As transcrições das entrevistas somente constituem um recurso de apoio aos interessados. Pois, como afirma Portelli (1991), as fontes orais e escritas possuem características e especificidades próprias. Esperar que a transcrição substitua a fita gravada, para fins científicos, é equivalente a fazer crítica de arte em reproduções ou crítica literária em traduções. A tradução mais literal dificilmente é a melhor e uma tradução realmente fiel, sempre implica em certo grau de invenção. O mesmo pode ser válido para a transcrição de fontes orais. A amplitude de tom e volume e o ritmo da fala popular veiculam sentido implícito e conotações sociais irreprodutíveis na escrita. A mesma afirmação pode ter sentidos bastante contraditórios de acordo com a entonação do falante e não pode ser objetivamente representada na transcrição.

Segundo Portelli (1991:50) a história oral nos revela “menos sobre eventos do que sobre seus sentidos”. As fontes orais, dessa forma, oferecem ao historiador a subjetividade do falante, ou seja, refere-se ao campo das relações, pois, a subjetividade é concebida como relações entre o sujeito e a história.

Revisitando o banco de história oral, deparamo-nos com uma diversidade de falas e de sentimentos que configuram as histórias carregadas de múltiplas versões. Os depoimentos orais de alunos conhecidos como os ‘Anjos de Cara Suja’ deixam claras suas interpretações sobre o papel decisivo da escolarização para suas vidas. Relatam trajetórias pessoais, imprimindo-lhes seus conflitos, expectativas e dificuldades. Professores e professoras registram suas práticas pedagógicas que se articulavam com as oficinas profissionalizantes. Os diferentes momentos que a escola vivenciou nas crises administrativas ou mesmo durante a elaboração e a consolidação da proposta político pedagógica são evidenciados. De um outro lado, empresários que apóiam ou aqueles que já colaboraram com doações reconhecem a importância da EDB para a formação de mão de obra especializada para a cidade que, a partir dos anos de 1950, passou pelo processo de industrialização. Funcionários expõem as lutas diárias, as dificuldades e as conquistas no exercício de suas funções, muitos deles ex alunos. Moradores do bairro onde se localiza a escola assim como membros da comunidade local registram suas impressões sobre a história da escola e a atuação de seus fundadores e professores. Posições políticas contrárias ao trabalho desenvolvido pelo Padre Carlos também foram investigadas. Nesse sentido, buscamos contemplar uma universalidade de depoimentos, que pudessem evidenciar diferentes pontos de vista sobre o ensino profissionalizante em Poços de Caldas.

Fotos: Marcos Peron.



Processo de conservação de fotografias. Documentação Iconográfica. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

Os roteiros que nortearam os encontros foram cuidadosamente elaborados pela equipe constituída por funcionários, professores e voluntários. Inicialmente, entramos em contato com pesquisas anteriores que registraram a importância da EDB para a educação profissionalizante na cidade e na região. Os textos e livros de Padre Carlos foram consultados para o estudo aprofundado da história dessa instituição escolar.

As entrevistas anteriores já realizadas na ocasião da minha pesquisa de mestrado, assim como o vídeo documentário produzido foram expostos à equipe para sua apreciação. Textos que abordaram a importância da metodologia da história oral para a recuperação de histórias de grupos marginalizados, deram suporte teórico para nossos primeiros estudos. Aos poucos, a equipe foi se apropriando dos conceitos e da metodologia da história oral para a condução do processo de organização do acervo documental, bem como para a divulgação do trabalho realizado.

A organização dos documentos fotográficos também contou com a participação dos depoentes e seus relatos orais. A trajetória histórica da EDB foi, minuciosamente, registrada por Padre Carlos, que teve o cuidado de documentar diferentes momentos que marcaram a consolidação da sua proposta educacional, a partir de fotografias, slides e películas. Portanto, encontramos um acervo numeroso com documentos em bom estado de conservação e com belas imagens, muitas delas necessitando de identificação de datas, nomes e lugares. Dessa forma, a todo momento, funcionários e professores foram chamados a identificar nos suportes imagéticos atores e autores envolvidos.<sup>86</sup>

A presença constante de professoras aposentadas no Memorial contribuiu para a integração do projeto de história oral com o processo de catalogação e conservação do acervo iconográfico.<sup>87</sup> Como estiveram presentes desde os primeiros anos de funcionamento da EDB,

---

<sup>86</sup> O acervo fotográfico da Fundação de Assistência ao Menor (FAM) é composto pelos documentos pertencentes aos arquivos da Escola Profissional Dom Bosco, do Padre Carlos e de Dona Maria Figueiredo.

<sup>87</sup> Sobre o conteúdo dessa documentação: as fotografias da EDB registram festas escolares, desfiles cívicos, reuniões, o próprio edifício, objetos fabricados nas oficinas, feiras para a exposição e comercialização de objetos e celebrações religiosas.

Já as fotografias de Dona Maria são de âmbito pessoal: seus familiares e amigos, retratos além daqueles que lhe foram oferecidos por alunos e ex-alunos da escola.

trouxeram considerações importantes para a identificação de personagens constantes das fotos e dos filmes. O momento da coleta de seus depoimentos foi proporcionando à equipe de jovens funcionárias o contato com quem possuía viva a memória da escola. Longas conversas foram travadas entre a equipe que, após o processo de catalogação das imagens, reunia-se para a hora do ‘cafezinho mineiro’ oferecido pelas merendeiras da escola. Motivadas pela apreciação das imagens fotográficas, as antigas mestras recordavam histórias vivenciadas por elas. Os encontros vespertinos eram comuns desde os tempos de convivência com Padre Carlos e Dona Maria e agora são reconstituídos com a presença da equipe responsável pela organização do Memorial.

*“Sentamos à mesa para a hora do café com elas: Dona Olga, Ethel, Yeda e Terezinha sempre nessa ordem. Elas nos pedem para ficarmos nessa mesma mesa de madeira. Aqui passamos horas e horas ouvindo suas histórias. Catalogamos as fotos com a presença delas é muito melhor. Elas nos contam tudo! Acontece algo muito interessante. Quando nos relatam com detalhes o que se passava no contexto das fotos, parece que a história toma vida. Temos a nítida sensação que estamos vivenciando tudo de novo, como se nos passassem um filminho. Fica tudo muito mais significativo e emocionante”.* Laís Cássia Reis. (11.12.2007)

O movimento de pessoas que visitam o Memorial é constante e dinâmico. Quando chamados a participarem do banco de história oral os depoentes entram em contato com os documentos já organizados. Fotografias, objetos, livros são expostos para a promoção de lembranças. Atentos aos diferentes suportes da memória, vários entrevistados trouxeram suas interpretações para o momento presente. Com o transcorrer das entrevistas e com a divulgação das falas dos entrevistados em diversas situações, como quando o trabalho realizado pelo Memorial foi sendo veiculado pelos canais de televisão locais, em programas de rádio, em jornais impressos e para a edição de um vídeo documentário produzido para comemoração dos sessenta anos da fundação, a comunidade local foi tomando conhecimento das propostas de recuperação da memória da EDB.

---

O acervo de Padre Carlos também é da ordem do privado. Mas possui um diferencial: sendo fotógrafo amador, encontramos um volume maior de fotografias, daquele que normalmente localizamos em arquivos pessoais. Tendo em conta que a trajetória de vida do Padre Carlos e de Dona Maria se confundem com a trajetória da escola, uma particularidade do acervo fotográfico com a qual nos deparamos, foi que os três arquivos encontravam-se misturados. Desta forma, uma primeira etapa do trabalho foi separar as fotografias pertencentes à Escola Dom Bosco, Padre Carlos e Dona Maria. Esta separação foi realizada por professoras e funcionárias da escola, as quais também foram alunas da escola, desde tenra idade e, portanto, tinham a memória para tal”. Relatório CMU (2006).<sup>87</sup>

Fotos: Marcos Peron.



D. Olga Monteiro auxiliando na identificação das fotos. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Da esquerda para direita vê-se: Renata, D. Terezinha, D. Ethel, D. Yeda e D. Olga no processo de catalogação de objetos. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

Ao mesmo tempo, com o contato com essa produção, vários membros da comunidade identificaram nas falas dos entrevistados problemas e vivências comuns. A construção de uma relação autêntica com os membros da comunidade estudada tornou-se um dos nossos maiores desafios, pois, uma vez consolidada a confiança entre depoentes e pesquisadores, poderia surgir o sentimento de pertencimento por via da oralidade. Sendo assim, poderiam assumir compromissos e responsabilidades mediante objetivos comuns: organização de um memorial que pudesse registrar, organizar, documentar e divulgar a história da educação de determinados grupos de trabalhadores da cidade.

Pollack (1992: 204) considera que a memória pode ser entendida como um elemento constituinte do sentimento de identidade, a partir do momento em que o indivíduo se sente parte integrante de um grupo. Tendo como referência diferentes relatos orais, os critérios de aceitabilidade e de credibilidade vão sendo construídos e incorporados. *“Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”*.

Esse movimento promovido pela relação entrevistado/entrevistador foi possibilitando a adoção de estratégias de resistência defendidas por Certeau (1994). As maneiras do ser e do fazer de diferentes atores que participaram da trajetória histórica da escola foram se manifestando, seja na organização de exposições, seja na seleção dos documentos a serem arquivados ou mesmo na escolha das regras para a recepção de grupos de alunos e pesquisadores no Memorial. Portanto, a formação profissionalizante dos alunos pertencentes às classes populares da cidade foi sendo evidenciada na recuperação da história da escola.

No processo, tanto de organização, quanto na divulgação do acervo podemos constatar que os encontros promovidos reuniram pessoas que apresentavam expectativas, dúvidas e anseios comuns. Passo a passo, foram escolhendo táticas para minimizarem suas dificuldades. A ‘autoridade compartilhada’, defendida por Frisch (1990), leva-nos ao questionamento sobre a importância do diálogo entre os participantes de um movimento social. Neste caso, podemos constatar como membros de uma comunidade escolar, desejando ter suas histórias recuperadas, organizaram-se para que as propostas educacionais originais direcionadas aos grupos populares da cidade fossem valorizadas, reconhecidas e mantidas.

As reuniões promovidas pela Comissão de Implantação do Memorial aconteceram periodicamente para discussões que envolveram a necessidade da obtenção de apoiadores e patrocinadores, a formação da equipe que representaria diferentes segmentos da comunidade, planos e projetos para a realização de exposições permanentes e itinerantes, adoção de critérios para a seleção dos documentos a serem arquivados, elaboração dos projetos e dos relatórios a serem apresentados pela Lei de Incentivo Municipal e Estadual, organização dos encontros com os especialistas do CMU, redação de artigos para a publicação nos jornais internos e locais. Enfim, os problemas, conquistas e desafios foram compartilhados com a equipe que tomava decisões, coletivamente. Nos termos de Frisch (1990: xxi):

*Esse diálogo promove uma consciência histórica mais democrática e mais amplamente compartilhada, conseqüentemente encorajando uma participação maior em debates sobre história, debates estes que serão informados por uma gama mais profundamente representativa de experiências, perspectivas e valores. Eu colocaria ainda que o diálogo construído nesta base precisa ir além da forma como nós vemos a história, mas também influenciar a forma como delineamos as políticas públicas e, mais importante, a forma como reproduzimos a organização social das comunidades nas quais vivemos.*

O apoio do CMU foi imprescindível tanto para esse compartilhamento de atitudes no que diz respeito aos conhecimentos técnicos e científicos para a conservação dos documentos, quanto para os mecanismos de divulgação da história da EDB. Em diferentes momentos toda a equipe esteve junto aos professores, coordenadores, funcionários e membros da comunidade para a socialização das atividades desenvolvidas ou mesmo para a realização de palestras sobre temas relacionados à importância da recuperação da memória local, a partir da organização do Memorial e da divulgação do seu acervo.

Segundo Frisch (1990), ao alargar a pesquisa científica pelo processo de autoridade compartilhada, não se abre mão da objetividade; pelo contrário, passa-se a produzir uma pesquisa mais objetiva e efetiva. Teorias e soluções que armazenam suporte são efetivamente implementadas e aquelas que atingem problemas comuns com sucesso são objetivamente melhores do que aquelas que não o fazem.

Organizamos oficinas em 2005 e durante estas sessões refletimos intensamente sobre a importância da divulgação da história da EDB. Além de identificar os temas que deveriam



Profª. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, diretora do CMU e especialistas, durante reunião com coordenadores, professores e funcionários da EDB. Agosto de 2005.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

compor nossas exposições, desenvolvemos estratégias para promover a continuidade de nossas atividades.

A presença da diretora do CMU, Profa Olga Rodrigues de Moraes von Simson foi possibilitando ao grupo envolvido na constituição do Memorial o questionamento sobre a importância de um espaço que priorizasse o diálogo e o dinamismo das informações junto ao público em geral. Para tanto, palestras e oficinas foram organizadas para a discussão coletiva das regras para a disponibilização dos documentos aos pesquisadores.

*“Eu queria retomar um pouquinho com vocês um passo que a gente já trilhou na construção desse Memorial e na elaboração de todo o material que foi todo trabalhado, organizado e preparado para constituir o Memorial. Foi um longo caminho, um caminho de grandes trocas entre a equipe do Centro de Memória e a equipe da escola de conhecimento e aprofundamento na figura do Padre Carlos, da Dona Maria, da trajetória que eles construíram aqui e tão importante em Poços de Caldas. Temos já constituído no Memorial diferentes acervos: organizados, catalogados e prontos para serem na verdade conhecidos e divulgados. O Memorial contendo uma série de informações sobre o passado, sobre um determinado tema, qualquer que seja ele, só tem razão de ser, se for capaz de fazer circular as informações que contém. Caso não possua uma política de circulação da informação ele perde sua razão de ser. Ele é coisa morta não tendo na verdade função na vida cotidiana da escola, da comunidade, da instituição e da sociedade em geral. Então nós estamos agora iniciando essa segunda fase, que se preocupa com a circulação das informações que esses objetos, que esses fragmentos do passado seja uma fotografia, seja um depoimento oral, seja um texto escrito, seja uma coleção de objetos. Se esses documentos não contarem essa história, se essas informações não chegarem para os alunos, para os professores, para a comunidade de Poços de Caldas e para a comunidade da região e da nação, o Memorial perde seu objetivo. Então a preocupação nossa agora é como elaborar uma política de circulação das informações que o Memorial contém. Mas isso tudo tem que ser pensado com muito cuidado, porque esse material tem que ser na verdade protegido para não se perder. Porque essas informações são importantes para nós hoje e muito importantes, mas serão muito importantes também para as novas gerações”.* (13.08.2005)

A diretora do CMU ainda enfatiza que cada geração, dependendo dos acontecimentos e do contexto da época, retira desse material outro tipo de informação. Pois sempre voltamos os nossos olhos para o passado com as preocupações e com as visões do presente. Então, esse é um direito que temos que garantir às futuras gerações. E só garantimos esse direito, se soubermos nos relacionar com esses fragmentos do passado, respeitando-os, mantendo-os, conservando-os,

enriquecendo-os também com as nossas interpretações, para que, no futuro, possamos utilizá-los ainda com maior riqueza. Ao lidarmos consciente e cientificamente com as informações do passado, passamos a reconhecê-lo. E, ao incorporar essas informações ao nosso conhecimento, podemos conquistar uma maior segurança para nossas lutas sociais e políticas.

Fotos: Marcos Peron.



Processo de conservação e higienização de fotos. Arquivo Iconográfico. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos

Ao desenvolver o conceito de etnografia recíproca, Lawless *apud* Keer (2006:488) ressalta a importância de construir uma estrutura de pesquisa que inclua espaços para a discussão coletiva dos assuntos pesquisados. Ao participarem de diferentes oficinas no período subsequente à palestra, os integrantes ouviram e assistiram às entrevistas já realizadas, conheceram a organização dos documentos textuais, iconográficos e dos objetos para que refletissem intensivamente sobre a importância e as formas adequadas de divulgação do acervo. Além de identificar estes temas que levariam à seleção de documentos a serem expostos, priorizamos e desenvolvemos estratégias para promover a divulgação das diversas histórias versadas pelas fontes documentais, respeitando as especificidades locais.

Fotografias e imagens em movimento fizeram parte do cotidiano nos diferentes tempos e períodos da EDB. Imagens em preto e branco foram constantemente produzidas pelo fundador da escola que, tendo sempre em mãos uma câmera com lentes modernas, cuidadosamente enquadrava cenas, materializando-as em filmes.

Os alunos “Anjos da Cara Suja” eram premiados com as sessões de cinema exibidas nos finais das tardes de domingo. Ao contrário do que se exigia nas salas instaladas no centro da cidade, os alunos poderiam apreciar a projeção de películas, mesmo sem fazer uso de calçados. Muitas vezes, Padre Carlos, sendo membro do Juizado de Menores, estando em frente das filas para entrada no cinema freqüentado por parte da elite, permitia que alguns dos alunos adentrassem o recinto sem apresentarem o rigor das indumentárias exigidas. Mas isso era exceção. A entrada era franca somente nas salas da EDB. A festa se concretizava com filmes encomendados por ele. Alguns alunos que são, atualmente, músicos profissionais registraram a importância dessas imagens para a sua formação pois, a partir delas, foi possível conhecerem diferentes gêneros musicais.

O escuro das salas de exibição se revezava com o momento de observação de fotos coladas em álbuns com capas de couro encadernados pelas mãos de alunos e mestres das oficinas artesanais. Muitas histórias foram contadas no momento da apreciação de fotografias, de filmes e de slides que hoje fazem parte do nosso acervo de documentos iconográficos.

Padre Carlos, como fotógrafo amador, produzia fotos com diferentes enfoques e objetivos. Às vezes, solicitava que os alunos posassem para o momento do ‘se deixar fotografar’. Alguns dos primeiros alunos me confiaram que o som emitido pelas máquinas no instante do registro era muito constante. Disse-me Juraci do Nascimento, o primeiro mestre da oficina

gráfica: “*Não ficávamos inibidos com a presença da máquina fotográfica ou da filmadora. Sempre éramos fotografados*”. Muitas das cenas marcam a espontaneidade do momento vivido, outras o ordenamento de meninos para possível divulgação do trabalho realizado pela escola.

Kossoy (2001:99) ao referir-se à imagem fotográfica como fonte de recordação e emoção nos pontua: “*Existe melhor exercício para reviver o passado que a apreciação solitária de nossas próprias fotografias? A experiência visual do homem, quando diante da imagem de si mesmo, retratado por ocasião das mais corriqueiras e importantes situações de seu passado, leva à reflexão do significado que tem a fotografia na vida das pessoas*”

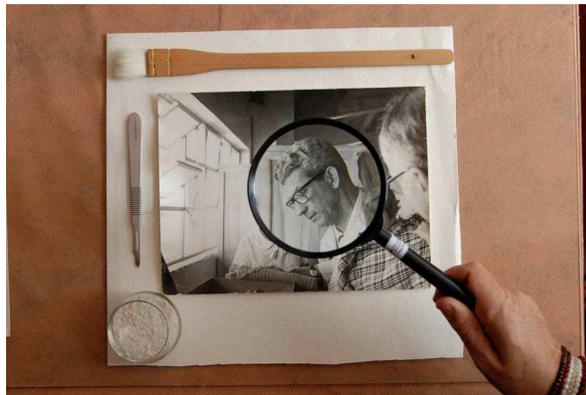
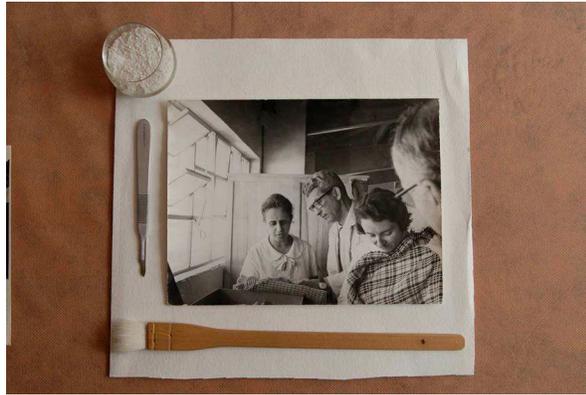
Quando o homem se reconhece nos velhos retratos, a emoção poderá vir à tona. A noção do passado se concretiza pelas fotos em que a ação inexorável do tempo fica evidente pelas marcas deixadas por ele. Ficamos envolvidos afetivamente com o que nos dizem e nos mostram essas imagens. Pelas fotografias, em fração de segundos, reconstituímos nossas trajetórias de vida. A cada página, novos personagens aparecem, enquanto outros desaparecem do álbum e da vida. (KOSSOY, 2001:100-101).

Uma imagem contém uma série de informações acerca de um determinado acontecimento; registra no documento um fragmento do real vivido. Sem dúvida por seu intermédio temos conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo dele. Quando utilizamos as fotos como registro histórico devemos levar em consideração que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, conforme a intencionalidade do fotógrafo.

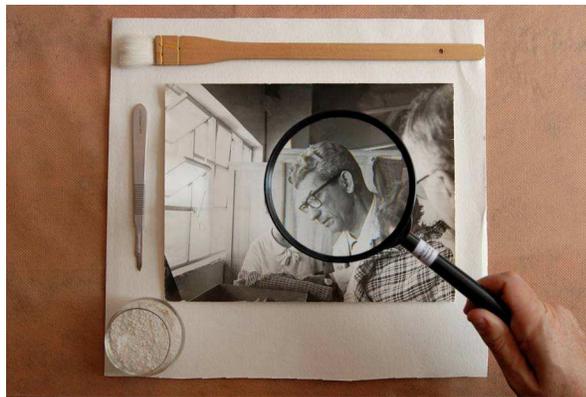
A fotografia ou os conjuntos de fotografias não reconstituem os fatos passados, representarão sempre interpretações. Trazem informações visuais de um fragmento do real, selecionado e organizado esteticamente e ideologicamente. Apenas congelam fragmentos de um instante da vida das pessoas, coisas, lugares, paisagens. Cabe ao intérprete compreender a imagem, a partir daquilo que projeta de si, em função do seu repertório cultural e social. (idem : 115)

Nas exposições temporárias organizadas ao longo desses anos pelo Memorial, buscou-se enfocar determinado tema, utilizando-se várias fontes documentais. Para nos aproximar de um certo momento da história da escola selecionamos fotos, filmes, objetos, documentos textuais sempre acompanhados dos relatos orais, pois os documentos despertam histórias vivenciadas por professores, alunos e funcionários que estiveram presentes nos diferentes momentos da escola.

Fotos: Marcos Peron.



Acervo fotos EDB.  
Documentação Iconográfica.  
Outubro de 2007  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



Então as fotos dialogaram com outros registros, que pudessem permitir ao espectador observar uma conversa entre fontes, delineando assim várias faces do passado.

Queiroz (1992) ressalta que, para alcançarmos uma confiabilidade dos resultados da investigação, é necessária a presença constante de um processo de reflexão crítica, tanto com respeito às teorias, quanto aos procedimentos metodológicos. Esse processo contribuiu para que além dos documentos já existentes, pesquisados e pesquisadores juntos, pudessem criar outros documentos. No caso dessa pesquisa, na produção de um filme documentário.

#### 4.3.1. *Imagens e memórias – áudio visual: uma produção com múltiplos olhares.*

*“A multiplicidade pode ser definida como um conjunto de rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo”.*  
(CALVINO, 1990).

Com a análise dos depoimentos orais, foi sendo possível uma integração com diferentes atores da comunidade escolar e local que, além de deixarem registradas suas trajetórias nesta instituição escolar, manifestaram o desejo de preservação da história do ensino profissionalizante proposta pela EDB, ao longo de seus sessenta anos de funcionamento, uma vez que a inserção dos salesianos provoca uma nítida insegurança quanto aos rumos futuros da escola. Nesse sentido, representantes da Comissão Provisória para Implantação do Memorial solicitaram aos especialistas do CMU a orientação para a produção de algum instrumento de divulgação dessa data comemorativa. A seguir, serão revelados os procedimentos para a edição de um vídeo documentário.

Calvino (1990) reconhece que a multiplicidade constitui-se numa das características fundamentais da arte que marcou a passagem para o novo milênio. Segundo Machado (1997: 238), a produção audiovisual mais recente busca sem tréguas essa multiplicidade que exprime o modo de conhecimento do homem contemporâneo. Para esse autor, o mundo é visto e representado como uma trama de relações de uma complexidade inextricável, em que cada instante está marcado pela presença de elementos heterogêneos que, num movimento vertiginoso, tornam mutantes todos os eventos, todos os contextos e todas as operações.

Durante todos esses anos de pesquisa, a convivência com diferentes atores da escola permitiu-me consolidar uma experiência que envolve o *saber ouvir* e o *saber olhar*. Estes saberes dialogam e são construídos num movimento cíclico em que se sustenta o desafio de ouvir, de registrar e de documentar múltiplas versões do passado. Ao consultar o vasto acervo documental encontrado no Memorial Padre Carlos, está presente um movimento curioso e sedutor que nos leva a investigar nos diversos suportes (cartas, anotações pessoais, jornais, revistas, fotografias, filmes e relatos orais) as histórias de conquistas e de lutas que possibilitaram e ainda possibilitam aos grupos populares o acesso a uma educação profissionalizante pautada na articulação entre

ciência, trabalho, arte e religião. Felgueires (2004:110) referindo-se à importância dos museus escolares para a interpretação de realizações da educação nos tempos passados e presentes, nos aponta:

*O conjunto de obras, materiais pedagógicos, memórias, mobiliários a recolher, e que estamos a inventariar, constitui o museu como lugar real e simultaneamente irreal, como lugar do nosso imaginário, de um mundo irreal que os prolonga, tornando-as presentes como uma voz que nos interpela. A presença dessa voz no nosso quotidiano contribuirá para questionar mitos, paradigmas e realizações da educação, do presente e do passado.*

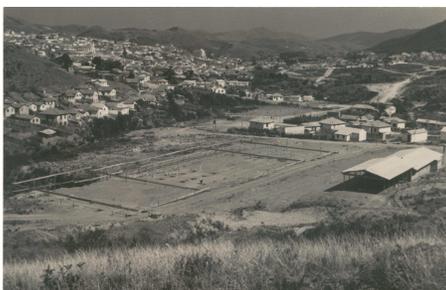
Utilizando-me de algumas expressões encontradas nas entrevistas que compõem o banco de história oral do Memorial Padre Carlos, exponho algumas reflexões sobre experiências escolares vividas em épocas passadas, que não foram esquecidas com o passar dos tempos.

*“No início, os alunos da Escola Dom Bosco eram vistos como marginais”.  
Jamil.Gonçalves (ex-aluno e mestre de oficina).*

*“Na hora da produção não tinha brincadeira não. Nem conversa”. Luís de Freitas  
(ex-aluno).*

*“Quem não participava da Escola Dom Bosco ficava do outro lado do muro”  
Reinaldo Gianelli (ex-aluno).*

Vários foram os motivos que levaram os alunos a procurarem a Escola Dom Bosco. As diferentes histórias familiares e suas condições de existência definiram a permanência de alunos que tiveram o cotidiano escolar organizado pela alternância entre atividades em sala de aula, produção nas oficinas, rituais religiosos, exercícios físicos, sessões de cinema, aulas e apresentações musicais. Famílias numerosas deslocaram-se da zona rural para a cidade, na expectativa de encontrarem melhores condições de vida; pais que, envolvidos diária e exaustivamente com o sustento dos filhos, permitiam ou, muitas vezes, exigiam que os meninos transitassem pelas ruas à procura de trabalho e de uma complementação do orçamento familiar; tios e avós, responsáveis pela educação dos membros da família, procuravam a Igreja como proteção e apoio às suas condições precárias de sobrevivência; pais, à espera de um futuro promissor, investiam na profissionalização dos filhos; enfim, cada história, uma especificidade,



Construção da EDB no atual Bairro Santana.  
Fotógrafo: Padre Carlos.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

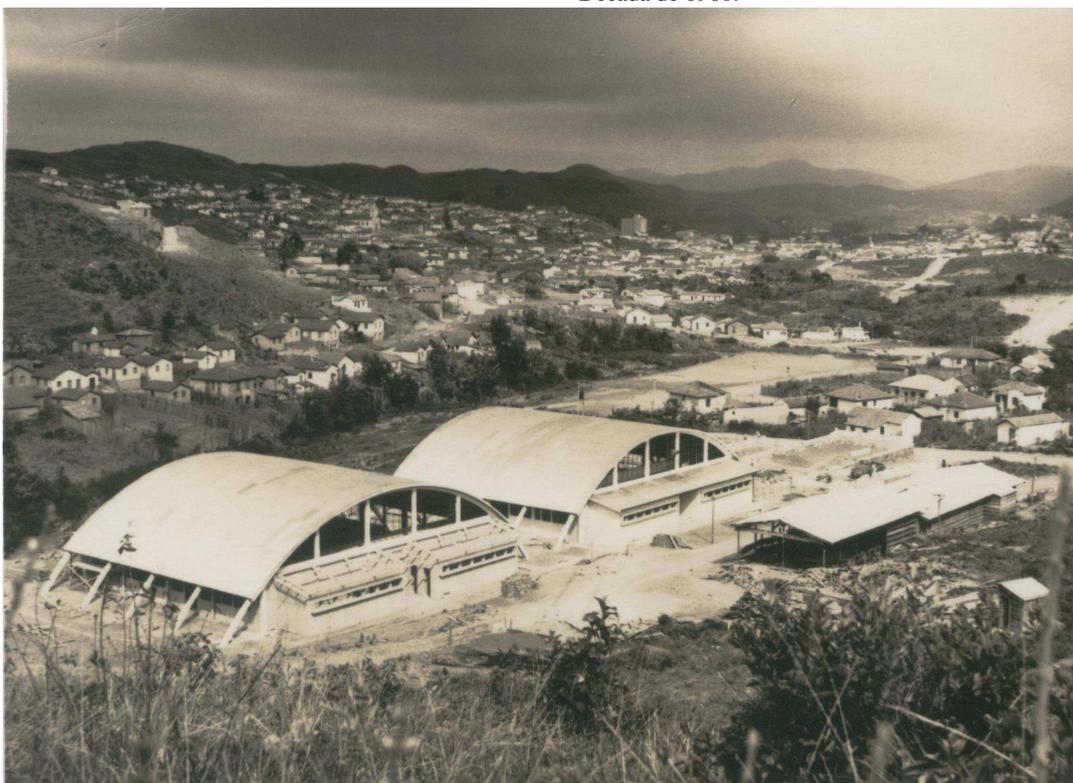
Década de 1950.



Década de 1950.



Década de 1960.



Década de 1960

cada família, um motivo. A Escola Dom Bosco teve a composição de sua história marcada pelas diferentes situações de vida de seus alunos e suas respectivas demandas.

Em 2006, ano da comemoração dos sessenta anos de fundação da Escola Dom Bosco, membros da Comissão para Implantação do Memorial Padre Carlos mobilizaram-se com o objetivo da produção de um instrumento de divulgação desta importante data. Em discussão com alguns especialistas do CMU, foi proposto um projeto para gravação e edição de um filme documentário que registrasse depoimentos de membros da comunidade escolar e local, marcando a importância da escola para a formação de grande parte dos trabalhadores técnicos de Poços de Caldas.<sup>88</sup>

Para justificar o interesse pela escolha do recurso áudio visual como veículo de divulgação, ressalto que o uso de imagens fotográficas e em movimento sempre fez parte do cotidiano da escola pesquisada. Padre Carlos, desde os primórdios da escola, procurou registrar com fotos e filmes, sua evolução histórica. Nos depoimentos orais de ex alunos, pudemos constatar a marcante presença de suportes imagéticos nos projetos escolares, desde atividades de entretenimento até o desenvolvimento de práticas de ensino que envolviam a apreciação de filmes e de slides educativos.

Em momentos anteriores, utilizei-me do recurso áudio visual como uma forma de dar um retorno à comunidade estudada dos resultados da pesquisa. Nesse sentido os recursos áudio visuais funcionam como uma “moeda de troca”. (PÓLVORA, 1995). Os recursos de imagem/som podem ser usados tanto como um instrumento de pesquisa quanto como um meio de expressão e comunicação de seus resultados. Durante esse processo, as imagens em movimento foram utilizadas como meio de registrar diferentes eventos e narrativas que somente a linguagem verbal não permite apreender. “Ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores” (LEITE 1998:44).

Com a organização do Memorial Padre Carlos, o vasto acervo iconográfico da escola tornou-se mais acessível aos membros da comunidade (alunos, professores, pais e funcionários),

---

<sup>88</sup> O apoio financeiro para a produção desse vídeo foi conquistado pelo empenho de uma ex aluna e atual diretora da Alcoa Alumínio S/A. Esse projeto foi aprovado pelo Plano Anual de Incentivo à Cultura desenvolvido por essa empresa em Poços de Caldas.

o que facilitou a produção de um vídeo documentário que utilizasse esses documentos agora já organizados e catalogados.

Essa significativa obra educacional foi registrada no filme documentário com base em depoimentos orais, documentos textuais e iconográficos que remontam o período de 1946, quando a escola funcionava no centro da cidade, até os dias de hoje.

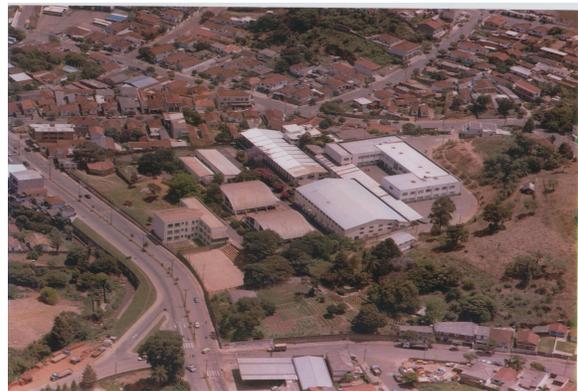
Consultamos o banco de história oral para definição dos entrevistados que seriam convidados para as gravações, respeitando a abrangência de pessoas que representassem os diferentes segmentos da comunidade. Após algumas sessões de audição dos depoimentos já gravados e transcritos, selecionamos os assuntos que se mostraram de maior densidade durante as entrevistas, para conversarmos sobre eles em uma sessão gravada em vídeo. Aproveitamos, também, para rever os segmentos já contemplados e verificar se poderíamos ampliar nossos contatos, envolvendo agora outros atores.

Para tomar como base as múltiplas histórias versadas pelos entrevistados, tivemos como critério, para a coleta de depoimentos orais, a abordagem de diferentes segmentos da comunidade para a produção do vídeo intitulado 'Memória e Imagens – Escola Dom Bosco- 60 anos'. Procuramos envolver as seguintes categorias: gênero, raça, profissão, idade, grupos sociais e ainda a identificação do depoente com a proposta de recuperação da memória escolar. Dessa forma, tendo em vista a diversidade dos depoimentos orais, procuramos configurar um cenário educacional que possibilitasse ao espectador uma interpretação das políticas do ensino profissionalizante implementadas, das atividades desenvolvidas no âmbito da educação não formal, expressas nas oficinas artesanais, como também da trajetória até então construída para a recuperação e preservação da memória escolar. A produção desse vídeo documentário visou divulgar o desejo da comunidade de manter presente o projeto educacional de uma instituição que teve sua história marcada pelo envolvimento com as famílias pertencentes aos grupos populares da cidade e da região do sul do estado de Minas Gerais.

Felgueires (2004:116) interpreta que um trabalho de pesquisa na área de memória e culturas escolares pode significar uma investigação histórica sobre a educação, desde que envolva atores da educação. Dessa forma, podemos alcançar uma reflexão sobre a socialização e impregnação cultural a partir das contribuições das formas de animação e educação não-formais, como também pela teorização que nos permite analisar o papel dos sujeitos e objetos no processo de aprendizagem.



Década de 1970



Década de 1980



Agosto de 2006

Reverendo o conteúdo das entrevistas já coletadas, ficou evidente a menção de todos os depoentes sobre a importância dos fundadores da escola para a consolidação das propostas de educação profissionalizante, direcionadas aos grupos populares. Sem dúvida, falar da Escola Bom Bosco requer o registro da marcante presença de Dona Maria e de Padre Carlos no cotidiano escolar.

Definimos, portanto, um pré roteiro para as gravações dos depoimentos com apoio em três eixos: o perfil dos fundadores; os aspectos político- pedagógicos do ensino profissionalizante e o trabalho de recuperação da memória escolar.

Decidimos que produziríamos o vídeo, utilizando somente documentos pertencentes ao acervo do Memorial Padre Carlos. A coleta dos depoimentos seguiu a metodologia da história oral. Elegemos alguns atores que representassem o quadro de funcionários, professores, alunos, membros da comunidade local (empresários, professores e moradores do bairro), como também os primeiros membros da Fundação de Assistência ao Menor, entidade mantenedora da escola e dos membros participantes das atividades do Memorial Padre Carlos.

Cabe ressaltar algumas dificuldades sobre o uso da filmadora na coleta de depoimentos orais. Em alguns casos, fica visível a inibição do entrevistado que se encontra diante de uma câmera e de uma iluminação um pouco desconfortável. Para minimizar esse problema, antes da filmagem, tentamos criar um clima favorável entre entrevistado e entrevistador. Promovemos visitas ao Memorial, caminhadas pela escola, conversas na mesa de café bem à moda mineira, ou seja, seguindo a rotina e os costumes presentes nos encontros entre os membros da escola, consolidando dessa forma momentos de descontração, que poderiam contribuir para uma melhor narração dos fatos pelos depoentes.

Durante a edição de imagens, em alguns casos, tivemos que escolher certos depoimentos em detrimento de outros, devido à inibição de alguns depoentes. Mas por causa do envolvimento dos entrevistados com a história da escola, com a proposta de divulgação dos sessenta anos de sua fundação e também respondendo ao nosso empenho para a conquista de um clima favorável para as gravações, não tivemos maiores problemas.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Alguns esclarecimentos técnicos: gravamos em áudio as entrevistas que foram registradas em vídeo. A gravação em ambos os formatos constitui-se numa medida de segurança para o acervo constituído. A equipe técnica foi composta por um fotógrafo, dois cinegrafistas, um editor de imagens, dois especialistas do CMU, coordenadores das áreas de história oral e de arquivos de documentos textuais.

Foram cinco meses de gravações, totalizando vinte e duas horas de captação de imagens, inclusive aéreas e coleta de depoimentos orais, com vinte e cinco depoentes. O resultado final foi extraído do diálogo entre diferentes fontes documentais. Vale registrar que todo o material coletado, como imagens e depoimentos orais está incorporado ao acervo do Memorial Padre Carlos e poderá ser consultado pela comunidade em geral. Todo o processo de produção, desde a elaboração do roteiro, captação e até a edição de imagens contou com a participação e crítica efetiva de diferentes segmentos da comunidade escolar, como também dos especialistas do CMU.

Para exposição do processo de produção de tal documentário, passo a discutir o roteiro para captação e edição das imagens. Inicialmente, partimos dos seguintes objetivos:

- A metodologia da história oral seria respeitada, portanto, a conduta do pesquisador no momento da gravação dos depoimentos implicaria, tanto na flexibilização das perguntas colocadas, como no respeito ao ritmo, pausas e repetições consideradas importantes para o entrevistado.
- Os locais para gravação, assim como os movimentos de câmera foram discutidos com a equipe de cinegrafistas<sup>90</sup> para atender os objetivos de produção de um vídeo que contemplasse o cruzamento entre diferentes fontes documentais (textos, fotografias, filmes, jornais, objetos, músicas e relatos orais).
- A edição de imagens seria conduzida, respeitando-se o diálogo entre os depoentes, ou seja, o roteiro do vídeo documentário foi flexível para atendermos à seleção de fatos e acontecimentos feita pelos entrevistados. A seqüência das imagens seguiu a organização das idéias e acontecimentos relatados pelos depoentes.
- A seleção de fotos, de jornais, de documentos e de objetos contaria com a participação de membros do Memorial Padre Carlos que atuam nos diferentes subprojetos. Alguns integrantes da equipe do Memorial acompanhariam, em diversos momentos, o trabalho de edição das imagens.
- A equipe de especialistas do CMU também seria consultada, para que avaliasse se os resultados da gravação eram pertinentes ao trabalho que, desde 2003, vem sendo

---

<sup>90</sup> Vale ressaltar que a equipe de cinegrafistas e fotógrafos não foi composta por pesquisadores acadêmicos, mas já havia realizado filmes documentários na área de memórias escolares. Diferentes encontros aconteceram com a equipe visto a necessidade da construção do olhar dos cinegrafistas para que eles construíssem uma visão ou enfoque o mais próximo possível daquele da equipe da pesquisa.

desenvolvido para a organização, higienização e catalogação do acervo documental como um legado importante para a construção da memória compartilhada.

Para darmos início ao vídeo documentário, seria necessário pontuar ao espectador a origem do trabalho com os meninos apelidados de ‘Anjos da Cara Suja’, nas décadas de 1940 e 1950. Consultamos nos jornais de circulação interna da escola diferentes artigos publicados por alunos e professores e selecionamos um texto de uma aluna da quinta série do ensino fundamental<sup>91</sup>.

*“ Homenagem ao Padre Carlos.  
A gente reunida no salão. Parece uma festa.  
Padre Carlos entra com seu jeito bom.  
Ouvem-se risos de crianças.  
Ele as repreende com carinho: Psiu! Fiquem quietinhos, ‘Caras Sujas’  
Quando a missa acabar, vamos lancha e jogar.  
E com amor e ajuda de Dona Maria, fez talvez o que ninguém faria.  
Ensinou-lhes a rezar, a trabalhar e a estudar”.*

Jamil Gonçalves, um dos alunos pertencentes à primeira turma dos “Anjos da Cara Suja” e que residiu em uma casa localizada no pátio interno da escola, em 1947, iniciou suas atividades como aprendiz de marcenaria, tornando-se mestre de oficina e, posteriormente, exerceu atividades como professor na área de artes industriais, completando assim uma trajetória de aluno a professor. Consideramos que seria interessante registrarmos uma conversa entre esse ex aluno e professor e a coordenadora pedagógica que atuou na escola entre os anos de 1950 a 1980, Dona Olga Monteiro. O relato desses dois entrevistados permitiu-nos constatar a continuidade das propostas de ensino profissionalizante desenvolvidas ao longo dos sessenta anos de funcionamento dessa instituição escolar voltada para os grupos populares da cidade.

Jamil Gonçalves, enfatiza:

*“ Olha, os ‘Anjos da Cara Suja’.  
Eu sou um deles.  
‘Os Anjos da Cara Suja’ foi iniciado no Asilo São Vicente com o Padre Carlos.*

---

<sup>91</sup> FERREIRA, Mariane Sances. Homenagem ao Padre Carlos. *Jornal Estafeta*, out., 2005.

*Foi numa missa que teve lá. Todo domingo a gente freqüentava a missa e o Padre chamou atenção de um dos meninos que estava fazendo muita bagunça na missa.*

*Ele falou:*

*-Fique quieto aí, Cara Suja!*

*E nisso ficou: ‘Anjos da Cara Suja’.*

*Porque ninguém ia na escola de jeito nenhum. Sabe, era moleque de rua, era engraxate e fazedor de bagunça.*

*Era só confusão”. (21.07.2006)*

Dona Olga Monteiro, coordenadora pedagógica da EDB durante as décadas de 1960 a 1980, ouvindo atentamente as histórias versadas por Jamil, faz as seguintes considerações, ressaltando o trabalho da escola na educação de crianças e jovens pertencentes aos grupos populares :

*“Ouvindo o que Jamil falou, achei interessantíssimo que ele se referiu aos ‘Caras Sujas’ como eu sou e não eu fui.*

*Então há uma permanência de um espírito todo que começou há sessenta anos passados com o grupinho pequeno que eram os ‘Caras Sujas’ e não se limitou com o passar dos tempos. Acompanhou as mudanças tecnológicas, econômicas e políticas.*

*Até hoje nos temos uma quantidade de crianças filhos e netos dos ‘Anjos da Cara Suja’.* (21.07.2006)

Recorremos à seleção de depoimentos que descrevessem o perfil dos fundadores da EDB. A característica inovadora de Padre Carlos como educador e sacerdote são evidenciadas, como também a capacidade artística e criativa de Dona Maria, aspectos que marcaram as histórias recuperadas por diferentes atores: funcionários, professores, moradores do bairro, empresários e alunos. Os diversos depoentes traduziram nos seus relatos as vivências com os educadores responsáveis pela fundação da escola, imprimindo suas interpretações. (POLLACK, 1992:204). acentua o caráter seletivo da memória. *“Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. (...) A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”*. Seria importante considerarmos um certo tom de celebração na fala dos entrevistados para a gravação de um vídeo comemorativo. Entretanto, o valor atribuído aos fundadores é muito presente como dito anteriormente nos diferentes depoimentos, que constituem o banco de história oral e, independentemente, de se tratar de um evento festivo, a menção positiva aos dois fundadores sempre está presente.

*“ Ele terminou o curso dele em Guaxupé, foi ordenado, foi para Divisa Nova. Quando chegou em Poços, veio com uma idéias mais novas e mais modernas. Os padres conservadores daqui, naquela época, acharam ele moderno demais. Mas ele era jeitoso, foi contemporizando e no fim ganhou a confiança dos padres”. Moacyr de Carvalho Dias. ( membro da FAM) (21.07.2006)*

*“ Ele era um santo moderno, entendeu? Por que ele não tinha esse negócio de ficar só rezando o terço e coisas talvez até repetitivas. Cada um gosta de uma coisa para agradar a Deus. Ele agradava a Deus de uma maneira direta. E a maneira direta dele na minha opinião, era a mais bonita. Era pensand (10.06.2006)o na educação e nas crianças”. David Ottoni Filho.(Membro da FAM)*

*“ O Padre sempre foi uma pessoa aberta. Ele nunca trabalhou numa sala fechada. A sala dele era aberta, não tinha portas. A mesa dele ficava lá no escritório, como está até hoje. E ali quem chegava, ele atendia”. Maria Aparecida Ferreira Tavares. (Funcionária). (29.05.2006)*

*“ Ele observava todas as oficinas, o trabalho das crianças. E apesar dele ser ‘ italiano de sangue quente’, mas ele era uma pessoa que tinha assim uma polidez quando precisávamos conversar. Porque ele também nos ajudava, vamos dizer assim, a conduzir o nosso trabalho”. Dilma Giardini Noronha ( Professora de artes industriais). (29.05.2006)*

Os relatos referentes à co-fundadora envolvem seu potencial criativo nas áreas de artes plásticas e musicais, justificando toda a orientação artística que a escola imprimiu nas práticas pedagógicas.

*“O braço direito do Padre Carlos, sem dúvida alguma foi a Dona Maria Aparecida Figueiredo. Ela morava no asilo não sei se vocês sabem. Depois é que ela veio para a escola. E ela tinha assim um carisma fora de série. E, aqui, na escola o padre tinha total confiança na pessoa dela. Tanto que a gente falava: O padre Carlos é o dono, mas quem manda é a Dona Maria. Deus premiou Dona Maria: ‘mãos de fada’. Tudo que ela fazia, era perfeito! Ah! E cantava com uma voz maravilhosa. A Escola viveu e está até hoje vivendo, em função do que ela plantou aqui”. Dona Aparecida Bonifácio(ex professora de artes industriais). (28.01.2004)*

Benedito Ramos, um dos jardineiros da EDB, cedeu-nos um testemunho de participação neste processo de recuperação e conservação da história da EDB. Sua principal função consiste na manutenção e preservação dos jardins que rodeiam o local que abriga o Memorial Padre Carlos. Numa fala emocionada exterioriza seu papel como responsável pela continuidade das histórias da escola, cuidando das plantas e flores cultivadas no transcorrer dos tempos.

*“Esse tijolo aqui significa as iniciais de Dona Maria Aparecida Figueiredo, que criou os jardins da Escola Dom Bosco.*

*Então, ela mandou que eu cuidasse para ficar tudo bonitinho.*

*E depois disse:*

*Seu Benedito, eu ganhei uma plantinha.*

*Eu gostaria que isso aqui tomasse conta de tudo. Como na fazenda!*

*Então esse jardim é coisa antiga mesmo, isso é coisa de quem ajudou a formar a escola.*

*Eles já se foram, mas a gente continua dando assistência, pois faz vinte anos que o ‘Dito’ está na Escola Dom Bosco”.* (29.05.2006)

A participação de Benedito na coleta e gravação de relatos, levou-nos ao questionamento sobre a dificuldade de outros funcionários, que ocupam funções hierárquicas semelhantes, de se expressarem com espontaneidade e fluidez, quando convidados a contribuir para a organização do banco de história oral, a partir do registro de suas vivências nesta instituição escolar. Sem dúvida, há de se considerar a timidez que os equipamentos necessários para a gravação podem provocar, como dito anteriormente. Entretanto, uma outra questão nos pareceu pertinente. Esse cuidadoso jardineiro se identifica como co – partícipe na organização do Memorial, pois mantém viva a história dos jardins da escola. Seu depoimento pode ter ocorrido livre e descontraído por esse motivo. .

Após discussões realizadas no momento de exibição desse vídeo às partes integrantes, definimos que estratégias serão discutidas coletiva e exaustivamente para garantirmos a participação de representantes do corpo de funcionários que desenvolveram e ainda desenvolvem atividades de manutenção da escola relativas à limpeza, ao preparo de alimentos, ao controle da portaria, à manutenção de máquinas das oficinas de artes industriais, marcenaria, gráfica e ao cultivo e à colheita de hortaliças. Vale ressaltar que todos esses funcionários são convidados a participar das atividades organizadas pelo Memorial. Entretanto, necessitamos envolvê-los em

projetos de recuperação da memória da escola que acentuem a importância de todos os trabalhadores na definição da história desta instituição seguindo os talentos de cada um. A dificuldade em coletarmos seus depoimentos, alertou-nos para um possível distanciamento, provocado por não serem inseridos no trabalho de organização do acervo documental, para que percebam o reconhecimento da importância do seu trabalho visando a permanência das propostas educacionais realizadas pela EDB.

Em relação a esse aspecto, Pollack (1989:8) considera que muitas vezes o silêncio separa uma memória subterrânea daquela da sociedade civil. Grupos possuem lembranças que são diversas de uma memória coletiva organizada, que resume a imagem que grupos detentores do poder impõem à sociedade mais ampla. Como pretendemos organizar um movimento de recuperação, conservação e divulgação de histórias escolares, a partir de memórias compartilhadas, torna-se pertinente o redirecionamento de táticas para contemplar a participação ampla da comunidade escolar. Foucault (1982) ressalta que à história do cotidiano interessa a vida dos homens infames, ou seja, daqueles que não são famosos, segundo a etimologia latina da palavra. Nessa obra destaca a vida dos homens infames do século XVII e XVIII, baseando-se em algumas páginas encontradas em livros de internação de hospitais, procura recuperar a vida daqueles que se perderam no tempo, portadores de nomes sem reconhecimento ou sem glória, biografias consideradas menores. Faltou nesta pesquisa, ouvirmos os colaboradores 'infames' do Padre Carlos na construção de seu projeto político-pedagógico.

Para prosseguirmos com a discussão das práticas pedagógicas direcionadas à profissionalização dos alunos, coletamos depoimentos de professores que atuaram na escola nos seus primeiros anos de funcionamento. Entrevistamos alunos que se projetaram profissionalmente, no mercado de trabalho em Poços de Caldas, também como consequência da educação recebida na escola. A educação profissionalizante proposta pela EDB, ao longo de sua trajetória histórica, teve como objetivo a formação de artesãos para atuação em oficinas domiciliares, como no caso de Jamil Gonçalves e também na preparação de trabalhadores especializados para desempenho de atividades em diferentes áreas. Observamos que, ao longo de sua trajetória, os objetivos de formação foram sendo revistos para adequação da proposta ao desenvolvimento da cidade e respondendo às empresas que passaram a apoiar a instituição.

As estratégias de ação que mobilizaram a comunidade para a organização do Memorial foram investigadas em todos os depoimentos, visando a um recorrente processo de reflexão, exigido pela proposta da metodologia da pesquisa ação (THIOLLENT, 2005).

Algumas considerações tornam-se pertinentes no que diz respeito à produção e divulgação desse vídeo documentário. Em primeiro lugar, trata-se de um momento de comemoração dos sessenta anos de funcionamento da EDB e pode traduzir o desejo da comunidade na permanência de suas propostas político – pedagógicas, objetivando o direcionamento das atividades escolares profissionalizantes voltadas para os grupos populares. Portanto, todo o processo de organização do Memorial é enfatizado, devido a sua importância para que, ao registrar, documentar e divulgar a história dessa instituição escolar haja um movimento forte, coeso e organizado, buscando que a originalidade de suas propostas seja mantida.

Para finalizar, é necessário ressaltar que, a pedido da direção, neste momento festivo e de celebração, não seria relevante enfatizar a presença recente dos padres salesianos, uma vez que não participaram da construção da escola ao longo de todas essas décadas. Por outro lado, como pesquisadora que não integra a comunidade e, portanto, mantém um necessário afastamento a ausência de depoimentos dos integrantes da Congregação dos Salesianos nesse vídeo documentário pode nos indicar uma dificuldade de aceitação da comunidade escolar, referente a uma ingerência ‘externa’ em assuntos políticos pedagógicos da escola.

A produção e a divulgação desse vídeo documentário podem corroborar com as estratégias de lutas e resistências adotadas por esse representativo grupo que aposta também nos recursos audiovisuais como forma de divulgação, pois ao serem divulgados, emanam uma certa magia que atinge todos que estejam mais ou menos familiarizados com estes veículos. Magia, porque permite ver/ouvir uma parte de si e de sua cultura representada, impregnada (num objeto, foto ou vídeo) e assim transformada em discurso ou objeto de valor cultural. (HARTMANN, 2004).

#### 4.4. *Casa Museu*<sup>92</sup> - *Objetos e livros recontam o passado.*

Em uma tarde de outubro de 2007, os pesquisadores encontram reunidas sobre a mesa da sala principal da casa que abrigou Dona Maria e seus sobrinhos órfãos, durante vários anos de suas vidas, peças de louça pintadas por ela. Isso nos faz lembrar os depoimentos que relatam como nas tardes frias da cidade, os moradores e visitantes, por anos a fio, foram presenteados com xícaras de chá de ervas colhidas manualmente, que acompanhadas com bolachas, biscoitos e pães confeccionados com massas caseiras sobrepostos em toalhas de crochê, compunham um cenário de aconchego.

Esta moradia localizada no interior da escola foi palco de decisões importantes que contribuíram para a consolidação dos cursos profissionalizantes oferecidos, no decorrer das seis décadas de funcionamento da EDB. Os móveis de madeira projetados na marcenaria do Sr. Jamil, seu principal mestre, cerâmicas modeladas e pintadas nas oficinas artesanais, cortinas tecidas pelas mãos de Dona Maria, sediavam as longas conversas entre professores, pais, amigos, funcionários e pessoas que se aproximaram da escola para apoiá-la.

Este hábito de preparar mesas para encontros tinha na maioria das vezes, objetivos definidos: a sensibilização para os problemas que enfrentavam crianças e jovens provindos das classes populares. Os detalhes sobre a arte e a elegância de Dona Maria em receber visitas são minuciosamente evidenciados por professoras que compartilharam com ela histórias em tempos passados.

Mestras, que atuaram na escola em décadas atrás, agora se encontram, semanalmente, para organização de objetos que pertenceram aos amigos e professores inseparáveis: Maria e Carlos. Atuais alunas e funcionárias compartilham a experiência de organização de documentos com as idosas que selecionam, sistematizam e conservam um acervo carregado de histórias vivenciadas por elas. As fichas catalográficas ganham um sentido especial, quando

---

<sup>92</sup> A Casa Museu foi instituída no local em que habitaram em momentos distintos, os fundadores da Escola Profissional Dom Bosco. Primeiramente, Profa. Maria Aparecida Figueiredo e, nos seus últimos anos de vida, Padre Carlos Henrique Neto. Ela se encontra localizada no interior da EPDB e sua escolha partiu da decisão dos membros da Comissão de Implantação do Memorial Padre Carlos, pela sua representação e significado da trajetória histórica dessa instituição escolar. (Relatório CMU 2006).

além da descrição dos documentos, apresentam também a versão do seu uso por atores que estiveram presentes em diferentes ocasiões e experiências.

Em uma pequena mesa iluminada graças a grandes janelas que permitem a vista das ruas do bairro, uma jovem ex –aluna deposita uma caixa de papelão em que chaveiros, canivetes, isqueiros, cuidadosamente embalados, são retirados dos seus invólucros para serem expostos. Há uma mobilização para que alguns objetos, ao serem evidenciados, possam revelar o perfil dos fundadores da escola: Maria, uma especial artesã, Carlos, um obstinado colecionador.

Padre Carlos, após o falecimento de Dona Maria, residiu nessa mesma casa, permanecendo nela até seus últimos de vida. A cadeira macia e confortável, coberta por uma manta de tear, alguns de seus preferidos livros, almofadas coloridas, abajures artesanalmente produzidos nas oficinas da escola, miniaturas em cerâmica, estão recompondo o ambiente da ampla e arejada sala, um precioso local de encontros e de importantes decisões.

*“Esta casa para nós traz muitas recordações. Lembro-me bem dos cafezinhos que tomávamos com a Maria e depois com Padre Carlos, quando longas conversas eram travadas. Passávamos horas e horas conversando sobre a escola. O padre recebia muitas visitas, aqui. Recebia todos sempre muito bem”.* (Dona Olga Monteiro) (26.01.2004)

Este desafio de recomposição de cenas e de exposição de objetos que traduzem gostos e hábitos de Padre Carlos e Dona Maria, exigiu um trabalho anterior de higienização, catalogação e guarda das peças realizado com a assessoria do CMU.<sup>93</sup> Em salas especialmente climatizadas, objetos foram devidamente armazenados na reserva técnica. Passam por nova

---

<sup>93</sup> Consta como objetivos apresentados pelo projeto do CMU: a criação de espaços de representação da memória da escola; a recuperação e preservação de documentos os quais transformados em objetos históricos, formam uma coleção que possibilitará ao observador traçar percursos que irão lhe mostrar os aspectos político – sociais da instituição. Eles constituirão base para estudos e fontes de informações que deverão dialogar com outros fragmentos reunidos para melhor reconstituir a história da EDB. (Projeto CMU 2003)

Esse sub-projeto também contemplou atividades que dinamizaram e otimizaram o uso da biblioteca da escola. A proposta de reorganização e modernização da Biblioteca da Escola Profissional Dom Bosco trouxe inserida também a reunião e recuperação de suportes diversos, hoje tratados como fragmentos da história ou objetos de recordação. Essa proposta possibilitou também a preservação da memória impressa, uma vez que o acervo de uma biblioteca escolar evidencia a proposta educativa de tal instituição. Funcionários e estagiários foram orientados para que o acervo e sua disponibilização à comunidade fossem organizados dentro dos padrões científicos. Após esses anos de trabalho junto ao CMU, a biblioteca modernizada proporciona um acesso mais rápido ao acervo, como também promoveu um controle mais efetivo para empréstimo, visando a sua preservação. (Relatório CMU 2006).

Fotos: Marcos Peron.



Entrada da Casa Museu.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



seleção temática e são ‘chamados à baila’, usando uma expressão do linguajar mineiro, para a proposta de recomposição do cenário de vivência na casa.

A conversa animada entre antigas professoras é interrompida pela presença de alunos e professora, que chegam ao local, para visitarem uma exposição montada no interior da casa, tendo em vista o lançamento de um selo comemorativo do aniversário de Padre Carlos, um exímio filatelista. A empresa de Correios e Telégrafos, em reconhecimento do trabalho realizado pela EDB em Poços de Caldas, idealizou um selo postal registrando o Memorial Padre Carlos.

Dona Olga Monteiro direciona-se ao grupo e, com um carinhoso abraço, cumprimenta sua ex – aluna e atual professora da escola. Conversam, primeiramente, com as crianças sobre suas experiências profissionais anteriores, quando atuaram conjuntamente nesta mesma instituição de ensino. Em seguida, relata aos presentes o objetivo dessa exposição:

*“Vocês sabem o que é uma Casa Museu? Não!? Então, hoje vão conhecer uma. Vou contar a vocês. Eu posso contar a história dessa casa, pois já trabalhei aqui nesta escola. Aqui neste local, guardamos muitas histórias do Padre Carlos, da Dona Maria e da escola também.*

*Olha, o Padre, o fundador dessa escola, gostava muito de colecionar. Vocês tem coleções??? De moedas??? Vejam bem, que curioso: O Padre também gostava. Ele tinha coleção de canivetes, de isqueiros, de moedas, de canetas e de selos. Vocês podem ver alguns nas vitrines. Temos mais de mil selos. E cada um é guardado em um lugarzinho especial. Vejam esta cartela amarela! Os selos são ali guardados. E a gente não toca os selos, porque nossas mãos têm uma gordura, que pode danificar o documento. E guardamos os selos com muito cuidado. Cada selo tem uma ficha grande em que escrevemos: o nome do selo, seu tamanho, seu valor, sua origem, qual o desenho do selo: um avião, um retrato ou uma flor. Então, prestem atenção porque tem selos de muitos lugares e todos diferentes. Agora tem um selo nosso que representa a nossa escola. No mês de outubro, seria o aniversário do Padre Carlos, se ele fosse vivo. Vocês não o conheceram. Vocês são pequenos e ele já morreu já faz um tempo. Mas nós que somos velhos, nos lembramos dele. Então, a gente recorda com muita saudade e para comemorar seu aniversário, foi feito um selo especial, que traz a imagem da varanda desta casa, que foi por onde vocês entraram. E também tem um passarinho chamado ‘Dançador’. O Padre Carlos tinha álbuns muito bonitos de selos, como os cadernos de vocês que são caprichados. Vejam quantos selos diferentes: o primeiro selo foi feito no Brasil, era igual a esse que se chamava ‘Olho de Boi’.*

Com cuidado e atenção às perguntas e às curiosidades das crianças vai detalhando o trabalho realizado por sua equipe na organização do acervo de objetos. Relata histórias com autoridade de quem as vivenciou. O silêncio entre as crianças, seus olhares curiosos e a vontade de transmitir o passado dessa escola, em que atuou em seus trinta anos de magistério, levam Dona Olga à exibição de fotos que contam um pouco sobre a trajetória da EDB.

*“Estão vendo essa foto? Ali, foi a primeira casa onde funcionou a Escola Dom Bosco. Era uma casinha velha!!! Ficava perto do local em que hoje está a Escola Pio XII. A gente andava e o chão balançava, pois os tacos eram velhinhos. Agora vejam a escola de vocês, que beleza!!! Como cresceu!!! Tudo isso foi resultado do trabalho de muitas pessoas, inclusive daquelas professoras que estão ali na sala ao lado, arrumando as coleções do Padre para vocês conhecerem também. São as professoras: Ethel Manucci, Yeda Tarquínio e Terezinha Nogueira”.*

Louças, selos, máquinas fotográficas e diversos objetos já se encontram à disposição para serem apreciados e seus usos e funções podem ser investigados por aqueles que assim desejarem. Vários objetos foram selecionados e catalogados. Há registros de sua origem, estado de conservação, suas dimensões, enfim, uma detalhada ficha de descrição acompanha a guarda do acervo.

Exposições temporárias desse material foram organizadas e, cada vez mais, moradores do bairro, alunos, pais e professores têm percorrido os corredores da casa que trazem à tona histórias e memórias. Vitrines confeccionadas na marcenaria da escola foram projetadas para abrigarem o acervo em diferentes suportes: fotos, documentos, trajes e objetos.

Nesse sentido, podemos considerar que o projeto do Memorial Padre Carlos foi concebido como ‘vivo’, uma vez que a mensagem a transmitir também é da ordem da presença, do afeto e da rememoração. O público move-se, comenta, vê e participa. Mas, muitas das suas mensagens permanecem de natureza não verbal, resultado entre o diálogo estabelecido entre o visitante e as peças expostas, no contexto do discurso expositivo.

O estúdio de Rádio Amador, local em que Padre Carlos passava horas, comunicando-se com diversas regiões do país e do exterior, permanece intacto e pronto para ser reativado. Uma grade de madeira torneada faz a separação dessa pequena sala com o corredor da entrada principal da casa que, apesar da delimitação de um local reservado, não impedia a visão e contato com outras pessoas com o operador em atividade. Ali, permanece um espaço convidativo

Fotos: Marcos Peron.



Interior da Casa Museu. Local onde Padre Carlos recebia visitas. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

para desvelar quais pessoas e lugares foram alcançados pelas ondas curtas, que permitiam ao Padre Carlos travar diferentes relações.

Algumas imagens sacras presenteadas aos fundadores da escola ou mesmo aquelas que foram modeladas nas oficinas artesanais, estando devidamente conservadas, quando expostas e observadas pelo público, permitem aos amigos mais próximos relatarem como Dona Maria conduzia os preparativos para as comemorações religiosas. Primorosa artesã, ela confeccionava muitos dos paramentos utilizados pelo Padre no exercício de suas funções religiosas.

Ao receberem informações sobre o adequado acondicionamento de tais vestimentas e tomando providências para mantê-las íntegras, seja bordando etiquetas para identificação ou guardando-as no armário localizado no quarto de Padre Carlos, professoras e funcionárias de tempos passados relatam os rituais religiosos que, simples e singelos, traziam à escola moradores do bairro, que se aproximavam dos diretores da escola para conversas informais ou aconselhamento.

*“Eu me lembro bem das missas rezadas por Padre Carlos. Todos gostavam muito. Aos domingos o galpão ficava repleto de pessoas. Missas simples e curtas permitiam sempre no final a aproximação de pessoas que vinham conversar com o padre, pedindo-lhe muitas vezes conselhos para seus problemas. Depois das missas íamos jogar bola, como também passear pelos campos. Cinema sempre no final da tarde!*

*Ah, agora a Dona Maria era muito carinhosa. Aconselhava-nos muito. Ela era o coração da escola. Não tem um aluno que tenha passado por ela, que não reconheça seu esforço para um boa educação dos meninos e meninas”. (Jamil Gonçalves ex mestre de oficinas e professor, 17.06.2004)*

O conjunto de obras, materiais pedagógicos, mobiliários que foram recolhidos e inventariados constitui o Memorial como um lugar, ao mesmo tempo real e irreal. Nos termos de Felgueires (2004:110):

*Podemos considerá-lo como um lugar do nosso imaginário, de um mundo irreal que os prolonga, tornando-o presente como uma voz que nos interpela. Os desdobramentos dessa voz no nosso cotidiano contribuirão para questionarmos mitos, paradigmas e realizações da educação, do presente e do passado.*

Segundo Chagas (2003), os agentes museais na atualidade confrontam-se com dois movimentos de memória. O primeiro volta-se para o passado como lembrança que aliena o sujeito do seu tempo e um outro que se orienta para o presente. Remeter-se ao passado, sem a perspectiva da mudança, pode implicar na comemoração da ordem estabelecida. Ao passo que, orientar-se para o presente implica em operarmos com a vida que se instala no limiar do instante.

As instituições – memória muitas vezes são responsabilizadas como local de guarda dos bens materiais. Nos museus geralmente estão guardados os testemunhos materiais de determinados períodos históricos. Torna-se *mister* atestarmos que a estes testemunhos materiais estão associados valores simbólicos de diferentes matizes. A tentativa de construção de uma tradição, que possa vincular o presente ao passado, acaba tornando-se um grande desafio de instituições que optam, por assim dizer, por uma memória insubmissa. A memória provocada ou espontânea é produto de uma construção e não se encontra aprisionada nas coisas e, sim, situa-se na articulação entre os seres e suas diferentes temporalidades.

Nora (1984) reconhece que os museus são lugares herdeiros de memória e de poder. A constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre da vontade política de indivíduos e de grupos que concretizam determinados interesses. Para esses museus, a celebração do passado consiste no seu principal objetivo, sendo que as relações entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas têm favorecido esta concepção museal. Nos termos de Chagas (2003: 2)

*Eles tendem a se constituir em espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos. Os objetos (seres e coisas) para os que alimentam estes modelos, são coágulos de poder e indicadores de prestígio social.*

Quando nos deparamos com o movimento de organização do Memorial Padre Carlos, podemos pensar no exercício do poder da memória a serviço do desenvolvimento social e na sua apropriação teórica e prática por grupos e indivíduos que a utilizem como ferramenta de intervenção política. Chagas (2003), ainda ressalta:

*O museu que adota este caminho não está interessado apenas em ampliar o acesso aos bens culturais acumulados, mas sobretudo, em socializar a própria produção de bens, serviços e informações culturais. O compromisso, neste*

Fotos: Marcos Peron.



Visita de alunos da EDB, monitorada por D. Olga Monteiro. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



*caso, não é com o ter, acumular e preservar tesouros, e sim com o ser espaço de relação, capaz de estimular novas produções e abrir-se para a convivência com as diversidades.*

Quando a equipe gestora do Memorial Padre Carlos organiza exposições itinerantes pela escola e pela cidade, permitindo um diálogo entre gerações e entre diferentes fontes documentais, podemos discutir sobre os movimentos de resistência que implicam na construção de estratégias que favoreçam a troca, o intercâmbio e o fortalecimento dos grupos envolvidos que desejam ter suas histórias preservadas e divulgadas. Professores de tempos passados colocam em evidência as práticas didático- pedagógicas que deram suporte ao projeto político de educação profissionalizante; ex alunos são convocados a imprimirem suas versões aos acontecimentos do passado; atuais professores, funcionários e membros da comunidade local participam da organização das exposições, desde a escolha do tema, até a seleção dos documentos e, dessa forma, problematizam o passado à luz dos seus problemas do presente.

A equipe responsável pela organização da casa museu optou por registrar suas experiências em um diário de campo. Em uma agenda, descrevem, passo a passo, o contato com os especialistas do CMU<sup>94</sup>. Desde o primeiro dia de atividades no Memorial, marcam minuciosamente suas dúvidas, suas expectativas, suas dificuldades e suas conquistas. A partir desse documento podemos constatar como foram se apropriando dos conhecimentos relativos à sistematização de um acervo de objetos: desde a etapa de higienização e catalogação, até a organização de exposições. Em uma de suas anotações, encontramos a seguinte observação:

*“Conversamos muito sobre os procedimentos para organização das exposições. Foi-nos chamada atenção para decidirmos sempre em grupo. As tomadas de decisão são coletivas. Estamos escolhendo o nome para nossa primeira exposição que vai lançar o Memorial como um espaço para visitaçào. Louças produzidas por Dona Maria serão selecionadas para iniciarmos esse trabalho”.*

---

<sup>94</sup> As primeiras oficinas foram destinadas à orientação geral sobre seleção, identificação, guarda e preservação dos objetos que compõem o acervo da Casa Museu. Objetivos: orientação quanto à formação da coleção de objetos e seleção; identificação, guarda e preservação dos livros que irão compor os acervos das bibliotecas EPDB/FAM; Plano Geral de Classificação: Thesaurus Museal; higienização das peças; guarda e conservação de material museológico; catalogação de objetos; preenchimento das fichas; registro fotográfico das peças; embalagem; Reserva Técnica: orientação quanto à ambientação do local (umidade/temperatura e luminosidade). (Projeto CMU 2003)

Neste diário, estão documentadas todas as instruções que receberam para a sistematização de exposições, que organizaram ao longo dos quatro anos de atividades no Memorial. Inicialmente, ao receberem as orientações técnicas sobre os procedimentos necessários para que os objetos fossem devidamente organizados para serem apreciados pela comunidade, foram monitorados pela equipe do CMU, para que o trato com essa documentação histórica estivesse dentro dos padrões técnicos e científicos.

Atualmente, de maneira autônoma e independente, selecionam os temas e organizam aspectos do acervo para serem expostos. Com desenvoltura envolvem todos integrantes dos diversos setores do Memorial para a seleção da documentação, como também definem os procedimentos para a recepção do público.

Vale ressaltar a exposição de material didático pedagógico promovida para comemoração dos sessenta anos de fundação da EDB. Professoras aposentadas se reuniram para a escolha do material a ser exposto e para recuperar a história de sua utilização, organizaram oficinas com os funcionários do Memorial para a elaboração de um roteiro que os orientasse para o contato com os visitantes. As propostas educativas das atividades do passado foram evidenciadas, permitindo a recuperação de algumas práticas pedagógicas que deram suporte ao ensino profissionalizante.

Dona Olga, ao se dirigir aos alunos que estão visitando uma Casa Museu, relata como esse local está sendo cuidadosamente preparado para visita e exposição dos documentos pertencentes aos dois professores fundadores. A especialista do CMU, responsável por esse projeto, Rosaelena Scarpelini<sup>95</sup>, assim define esse lugar de memória:

*“O espaço da casa traz inserido nele a vida de seu proprietário e de seus familiares, que ali viveram por tempo longo ou curto e construíram um espaço com usos e significados próprios. Abrange também as teias extras familiares compostas por amigos, vizinhos, negócios e empregados. Envolvem também seus hábitos culturais e intelectuais, alimentares e de higiene, religioso e de lazer formando um conjunto de relações que servem de ponte entre o público e o privado. Assim, podemos dizer que a casa articula o privado e o público, de acordo com o tempo ou interesse de seu proprietário. A casa enquanto espaço sociológico, é capaz de despertar emoções, reações, orações, músicas e imagens. Assim, a maneira de morar revela o espírito de seu morador e o momento histórico no qual está inserido. Dentro da casa morada, rodeados com seus*

---

<sup>95</sup> SCARPELINI, Rosaelena. Lugar de Morada *versus* Lugar de Memória: a construção museológica de uma Casa Museu. Anais do V Seminário de Memória. Disponível em <http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos.html>

Fotos: Marcos Peron.



Exposição montada no interior da Casa Museu, tendo em vista o lançamento de um selo comemorativo ao aniversário de Padre Carlos, um exímio filatelista. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.



*objetos e equipamentos do cotidiano de seu proprietário, podemos adquirir conhecimento sobre ele e suas práticas culturais e sociais”* .

Em uma casa museu, cada detalhe poderá detonar lembranças e memórias. Dessa feita, a pesquisa sobre o objeto poderá trazer a compreensão do cotidiano e a vivência dos personagens em determinado espaço e tempo, se esse espaço, estiver organizado para tal. Os documentos não serão vistos como ilustrativos ou decorativos. Eles poderão narrar os tempos do passado. Remetendo-nos às experiências de vida de seus proprietários os contextos sociais e políticos de uma determinada época poderão ser analisados. (BOSI, 1994).

A funcionária do Memorial e ex-aluna, Renata Morais Pacheco, declara que a organização do acervo tem sido possível graças à participação de professoras, que vivenciaram experiências ao longo da história da EDB e trazem suas interpretações sobre a utilização dos objetos, que contam e recontam as trajetórias de vida de seus fundadores. Constatamos, portanto, a intensa relação da organização do acervo documental com a coleta de depoimentos orais:

*“Trabalhar no Memorial para mim sempre foi muito importante. Estou na escola desde pequena e, agora, organizando objetos que fizeram a história dos seus fundadores. Tem sido muito importante para mim, pois tenho que considerar as pessoas que trabalham comigo nesse seção, porque são antigas professoras. Vale a pena mencionar seus nomes: Dona Olga, Ethel, Yeda e Terezinha. No começo eu fiquei um pouco ‘cismada’ por elas serem idosas. Como eu era muito nova, tive receio se elas gostariam de mim e mesmo se eu daria conta do recado. E, com o tempo fomos nos adaptando. Fui me sentindo valorizada por elas. Com quase quatro anos de trabalho, eu vejo que aprendi muito, mas muito mesmo com elas. Tanto no aprimoramento do palavrado, quanto na minha vida pessoal mesmo. Ouço com atenção os casos que elas contam. Eu percebo que elas gostam de relatar histórias para mim. Elas já me confessaram que gostam de trabalhar comigo, por eu ser mais nova. Que eu dou atenção para elas. Eu gosto muito disso. A Dona Olga gosta muito de contar sobre o passado: histórias aqui da escola, coisas que aconteceram, os casos engraçados com o Padre e os acontecimentos com os alunos.*

*Organizar os objetos na presença dessas professoras é muito fácil, pois elas os conhecem muito melhor do que eu. Então, por exemplo, se estamos trabalhando um objeto, elas contam a história daquele objeto. Uma deu de presente para a Dona Maria, a outra tem um igual. Eu fico sabendo a história daquilo que eu estou trabalhando. Isso é muito diferente!*

*Tem uma história engraçada: Catalogamos um isqueiro do Padre, que é muito bonito. Ele é musical. Dona Olga contou-me que numa certa ocasião ganhou aquele isqueiro. O padre neste mesmo evento ganhou um outro presente. Mas ele ficou olhando para o isqueiro e decepcionado, ficou zangado. Pois ele o queria*

*para sua coleção. Então, ela o presenteou. Isso só afirma o quanto ele gostava de colecionar coisas”. (11.12.2007)*

Frisch (1990) discute uma forma de localizar o papel social particular entre os dois pólos que ele denomina de “mais história” e “anti-história”. A aproximação que ele denomina de “mais história” é a contribuição que a história oral dá aos aspectos reveladores do passado que não são acessíveis por meio de fontes documentais mais convencionais.

Com o uso de entrevistas, os historiadores orais têm acesso às experiências pessoais, aos relatos de testemunhas, e às memórias de pessoas cujas perspectivas poderiam ser, de outra forma, ignoradas ou negligenciadas.

A ligação com a subjetividade significa a consciência das próprias necessidades e desejos dos entrevistados durante o processo da entrevista. Entre os historiadores orais existiu uma lenta percepção, uma que é raramente lembrada como parte do processo formal de coleção de dados. Muitos, contudo, tiveram seu próprio momento particular de consciência, um momento em que se tornou claro que a experiência de ser entrevistado é tão proveitosa para o entrevistado quanto para o entrevistador.

A Casa Museu foi sendo organizada a partir de reflexões e de tomadas de atitudes que, ao organizar esse espaço como lugar de exposição, permitiram a valorização das coleções recolhidas. A marca de identificação do museu passou a ser o lugar de memória que privilegia exposições temáticas que partam das solicitações da comunidade e acompanhem e apoiem a própria investigação dos diversos públicos que a procuram.

Dessa maneira, pensamos na organização de um espaço vivo de memória, como nos aponta Felgueires (2004). Segundo tendências da “nova museologia”, tornar vivo é tornar presente, necessário na vida, no cotidiano, ou seja, nas nossas rotinas.

Por isso, pretendemos desde o início criar uma dinâmica de participação para vários setores da comunidade, para recriarmos no presente os hábitos de lazer, de estudo, de pesquisa, de troca de informações visando a sua atualização. A essa concepção de museu como espaço de encontros, que prolonga o seu conteúdo como uma voz no nosso tempo, designamos de “museu vivo”.

Fotos: Marcos Peron.



Para finalizar essa etapa de organização de um museu presente e vivo acentuo um fato recente que marca a luta política dessa comunidade na preservação e manutenção de suas memórias escolares. Em novembro de 2007, como coordenadora geral do Memorial, fui chamada pela diretora da escola, para tomar conhecimento de uma correspondência emitida pelo Conselho Inspetorial São João Bosco, redigida pelo seu representante, Padre Ovídio Geraldo Zancanella.<sup>96</sup> Tratava-se de uma avaliação dos cinco anos de atuação dos salesianos em Poços de Caldas, na Escola Profissional Dom Bosco, concluída e expressa em um relatório enviado ao Sr. Bispo Diocesano de Guaxupé, Dom José Lanza. Consta do final desse documento:

*“E estamos convictos de que a permanência da filosofia de trabalho, não dependeu da presença dos salesianos, uma vez que a Escola é dirigida pela senhora Maria José Barbosa, fiel colaboradora do Padre Carlos Henrique Neto e atual presidente da FAM. Após um pequeno histórico e considerações estou, em nome do Conselho Inspetorial, comunicando ao Sr, Bispo, Dom José Lanza, que a partir de 2008, os salesianos não poderão continuar presentes nesta obra de Poços de Caldas.”*

Referindo-se á direção da EDB assim argumenta:

*“O momento atual da Inspeção não nos permite mantermos salesianos nesta obra. Esta caminha com segurança de acordo com o carisma de seu fundador Padre Carlos”.*

Em início de 2008, os salesianos estarão ausentes da administração da escola. O corpo docente foi comunicado dessa decisão no final do ano letivo. Segundo a direção da EDB, após uma longa conversa com o bispo, houve a indicação de um padre secular para as atividades religiosas que a escola oferece a partir do próximo ano. Esse padre secular não integrará o Conselho da FAM.

Considero que a comunidade deverá permanecer atenta aos novos passos propostos pela Diocese, que devem ser orientados pelos reais interesses da Igreja Católica nessa troca de representantes, como também atentar para a reação do bispado, a partir do movimento de

---

<sup>96</sup> Correspondência enviada em 01 de outubro de 2007.

resistência e construção da memória escolar traduzido pelo desejo do grupo de manter-se coeso à filosofia de Dom Bosco que originou a proposta da escola.

O reconhecimento sobre a importância do trabalho desenvolvido pela escola nos tempos em que Padre Carlos e Dona Maria dirigiam as atividades direcionadas aos grupos populares parece ter influenciado a decisão da não permanência dos padres salesianos. Portanto, o que pudemos constatar foi a incompatibilidade entre as posturas educativas dos salesianos com o projeto político pedagógico adotado pela EDB, ao longo de sua história. Evidentemente, as consequências desse rompimento do contrato merecem ser investigadas detalhadamente em pesquisas posteriores.

O valor atribuído ao carisma do fundador da escola, Padre Carlos Henrique Neto, anunciado pelo inspetor da Ordem Salesiana como sendo o motivo principal da não necessidade da permanência destes em Poços de Caldas, nos leva a pensar sobre a importância do trabalho desenvolvido pelo Memorial. Como dito anteriormente, a ideia de organização do Memorial Padre Carlos surgiu da comunidade empenhada na preservação das propostas originais da escola.

As atividades desenvolvidas pelos padres salesianos acabaram entrando em conflito com os objetivos político - educacionais da EDB e o fato que mais definiu e marcou diferenças significativas foi a rejeição quanto à adoção dos livros didáticos editados pela Ordem dos Salesianos. Professores, coordenadores, funcionários, pais e alunos se mostraram resistentes às mudanças propostas que dificultariam a inserção e participação dos filhos de famílias pertencentes aos grupos populares.

Como ressaltou o professor Everaldo Rodrigues Ferreira, atualmente, a escola localiza-se em um bairro que, com o crescimento da cidade, não se encontra mais na periferia e com isso algumas famílias pertencentes à classe média, embora minoria, têm procurado pela escola. Mas com o valor das mensalidades bem abaixo do mercado das escolas da rede privada, na sua maioria os alunos, vêm de famílias com baixo poder aquisitivo e residentes em bairros mais afastados.

Consultando e analisando os depoimentos constantes do banco de história oral, podemos constatar o interesse marcante de diferentes segmentos da comunidade escolar e local com a continuidade das características educacionais da EDB que visam à profissionalização de

Fotos: Marcos Peron.



Equipe preparando a exposição de coleções de Padre Carlos: chaveiros e canivetes. Outubro 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos.

membros dos grupos populares.

Referindo-me à recuperação da memória como possibilidade de resistência política e ao processo de *empoderamento* dos grupos populares nesse movimento estudado, parto para as considerações finais, com a convicção da necessidade do prosseguimento de pesquisas que acentuem o poder de luta de comunidades que optaram por manter viva sua memória.



Entrada da Casa Museu. Da esquerda para direita, vê-se: Lílian, D. Terezinha, D. Olga, D. Yeda, D. Ethel. Outubro de 2007.  
Fonte: Memorial Padre Carlos

## 5. Considerações Finais.

As táticas e as estratégias escolhidas e praticadas pelos pesquisadores e membros da comunidade escolar para a resolução dos problemas surgidos com a morte de Padre Carlos, contaram com a coleta de depoimentos orais em todas as etapas, desde a identificação das expectativas do grupo, seguido das aplicações das propostas para o exercício da resistência a uma situação indesejada, até a análise dos resultados da mesma frente às implicações no relacionamento com a Congregação Salesiana. O conteúdo dos encontros promovidos pela equipe gestora dependeu largamente do que o grupo compreendeu das questões provindas dos diálogos, que delinearão as relações entre os participantes desse movimento.

Portelli (1997), quando se refere às fontes orais, acentua os significados para os atores e autores que vivenciam pesquisas participativas, como ocorreu neste processo de organização de um Memorial Escolar com amplo envolvimento da comunidade. Refletindo sobre todas as fases de organização do acervo documental da EDB, constatamos que pesquisados e pesquisadores não saíram indiferentes. As trocas e as descobertas deram a tônica das relações estabelecidas entre os diversos sujeitos.

*“A comunicação sempre funciona de ambos os lados. Os entrevistados estão sempre, embora discretamente, estudando os entrevistadores que os ‘estudam’. Os documentos da história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente. (...) O conteúdo das fontes orais depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais”.* (idem: 35-36)

Membros dessa instituição escolar saíram fortalecidos com os resultados alcançados, pois suas estratégias de resistência, pelo menos nesse primeiro momento, foram favoráveis ao interesse de manterem a EDB fiel aos seus propósitos educacionais iniciais. Alunos, funcionários, professores, coordenadores e pais conseguiram assegurar o direito de permanecerem em uma unidade escolar, voltada para as classes populares de Poços de Caldas.

Alunas bolsistas participaram de todo o projeto de sistematização do Memorial. Orientados pelos especialistas do CMU, puderam apropriar-se de conhecimentos técnicos e

teóricos para a conservação, a preservação e a divulgação de documentos históricos. Atualmente, podemos dizer que são consideradas profissionais nesta área, pois além de funcionárias da EDB, são solicitadas por outras instituições – memória da cidade para auxiliarem projetos semelhantes. A conquista de um trabalho remunerado no Memorial possibilitou a inserção dessas ex - alunas em cursos superiores.

Professores e professoras que atuaram durante várias décadas na EDB, puderam participar ativamente da organização de documentos, que registram a história escolar também construída por eles. Relatam a importância dessas atividades em seus tempos de velhice.

Memória e história são consideradas processos sociais, pois se referem às construções dos próprios homens e às suas experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade. Pesquisados e pesquisadores puderam entrar em contato com comportamentos e mentalidades coletivas, durante o processo de coleta e socialização dos depoimentos orais, que potencializaram o caráter heterogêneo e essencialmente dinâmico de captação do passado, segundo a visão de diferentes depoentes. (NEVES, 2000).

Após o processo técnico e científico de organização das diversas fontes documentais, o acervo da EDB está disponível para pesquisas com as possíveis leituras de documentos textuais e iconográficos, de objetos, de trajes e de depoimentos orais. Estes materiais foram fundamentais para uma análise e para a elaboração de uma história do tempo presente da instituição, por meio da intertextualidade proposta por Mauad (1997) e considerada como a possibilidade do pesquisador de definir a tessitura cultural da época analisada.

Essa mesma intertextualidade compôs as leituras realizadas pelos indivíduos que participaram das equipes gestoras do Memorial e, lançando mão de diferentes suportes documentais, registraram suas interpretações sobre a importância da EDB, tanto para suas trajetórias individuais, quanto para as coletivas. E, paulatinamente, ora como pesquisadores, ora como pesquisados, foram tomando consciência dos seus problemas e das soluções pertinentes às suas expectativas e necessidades.

A intertextualidade defendida por Mauad (1997) concebe os textos como suportes de práticas sociais, definidas e ancoradas no princípio que cada texto produzido depende daqueles que o antecederam e o sustentam. Nas exposições realizadas e no vídeo documentário produzido, os textos visuais dialogaram com os depoimentos orais e sendo assim, puderam fornecer sentido

ao conjunto das relações sociais historicamente elaboradas. Partimos do pressuposto de que a interação entre as dimensões textuais, orais, fotográficas e fílmicas demanda a análise de linguagens específicas. Portanto, cada documento passou pelo processo científico de recuperação, conservação, sistematização e análise conforme suas especificidades. A intertextualidade não ocorre como uma característica imanente dos diversos tipos de documento, mas sim, naquilo a que se referenciam.

A organização do Memorial Padre Carlos foi consolidada como resultado de um processo de lutas coletivas que, segundo Simson (2000), podem ser conquistadas, se forem sedimentadas em uma mesma bagagem cultural. A recuperação da memória de forma compartilhada é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos envolvidos e os leva a enxergar com outra profundidade seus problemas comuns.

A partir da coleta de depoimentos orais, da observação participante e da pesquisa ação que sustentaram a metodologia desta pesquisa, tornaram-se notáveis as preocupações de membros da comunidade com os novos rumos da escola, devido à inserção dos Padres Salesianos. A preservação e divulgação da memória dessa instituição escolar que vem se responsabilizando pela formação de profissionais pertencentes aos grupos populares, podem ser consideradas como uma tática de resistência às futuras ingerências que maculem e alterem a originalidade das propostas político-pedagógicas implementadas pelos seus fundadores e concretizadas pelo envolvimento de toda a comunidade.

O projeto político - pedagógico da escola sempre priorizou o envolvimento das famílias e dos membros do bairro e da cidade nas atividades desenvolvidas. Conforme constatado em diferentes depoimentos orais, as reuniões pedagógicas promovidas pela escola, ao longo de sua existência, foram palcos de discussões e de encontros entre moradores pertencentes aos grupos de trabalhadores de Poços de Caldas. Os fundadores da escola socializavam com a população seus conflitos e dificuldades que, em diferentes momentos, foi chamada de fato para consulta e participe na tomada de decisões.

Os atores sociais envolvidos nas diferentes etapas da organização do Memorial, de uma maneira ou de outra, identificavam-se com a história de lutas e de conquistas da EDB. Muitos dos participantes desse processo atuam ou atuaram como profissionais na instituição. Alguns empresários, que apoiaram a construção e consolidação dos cursos promovidos pela escola, em tempos passados, ou mesmo os ex-alunos participantes da organização do Memorial,

reconheceram a importância da formação profissionalizante para suas trajetórias. As metodologias propostas e desenvolvidas pela pesquisa foram permitindo, paulatinamente, o envolvimento de diferentes segmentos da comunidade nas várias etapas de organização e divulgação do acervo documental da EDB.

A discussão sobre os novos rumos que a escola poderia vir a tomar, com a morte dos seus fundadores, marcou a política de consolidação do Memorial. E, a partir do momento em que o processo de organização, conservação e divulgação de documentos numa concepção ampliada foi se efetivando, alguns membros dessa comunidade puderam identificar, nos diferentes suportes da memória aspectos de suas histórias de vida e, conseqüentemente, das histórias dos grupos dos quais faziam parte. Dessa forma, a pesquisa foi sendo estruturada para possibilitar, além da recuperação da história da escola, também a reconstrução das trajetórias de atores sociais, que pela educação, construíram processos de ascensão social no contexto local.

Ao remexerem gavetas, ao tirarem poeira de fotos e de documentos antigos, ao selecionarem os documentos que deveriam ser priorizados para higienização e catalogação, ao organizarem exposições para divulgação da história da escola, as vivências escolares e profissionais desses atores sociais puderam ser repensadas. Podemos considerar que os significados dessas experiências permitiram a esses sujeitos uma tomada de consciência da importância de suas conquistas e, portanto, a urgência de um trabalho de conservação dos suportes de uma memória a ser reconhecida local e nacionalmente.

*“Um fato muito interessante acontecia quando ouvíamos histórias contadas por professoras que atuaram na escola em tempos passados. De uma certa forma, comparávamos suas experiências com as nossas de hoje e assim podíamos ir repensando nossas práticas escolares”.* (Laís Cássia Reis – ex-aluna e funcionária do Memorial)

Weber (1974) sustenta que a opção por uma determinada metodologia relaciona-se com os problemas específicos que a pesquisa científica levanta. Nesse caso, o problema em questão demandou uma proposta metodológica que envolveu, a partir do conhecimento dos acervos documentais e sua divulgação, a coleta de depoimentos orais, a realização de observação participante e a promoção da pesquisa ação. A familiaridade com o objeto de pesquisa, por parte dos diferentes segmentos envolvidos, acabou constituindo um aspecto bastante positivo, pois os temas investigados procederam das necessidades apontadas pelas equipes, enquanto o acesso às

informações foi ocorrendo sem o distanciamento entre pesquisadores e pesquisados. Uma das características marcantes da observação participante foi a possibilidade de trazer relatividade à pesquisa, acrescentando também a perspectiva subjetiva dos pesquisados.

Cardoso (1986) enfatiza que a recuperação da subjetividade como instrumento de pesquisa, pode ser entendido como uma comunicação simbólica responsável pela criação de significados importantes para a compreensão da realidade estudada.

Nesse sentido, a ação comunicativa de Habermas (2002) pôde contribuir para o questionamento que envolveu um aprofundamento na dimensão do *mundo vivo*, em que os indivíduos interpretam, constroem e manipulam a realidade social. O padrão comunicativo foi se delineando a partir das táticas que implicaram, tanto a divulgação do acervo, como a resolução dos problemas que iam surgindo, relativos à conservação da memória escolar. Percebemos que a subjetividade inicial dos participantes foi sendo superada, quando, pelo diálogo, puderam definir regras para alcançar seus objetivos comuns. Podemos assim, pensar como Netto (1993:54) que, ao interpretar Habermas, remeteu-se ao conceito da intersubjetividade, pois, graças a um conjunto de convicções, os participantes asseguram-se simultaneamente no mundo objetivo e da relatividade do contexto em que desenvolvem suas vidas.

Para a ação comunicativa, a relação que se estabelece no mundo da vida, configura-se na capacidade dos sujeitos de estabelecerem ações, quando para se entenderem acerca de algo, lançam mão de diferentes recursos de linguagem. Isto significa que a ação entre atores sociais acontece mediante a linguagem, que se configura no intercâmbio comunicativo entre atores. A linguagem torna-se condição básica para a interação social de atores individuais que se comunicam entre si. Para Habermas os atores sociais são vistos como entidades capazes de usar linguagem em contextos comunicativos. Nesse sentido, evita qualquer referência a uma razão entendida como uma entidade que possa existir fora das ações efetivas, para concentrar-se nas razões apresentadas por atores nas suas interações.

A metodologia da pesquisa ação, entendida por Morin (2004) como integral e sistêmica, apresenta-se como participativa em todos os níveis de desenvolvimento, implicando em uma estreita comunicação entre os atores, com vistas a uma mudança significativa, tanto na reflexão, como na ação. Os pesquisadores devem observar a complexidade das interações entre os diferentes componentes e, a partir da intensa relação entre eles, poderá haver um reconhecimento de uma rede de interconexões.

As táticas adotadas pelo grupo responsável pela organização do Memorial Padre Carlos para socialização das experiências podem ter contribuído para a evolução de uma ação comunicativa. Habermas defende uma práxis libertadora estreitamente ligada à crítica que se impõe, devido a um processo contínuo de auto – reflexão. Dona Olga Monteiro em uma das últimas reuniões de avaliação de todo o processo de organização do Memorial argumenta:

*“Daqui em diante, temos que avançar desse estágio que se concentrou na organização da memória e partirmos para propostas efetivas de divulgação aos ex - alunos, ex - professores e ex - funcionários. Temos que pensar em abriremos espaços para que mais pessoas venham atuar na organização dos documentos, para que também tragam suas contribuições. Temos outros participantes da história da EDB, que precisam ser sensibilizados sobre a grandeza desse projeto. Apesar de todo nosso trabalho de organização de exposições, ainda considero que precisamos criar alternativas para que outros sujeitos sejam incluídos nessas tarefas”.*

Os integrantes da Comissão Provisória para Implantação do Memorial participaram das decisões em um processo intenso de diálogo, para que fosse possível, ao refletirem sobre suas experiências de vida, conhecer os aspectos estruturais dessa instituição de ensino profissionalizante e as especificidades que um trabalho de recuperação de memória demandaria.

A partir da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, podemos pensar na função social da metodologia de pesquisa que integrou pesquisadores participantes e membros da comunidade. A promoção da racionalidade comunicativa se fundamentou em processo que possibilitou aos membros do Memorial a formação de uma competência técnica, no trato com a documentação histórica, que lhes foi permitindo uma postura crítica sobre suas histórias de vida.

*“Uma questão muito interessante aconteceu, quando estava desenvolvendo o trabalho de conservação de papéis. Ao manusear documentos oficiais da escola, como no caso das fichas de matrícula dos alunos, os livros antigos com as anotações do Padre Carlos, pois ele ao ler, deixava registradas suas observações, eu pude conhecer melhor a proposta filosófica da escola em que estudei a minha vida toda. A partir disso fui refletindo sobre minhas experiências e pensando sobre a minha vida”.* (Lais de Cássia Reis).

O interesse coletivo de organização de um Memorial contando com a participação efetiva dos pesquisadores, pôde, portanto, levar-nos às implicações de uma metodologia baseada nas

teorias da ação comunicativa e na reflexividade. Tendo como referência a reflexão crítica, defendida por Queiroz (1992), tanto com respeito às teorias, quanto aos procedimentos metodológicos, compreendemos que, além dos documentos já existentes no acervo da instituição, outros suportes foram produzidos como, neste caso, os imagéticos e os registros orais para que novos instrumentos de análises surgissem.

As equipes de pesquisadores procuraram construir, durante todo o processo, uma relação próxima com os grupos envolvidos, para que, junto com os pesquisados, consolidassem uma “comunidade de destino”, como nos aponta Portelli (1997a). A partir de um processo em que as relações entre os indivíduos e o grupo social foram aprofundadas, podemos acentuar um compromisso estabelecido entre os diferentes segmentos participantes.

Dessa forma, pela coleta de depoimentos orais, em que as reconstruções do passado foram compartilhadas e discutidas, podemos refletir sobre a conquista de argumentos políticos que possibilitaram aos grupos sociais pesquisados um certo poder, permitindo-lhes ganhos em suas lutas – o assim denominado processo de *empoderamento*, resultante de uma relação de confiança estabelecida entre pesquisadores e pesquisados. Simson (2006).

A comunidade escolheu como estratégia de sua luta política a consolidação do Memorial Padre Carlos para que, a partir da organização e divulgação do acervo documental da EDB, os indivíduos encontrassem o poder necessário para que os projetos educacionais voltados aos grupos populares pudessem ser mantidos. A força política da memória delineada pelas relações compartilhadas entre os membros dessa comunidade foi demonstrada pela oposição à expropriação de uma instituição escolar construída e mantida com base em um longo processo de conquistas sócio-políticas.

O grupo de pesquisadores procurou promover a interação entre os diferentes atores para a configuração de uma rede de interconexões, com vistas a mudanças, tanto na reflexão, como na ação. Para chegarmos à definição dos problemas que nos impulsionaram, envolvemos vários recursos em cada etapa de organização do Memorial. Além de diferentes exposições, lançamos mão da exibição de um áudio visual, que expôs de forma inédita parte do acervo documental (fotos, objetos, slides, filmes em 16 mm, documentos) referente à escola em diálogo com relatos orais colhidos no presente. Provocamos, pela divulgação desse produto áudio visual, uma aproximação entre pessoas, que se motivaram a discutir sobre ações direcionadas à conservação de tal documentação e também sobre a força de resistência desse movimento.

A construção de uma memória compartilhada, tendo em vista o significado que os documentos foram tomando pelo diálogo construído entre eles e com diferentes atores, levou à busca de soluções para os problemas que o presente da escola apresentava.

Thiollent (2005: 24) considera que a pesquisa-ação não se constitui apenas pela ação ou pela participação dos atores envolvidos. A partir dela, torna-se necessária a produção de conhecimentos. Portanto, sua função política consiste na construção, junto aos grupos populares, de táticas e de estratégias de ação que lhes permitam consolidar objetivos reconhecidos como coletivos e importantes para a sua organização e luta sociais.

As reuniões sistemáticas da Comissão Provisória com o grupo de pesquisadores do Centro de Memória- Unicamp geraram a organização de palestras e de seminários que esclareceram à comunidade local sobre a importância do trabalho de recuperação das memórias escolares, o que possibilitou a apropriação de novos conhecimentos de ordem teórica ou prática pelas equipes e pela comunidade mais ampla.

Morin (2004: 92), ao referir-se ao processo coletivo de discussão, considera que a pesquisa ação integral e sistêmica empenha-se para reproduzir uma reflexão e, dessa maneira, passa a contribuir para que a equipe formada por atores e por pesquisadores chegue à produção de ‘novos saberes’.

A aprendizagem dos participantes na organização do Memorial foi facilitada pelas constantes contribuições dos pesquisadores e pela colaboração de especialistas em assuntos técnicos, cujo conhecimento foi útil ao grupo. Os conhecimentos técnicos apropriados pela equipe para a organização e divulgação do acervo documental foram sistematicamente organizados, por meio de grupos de estudos complementares, e, também, pela divulgação do trabalho realizado pelos diferentes subprojetos, em constantes reuniões, tanto gerais, como setorizadas. Os pesquisadores divulgaram em congressos científicos os resultados obtidos ao longo dos trabalhos.

Atualmente, o Memorial recebe visitas permanentes de alunos, de professores e de pesquisadores que procuram realizar estudos, consultando documentos já sistematizados. A integração entre os diferentes atores e autores possibilitou, paulatinamente, o envolvimento da equipe responsável pela organização do Memorial no assessoramento de projetos investigativos de mestrado e monografias de conclusão de curso realizados a partir do acervo documental já organizado.

As táticas e estratégias escolhidas para discussão e as tomadas de decisões coletivas tiveram como principal objetivo possibilitar aos diferentes grupos envolvidos na trajetória dessa instituição escolar um processo de reconhecimento e de identificação de suas próprias lutas e conquistas. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto a individual como a coletiva, uma vez que ela contribui para o reconhecimento de um sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992:204).

Dessa maneira, entendemos que a memória nos instrumentaliza como um recurso para a recomposição do passado. O tempo remoto pode ser entendido como um lugar de subjetividade que se desenvolve lenta e gradualmente conforme as nossas condições pessoais, emocionais e humanas. A presença constante de professores e de funcionários, que atuaram na escola em tempos passados levou-nos ao questionamento que envolve os motivos da organização de uma política de preservação, conservação de documentos e a sua disponibilização à comunidade. Pois como observa Felgueires (2005), recuperar a complexidade do passado da escola entendido como resultado da ação de diferentes atores sociais, implica em um trabalho de elaboração e procura de fontes, que não estão somente contidas nos arquivos, mas também próximas às pessoas, provocando e despertando recordações, lembranças, coletando materiais e objetos pessoais, como também pedindo auxílio para interpretá-los.

Podemos ressaltar como esse movimento de integração contribuiu para a consolidação de um lugar organizado em que, memórias muitas vezes desconsideradas pela historiografia consagrada oficialmente, podem situar e recolher lembranças muitas vezes sem lugar.

No processo de conservação, de preservação, de catalogação e de divulgação do acervo, foram valorizadas as informações que os atores atribuíram aos documentos. Suas diferentes histórias de vida, trazidas no processo de identificação de personagens nas fotos antigas ou de objetos, foram evidenciadas na coleta de depoimentos orais. Pretendemos, assim, considerar as memórias individuais na sua interação com a memória coletiva.

A participação ativa dos integrantes da comunidade escolar, não considerados como meros espectadores, pode ter contribuído para a construção de uma memória compartilhada, que foi possível graças ao movimento constante de aproximação dos pesquisadores com o grupo. Visamos, portanto, à consolidação de uma análise coletiva.

Keer (2006) denomina como *empoderamento* esse processo em que os encontros e discussões, ao envolverem diretamente os indivíduos que apresentam necessidades e expectativas comuns, promovem no grupo uma tomada de atitudes para minimizar suas dificuldades. No caso da organização do Memorial Padre Carlos, o grupo de pessoas participantes foi se *empoderando*, ao aprender as técnicas de conservação e organização do acervo documental, ao mesmo tempo em que tomava consciência da importância das propostas educacionais defendidas pela EDB para suas próprias trajetórias de vida e para a construção da história das classes populares da cidade.

A própria seleção dos documentos que deveriam ser expostos para divulgação da história da Escola foi permitindo aos integrantes do Memorial a reconstrução da importância política do ensino profissionalizante para a cidade. Dona Ethel Manucci, ao receber alunos que visitavam o Memorial, assim explica a origem dos objetos:

*“Essas louças que vocês estão observando sobre a mesa, aqui na Casa Museu, foram pintadas por uma aluna que, desde criança estudou na Escola Dom Bosco. Dona Maria ensinou-a pintar. E ela aprendeu muitas outras coisas aqui. Aprendeu a ler, a escrever e a trabalhar também. Tanto que até hoje trabalha na Prefeitura Municipal. Escolhemos esses objetos para que vocês pudessem conhecer um pouquinho dessas histórias. A moradora dessa casa - a Dona Maria - teve esse cuidado com muitos outros alunos que aprenderam um ofício aqui”.*

A partir do trabalho realizado sob a orientação dos especialistas do Centro de Memória da Unicamp, foi possível o envolvimento de alunos, professores, coordenadores, estagiários, voluntários, ex-professores, ex-coordenadores. Essa equipe da academia formou sistematicamente um grupo de ‘multiplicadores’ que, uma vez capacitados para a execução técnica dos processos acima descritos, poderão prosseguir com o trabalho de recuperação da memória escolar e contribuir para uma gradativa mudança de mentalidade no que concerne à seleção, guarda e preservação dos fragmentos históricos que nos permitem reconstruir e compreender o passado local.

Tomando como base os conhecimentos técnicos e teóricos no trato com a documentação histórica, membros do Memorial têm sido chamados a participar de projetos em outras instituições - memória. Sendo assim, além de divulgarem o trabalho realizado, contribuem para que outras iniciativas sejam desenvolvidas para a recuperação de diferentes histórias no cenário municipal, como constatamos com a iniciativa de organização do banco de história oral no Museu

Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, assim como pelo surgimento de projetos de recuperação de memórias escolares de outras instituições locais, além de uma proposta de construção da memória das *Thermas Antônio Carlos de Poços de Caldas*.

No final de 2007, realizamos uma reunião de avaliação e algumas questões foram apontadas: procedimentos na área da ação educativa do Memorial têm sido pensados mediante dificuldades metodológicas que a equipe gestora tem apresentado para o recebimento de um público eclético: desde alunos da educação infantil, até universitários e pesquisadores que procuram o acervo para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos. Será necessária a execução de um projeto que contemple a capacitação de monitores para o atendimento aos visitantes de maneira compatível com as propostas do Memorial e com as especificidades e expectativas de cada um. As funcionárias do Memorial relatam suas expectativas relativas à continuidade do processo de formação.

*“Nós queremos crescer. Quando iniciamos nosso trabalho éramos ainda alunas secundaristas. Sabíamos da necessidade do aprendizado junto aos especialistas do Centro de Memória da Unicamp. Agora, já universitárias, sentimos mais ainda o quanto precisamos estar próximos de outras instituições. Precisamos ir mais vezes à Unicamp, visitar museus em outras cidades, para que possamos sempre inovar nosso trabalho. Recentemente, estive na Unicamp e pude conhecer como os pesquisadores são recebidos. Uma coisa é você conhecer na teoria, outra é presenciar na prática o funcionamento de outras instituições”.* Isabelle Christine Silva.

Encontramos também dificuldades quanto às condições em que se encontra o imóvel que abriga a Casa Museu e as oficinas de trabalho. Adequações técnicas precisam ser contempladas como a climatização de salas e ambientes para a o devido tratamento da documentação, além de reformas arquitetônicas, visando à conservação do local e sua adequação para a visitação pública.

O que é notável são as apropriações teóricas que a equipe apresenta na discussão que envolve a organização política de um Memorial escolar. As dificuldades apontadas revelam um envolvimento da equipe com procedimentos científicos no trato com a documentação e com preocupações pertinentes à divulgação e à conservação da história da EDB, vista sob diferentes aspectos. Nesse sentido, podemos refletir sobre o processo de *empoderamento* que foi sendo conquistado paulatinamente por esse grupo.

Podemos considerar as implicações políticas dessa apropriação de conhecimentos técnicos e teóricos pela equipe gestora e pelo grupo de pessoas envolvidas no processo de organização do Memorial Padre Carlos, a partir de vários aspectos. O primeiro diz respeito ao reconhecimento da importância da história da escola para a profissionalização dos alunos pertencentes aos grupos populares. Portanto, a função social da EDB ao longo dos sessenta anos de funcionamento, foi valorizada e enaltecida quando houve a decisão pela conservação, preservação e divulgação de sua documentação histórica. A procura pela Unicamp, representada pelo Centro de Memória e a mobilização da comunidade escolar e local para a conquista de apoio para a concretização do convênio entre a FUNCAMP e a FAM, demonstram a necessidade que a equipe sentiu de apoderar-se de conhecimentos específicos que permitissem o adequado trato com o vasto acervo documental.

O segundo aspecto refere-se às possibilidades de reflexão sobre trajetórias pessoais e profissionais, que foram se delineando com o transcorrer da pesquisa. A memória individual foi dialogando com a memória coletiva em um processo criativo na elaboração de táticas e estratégias para que elementos considerados significativos fossem preservados e divulgados, muitas vezes contrariando a história oficialmente reconhecida. Sempre me recordo de um casal de pais de alunos da EDB, que, visitando o Memorial, observou como objetos, fotografias, trajes e filmes expostos e exibidos diziam respeito à história do bairro, em que foram criados desde a infância e não às histórias dos indivíduos pertencentes aos grupos dominantes. Citaram, por exemplo, como o principal museu da cidade reverencia membros das famílias latifundiárias. Concluíram sua visita com a seguinte observação: “Aqui, sim, reconhecemos nossa história”.

Podemos pensar dessa maneira na formação da comunidade de destino proposta por Portelli (1997). Uma comunidade que se identifica como um grupo que vivenciou um ensino profissionalizante com características específicas e deseja ter viva sua memória. Diferentes autores e atores procuraram no passado significados para suas vidas, buscando definir no presente a permanência de experiências realmente significativas. Parafraseando Portelli (idem) a memória neste sentido não é vista como um depósito passivo de fatos, mas como um processo ativo de criação.

Apoderando-se de suas próprias histórias, outras perspectivas de vida puderam ser consolidadas. Pela pesquisa participativa podemos considerar que o poder de definição de

prioridades, que visavam a mudanças, objetivando a sistematização da memória escolar dessa instituição, foi exercido pelo grupo em questão.

Neste caso, seria pertinente associarmos toda a proposta de organização do Memorial com à necessidade de grupos alijados da considerada história oficial desafiarem o poder de grupos hegemônicos, aqui representados pelo Bispo que se apóia na Congregação dos Salesianos. Os diferentes atores reconheceram conflitos e problemas comuns e procuraram desenvolver estratégias visando a mudanças significativas. Espaços que permitiam discussões coletivas foram organizados e a equipe gestora foi desenvolvendo estratégias que atendiam os seus interesses.

Frisch (1990) conceitua o empoderamento como um processo que possibilita a aquisição de habilidades e conhecimentos àqueles que estão alijados do poder. A partir de uma prática dialógica, o grupo pode conquistar a promoção de uma consciência histórica mais democrática e, dessa forma, pode se apropriar de uma gama mais profundamente representativa de experiências, perspectivas e valores.

Durante os encontros em que os indivíduos expuseram seus pontos de vista sobre a importância da recuperação das suas histórias de vida, reconhecidas como entrelaçadas com a trajetória social e política da EDB, tornou-se claro para os membros participantes a importância da preservação e divulgação da história da EDB como um recurso para se manterem vivas suas propostas político-educacionais originais.

Com a saída dos salesianos da EDB, inicia-se um momento diferenciado na história dessa instituição educacional, pois a comunidade tem em suas mãos instrumentos de luta já organizados. Todo o movimento proposto pela metodologia da pesquisa ação, observação participante e história oral implicou na constante socialização dos conflitos, conquistas, dificuldades e avanços e cabe-nos dar continuidade a esse processo. A avaliação de uma pesquisa desse porte tende a ser momentânea, pois os desdobramentos apresentam características muitas vezes inesperadas.

A pesquisa ação integral e sistêmica, conforme Morin (2004), demanda constantemente um mecanismo de participação nas tomadas de decisões e nas mudanças significativas. Portanto, a etapa seguinte será a de socialização dos resultados desta pesquisa com a comunidade escolar e local a partir de diferentes estratégias visando a potencialização do processo de *empoderamento* já iniciado.

## 6. Referências Bibliográficas.

ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGC/CPDOC, 1990.

ALVISI, Lilian de Cássia. **Memórias de Infância(s) em Tempos da Velhice: vivências infantis em Poços de Caldas durante a primeira metade do século XX**. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Memórias de vivências infantis. A Escola Profissional Dom Bosco de Poços de Caldas/MG (1940-1960)**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

ARROYO, Miguel. A Escola Possível é Possível? In: ARROYO, Miguel (org.). **Da Escola Carente à Escola Possível**. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. O Direito ao Tempo de Escola. **Cadernos de Pesquisa**, n.65, maio, 1998.

AZZI, Riolando. **Os Salesianos em Minas Gerais: o decênio inicial da obra salesiana 1895-1904**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1986.

\_\_\_\_\_. **A obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de história**. Barbacena: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, 4v., 2000.

BASTIDE, Roger. **Antropologia Aplicada**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

BALEN, Age Deodorus Josef van. **Disciplina e Controle da Sociedade - Análise do Discurso e da Prática Cotidiana**. São Paulo: Cortez, 1983.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERTAUX, Daniel. L'Approche Biographique: as Valilité Methodologique, ses Potentialités. **Cahiers internaitonaux de sociologie.** Paris, n. 69, 1980.

BOBBIO, Norberto. **O Tempo da Memória.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORNAT, Joanna. Reminiscence And Oral History. Parallel universes or shared endeavour? In: PERKS, Robert and THOMSON, Alistair (org.). **The Oral History Reader.** New York: Routledge, 2006.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco - Uma Biografia Nova.** São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social.** SP: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **As faces da memória.** Campinas, Centro de Memória da Unicamp. (Col. Seminários, n.2), 1995.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **O Museu Paulista. Affonso de Taunay e a memória nacional.** São Paulo: Editora Unesp, 2005.

BRIOSCHI, Lucila. Relatos de Vida em Ciências Sociais: Considerações Metodológicas. **SBPC Ciência e Cultura**, jun, 1987.

\_\_\_\_\_,TRIGO, Maria Helena. **Família: Representação e Cotidiano. Reflexões sobre um trabalho de campo.** São Paulo: CERU/CODAC/USP. (Coleção Textos, Nova Série, n.1), 1989.

BRITO, Marilza E. **Memória e Cultura. Centro de Memória da Eletricidade no Brasil.** Rio de Janeiro: C. M. E. B, 1989.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil Contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 110, p. 67-104, 2000.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CAMARGO, Aspásia. Os Usos da História Oral e da História de Vida: Trabalhando com Elites Políticas. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.27, n. 1, 1984.

\_\_\_\_\_, ROCHA Valentina; HIPÓLITO, Lúcia. O Método de História de Vida na América Latina. **Cadernos CERU**, São Paulo, n.1, pp.148-182, jun, 1984.

\_\_\_\_\_. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral e Multidisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes. **“Coisas Velhas”:** um processo de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Editora Unesp, 2000.

CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. A associação da Fotografia aos Relatos Oraís na Reconstrução Histórico-Sociológica da Memória Familiar. In: LANG, A.O (org.). **Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica**, São Paulo: CERU. (Coleção Textos; Série 2, n. 3), 1992.

CAMPOS, Roberto. **A lanterna na Popa: memórias.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis.** São Paulo: Cia as Letras, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo (org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ruth (org.). **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social - Uma Crônica do Salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAGAS, Mário S. **Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

COHN, Gabriel. A teoria da ação em Habermas. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant. **Teorias da Ação em Debate**. São Paulo: Cortez, 1993.

CUNHA, Luis Antonio. **Política Educacional no Brasil: A profissionalização no Ensino Médio**. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1974.

\_\_\_\_\_. **Uma leitura da Teoria da Escola Capitalista**. Rio de Janeiro: Editora Achiome, 1982.

DAVIS, Kathy. Biografia como metodologia crítica. **Historia – Antropología Y Fuentes Orales**, Barcelona, año 2003, n.30, 2003.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **De Olho na Escola: As Experiências Educativas e a Escola na Ótica do Aluno-Trabalhador**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

DESROCHE, Henri. Pesquisa – Ação: Dos projetos de Autores aos projetos de Atores e Vice-versa. In: THIOLENT, Michel (org.). **Pesquisa - Ação e Projeto Cooperativo na Perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: Edufscar, 2006.

DONATELLI, Dante Donato Filho. O Sentido da Memória. **Cidade**, São Paulo, v.3, n.4, pp. 104-108, 1996.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Histórias de Vida na Abordagem de Problemas Educacionais. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (org.). **Experimentos com Histórias de Vida**. São Paulo: Vértice. (Coleção Enciclopédia de Ciências Sociais), 1988.

\_\_\_\_\_. Trabalhando com Relatos Oraís: Reflexões a partir de uma Trajetória de Pesquisa. In: SILVA, Alice Beatriz (org.). **Reflexões sobre pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU. (Coleção Textos; série 2; n. 3), 1992.

\_\_\_\_\_. Relatos Oraís: Nova Leitura de Velhas Questões Educacionais. **Revista Portuguesa de Educação**, v.8 (1), pp. 5-20, 1995.

\_\_\_\_\_. Algumas Observações sobre o uso do Gravador no Registro de Documentação Oral. Faculdade de Educação/UNICAMP. (mimeo), 1998.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre os Procedimentos Utilizados. In: NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Q. Ribeiro et. al. **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp. (Coleção Campiniana; n. 20), 1999.

DIAS, Miguel Carvalho. A imigração Estrangeira em Poços de Caldas. **Poços de Caldas em Revista**, Poços de Caldas, ano XVI, n. XIII, 1972.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

“DOM BOSCO - 30 ANOS”. **Edição Comemorativa dos 30 Anos da Escola**, Gráfica Dom Bosco, Poços de Caldas, 1976.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; VALENTIM, Silvani dos Santos. Organizando para instruir. Coagindo para educar: raça e gênero na educação mineira da Primeira República. **Teoria & Educação**. Belo Horizonte: UFMG, n. 5, p. 149-160, 1992.

\_\_\_\_\_. Cultura e Prática Escolares: Escrita, Aluno e Corporeidade. **Cadernos de Pesquisa**, Belo Horizonte, n.103, p. 136-149, mar, 1998.

FELGUEIRES, Margarida Louro; SARES, Maria Leonor Barbosa O projeto ‘Para um Museu Vivo da Escola Primária’ – Concepção e Inventário. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, Memória, História – Possibilidades e Leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 16, n 1(46), jan./abr., pp. 87-102, 2005.

FERNANDES, Florestan. A História de Vida na Investigação Sociológica - A Seleção do Sujeito e suas Implicações. **Sociologia**, São Paulo, v. XVIII, n.2, maio, 1956.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica**. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

FERNANDES, Rogério. A história e os seus registros: o que fazer com este museu? In: MENEZES, Maria Cristina (org). **Educação, Memória, História – Possibilidades e Leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. **Revista da USP**, São Paulo, n.24, dez./jan./fev., pp.116-117, 1995.

\_\_\_\_\_. **Armadilhas da Memória e outros Ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). Poços de Caldas/MG. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, IBGE, v. XXVI, maio, 1959.

FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional, v. III e v. V, 1961.

FOCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1982.

FRAGO, A. Viñao. História de la Education e História Cultural: Possibilidades, Problemas y Cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, n. 0, 1995.

FRANCO, Luiz Antonio Carvalho. **Breve Histórico da Formação Profissional no Brasil**. São Paulo: CENAFOR, 1984.

FRANCO, Maria Ciavatta. A Fotografia como Fonte Histórica: Introdução a uma Coleção de Fotos sobre a “Escola do Trabalho”. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 18/19, dez./jun, 1993.

FRISCH, Michael. **A Sharol Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History**. Albany: State University of New York, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Walter Benjamin ou a história aberta” In: Benjamin, W. **Obras escolhidas: magia e técnica. Arte e Política**. São Paulo; Brasiliense, 4ª ed., v. 1, 1986.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História, e (re) invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, Memória, História – Possibilidades e Leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GENTILINI, João Augusto. **Escola Dom Bosco - 50 anos**. Poços de Caldas: Gráfica Dom Bosco, 1997.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GONDRA, José G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOHN, Gabriel. A teoria da ação em Habermas. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant. **Teorias da Ação em Debate**. São Paulo: Cortez, 1993.

HABERMAS, Jürgen. **Agir Comunicativo e Razão Destranscendentalizada**. Tradução Lúcia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HADDAD, Sérgio. **Uma Proposta de Educação Popular**. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

\_\_\_\_\_ Escola para o Trabalho. In: ARROYO, Miguel (Org.). **Da Escola Carente à Escola Possível**. São Paulo, Loyola, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista Editora dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DPA, 1991.

HARTMANN, Luciana. **Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento - Tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai**. Tese (Doutorado)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

HENRIQUE NETO, Carlos. **Escola Profissional Dom Bosco. Escola Dinâmica - Seara da Providência**. Poços de Caldas: Gráfica Dom Bosco, 1991.

IORIO, Cecília. **Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de direitos**. 2002. Disponível em [http://desarrollolocal.org/documentos/nuevos\\_docs/Empoderamento\\_/Iorio.doc](http://desarrollolocal.org/documentos/nuevos_docs/Empoderamento_/Iorio.doc). acesso em 08/03/2006.

JANOTTI, Maria de Lourdes. História Oral: Uma Utopia. *Revista Brasileira de História*, S.P: Anpuh, v. XIII, n. 25/26, 1993.

JOÃO DO RIO – **Um Escritor entre Duas Cidades**. [s.l.]: Editora Unibanco, Instituto Moreira Salles, 1992.

JUNQUEIRA, Haroldo Affonso. O Café e o Desenvolvimento de Poços de Caldas. **Poços de Caldas em Revista**, Poços de Caldas, ano XVI, n. XIII, 1992.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, n.1, jan./junho, 2001.

KERR, Daniel. We Know What The Problem is: Using Video And Radio Oral History To Develop Collaborative Analysis Of Homelessness. In: PERKS, Robert and THOMSON, Alistair (org.). **The Oral History Reader**. New York: Routledge, 2006.

KOSMINSKY, Ethel. Pesquisas Qualitativas: A Utilização da Técnica de Histórias de Vida e de Depoimentos Pessoais em Sociologia. **Ciência e Cultura**, n. 1, jan., 1986.

\_\_\_\_\_. Procedimentos Metodológicos e Técnicos na Pesquisa com Crianças “Assistidas”. **Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica**, (Textos 3; Série 2), 1992.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. Educando a Infância Brasileira. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. (Org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LANG, Alice Beatriz S. G. Documentos e Depoimentos na Pesquisa Histórico-Sociológica. In: LANG, A B da S G (Org.). **Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica**. São Paulo: CERU, (Coleção textos; Série 2, n. 3), 1992.

\_\_\_\_\_. **História Oral e Pesquisa Sociológica. A Experiência do CERU**. São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 1998.

LEAL, Antonio Donizete. **Trajetórias e Resistências. Análise da Construção da Identidade de Jovens em Condição de Rua**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004..

LEITE, Miriam L.M. Retratos da família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne (org.) **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec/Cnpq, 1998.

LOZANO, Jorge E. Prática e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov., 1998.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A presença da Igreja no Brasil – 1500- 1968**. São Paulo: Ed. Giro Ltda, 1977.

MACHADO, Arlindo. **Pré-Cinemas \$ Pós-Cinemas**. Campinas/SP: Papyrus, 2005.

MACHADO, Roberto. **A Danação da Norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ed Abril, 1974.

MARTINS, Luis. **João do Rio: uma Antologia**. Rio de Janeiro: Ed. Sabiá, Instituto Nacional do Livro/MEC, 1971.

MAUAD, Ana Maria. História, Iconografia e Memória. In: SIMSON, Olga R. Moraes Von (Org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: Área de Publicações CMU /Unicamp, 1997

MEDEIROS, Ruy Hermann de Araújo. **Arquivos escolares – Breve introdução ao seu conhecimento**. 2004. Revista Histebr on line, n. 14, junho de 2004. Disponível em [www.histber.fae.unicamp.br/rev14.htm](http://www.histber.fae.unicamp.br/rev14.htm). Acesso em 16 de junho de 2006.

MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias Históricas de Poços de Caldas**. Poços de Caldas: GFS/Ass. Com. Empr, 1990.

MELLO, João Manuel Cardoso e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, v. 4.,1998.

MESCHIATTI, José Eduardo. **Sonho de Moral - Presença Salesiana em Campinas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MODESTI, João. **Uma Pedagogia Perene**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1975.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Interdisciplinaridade. A invenção do Olhar. In: SIMSON, Olga R. Moraes Von (org.). **Os Desafios Contemporâneos da História Oral** Campinas: Área de Publicações CMU /Unicamp, 1997.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. **Pro-Posições**, v. 16, n.1 [46] – jan./abr., 2005.

MORIN, André. **Pesquisa – ação integral e sistêmica - uma antropedagogia renovada**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOURÃO, Mário. **Poços de Caldas — Síntese Histórico-Social**. Poços de Caldas: [s.n.], 1952.

NAGLE, Jorge. **A Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

NEGRÃO, Ana Maria Melo (org.). **Memórias da Educação. Campinas (1850-1960)**. São Paulo: Editora Unicamp, Centro de Memória – Unicamp. (Coleção Campiniana, n. 20), 1999.

NETO, Carlos Henrique. **Estágio Supervisionado de Administração Escolar**. Poços de Caldas: Gráfica Dom Bosco, 1977.

NETTO, José Paulo. Nótula à teoria da ação comunicativa de Habermas. In: CARVALHO, Maria do Carmos Brant. **Teorias da Ação em Debate**. São Paulo: Cortez, 1993.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, n.3, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história – A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10. pp. 7-28, dezembro, 1993.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A Escola no Regime Autoritário: O Caso Mineiro. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.6, p.3-10, dez, 1987.

\_\_\_\_\_. A Escola no Projeto de Construção do Brasil Moderno - A Reforma Francisco Campos em Minas Gerais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 16, p. 12-17, dez, 1992.

\_\_\_\_\_. Recessão e Controle: A Política Educacional Mineira na Era Vargas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n 15, p. 5-13, jun, 1992 a.

\_\_\_\_\_. A Luta dos Católicos pela Escola – Minas Gerais, anos 30. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 17, p. 56-63, jun., 1993.

\_\_\_\_\_. Museu da Escola: uma leitura em aberto. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, Memória, História. Possibilidades e Leituras.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.

*PERSONALIDADES DO SÉCULO. De Ontem e Hoje – Homens e Mulheres que fizeram a história de Poços de Caldas no século XX.* Poços de Caldas, MG: Editora Brand News Ltda, 2000.

**PLANO DE DESENVOLVIMENTO Integrado de Poços de Caldas.** [s.l.]: Consultec, (v.1- v.5), 1968.

**POÇOS DE CALDAS - A Cidade das Rosas.** São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, {s.d.}.

POÇOS DE CALDAS/MG (1959). In: **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** [s.l.]: IBGE, v. XXVI, maio.

**POÇOS DE CALDAS - Minas Gerais.** [s.l.]: IBGE, [s.d.]. Coleção de Monografias; n.390;

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos históricos,** Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.3, v.2, pp. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos históricos,** Rio de Janeiro, n.10, v.5, pp. 200-215, 1992.

PÓLVORA, Jacqueline Brito. Experiência de antropologia visual em uma casa de batuque de Porto Alegre. **Horizontes Antropológicos- Antropologia Visual.** V.2: 101-109, 1995.

PORTELLI, A. Oral History in Italy. In: DUNAWAY, D.K. e BAUM, W. **Oral History. An interdisciplinary anthology.** Walnut Creek: Altamira Press, 1996.

\_\_\_\_\_. A. O que faz a história oral ser diferente. **Projeto História,** São Paulo, n. 14. fev., 1997.

\_\_\_\_\_, A. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História,** São Paulo, n. 15, abr., 1997a

PRIORE, Mary del. **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto. (Coleção Caminhos da História), 1996.

QUEIROZ, Marcos S. **Universidade, Interdisciplinaridade e Memória: uma análise antropológica da experiência acadêmica dos Centros e Núcleos da Unicamp**. Campinas: Arte Escrita-CMU, 2008 (no prelo), 2008

QUEIROZ, Maria Isaura Pereir. Relatos Oraís: do “Indizível” ao “Dizível”. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (org.). **Experimentos com Histórias de Vida**. São Paulo: Vértice. (Coleção Enciclopédia de Ciências Sociais), 1988.

\_\_\_\_\_. Maria Isaura Pereira. O Pesquisador, o Problema da Pesquisa, a Escolha de Técnicas: Algumas Reflexões. In: LANG, A B da S G (org.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU. (Coleção Textos; Série 2, n.3), 1992.

\_\_\_\_\_. História, História Oral e Arquivos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. A luta pela Ampliação das Oportunidades Escolares dos Anos 10 aos anos 60. In: Xavier, Maria Elizabete (et. al.). **História da Educação: A Escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

SALGADO, Marília de Albuquerque (org.). **Pedro Aleixo, Jornalista. Artigos publicados em Jornais de 1934 a 1974**. Belo Horizonte: Estado de Minas, 1997.

SAMAIN, Etienne. Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Mlinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos- Antropologia Visual** 2:19-48, 1995.

SAMPAIO, Tânia M Marinho. Paulo Freire e Habermas: o sentido ético-político na interação comunicativa. In: **Ética e Política**. Campinas, Instituto de Filosofia Puccamp, Reflexão, ano XXI, n. 66, set/dez, 1996.

SCARAMUSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: um Estilo de Educação**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984.

SCARPELINI, Rosaelena. Lugar de Morada *versus* Lugar de Memória: a construção museológica de uma Casa Museu. 2005. Anais do V Seminário de Memória. Disponível em <http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos.html>.

SEGUSO, Mário. **Os Admiráveis Italianos de Poços de Caldas - 1884/1915**. Poços de Caldas: [s.n.], 1988.

SILVA, Maria Aparecida. Da Filantropia à Habituação ao Trabalho: A Proposta Pedagógica da Escola Caio Martins. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 10, p. 16-25, dez, 1989.

SIMÃO, Livia Mathias. Interação Pesquisador-Sujeito: A Perspectiva de Ação Social na Construção do Conhecimento. **Ciência e Cultura**, v. 41, n. 12, dez, 1989.

SIMSON, Olga R. Moraes Von (org.). **Experimentos com Histórias de Vida**. São Paulo: Vértice/Ed. Rev. dos Tribunais. (Col. Enciclopédia de Ciências Sociais), 1988.

\_\_\_\_\_. Folgedos Carnavalescos, Memória e Identidade Sócio-Cultural. **Resgate**, Campinas, n. 3. (CMU/UNICAMP), 1991.

\_\_\_\_\_. **Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico-Sociológica: Reflexões de Pesquisa**. Campinas, CMU/Unicamp, v. 3, n. 5, jan./jun, 1991 a.

\_\_\_\_\_. Imagem e Memória. In: SAMAIN, Etiénne (org.). **O Fotográfico**, São Paulo: Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Sócio Cultural – Reflexões Sobre Pesquisa, Ética e Compromisso. In: PARK, Margareth Brandini (org.). **Formação de educadores: memórias, patrimônio e meio ambiente**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. (2006). *História Oral, memórias compartilhadas e empoderamento: um balanço de experiências de pesquisa*. XIV Congresso Internacional de Sidnei na Austrália.

SPOSATI, Aldaíza. **Vida Urbana e Gestão da Pobreza**. São Paulo: Cortez, 1988.

THIOLLENT, M. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. São Paulo: Polis, 1990 apud BRIOSHI, Lucila Reis. Relatos de vida em Ciências Sociais: Considerações Metodológicas. **Ciência e Cultura**, jun, 1987.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisa – Ação e Projeto Cooperativo na Perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: Edufscar, 2006.

TURNER, V. W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis:Vozes, 1974

VILANOVA, Mercedes. Pensar a Subjetividade: Estatísticas e Fontes Orais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

\_\_\_\_\_. Rememoracion em la historia. Historia, **Antropolgia Y Fuentes Orale**, Barcelona, n. 30, Memoria Rerum, 2003.

WARDE, Mirian Jorge. *Educação e Estrutura Social - A profissionalização em questão*. SP: Ed. Cortez, 1977.

\_\_\_\_\_. Para uma História Disciplinar: Psicologia, Criança e Pedagogia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1977 a.

WEBER, Max. **A objetividade do Conhecimento nas Ciências e na Política Social**. Lisboa: Lisboa Ltda, 1974.

WEREBE, Maria José Garcia. **Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil - 30 anos depois**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.